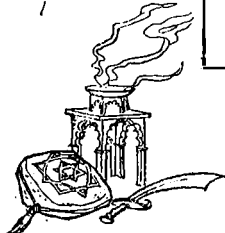
HISTÓRIA
DAS
CRUZADAS
POR
J. F. MICHAUD
EDITORA DAS AMÉRICAS

MATÉRIA CONTIDA NESTE VOLUME:

Continuação do Livro VII, Livro VIII, Continuação do Livro VIII, Livro IX, Livro X, Livro XI.

JOSEPH-FRANÇOIS MICHAUD

HISTORIA DAS CRUZADAS

TRADUÇÃO BRASILEIRA DO
Pe. VICENTE PEDROSO
ILUSTRAÇÕES DE GUSTAVO DORÉ

VOLUME TERCEIRO

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua General Osório, 62/90 — Tels. 34-6701 e 37-6342
Caixa Postal, 4468
SÃO PAULO

Continuação do

LIVRO SÉTIMO

Guilherme de Tiro prega a terceira Cruzada. Na conferência de Gizors o arcebispo faz Filipe Augusto e Henrique II da Inglaterra decidirem-se a libertar a Terra Santa; os dízimos saladinos; Ricardo, Duque da Guiana, incorre em excomunhão; sobe ao trono e toma a cruz; massacre de judeus em Londres e em York; entrevista de Filipe Augusto e Ricardo em Nonancourt; frieza de zêlo na Alemanha; o Imperador Frederico Barbaroxa manda embaixadores a todos os príncipes que reinam no Oriente; detalhes sôbre os cruzados alemães; partem de Ratisbona; Isaac, o Anjo, é castigado por sua duplicidade para com êles; embarcam em Gallípoli; seu itinerário na Ásia; passagem do Tauro; Frederico morre afogado num acidente e o Duque da Suábia recebe o comando supremo; cinco mil homens, sòmente, ficam nesse exército; chegam à Palestina; má acolhida que êles ali recebem.

Guilherme, Arcebispo de Tiro, tinha deixado o Oriente para vir à Europa; êle foi encarregado pelo papa de pregar a guerra santa. Guilherme era mais hábil, mais eloqüente que Heráclio, que o tinha precedido naquela missão e sobretudo mais digno por suas virtudes de ser intérprete dos cristãos e de falar em nome de Jesus Cristo. Depois de ter inflamado o zêlo dos povos da Itália, foi para a França e apresentou-se a uma assembléia convocada perto de Gisors, pelo Rei Henrique II, da Inglaterra e pelo Rei da França, Filipe Augusto. À chegada de Guilherme de Tiro êsses dois reis, que se guerreavam por causa de Vexin, tinham deixado as armas; os mais bravos guerreiros da França e da Inglaterra, reunidos pelos perigos de seus irmãos do Oriente, se tinham dirigido à assembléia onde se devia tratar da libertação dos santos lugares. Guilherme lá foi recebido com entusiasmo e leu em voz alta, diante dos príncipes e dos cavaleiros, uma relação dos últimos desastres de Jerusalém. Depois dessa leitura, que arrancou lágrimas a todos os assistentes, o piedoso enviado exortou os fiéis a tomar a cruz. "No monte de Sião, disse-lhes êle, ressoam as palavras de Ezequiel: *Filhos dos homens, lembrai-vos dêste dia,*

em que o Rei de Babilônia triunfou de Jerusalém!" Num só dia, aconteceu tudo o que os profetas predisseram sôbre as desgraças da cidade de Salomão e de Davi. Essa cidade, há pouco cheia de cristãos, ficou sòzinha, ou melhor, é habitada por um povo sacrílego. A soberana das nações, a capital de tantas províncias pagou o tributo impôsto aos escravos. Suas portas foram quebradas e seus guardas expostos como vis rebanhos, nos mercados das cidades infiéis. Os Estados cristãos do Oriente que faziam florescer a religião da cruz na Ásia e deviam defender o Ocidente da invasão dos sarracenos, estão reduzidos à cidade de Tiro, à de Antioquia e à de Trípoli. "Nós vimos, segundo a expressão de Isaías, o Senhor *estendendo sua mão e suas chagas desde o Eufrates até a torrente do Egito.* Os habitantes de quarenta cidades foram expulsos de suas moradas; despojados de seus bens; êles erram com suas famílias, explorados, entre os povos da Ásia *sem encontrar uma pedra onde repousar a cabeça"*...

Depois de ter reproduzido assim as desgraças dos cristãos do Oriente, Guilherme censurou aos guerreiros que o escutavam, não terem socorrido seus irmãos, terem deixado que se arrebatasse a herança de Jesus Cristo. Êle se admirava de que se pudesse, ter outro pensamento, de que se pudesse procurar outra glória, que não a de libertar o Santo Sepulcro; e, dirigindo-se aos príncipes e aos cavaleiros. "Para chegar até vós, disse-lhes êle, eu atravessei os campos

da mortandade; à porta mesma desta assembléia eu vi exposto material de guerra. Que sangue ides derramar? Por que essas espadas de que estais armados? Vós vos bateis aqui pela margem de um rio, pelos limites de uma província, por uma fama passageira, enquanto os infiéis pisam aos pés as margens do Siloé, que êles invadem o reino de Deus e que a cruz de Jesus Cristo seja arrastada ignominiosamente pelas ruas de Bagdad! Derramais rios de sangue por vãos tratados, enquanto se ultraja o Evangelho, tratado solene entre Deus e os homens! Esquecestes o que vossos antepassados fizeram? Um reino cristão foi fundado por êles no meio de nações muçulmanas. Uma multidão de heróis, uma multidão de príncipes nascidos na vossa pátria vieram defendê-lo e governá-lo. Se deixastes perecer a sua obra vinde ao menos libertar seus túmulos que estão em poder dos sarracenos. Vossa Europa não produz mais guerreiros como Godofredo, Tancredo e seus companheiros? Os profetas e os Santos Sepulcros em Jerusalém, as igrejas mudadas em mesquitas, as mesmas pedras dos sepulcros, tudo pede que vingueis a glória do Senhor e a morte de vossos irmãos. Ai! o sangue de Naboth, o sangue de Abel, que se ergueram para o céu encontraram um vingador e o sangue de Jesus Cristo elevar-se-á em vão contra seus inimigos e algozes?

O Oriente teve cristãos covardes que a avareza e o temor fizeram aliar-se a Saladino; sem dúvida não encontrarão imitadores entre vós; lembrai-vos,

porém, de que Jesus Cristo disse: *"Quem não está comigo, está contra mim."* Se não servirdes à causa de Deus, que outra causa ousareis defender? Se o rei do céu e da terra não vos encontrar sob suas bandeiras, onde estão as potências cujos estandartes seguis? Por que então os inimigos de Deus não são mais inimigos dos cristãos? Qual não será a alegria dos sarracenos em seu ímpio triunfo, quando lhes disserem que o Ocidente não tem mais guerreiros fiéis a Jesus Cristo e os príncipes e os reis da Europa souberam com indiferença da desgraça e do cativeiro de Jesuralém."

Essas censuras, feitas em nome da religião, tocaram vivamente o coração dos príncipes e dos cavaleiros. Segundo o cronista Bento de Peterborough, Guilherme de Tiro, *pregou de uma maneira tão admirável que os fêz resolverem-se todos a tomar a cruz e os que eram inimigos, tornaram-se amigos.* Henrique II e Filipe Augusto abraçaram-se chorando e por primeiros apresentaram-se para receber a cruz. Ricardo, filho de Henrique e Duque da Guiana, Filipe, Conde de Flandres, Hugo, Duque da Borgonha, Henrique, Conde da Champanha, Thibaut, Conde de Blois, Rotrou, Conde de Perche, os condes de Poissons, de Nevers, de Bar, de Vendôme, os dois irmãos Josselin e Mathieu de Montmorency, uma multidão de barões e de cavaleiros, vários bispos e arcebispos da França e da Inglaterra fizeram juramento de libertar a Terra Santa. Tôda a assem-

bléia repetia estas palavras: *A cruz! A cruz!* e êsse grito de guerra ressoou em tôdas as províncias.

O lugar onde os fiéis se tinham reunido foi chamado o *campo sagrado*. Ali se construiu uma igreja para conservar a recordação do piedoso devotamento dos cavaleiros cristãos. Logo tôda a França e todos os países vizinhos foram inflamados pelo entusiasmo que a eloqüência de Guilherme de Tiro tinha feito surgir na assembléia dos barões e dos príncipes. A Igreja determinou orações para o bom resultado da Cruzada. Todos os dias da semana rezavam-se no ofício divino, salmos que recordavam a glória e as desgraças de Jerusalém. No fim do ofício, os assistentes repetiam em côro estas palavras: "Deus Todo-Poderoso, que tens nas mãos a sorte dos impérios, digna-te lançar um olhar de misericórdia sôbre os exércitos cristãos, a fim de que as nações infiéis que se firmam em seu orgulho e em sua vanglória sejam abatidas pela fôrça de teu braço." Assim rezando os guerreiros cristãos sentiam sua coragem reanimar-se e juravam tomar as armas contra os muçulmanos.

Como não havia dinheiro para a santa emprêsa, resolveu-se, no conselho dos príncipes e dos bispos, que todos os que não tomassem a cruz, pagariam a décima parte de seus rendimentos e do valor de suas propriedades. O terror que as armas de Saladino havia inspirado, fêz dar-se a êste impôsto o nome de *dízimos saladinos*. Foram lançadas excomunhões

contra os que se recusassem pagar esta dívida sagrada. Em vão o clero, do qual Pedro de Blois tomou a defesa, alegou a independência e a liberdade da Igreja e pretendeu ajudar os cruzados apenas com suas orações. Responderam aos eclesiásticos que êles deviam, por primeiros, dar o exemplo, que o clero não era a Igreja e que os bens da Igreja pertenciam a Jesus Cristo. A Ordem dos cartuchos, as ordens de Citeaux e de Fontevrault, os hospitais de leprosos, sòmente, ficaram isentos de um tributo lançado por uma causa que se julgava ser a de todos os cristãos.

A história conservou os estatutos segundo os quais os bispos e os príncipes tinham regulado a arrecadação dos dízimos saladinos. Fazia-se a arrecadação em cada paróquia, na presença de um padre ou de um arcipreste, de um templário, de um hospitalário, de um representante do rei, de um representante e de um servidor de um barão e de um servidor do bispo. Quando êsses homens reunidos julgavam que alguém dava menos do que devia, escolhiam-se na paróquia quatro ou seis homens de bem que o processavam e o obrigavam a pagar segundo a justiça. No entretanto o produto dêsses dízimos não foi suficiente para os preparativos da expedição. Filipe ocupava-se com solicitude dos meios de prover a tôdas as despesas da sua peregrinação, quando Frei Bernardo, monge solitário de Vincennes, apresentou-se ao rei e falou-lhe em tom profético: *Que*

Israel seja confundida! Depois de ter escutado estas palavras que se julgaram um aviso do céu, o Rei da França mandou prender os judeus em suas sinagogas e os forçou a pagar cinco mil marcos de prata, ao seu tesouro.

Os dízimos foram arrecadados na França, como na Inglaterra por comissários; mas todos os que se viram revestidos de uma missão a que chamavam de santa, não deram o exemplo de um desinterêsse apostólico; as crônicas do tempo nos falam do proceder vergonhoso de um templário que foi apanhado roubando os tesouros dos fiéis e escondendo-os nas largas dobras de suas vestes. Henrique II dignou-se presidir êle mesmo à arrecadação de um impôsto estabelecido de algum modo pela opinião dominante, que seus súditos consideravam, como uma dívida para com Deus. Êle citou por primeiro os habitantes mais ricos das primeiras cidades do seu reino, e, segundo a avaliação dos árbitros, exigiu dêles o pagamento dos dízimos de suas rendas e propriedades. Todos os que se recusavam ou diferiam o pagamento eram postos na prisão, e só recuperavam a liberdade depois de terem pago completamente a taxa. Essas violências feitas em nome de Jesus Cristo suscitaram muito descontentamento, e devemos crer que o burguês de Londres, de Lancastre e de York, aos quais assim o rei exigia os dízimos saladinos, não foram os mais entusiastas pela guerra santa.

Nas duas primeiras Cruzadas, a maior parte dos aldeões tinha tomado a cruz para evitar a servidão. Daí devia certamente resultar alguma desordem: os campos não podiam ficar desertos, as terras, sem cultura. Procurou-se então pôr um limite ao zêlo impensado dos lavradores; todos os que se alistavam para a guerra santa sem a permissão de seus senhores, eram condenados a pagar os dízimos saladinos, como os que não tomavam a cruz.

No entretanto a paz que acabava de ser firmada pelos reis da França e da Inglaterra, não tardou a ser perturbada. Ricardo, duque de Guiana, tendo tido uma divergência com o conde de Tolosa, viu Henrique tomar as armas para socorrer o filho. Filipe correu em defesa de seu vassalo; houve graves agitações na Normandia, em Berri e na Alvernia. Os dois monarcas, levados pelas solicitações dos senhores e dos bispos, reuniram-se por uns instantes no campo sagrado, onde haviam deposto as armas, mas não se puderam pôr de acôrdo, quanto às condições da paz; a maneira como se faziam as negociações foi desfeita por ordem de Filipe. Recomeçaram por várias vêzes as tratativas, sem poder deter o furor da guerra; o rei da França pedia que Ricardo fôsse coroado rei da Inglaterra ainda vivendo seu pai e que desposasse imediatamente a Alix, princesa francesa, que Henrique mantinha na prisão. O rei da Inglaterra, cioso de sua autoridade, não se decidiu a aceitar essas condições, e não quis ceder nem sua

coroa nem a irmã de Filipe, de que estava apaixonado. Ricardo, irritado, passou para o partido de Filipe Augusto e declarou-se contra seu pai; de todos os lados pegaram em armas, e os proventos dos dízimos saladinos foram empregados na manutenção de uma guerra sacrílega que ultrajava a moral e a natureza.

Esta guerra não era de bom augúrio para a que se desejava fazer na Ásia. O legado do papa excomungou Ricardo e ameaçou pôr um interdito no reino de Filipe. Êste desprezou as ameaças do legado e respondeu-lhe que não pertencia à Santa Sé imiscuir-se nas questões dos príncipes; Ricardo, mais violento, puxou da espada e quase feriu o legado. A paz afastava-se sempre mais; em vão ergueram-se gritos de indignação no meio do povo, em vão os grandes vassalos recusaram-se tomar parte numa luta que não interessava nem à religião nem à pátria. Henrique, que aceitara uma entrevista, rejeitava sempre com altivez as propostas e as condições que lhe eram feitas. Resistiu por muito tempo aos rogos de seus súditos, aos conselhos dos bispos; sòmente o terror que lhe inspirou a cólera do céu, que caíra aos seus pés durante a entrevista, foi capaz de vencer a sua obstinação. Aceitou, por fim as condições de Filipe, mas não tardou em se arrepender disso; e pouco tempo depois morreu de dor, atirando maldições sôbre Ricardo, que lhe tinha feito guerra aberta

e o mais jovem de seus filhos, que tinha conspirado contra êle.

Ricardo, gemendo, acusou-se da morte de seu pai, oprimido pelo arrependimento, lembrou-se do juramento que tinha feito no campo sagrado. Feito Rei da Inglaterra, só se preocupou em fazer os preparativos para a santa expedição. Dirigiu-se ao seu reino, convocou perto de Northampton a assembléia dos barões e dos prelados, na qual Balduino, Arcebispo de Cantuária, pregou a Cruzada. O pregador da guerra santa percorreu depois as províncias para excitar o zêlo e a emulação dos fiéis. Fatos milagrosos atestaram a santidade de sua missão e fizeram acorrer aos estandartes da cruz os selvagens habitantes do país de Gales e de várias regiões onde ainda não se havia falado das desgraças de Jerusalém. Em todos os países que Balduino atravessou, o entusiasmo pela Cruzada despovoou os campos; uma velha crônica refere que o prelado deu a cruz a um grande número de homens que haviam acorrido quase nus porque suas mulheres lhes haviam ocultado as vestes. Por tôda a parte a multidão abandonava os trabalhos dos campos e das cidades, para ouvir o Arcebispo de Cantuária. Recolhia-se com respeito a terra sôbre a qual estavam impressas as pegadas de seus pés e a poeira que êles tinham tocado, curavam os enfermos e os doentes. Tôdas as suas palavras convertiam os pecadores, consolavam os infelizes e davam soldados a Cristo. Êsse ardor religioso e

guerreiro que êle espalhava entre seus ouvintes, transmitia-se de cidade em cidade, de província em província e penetrou até nas ilhas vizinhas da Inglaterra.

O entusiasmo dos inglêses pela Cruzada manifestou-se a princípio por uma perseguição violenta contra os judeus, que foram massacrados nas cidades de Londres e de York. Um grande número dêsses infelizes não pôde escapar à perseguição de seus assassinos, senão dando-se a si mesmos a morte. Estas cenas horríveis renovavam-se em tôdas as Cruzadas. Tinha-se necessidade de dinheiro para a santa expedição; todos sabiam que os judeus eram depositários de tôdas as riquezas; a vista dos bens acumulados em suas mãos, levou o povo a lembrar-se de que êles tinham crucificado o seu Deus.

Ricardo não pôs muito empenho em conter essa multidão desnorteada e aproveitou a perseguição dos judeus para aumentar seus tesouros; mas, nem os despojos dos israelitas, nem o produto dos dízimos saladinos, sempre exigidos com rigor cruel, não eram suficientes ao Rei da Inglaterra. Ricardo alienou os domínios da coroa e pôs em leilão tôdas as grandes dignidades do reino: êle teria vendido, dizia-se, a cidade de Londres, se tivesse encontrado um comprador. Foi depois à Normandia, onde os barões permitiram-lhe despojar a província riquíssima e deram-lhe todos os meios de sustentar uma guerra, pela qual os povos tomavam tanto interêsse.

Numerosos guerreiros tinham tomado a cruz nos dois reinos da França e da Inglaterra e os preparativos da Cruzada terminavam no meio de uma fermentação geral. No entretanto vários barões, vários senhores não tinham ainda marcado o tempo da partida e retardavam, com diferentes pretextos, a peregrinação à qual se haviam comprometido com juramento. O célebre Pedro de Blois, dirigiu-lhes uma exortação patética, na qual comparou-os a ceifadores que esperavam, para se pôr à obra, que a ceifa estivesse terminada. O orador da guerra santa, dizia-lhes que os homens fortes e corajosos encontravam por tôda a parte sua pátria e os verdadeiros peregrinos deviam se parecer às aves do céu. Êle lembrava-lhes à ambição, o exemplo de Abraão, que deixou sua morada para se elevar no meio das outras nações, que atravessou o Jordão com um bordão e voltou seguido de duas tropas de guerreiros. Essa exortação reanimou o entusiasmo da Cruzada, que começava a esfriar. Os monarcas da França e da Inglaterra tiveram um encontro em Nonancourt e ali combinaram ir por mar à Palestina. Publicaram ao mesmo tempo vários decretos para garantir a ordem e a disciplina nos exércitos, que deviam levar para a Ásia. As leis da religião e as penas que infligem não lhes pareceram suficientes nessa circunstância. A justiça dêsses séculos bárbaros foi encarregada de reprimir as paixões e os vícios dos cruzados: todo aquêle que desse uma bofetada, devia ser mergulhado no mar

por três vêzes. Cortava-se a mão daquele que feria com a espada; os que diziam injúrias pagavam ao ofendido tantas onças de prata, quantas injúrias haviam proferido; quando alguém havia roubado e era prêso, derramava-se pez fervente sôbre sua cabeça raspada, que era depois coberta de penas e o culpado era deixado à beira-mar; o assassino, ligado ao cadáver da vítima devia ser atirado às águas ou enterrado vivo.

Como a presença das mulheres, na primeira Cruzada, tinha causado muitas desordens, ficou-lhes proibida a viagem à Terra Santa. Os jogos de dados e todos os jogos de azar foram severamente proibidos; reprimiu-se, por uma lei, o luxo da mesa e dos hábitos. A assembléia de Nonancourt publicou ainda outros decretos e tudo fêz para lembrar aos soldados de Jesus Cristo a simplicidade e as virtudes do Evangelho.

Tôdas as vêzes que os príncipes, os senhores e os cavaleiros partiam para a guerra santa, faziam o testamento como se não tivessem mais que voltar à Europa. À sua volta à capital, Filipe manifestou suas últimas vontades e organizou, durante o tempo de sua ausência, a administração do seu reino, que êle confiou à Rainha Adélia, sua mãe, e ao seu tio, o Cardeal da Champanha. Depois de ter cumprido o dever de rei, deixou o cetro para tomar em São Dionísio a sacola e o bordão de peregrino e dirigiu-se a Vézelay, onde devia ter uma nova entrevista com

Ricardo. Lá, os dois reis juraram ainda, amizade eterna e ambos chamaram os castigos da Igreja sôbre a cabeça daquele que faltasse aos seus juramentos. Separaram-se com amizade, um pelo outro; Ricardo embarcou em Marselha, Filipe, em Gênova. Um historiador inglês nota que êles foram os dois únicos reis da Inglaterra e da França, que combateram juntos pela mesma causa; mas essa harmonia, obra de circunstâncias extraordinárias, não devia durar muito tempo, entre os príncipes que tinham tantos motivos de rivalidade. Ambos, jovens, ardentes, bravos, magníficos, Filipe, mais um grande rei, Ricardo, mais um grande general, tinham a mesma ambição e a mesma paixão pela glória. A sêde da fama, muito mais que a piedade, levava-os à Terra Santa; um e outro cheios de altivez, prontos a vingar uma injúria, não conheciam, em suas questões, outro juízo que o da espada; a religião não tinha bastante ascendente sôbre seus espíritos, para lhes fazer dobrar o orgulho e ambos teriam julgado rebaixar-se, se tivessem pedido ou recebido a paz. Para se saber que esperança se podia depositar na união dêsses dois príncipes, será bastante dizer que Filipe, subindo ao trono, se havia mostrado o mais ardente inimigo da Inglaterra e que Ricardo era filho daquela Eleonora de Guiana, primeira espôsa de Luís VII, que, depois da segunda Cruzada, tinha abandonado seu espôso, ameaçando a França.

Depois da conferência de Gisors, o Arcebispo de Tiro, havia-se dirigido para a Alemanha para convidar Frederico Barbaroxa a tomar a cruz. Êsse príncipe tinha mostrado seu valor em quarenta batalhas; um reino longo e feliz tinha ilustrado seu nome; mas seu século não conhecia verdadeira glória que não a que se ia buscar na Ásia. Êle quis merecer elogios de seus piedosos contemporâneos e tomou as armas para a libertação da Terra Santa. Foi sem dúvida levado também pelos escrúpulos que lhe haviam deixado suas questões com o papa e pelo desejo de terminar a sua reconciliação com a Santa Sé.

Na Alemanha, mostrava-se menos entusiasmo do que em outros países, quer porque aí se conheciam pouco as desgraças de Jerusalém, quer porque os espíritos ainda estavam preocupados com as questões do imperador com o papa. Os legados de Roma, compareceram primeiro a uma assembléia em Strasburgo, onde Frederico tratava das questões do império. Sua presença e seus discursos, não despertaram o entusiasmo pela guerra santa e ninguém teria tomado a cruz se o Bispo de Strasburgo não tivesse falado da necessidade de libertar a terra de Jesus Cristo. O prelado recriminava ao seu auditório a sua indiferença culpável pela causa do Filho de Deus. "Quem de vós, dizia êle aos presentes, vendo seu legítimo soberano atacado, ultrajado, expulso de seu território, ficaria como um espectador impassível?

Vós não sois sòmente os servidores e os súditos de Jesus Cristo, mas sois seus filhos, sois seu sangue e sua carne e ficais frios e tranqüilos!". A eloqüência do Bispo de Strasburgo, que um cronista contemporâneo compara à de Túlio, acabou por tocar os corações. A maior parte dos que o escutavam tomou a cruz; o entusiasmo pela guerra santa começou a se espalhar pelas margens do Reno. Pouco tempo depois, o Imperador Frederico convocou em Mogúncia uma assembléia para a qual foram convidados todos os príncipes, os senhores, os prelados e os chefes do povo da Germânia; essa assembléia foi chamada com o nome de *côrte* ou *dieta do Cristo*. Nessa reunião, Godofredo, Bispo de Würtesbourg, fêz ouvir palavras que inflamaram os presentes. O imperador tinha intenção de receber a cruz, mas queria esperar o ano seguinte; a assembléia ergueu-se para induzi-lo a tomar a cruz naquele mesmo instante, o que êle fêz e seu exemplo levou todos os que ali estavam presentes.

As exortações da côrte de Roma reboavam pelas igrejas da Alemanha; os enviados do papa, os pregadores da guerra santa, os enviados da Terra Santa, iam por tôda a parte, deplorando a sorte dos cristãos do Oriente e os sangrentos ultrajes feitos à cruz do Salvador. "Outrora, exclamavam êles, ao rumor dos pregos fincados na cruz, a terra estremeceu, o astro do dia escureceu, as pedras fenderam-se, os túmulos abriram-se; agora, que coração não se há de

partir ao saber que a madeira sacrossanta do lenho da Redenção é pisada aos pés pelos ímpios?" Os pregadores sagrados invocavam a Jerusalém celeste e apresentavam a Cruzada como um meio eficaz de aumentar o número dos eleitos de Deus. "Felizes, diziam êles, os que partem para a viagem santa, mais felizes ainda os que de lá voltarem!" Entre os prodígios que anunciavam a vontade do céu, citava-se a visão milagrosa de uma virgem de Lówenstein; ela tinha sabido da perda de Jerusalém, no mesmo dia em que os muçulmanos entraram na Cidade Santa; alegrava-se com êsse fato lamentável, dizendo que êle ia ser ocasião de salvação para os guerreiros do Ocidente.

Frederico que tinha seguido seu tio Conrado na segunda Cruzada, havia sabido das desordens dessas longínquas expedições; pôs todo o seu cuidado em preveni-las. Na dieta de Mogúncia, onde êle estava revestido dos sinais de peregrino e em várias outras assembléias, tendo como objeto os preparativos da guerra, o imperador mandou redigir sábias determinações. Tomaram-se precauções para que um exército numeroso que ia combater sob um céu estrangeiro e atravessar países desconhecidos, não perecesse pela indisciplina, nem pelas misérias que iria encontrar em seu caminho. Foi declarado por um edito imperial que um homem a pé, pouco apto para o manejo das armas e não tendo dinheiro bastante para prover a si mesmo durante dois anos, não

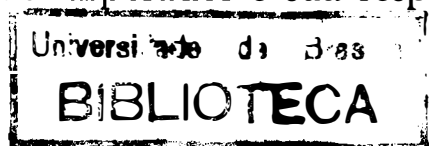
podia alistar-se sob as bandeiras da cruz: assim afastavam-se os aventureiros e os vagabundos, que tinham feito tanto mal nas guerras precedentes. Como havia mais homens do que era necessário foi permitido a muitos peregrinos a dispensa de seu voto; obteve-se assim dinheiro de que ainda se precisava. Devemos notar que essa dispensa da peregrinação não era concedida nem na primeira nem na segunda Cruzadas. As crônicas alemãs não falam dos dízimos saladinos; a dispensa do voto foi um dos meios de que se havia lançado mão para fazer frente às despesas da guerra santa.

O imperador e os príncipes cruzados reuniram-se no ano seguinte em Nuremberg, para se ocupar dos últimos preparativos da Cruzada. Concluiu-se aí um tratado com os embaixadores do soberano de Bizâncio; a passagem através das terras gregas tinha sido permitida. Combinou-se que os peregrinos seriam recebidos nas cidades e alojados nas casas dos gregos; deviam fornecer-lhes frutos das árvores, legumes e madeira para o fogo; palha e feno para os cavalos e nada mais. O resto devia ser comprado a um preço razoável, segundo as condições do país e a exigência do tempo. Os cruzados comprometiam-se a não cometer nenhuma desordem, nem fazer violência alguma. O Duque da Suábia e os outros chefes da Cruzada receberam a promessa de livre passagem, e, por seu lado, juraram fazer respeitar a paz e as leis da hospitalidade. Frederico mandou

a Isaac uma nova embaixada para obter uma maior garantia de amizde. Durante êsse tempo, o imperador grego estava em tratativas com Saladino e comprometia-se com seu aliado muçulmano a fazer guerra aos latinos.

A partida foi adiada para o ano seguinte; marcou-se Ratisbona como o lugar de reunião geral dos cruzados teutônicos, no comêço de abril de 1189. Depois das festas de Natal até a metade da quaresma chegaram a essa cidade multidões de peregrinos a pé e a cavalo. Frederico pôs-se em marcha com seu exército mais ou menos nas festas de Pentecostes; êle tinha deixado seu filho Henrique, à frente do império. Numa última assembléia, em Presbourg, juraram observar a paz pública, durante todo o tempo que durasse a Cruzada.

O imperador alemão, que tinha mandado embaixadores a todos os príncipes muçulmanos ou cristãos, cujas terras devia atravessar, mandou também uma embaixada a Saladino, com o qual tivera algumas relações de amizade. Henrique, Conde de Holanda, partiu pela Ascensão, encarregado de uma mensagem para o sultão do Cairo e de Damasco. Frederico declarava ao príncipe muçulmano que não podia mais continuar seu amigo e que todo o império romano ia marchar contra êle, se êle não lhes restituísse Jerusalém e a cruz do Salvador, que caíra em suas mãos. Saladino respondeu ao manifesto do imperador e sua resposta foi também uma decla-

ração de guerra. Vários emissários haviam sido mandados ao mesmo tempo ao sultão de Icônio. *Kislig-Arslan* era acusado, entre os seus, de aderir à *seita dos filósofos;* por isso julgava-se na Europa que o sultão se havia feito cristão e, numa carta que nos foi conservada, o Papa Alexandre III, lhe havia dado conselhos para o dirigir na sua conversão. Kislig-Arslan recebeu os embaixadores de Frederico e êle também mandou uma embaixada ao Ocidente. O sultão de Icônio, que tinha o título de *Soberano dos turcos, dos armênios e dos sírios* prometia tôda espécie de auxílio a Frederico; seus deputados estavam acompanhados por cinqüenta cavaleiros muçulmanos o que apresentava um espetáculo todo novo entre os povos da Europa.

O exército da cruz encontrou povos hospitaleiros e víveres em abundância nos Estados de Leopoldo da Áustria e na Hungria, onde reinava então o Rei Bela. Desceu pàcìficamente o Danúbio e o Dravo. Bela recebeu magnìficamente a Frederico e os cavaleiros teutões em Gran; a Rainha da Hungria, irmã de Filipe Augusto, fêz presente de uma rica tenda ao imperador alemão. Gran, antiga Streconium situada perto da confluência do Gran com o Danúbio, chamada em húngaro Esztergom, é hoje a sede do arcebispado-primaz da Hungria. A cidade tem sete arrabaldes, um castelo, e é habitada por nove mil pessoas; é a pátria do mártir Santo Estêvão, que por primeiro ocupou a sede episcopal. Foi ao

entrar na Bulgária que os cruzados começaram a experimentar as misérias da santa peregrinação; os blaques, os sérvios, os búlgaros e os gregos, perturbavam o exército cristão. A dificuldade dos caminhos fêz dividirem em quatro corpos, as tropas alemãs. Os bárbaros atiravam dardos envenenados contra os cruzados que se extraviavam. Muitos peregrinos morreram, ficaram feridos ou foram roubados. Frederico armou ciladas contra os inimigos como para apanhar animais selvagens; "os que caíram em nossas mãos, diz uma narração contemporânea, foram enforcados em árvores ao longo do caminho, com a cabeça para baixo, como cães imundos ou lobos rapaces." Para se vingar, os búlgaros desenterravam os cruzados mortos de doenças e suspendiam nas arvores os cadáveres que haviam tirado do sepulcro. Ora os salteadores ficavam escondidos nos carvalhos ou nos pinheiros copados e de lá atiravam flechas; ora, faziam rolar grandes pedras do alto das montanhas. Quando os cristãos chegavam a países habitados, todos já haviam fugido; os moinhos estavam destruídos e não havia víveres. No meio dessa guerra singular, os filhos do Duque de Brandéis e de outros senhores da Sérvia e da Ráscia, vieram saudar o Imperador Frederico em Nyssa e ofereceram-lhe cevada, farinha, carneiros e bois; entre os outros presentes havia vitelos marinhos ou focas, um javali domesticado, três cervos vivos, domesticados; êles distribuíram a cada um dos príncipes e senhores

teutões, muitas provisões em vinho e gado. Tinham vindo, dizem as crônicas, para propor os socorros de suas armas a Frederico, se quisesse combater contra Isaac. Numa guerra contra Bizâncio, os búlgaros, acostumados à rapina teriam saqueado os gregos; mas, como o Imperador da Alemanha persistia na sua emprêsa da guerra santa, não tinham outro partido a tomar que o de atacar e saquear os peregrinos. Os assaltos continuaram então e os ataques eram vivos e cruéis nos desfiladeiros e nos vales profundos. Os húngaros e os boêmios abriam caminho nas florestas com o machado e o fogo; chegaram finalmente às *portas de S. Basílio,* último desfiladeiro da Bulgária. Lá, soldados gregos reunidos aos búlgaros, preparavam-se para disputar a passagem aos peregrinos; mas, à vista da cavalaria alemã, coberta de ferros, fugiram. O exército cristão chegou no mês de setembro aos muros de Filipópolis.

Souberam então que os embaixadores mandados a Constantinopla tinham sido detidos e lançados numa prisão; então ninguém mais fêz caso de tratados, e todo o país viveu convulsionado durante vários meses. No fim de algumas semanas, os embaixadores alemães, postos em liberdade voltaram ao exército; mas o que contaram da perfídia dos gregos só serviu para acender ainda mais a animosidade dos peregrinos. Não houve traição que não fôsse imputada aos gregos; acusavam-nos de ter envenenado o vinho, e assim foi proibido bebê-lo. Mas os peregrinos alemães não

fizeram nenhuma conta nem dos boatos espalhados, nem da proibição; e, *abandonavam-se à misericórdia de Deus,* dizem os cronistas, e continuaram a beber do vinho que encontravam. É possível que os chefes do exército tivessem mesmo acreditado nesses boatos para salvar o vinho dos gregos ou para conservar os soldados da cruz na temperança. Os teutões, não tendo mais nenhum compromisso com Isaac, tomaram Andrinopla, Demótica, tôda a Macedônia e a Trácia até os muros de Bizâncio. Foi de Andrinopla que Frederico escreveu a seu filho Henrique, para comunicar-lhe a perfídia do imperador grego e recomendar o exército dos cruzados às orações dos fiéis. "Embora tenhamos um belo exército, dizia o monarca, temos necessidade de recorrer à proteção divina, pois um rei não se salva pela multidão de seus soldados, mas pela graça do rei eterno." O imperador rogava a seu filho que pedisse a Veneza, a Ancona, a Gênova, navios grandes e pequenos para cercar Constantinopla por mar. Escreveu também ao papa para lhe rogar que pregasse uma Cruzada contra os gregos. Isaac, *o santo e mui poderoso imperador, o anjo de tôda a terra,* humilhou-se diante de seus inimigos vencedores e sentia a necessidade de pôr o mar entre êle e os cruzados: deu-lhes navios para passar o Helesponto; tinha pedido reféns, e deu-lhe êle mesmo cêrca de novecentos. Os personagens mais notáveis do império, juraram com êle na Igreja de Santa Sofia fazer observar tôdas as condições dos tratados.

Enquanto os alemães se alegravam por ter conseguido mais do que haviam pretendido, a vaidade grega regozijava-se por lhes ter fechado o caminho de Bizâncio. Isaac escreveu ao mesmo tempo ao seu aliado Saladino que os peregrinos do Ocidente estavam reduzidos à impotência e não poderiam fazer mal a ninguém e que *êle tinha cortado as asas às suas vitórias*.

Saladino se queixava de Isaac, que tinha prometido deter os cruzados em sua marcha, e Isaac, vangloriando-se do mal que não tinha causado, apresentava-lhe os latinos tão enfraquecidos por suas misérias e derrotas, que êles não alcançariam as fronteiras muçulmanas: "*se lá chegarem,* dizia Isaac a Saladino, *não estarão em condições de causar o menor mal a V. Excelência.*" Essa carta, citada por Boha-Eddin, não permite duvidar-se da traição dos gregos, e nos faz ver até que grau de rebaixamento haviam chegado os senhores de Bizâncio. Veremos mais tarde nesta história o que se tornaria o império grego em tais mãos. Veremos como êsse mesmo Isaac, despojado da púrpura pelo seu irmão Alexis, tornou a subir ao trono com o auxílio de um exército vindo do Ocidente e como êle desapareceu e tôda a sua descendência no meio daquela grande Revolução das Cruzadas que êle não compreendia e de que havia querido zombar.

No entretanto os reféns gregos chegaram ao exército e ao mesmo tempo, os que o sultão de Icônio

mandava a Frederico e que tinham sido detidos em Constantinopla. Mil e quinhentos navios e vinte e seis galeras esperavam o exército da cruz em Galípoli, para transportá-lo às costas da Ásia. A passagem dos peregrinos se fêz na festa da Páscoa, ao som dos clarins e das trombetas na presença de uma imensa multidão, reunida nas duas margens. Frederico partiu de Lampsaco, seguiu o caminho de Alexandre e passou o Granico no mesmo lugar onde o Macedônio o havia passado. Dirigiu-se depois para Laodicéia atravessando as cidades de Pérgamo, de Sardes e de Filadelfia. Podemos descrever aqui em poucas palavras o itinerário do imperador alemão. Indo de Sardes a Filadelfia, o exército dos teutões caminhou por onze horas através de uma planície limitada ao Sul pelo Imolo e pelo Cadmo, ao Norte pela cadeia de Bellendji-Dagh. Os peregrinos perseguidos pela fome, sob os muros de Filadelfia, queriam cortar as messes e obter víveres pela violência; houve luta; Frederico ameaçou atacar a praça; mas, homens sensatos, dizem as crônicas, demoveram-no disso, fazendo-lhe ver que aquela cidade estava cheia de relíquias e de coisas santas, que era, naquela região, a última cidade cristã e o último refúgio dos discípulos de Cristo contra os turcos. Na extremidade oriental da planície começam os montes Messogis; a princípio êles formam um vale tortuoso, no fundo do qual serpeia uma torrente de águas sombreadas pelos choupos e pelos plátanos; depois estende-se

uma floresta de carvalhos anões, de pinheiros e de larices. Deixando empós de si os montes Messogis e a floresta, os alemães chegaram a Trípoli. As ruínas dessa cidade cobrem um planalto ao pé do qual, do lado do nordeste, estende-se um vale onde corre o Meandro, ladeado de salgueiros e de caniços; os cruzados germânicos lá tinham visto mirtos, figueiras e cardamomos. Ali acamparam antes de passar para a margem esquerda do Meandro. Passaram em seguida o Licco, que se lança no Meandro ao Norte de Trípoli e avançando para Leste chegaram a Laodicéia depois de duas horas de marcha. Aquela cidade, onde quarenta e dois anos antes, o Rei da França Luís VII se tinha detido, era a capital da Ásia Menor, no tempo dos imperadores romanos. Importantes ruínas, espalhadas pelo planalto de uma légua de superfície, testemunham hoje o esplendor da antiga cidade; seis teatros, um estádio, uma necrópole, chamam a atenção dos viajantes. O Imperador Frederico encontrou em Laodicéia víveres para seu exército.

A marcha dos cruzados alemães desde Laodicéia está narrada com muitos particulares em várias descrições contemporâneas. Daremos aqui, abreviando-a, uma carta escrita ao soberano pontífice por um peregrino que vinha com o exército de Frederico: "Seis dias depois das Rogações, partimos de Laodicéia e chegamos à nascente do Meandro, onde fomos atacados pelos turcos. Com a ajuda de Deus,

cuja cruz nos servia de estandarte, a vitória nos sorriu. No dia seguinte, estávamos perto de *Susópolis*. O exército entrou nas gargantas dos montes, onde sofreu frio e fome. Depois de ter caminhado por algum tempo nos estreitos desfiladeiros, deixou a estrada real de Icônio e dirigiu-se para a esquerda, a uma região menos montanhosa e árida. No dia da Ascensão, descemos à planície de Filomélio, onde os turcos nos esperavam. Durante o combate, uma pedra feriu o Duque da Suábia, no rosto, e quebrou-lhe dois dentes; vários dos nossos soldados ficaram feridos, um, sòmente, morreu. Perdemos muitos animais de carga, com o dinheiro, as vestes e as bagagens que êles levavam. Mais matávamos os bárbaros, mais êles se multiplicavam; tivemos que combater ao mesmo tempo o emir de *Filomélio*, o emir de *Ferma*, com uma multidão, que viera das regiões vizinhas. Durante vários dias, lutou-se de manhã à noite. Na segunda-feira da Ascensão, erguemos nossas tendas diante de Filomélio. Os turcos vieram nos atacar em nosso acampamento; mas nós os pusemos em fuga e matamos uns seis mil dêles. Só perdemos alguns cavalos. Depois dêsse combate, uma carestia nos fêz sofrer muito. Não havia farinha, água, forragem. No dia seguinte ao Pentecostes, um dos filhos do sultão de Icônio veio nos dar combate; os cavaleiros turcos cobriram a planície, tão numerosos como os gafanhotos. Esquecendo a fome e nossas feridas, marchamos contra

êles, atirando-nos à luta como águias vitoriosas. Embora fôssemos sòmente seiscentos homens a cavalo, combatemos sob o sinal da cruz vivificante e êles foram vencidos. Aconteceu aí um fato digno de memória. Um peregrino declarou, com juramento e sob a fé de sua peregrinação, na presença do imperador e do exército que êle tinha visto São Jorge combatendo à frente dos nossos batalhões. Os muçulmanos mesmos, disseram-nos que êles tinham visto na luta, uma milícia revestida de vestes brancas e montada em cavalos brancos. Depois dessa vitória milagrosa, passamos a noite num deserto arenoso, sem água nem víveres, errando ao acaso como ovelhas desgarradas. Ao amanhecer, entramos no território de Icônio, onde encontramos fontes e regatos; aproximamo-nos da cidade e destruimos dois belos palácios do sultão. Como a fome ainda nos torturava e nos restavam apenas quinhentos homens a cavalo, e não tínhamos mais meios nem de avançar nem de recuar, ouvimos a voz da necessidade. O exército foi dividido em dois corpos, e, no sexto dia depois de Pentecostes, marchamos diretamente para Icônio. Coisa espantosa e admirável! O Duque da Suábia, com um pequeno número dos seus, ajudado por Deus, apoderou-se da cidade e passou a fio de espada todos os habitantes que pôde apanhar. O imperador que tinha ficado para trás, combatia contra os turcos na planície. Embora êstes fôssem mais ou menos duzentos mil cavaleiros, êle os pôs em fuga pela virtude

do Altíssimo. Êste feito não é indigno de ser transmitido à memória dos homens, pois a cidade de Icônio iguala a Colônia em tamanho."

Eis aqui, agora, com maiores detalhes, o itinerário dos cruzados alemães desde Laodicéia até Icônio: há de uma cidade à outra cêrca de cinco ou seis dias de marcha e os peregrinos levaram mais de trinta e cinco dias para cobrir êsse trajeto. Só encontraram à sua passagem duas cidades ou aldeias; no resto do caminho, foram solidões sem nome, planícies incultas, terras queimadas, onde não cresciam nem árvores, nem relva; mais ao longe, montanhas áridas; além, os lagos salgados, pântanos mefíticos e pestilenciais. Numa região que oferecia tão poucos recursos o exército de Frederico teve que combater tôdas as populações muçulmanas da Ásia Menor.

Os cruzados teutões tinham que combater contìnuamente contra os soldados de Kislig-Arslan e levavam consigo embaixadores que lhes falavam da amizade do sultão; o que faz os nossos velhos cronistas dizerem que *os turcos dissimulavam ainda melhor que os gregos.* Lembra-se, que na primeira guerra santa os soldados da cruz viam acorrer para êles, de tôdas as partes, os cristãos, habitantes do país: ninguém veio em auxílio dos peregrinos alemães. Os gregos, como os muçulmanos, fugiram à aproximação do exército de Frederico. Numa região desconhecida os cruzados teutões não tinham guias. Perdidos em solidões horríveis, êles já come-

çavam a se desesperar quando *Deus misericordioso* mandou-lhes um auxílio com o qual não contavam. Um turco que lhes caíra nas mãos foi levado a Frederico que lhe prometeu conservar a vida, se êle tirasse o exército daqueles lugares desertos e impraticáveis. O turco — *que para quem nada era mais doce do que a vida,* — dizem as narrações contemporâneas, aconselhou-o a tomar o caminho da esquerda, para Susópolis, cuja situação não nos foi possível encontrar: o país, embora montanhoso devia oferecer aos cruzados, ricos campos. De cidade em cidade até perto dos muros de Icônio, o turco, com uma cadeia ao pescoço e sentinelas ao lado, caminhou à frente do exército. Quando os peregrinos se aproximaram daquela cidade o sultão mandou-lhes embaixadores para lhe oferecer passagem ao preço de três mil peças de ouro: "Não tenho o costume, respondeu Frederico, de comprar meu caminho com ouro, mas de abri-lo com o ferro e com o auxílio de Nosso Senhor Jesus Cristo, de quem somos soldados." Os muçulmanos ameaçaram o imperador de atacá-lo no dia seguinte com um exército de trezentos mil homens; o exército cristão mal contava mil cavaleiros, cujas armas estavam ainda em bom estado. As crônicas nos dizem que Frederico reuniu então seu conselho para saber se não era melhor ir às terras da Armênia, em vez de marchar contra Icônio. Tomaram o partido mais perigoso; o exército da cruz avançou contra a

cidade depois de ter ouvido a missa e recebido a comunhão.

Em sua marcha, desde Laodicéia até Icônio, quase não houve um dia sem combate. Os cristãos saíam sempre vencedores, mas a vitória não lhes dava nem glória nem despojos, e os deixava prêsa de tôdas as misérias.

Quando o exército não tinha que se defender dos inimigos, tinha que lutar contra a fome e a sêde. Os cronistas nos falam dos sofrimentos e dos gemidos dos cruzados naqueles lugares áridos; uns bebiam sua urina, outros o sangue dos cavalos; a água fétida dos pântanos lhes parecia doce como a água da mais pura das fontes. Queimavam as selas, as vestes, a madeira das lanças para se poder cozinhar a carne de cavalo, que deviam comer sem sal e sem pimenta, e êsse alimento era reservado aos cruzados mais ricos; os pobres só comiam raízes. Peregrinos, consumidos pelo cansaço, pela fome e pelas doenças, não podendo mais acompanhar o exército, deitavam-se por terra, com os braços em cruz, rezavam tôda a oração dominical e esperavam a morte em nome do Senhor. Alguns, levados pelo desespêro e *impelidos pelo demônio* abandonavam a bandeira de Cristo e passavam-se para as fileiras dos infiéis; mas tais exemplos de deserção eram raros. Os inimigos dos cristãos muitas vêzes admiraram sua coragem invencível e sua resignação, que chegava a tocar as raias do sublime. Uma carta escrita pelo patriarca da Armênia a Sala-

dino nos diz como os soldados e os companheiros de Frederico tiveram bastante fôrça para resistir a tão terríveis provações. "Os alemães, diz êle, são homens extraordinários; êles têm uma vontade inquebrantável, nada os pode desviar de seus desígnios; o exército está sujeito à disciplina mais severa, jamais uma falta fica sem castigo. Coisa singular! Êles evitam todo prazer; ai daquele que se permitisse alguma voluptuosidade! Tudo isso é causado pela tristeza de ter perdido Jerusalém; êles evitam para suas vestes todo pano precioso e só se querem revestir de ferro; quanto à paciência na fadiga e na adversidade, ela sobrepuja tôda a credulidade."

Atravessando a Ásia Menor, os cruzados germânicos tiveram que combater várias tribos de bárbaros: *Os turcomanos, os turcogistas, os turcocitas, os turcobares* vindos das margens do mar Cáspio, se haviam apoderado da Colchida, hoje, Circássia. Êsse povo não conhecia a agricultura, tinha numerosos rebanhos e buscava pastagens. Os *turcogistas*, formavam uma nação menos numerosa, habitavam nas vizinhanças das montanhas da Capadócia e da Paflagônia. Sòmente êles, de todos os turcos, combatiam a pé; foram quase todos exterminados naquela guerra. Os *turcocitas* eram dos turcos os mais grosseiros e os mais ferozes; tinham expulsado os Basternos do reino do Ponto, para se colocar em seu lugar; eram cavaleiros muito hábeis e de uma agilidade maravilhosa em lançar flechas. A quarta

tribo, a mais numerosa de tôdas, compunha-se de turcomanos da raça dos Ougs; estavam espalhados como hoje por tôdas as partes da Ásia Menor. Nós os vimos sob suas tendas, rodeados por seus rebanhos, como se êles estivessem no tempo das Cruzadas; o tempo nada mudou, nem em seus costumes, nem em seus hábitos, nem em sua vida errante."

Nós tiramos êstes particulares sôbre as diversas nações muçulmanas, do italiano Boiardo, que se tinha servido, diz Muratori, de *cinco livros de histórias árabes,* que se guardavam desde seu tempo, nos arquivos da igreja de Ravena.

Tôdas essas nuvens de bárbaros tinham vindo para combater os cruzados. Pode-se crer que havia entre êsses povos motivos de discórdia, o que devia favorecer às armas cristãs. O sultão de Icônio, tinha feito promessas a essas tribos muçulmanas, mas não as poderia cumprir: êles deviam estar descontentes com um príncipe que os chamava para os despojos e não lhos dava.. Acrescentamos também que várias divergências haviam surgido na família do sultão. Nós temos necessidade de tudo isso para explicar a espécie de milagre da marcha triunfal dos alemães através de tantos inimigos, obstáculos e misérias.

Os cruzados, vencedores de Icônio, depois de um admirável combate viram-se de repente na abundância de tôdas as coisas. No seu triunfo, sua situação, porém, era ainda perigosa; havia sempre uma nação inimiga, que era de mister combater. Sa-

bemos que não há conquista mais difícil do que a dos países defendidos por opiniões religiosas, porque todos estão interessados na guerra. Nos tempos antigos, tratava-se de decidir se a Ásia pertenceria a Dario ou a Alexandre; no tempo das Cruzadas, se ela seria cristã ou muçulmana.

O exército da cruz só ficou dois dias na capital da Licaônia e tomou depois o caminho de Laranta, hoje, *Caraman;* durante êsse trajeto teve que sofrer, novas dificuldades. "Se eu quisesse, diz Ansbert, contar tôdas as desgraças e as perseguições que os peregrinos sofreram pelo nome de Cristo e pela honra da cruz, sem murmurar e com ar alegre, meus esforços, quando mesmo eu falasse a língua dos anjos, não poderiam dizer a verdade." Perto de Laranda, os cruzados foram despertados, de noite, por um rumor parecido com o tinir de armas; era um terremoto, os sábios viram nisso um sinistro presságio para o porvir.

Os teutões tocavam os limites dos países cristãos. A vista de várias cruzes fincadas pelos caminhos fêz sucederem aos seus sombrios pensamentos alguns vislumbres de esperança. O Príncipe da Armênia mandou embaixadores a Frederico, para lhe oferecer todo o auxílio de que êle viesse a precisar; mas aconselhou-o ao mesmo tempo que não se detivesse muito em seu país, pois todos temiam a proximidade de um exército que acabava de passar pela fome e pelos mais horríveis tormentos de uma guerra infeliz. Os peregrinos não tinham mais que temer os ataques e as

surprêsas dos turcos; mas as passagens difíceis das Tauro deviam ainda experimentar sua paciência e sua coragem. Sabendo que o exército tinha maus pedaços a passar, Frederico tinha proibido que se falasse disso. "Quem não se teria comovido até às lágrimas, disse Ansberto, testemunha ocular, vendo bispos, ilustres cavaleiros, doentes e fracos, levados sôbre leitos no lombo de cavalos através dos precipícios? Víamos escudeiros, de rosto coberto de suor, levar em seus escudos seus amos doentes." Prelados, príncipes, usavam os pés e as mãos *como quadrúpedes*. "Todavia, diz o mesmo cronista, o amor dos príncipes pôr aquêle que dirige os passos dos homens, o desejo da pátria celeste à qual êles aspiravam, faziam-nos suportar todos êstes males em se queixar." Maiores calamidades aguardavam o exército cristão. Êle seguia as margens do Sélef, chamado em turco *Guieuk-Sou,* pequeno rio que tem sua origem a duas horas de Laranda e vai perder-se no mar, perto das ruínas de Selêucia hoje, *Sélefké*. O Imperador Frederico marchava na retaguarda. Deixemos falar aqui o cronista que foi testemunha da catástrofe.

"Enquanto o resto dos peregrinos, ricos, e pobres, diz Ansberto avançava através dos rochedos, acessíveis apenas às camurças e às aves, o imperador, que queria refrescar-se (estavam no mês de junho) e evitar também os perigos da montanha, tentou atravessar a nado o rio, mui rápido da Selêucia. O príncipe, que tinha escapado de tantos perigos, ati-

rou-se à água apesar da objeção e da opinião contrária de todos, e foi desgraçadamente tragado pelas águas. Entregamo-nos ao juízo secreto de Deus, ao qual ninguém ousa dizer: *Por que fizestes isso? Por que fazer morrer logo tão grande homem?* Vários senhores que estavam com êle apressaram-se em socorrê-lo mas o tiraram sem vida das águas do rio. Aquela perda trouxe grande perturbação ao exército; uns morreram de tristeza; outros, desesperados, persuadidos de que Deus não protegia a sua causa, renunciaram à fé cristã e abraçaram a religião dos gentios. O luto e uma pena sem limites, enchia os corações; os cruzados podiam exclamar com o profeta: *A coroa caiu de nossa cabeça, ai, de nós, que pecamos!*"

Todos os cronistas do tempo deploram a morte do Imperador Frederico e todos exprimem o mesmo sentimento: não ousam penetrar mais além êste mistério terrível da providência. "Deus, diz o cronista Godofredo, fêz o que lhe aprouve e fê-lo com justiça, seguindo sua vontade inflexível e imutável, mas não com misericórdia, se nos é permitido dizer, teve em consideração o estado da Igreja e o da terra da promissão." Os cronistas muçulmanos agradecem, ao contrário, à providência e consideram a morte de Frederico como um de seus grandes benefícios. "Frederico afogou-se, diz Boha-Eddin, num lugar onde não havia água até à cintura, o que prova que Deus nos queria livrar dêle."

O Duque da Suábia foi proclamado chefe do exército cristão. Os cruzados continuaram tristemente sua marcha, levando os restos do imperador, que até então lhes tinha mantido a coragem. Frederico, segundo Ansberto, foi sepultado em Antioquia, na Basílica de S. Pedro. Segundo os autores árabes, seus restos foram levados até Tiro. O *católico* ou patriarca dos armênios, numa segunda carta a Saladino dizia que o número de guerreiros alemães elevava-se ainda a mais de quarenta mil, mas como armas restava-lhes apenas o bastão de peregrinos. Êle mesmo os vira passar, sôbre uma ponte e como perguntasse porque êles não tinham nem cavalos nem armas, responderam-lhe que os teutões tinham queimado a madeira das lanças para se aquecer e matado os cavalos para se alimentar. Dividiram-se em vários corpos; uns passaram por Antioquia, onde foram atacados de doenças pestilenciais; outros, por Bogras, outros, pelo território de Alepo; êstes caíram quase todos nas mãos dos muçulmanos: em todo o país, diz Ammad-Eddin, não havia uma família que não tivesse três ou quatro alemães como escravos. Haviam partido da Europa mais de cem mil cruzados teutões; sòmente uns cinco mil chegaram à Palestina e os restos dêsse grande exército da Germânia foram ali mal recebidos. "Sua fama, nos ajudava, diziam os cristãos do país; sua presença cortou as asas de nossas vitórias." Entre as vítimas ceifadas pelas doenças, a história cita o Bispo de Vurtzburgo, que

tinha sido o oráculo dessa Cruzada, como Ademar tinha sido da primeira. Do mesmo modo que o Bispo de Puy, êle morreu em Antioquia e seus restos foram depositados na Basílica de S. Pedro, talvez ao lado do túmulo do Imperador Frederico, de quem era o conselheiro. Vendo assim perecer um poderoso exército, diante do qual os infiéis tinham tremido e que ia defender a herança de Jesus Cristo, vários dos contemporâneos ficavam confusos e não sabiam o que pensar da misericórdia divina. Mas, pensando na disciplina tão severa daquele exército, pensando em tudo o que tinham feito para garantir sua salvação, o gênio previdente de Frederico, a história não poderia perguntar também o que se deve pensar da sabedoria humana?

Por uma fatalidade estranha, o exército alemão triunfou de todos os inimigos que encontrou e desapareceu de repente quando os perigos e os obstáculos iam terminar. Agora devemos repetir o que já dissemos tantas vêzes: as Cruzadas não foram sòmente uma guerra entremeada de perigos, mas também uma viagem mais perigosa do que a mesma guerra. A Europa e a Ásia tinham os olhos nesse exército da Alemanha, pois julgava-se que Deus tinha reservado a Frederico a glória de libertar Jerusalém. Imaginemos o que se poderia obter de uma expedição como a da terceira Cruzada, que reunia os povos mais belicosos do Ocidente e dos três mais poderosos monarcas dessa época! "Se Deus, por um efeito de sua

bondade por nós, diz Ibn-Alatir, não tivesse feito morrer o imperador alemão no momento em que êle passava o Tauro, ter-se-ia podido dizer mais tarde da Síria e do Egito: *Aqui reinaram outrora os muçulmanos.*" Coisa singular! A única Cruzada que teve bom resultado foi a primeira, onde não havia chefe supremo e a que podemos chamar de uma república em armas.

LIVRO OITAVO

1187-1190

Conrado, Marquês de Montferrato, penetra em Tiro, cerca Saladino; seu proceder generoso; o sultão vai a Trípoli; lança-se sôbre o Oronte; pôsto em liberdade, o Rei de Jerusalém viola seu juramento; ataca Tolemaida; descrição da cidade e de seus arredores; dificuldades do cêrco; afluência de novos cruzados; o sultão penetra na praça; vencidos numa sangrenta batalha, os cristãos refugiam-se em seu acampamento; retirada dos infiéis; sua volta ofensiva; Malek-Adhel leva reforços a seu irmão; à notícia da marcha de Conrado, os muçulmanos perdem a coragem; choques recíprocos que os sitiados e os sitiantes sustentam; o Duque da Suábia chega com seus alemães; sua presunção; sua morte; Sibila e seus dois filhos descem à sepultura; Conrado faz romper o casamento de Honfrois de Thuron, a fim de desposar Isabel; conseqüências funestas dêsse ato; Ricardo e Filipe Augusto; sua viagem, seu ódio nascente; Saladino chama à guerra santa todos os filhos do profeta; os dois reis caem doentes; mandam embaixadores a Saladino; o exército cristão cerca mais de perto Tolemaida, que por fim capitula. Comparação entre a bravura, as armas, os costumes dos partidos beligerantes.

Enquanto se pregava a Cruzada na Europa, Saladino continuava o curso de suas vitórias na Palestina. A batalha de Tiberíades e a tomada de Jerusalém tinham lançado todos os cristãos na tristeza e no desespêro. No entretanto, no meio da consternação geral, uma única cidade, a de Tiro, deteve tôdas as fôrças reunidas do novo vencedor do Oriente. Saladino tinha reunido duas vêzes suas frotas e seu exército, para atacar aquela cidade, de que desejava ardentemente ser o senhor; mas todos os habitantes tinham jurado antes morrer do que entregar-se aos muçulmanos; essa generosa resolução, era obra de Conrado, que acabava de chegar à praça e que o céu parecia ter enviado para a salvar.

Conrado, filho do Marquês de Monferrato, tinha um nome célebre no Ocidente e a fama de seus feitos o tinha precedido na Ásia.

Desde sua mais tenra idade, êle se distinguiu nas guerras da Santa Sé contra o Imperador da Alemanha. A paixão da glória e o desejo de aventuras, levaram-no a Constantinopla, onde êle abafou uma rebelião que ameaçava o trono imperial e matou no campo da luta o chefe dos rebeldes. A irmã de Isaac, o Anjo e o título de César, foram o prêmio

de sua coragem e de seus serviços; mas seu caráter inquieto não lhe permitiu gozar por muito tempo de sua fortuna. No meio de suas pacíficas grandezas, despertado de repente pelo rumor da guerra santa, êle foi privado da ternura de uma espôsa, da gratidão de um imperador, para correr à Palestina. Conrado chegou às costas da Fenícia alguns dias depois da batalha de Tiberíades. A cidade de Tiro tinha nomeado embaixadores para pedir a capitulação a Saladino: sua presença reanimou-lhes a coragem; tudo mudou de aspecto. O príncipe, que os autores árabes chamam de mais *voraz que os lobos* da cristandade, o mais *astuto dos cães da fé do Messias,* fêz entregarem a êle o govêrno da cidade, aumentou os fossos, restaurou as fortificações. Os habitantes de Tiro, atacados por terra e por mar, tornaram-se guerreiros invencíveis, aprenderam a combater sob suas ordens e deram viva resistência aos exércitos e à frota dos turcos.

O velho Marquês de Montferrato, pai de Conrado, que, para visitar a Terra Santa, tinha deixado seus Estados, então, tranqüilos, estivera presente à batalha de Tiberíades. Feito prisioneiro dos muçulmanos, êle esperava nas prisões de Damasco que seus filhos pudessem libertá-lo ou resgatar-lhe a liberdade.

Saladino fê-lo vir ao seu exército e prometeu ao bravo Conrado restituir-lhe o pai e dar-lhe ricas possessões na Síria, se êle lhe abrisse as portas de

Tiro. Ameaçou-o ao mesmo tempo, mandar expor o velho Marquês de Montferrato às fileiras muçulmanas, ao alcance dos dardos dos sitiados. Conrado respondeu com altivez que desprezava os presentes dos infiéis; que a vida de seu pai era-lhe menos cara do que a causa dos cristãos. Acrescentou que nada deteria sua espada, e que, se os muçulmanos eram tão bárbaros fazendo morrer um velho, que se tinha entregado sob palavra, êle teria a glória de morrer com a palma do martírio. Depois desta resposta, os soldados de Saladino recomeçaram os ataques e os tírios defenderam-se corajosamente. Os hospitalários, os templários, os mais valentes guerreiros que ainda estavam na Palestina, tinham corrido às muralhas de Tiro para condividir a honra de uma tão bela defesa. Entre os francos, que se distinguiam por seu valor, notava-se um gentil-homem espanhol, conhecido na história sob o nome de *Cavaleiro das armas verdes*. Êle, sòzinho, dizem as velhas crônicas, repelia e dispersava batalhões inimigos, bateu-se muitas vêzes, em combate singular, derrubou por terra os mais intrépidos muçulmanos e fêz Saladino admirar sua bravura e seus feitos de armas.

Todos os cidadãos eram soldados; mesmo as crianças usavam armas; as mulheres animavam os guerreiros com sua presença e com suas palavras. No mar, ao pé das muralhas, travavam-se contìnuamente novos combates. Por tôda a parte os muçul-

manos encontravam êsses heróis cristãos que tantas vêzes os haviam feito tremer.

Saladino estava cansado de um ataque tão longo e tão inútil. Duas vêzes êle se havia apresentado diante de Tiro, sem poder submetê-la. Resolveu levantar o cêrco para ir atacar Trípoli, mas não foi mais feliz nessa nova expedição. Guilherme, Rei da Sicília, sabendo das desgraças da Palestina, tinha mandado socorro aos cristãos. O Almirante Marharit, cujos talentos e vitórias tinham feito cognominar *de rei do mar* e *novo Netuno*, chegou às costas da Síria com sessenta galeras, trezentos cavaleiros e quinhentos soldados de infantaria. Os guerreiros sicilianos correram em defesa de Trípoli e comandados pelo *cavaleiro de armas verdes*, forçaram Saladino a abandonar o empreendimento.

A cidade e o condado de Trípoli, desde a morte de Raimundo, pertenciam a Bohémond, príncipe de Antioquia. Saladino, cheio de cólera e de despeito, levou as devastações da guerra às margens do Oronte e forçou Bohémond a pedir tréguas de oito meses. Nessa expedição os muçulmanos apoderaram-se de Tortosa e de alguns castelos construídos nas alturas do Líbano. A fortaleza de Carac, de onde se havia originado essa guerra tão funesta aos cristãos, defendia-se há um ano contra um exército muçulmano. Os sitiados desprovidos de auxílio, à mercê de tôda sorte de males e de privações, tinham levado ao heroísmo a resignação e a bravura. *Antes*

de se entregar, — diz o continuador de Guilherme de Tiro, — *venderam as mulheres e as crianças aos sarracenos e nada ficou, nem animal nem objeto na fortaleza que se pudesse comer.* — Foram depois obrigados a capitular; o sultão concedeu-lhes a vida e a liberdade, e mandou restituir-lhes as mulheres e as crianças, que um heroísmo bárbaro tinha condenado à escravidão.

Em meio de suas vitórias, Saladino conservara sempre Guy de Lusignan na prisão. Senhor de Carac e da maior parte da Palestina êle por fim, deu a liberdade ao infeliz Rei de Jerusalém, depois de o ter feito jurar sôbre o Evangelho que renunciava ao seu reino e voltava para a Europa.

Tal promessa arrancada com violências, não podia ser tida como lei numa guerra em que o fanatismo fazia desprezar, de ambos os lados, a palavra do juramento. Saladino mesmo pensava que o Rei de Jerusalém não manteria a palavra; e, se êle consentiu em lhe dar a liberdade, foi, sem dúvida, pelo temor de que, se escolhesse um príncipe mais hábil e com a esperança de que sua presença lançaria a discórdia entre os cristãos.

1189. Apenas livre do cativeiro, Guy de Lusignan fêz anular seu juramento, num conselho de bispos. Gauthier Vinisauf falando dêsse ato, diz que o príncipe cristão teve razão em se dispensar dêsse juramento, primeiro, porque as promessas feitas por

temor devem ser revogadas, depois, para que os cruzados que chegavam encontrassem um chefe e um guia. Êle acrescenta: "O artifício deve ser enganado pelo artifício; a perfídia de um tirano deve ser frustrada, com seu exemplo; pois, um enganador convida a enganar. Saladino, por primeiro tinha faltado à sua palavra e tinha arrancado a um rei escravo, a promessa de se retirar para o exílio. Cruel liberdade a que se compra com o exílio! Cruel libertação a que faz renunciar ao trono! Mas os desígnios de *Belial* foram destruídos por ordem de Deus." Guy de Lusignan procurou a ocasião de erguer um trono onde a fortuna o tinha feito se assentar por um momento. Em vão apresentou-se diante das muralhas de Tiro, que se havia entregue a Conrado e não queria reconhecer por rei um príncipe que não soubera defender seus territórios. O Rei de Jerusalém vagou por muito tempo em seu próprio reino, acompanhado por alguns servos fiéis e resolveu por fim tentar algum empreendimento que pudesse fixar suas vistas sôbre êle e reunir sob suas bandeiras guerreiros vindos de tôdas as partes da Europa para libertar a Terra Santa.

Guy de Lusignan foi cercar Tolemaida que se havia entregue a Saladino alguns dias depois da batalha de Tiberíades. Essa cidade que os historiadores chamam de *Acca, Accon, Acre,* estava construída ao Ocidente de uma vasta planície; o Mediterrâneo banhava suas muralhas, a comodidade

de seu pôrto atraía os navegantes da Europa e da Ásia e ela merecia reinar sôbre os mares como a cidade de Tiro, que se erguia nas vizinhanças. Do lado da terra, fossos profundos rodeavam as muralhas; de distância em distância, elevavam-se tôrres formidáveis, entre as quais se notavam a tôrre *Maldita* que dominava a cidade e a planície, e a tôrre *das Môscas*, construída à entrada do pôrto e que os viajantes encontram ainda hoje com seu antigo nome. Um dique de pedra fechava o pôrto do lado do Sul e terminava por uma fortaleza construída sôbre uma rocha isolada, no meio da águas. Em 1831, nós vimos S. João de Acre com as muralhas reconstruídas recentemente; apresentavam-se como uma fortificação temível, principalmente do lado da terra; tinham-na fortificado um pouco menos do lado do mar, suficientemente defendida pelos obstáculos da praia. A cidade atual ocupa mais ou menos dois terços do espaço que tinha no tempo das Cruzadas. Uma população de seis mil habitantes vivia em seus muros na época de nossa passagem. A guerra de Ibrahim-Pachá na Síria fêz de S. João de Acre um amontoado solitário de ruínas.

A planície de S. João de Acre é limitada ao Norte pelo monte Saron, que os latinos chamavam de *Scala Tyriorum*, a escada dos tírios; ao Sul, pelo monte Carmelo que avança para o mar; estende-se do Norte para o Sul num espaço de quase quatro léguas. O Belo, que os autores árabes chamaram de

Nahr-Alhalou (rio de água doce) e que os habitantes do país chamam de *Nahr-el-Ramim, Nahr-el-Kardané* atravessa uma parte da planície e lança-se no mar a um quarto de hora a Leste da cidade, sob a pequena elevação onde estão várias ruínas chamadas *Akkah-el-Karab,* (Acre, a destruída). A planície pouco arborizada, é pantanosa em vários lugares e dêsses pântanos emanam, no verão, exalações que contaminam o ar e espalham germes de doenças epidêmicas. Em várias direções de S. João, ao Norte e a Nordeste, muitas colinas cortam a planície. A primeira é a de *Thuron* chamada pelos cronistas muçulmanos a colina dos *Mosallins* ou dos *Prians* e também *Mossallab.* A segunda colina é a de Boha-Eddin chamada *Aiadia* que Gauthier Vinisuf, diz *Mahaméria;* a terceira é a colina de *Kison.* As montanhas citadas nas crônicas árabes sob o nome de *Karouba,* são as montanhas de Saron que partem do cabo Branco, chamado em árabe *El-Mécherfi* e correm de Oeste para Leste até às margens do Jordão.

As planícies de Tolemaida eram férteis e risonhas; pequenos bosques e jardins cobriam os campos próximos da cidade; algumas aldeias erguiam-se nos flancos das montanhas; casas de recreio, nas colinas. As tradições religiosas e as tradições profanas tinham dado nomes a vários lugares das vizinhanças: um outeiro elevado lembrava aos viajantes o túmulo de Memnon; mostravam-se no Carmelo as grutas de Elias e Eliseu e o lugar onde Pitágoras veio adorar

o Eco. Tais eram os lugares que iam ser bem depressa teatro de uma guerra sangüinolenta e devia ver combater os exércitos da Europa e os da Ásia.

Foi pelos fins de agôsto de 1189, dia de Santo Agostinho, que começou o cêrco de Tolemaida o qual durou dois anos. Guy de Lusignan tinha apenas sob suas bandeiras nove mil homens, quando veio acampar diante da cidade. Os pisanos, vindos por mar, apoderaram-se por primeiro da praia e fecharam todos os caminhos do lado do mar. O pequeno exército dos cristãos foi erguer suas tendas na colina de Thuron. Três dias depois de sua chegada os cruzados começaram os ataques, sem tempo de preparar as máquinas; defendidos sòmente por seus escudos, encostaram as escadas às muralhas e foram ao assalto. Um cronista contemporâneo não teme em afirmar que a cidade então teria podido cair em poder dos cristãos se de repente não se tivesse espalhado a notícia da chegada de Saladino. A êsse boato, que os encheu de terror pânico, abandonaram apressadamente o ataque das muralhas e retiraram-se para a colina onde tinham feito o acampamento.

Viram então aproximarem-se cinqüenta navios, deslizando a velas pandas. Lobrigando-as do alto do Thuron, os cristãos não ousavam acreditar num auxílio inesperado. Por sua vez, os cruzados nos navios não sabiam o que pensar daquele acampamento que se lhes antolhava. Mas, à medida que se aproximavam reconheceram os estandartes da cruz; um

grito de alegria ergueu-se em tôda a frota e nos acampamentos dos cristãos: todos os olhos encheram-se de lágrimas; correram para a margem do oceano; precipitaram-se para dentro do mar na ânsia de abraçar os que chegavam. Rejubilaram-se e felicitaram-se recìprocamente. Desembarcaram depois as armas, os víveres, as munições de guerra; e doze mil guerreiros, da Frísia e da Dinamarca, saíram dos navios e vieram erguer suas bandeiras entre a colina do Thuron e a cidade de Tolemaida.

A frota dinamarquesa, vinda dos mares do Norte, tinha excitado por tôda a parte, à sua passagem, o entusiasmo e o zêlo dos povos que habitam as costas do Oceano. Foi bem depressa seguida por uma outra frota que trazia um grande número de guerreiros inglêses e flamengos. O Arcebispo de Cantuária, que tinha pregado a guerra da cruz na Inglaterra comandava os cruzados inglêses. Os da Flandres, eram guiados por Tiago de Avesnes, já célebre por seus feitos e aos quais a palma do martírio aguardava na Terra Santa.

Enquanto o mar trazia aos cristãos numerosos reforços, Saladino, abandonando suas conquistas da Fenícia, veio com seu exército. Colocou suas tendas e seus pavilhões nas extremidades da planície, sôbre a colina do Kisan, que se erguia por trás da colina de Thuron. De um lado, seu acampamento estendia-se até o rio Belo; do outro, até *Mahaméria* ou colina da Mesquita. Os muçulmanos atacaram os

cristãos por várias vêzes; mas encontraram-nos sempre semelhantes a *uma montanha que não se pode abater nem fazer recuar.* Saladino para animar seus soldados, resolveu dar um ataque geral, numa sexta-feira na mesma hora em que os povos do islamismo estão em oração. Êsse momento escolhido para o combate redobrou o fanatismo do exército muçulmano. Os cristãos foram obrigados a abandonar os postos que ocupavam à beira-mar, do lado do Norte, e o sultão vitorioso penetrou dentro das muralhas de Tolemaida. Depois de ter observado do alto das tôrres as posições dos cruzados, saiu com uma guarnição, atacou-os e os expulsou de seu acampamento. Saladino erguera com sua presença a coragem dos habitantes e dos defensores da praça. Deu tôdas as ordens necessárias, deixou na cidade a elite de seus guerreiros e escolheu para comandá-los dois de seus mais fiéis emires, Hossam-Eddin, antigo companheiro de suas vitórias, e Karacoush, dos quais por várias vêzes já tinha experimentado a sabedoria e a bravura na conquista do Egito. O sultão voltou depois à colina de Kisan disposto a combater o exército dos cruzados.

Os cristãos no entretanto cavaram fossos em redor do acampamento e cercaram-se de defesas formidáveis. Todos êstes preparativos de defesa davam, sem dúvida, alguma preocupação aos muçulmanos; mas, o que os devia principalmente encher de espanto e de temor, era a vista daquela multidão de navios

francos que, semelhantes a uma vasta floresta cobriam tôda a superfície do mar. À medida que algum daqueles navios se afastava, chegavam outros em maior número e todos traziam à Síria, guerreiros do Ocidente. Viram a princípio desembarcar os cruzados que tinham vindo de tôdas as cidades da Itália, guiados por seus tribunos e bispos. Êles foram seguidos por um grande número de guerreiros da Champanha e de várias províncias da França. Entre os chefes faziam-se notar o Bispo de Beauvais, que as velhas crônicas comparam ao Arcebispo Turpin, e que a glória das armas muito mais que a devoção levava pela segunda vez ao Oriente. Depois dos cruzados franceses vieram os guerreiros da Alemanha que obedeciam ao Landgrave da Turíngia. Conrado, Marquês de Tiro, não quis ficar ocioso, nessa guerra. Armou navios, reuniu tropas e veio juntar suas fôrças às do exército cristão. Por fim, de tôdas as partes do mundo, vinham defensores da cruz e mais de cem mil guerreiros reuniram-se em Tolemaida, quando os poderosos monarcas, que se tinham pôsto à frente da Cruzada, ocupavam-se ainda com os preparativos de sua partida.

A chegada dêsses inumeráveis auxiliares reanimou o ardor dos cruzados. Cavaleiros, segundo a expressão de um historiador árabe, revestidos de longas couraças de escamas de ferro, pareciam de longe como serpentes que cobriam a planície; quando corriam às armas, pareciam aves de rapina, e na refrega,

a leões indomáveis. Vários emires tinham proposto a Saladino a retirada, diante de inimigos "tão numerosos, diziam êles, como as areias do mar, mais violentos que as tempestades, mais impetuosos que as torrentes."

Uma vasta planície que se estendia entre as colinas ocupadas pelos dois acampamentos inimigos, tinha sido teatro de combates os mais sangrentos. Há quarenta dias que os francos sitiavam Tolemaida e sem cessar tinham que repelir a guarnição ou as tropas de Saladino. A quatro de outubro seu exército veio à planície e preparou-se para uma batalha. Êle cobria um espaço imenso. Os cavaleiros e os barões do Ocidente, tinham exposto todo seu aparato bélico e marchavam à frente de seus soldados, cobertos de um capacete de ferro, armados de lança e de espada. O clero também tinha tomado as armas. Os arcebispados de Ravena, de Pisa, de Cantuária, de Besançon, de Nazaré, de Montreal, os bispos de Beauvais, de Salisbury, de Tolemaida, de Belém, estavam revestidos de capacete e de couraça e comandavam guerreiros de Jesus Cristo. O exército cristão apresentava um aspecto tão temível e parecia tão cheio de confiança, que um cavaleiro francês exclamou no auge de entusiasmo: *Que Deus fique neutro, e a vitória é para nós!*

O Rei de Jerusalém, diante dos quais quatro cavaleiros levavam o livro dos evangelhos, comandava os franceses e os hospitalários. Suas linhas

estendiam-se à direita até o Belo. Os venezianos e os lombardos formavam com os tírios, a ala esquerda que se apoiava no mar e marchava sob a bandeira de Conrado. O centro do exército era ocupado pelos alemães, pelos pisanos e pelos inglêses, que o Landgrave da Turíngia comandava. O Grão-Mestre do Templo com seus cavaleiros, o Duque de Gueldre com seus soldados, formavam o corpo de reserva e deviam levar a tôda a parte, o auxílio, onde êle fôsse necessário, em momentos de perigo; a guarda do acampamento estava confiada a Geraldo de Avesnes e a Godofredo de Lusignan.

Quando o exército cristão se dispôs em ordem de batalha na planície, os muçulmanos saíram de suas defesas e se prepararam para enfrentar o choque dos cruzados. Os historiadores árabes dizem que Saladino implorou o auxílio de Deus e sua devoção foi sem dúvida entremeada de sentimentos de temor. Os archeiros e os soldados cristãos começaram o combate. Desde o primeiro ataque, a ala esquerda dos muçulmanos, comandada por Taki-Eddin, sobrinho do sultão, retirou-se em desordem. Os francos, diz o historiador Emmad-Eddin, espalharam-se por tôda a parte, como um dilúvio, e marchavam para o combate *com o ardor de um cavalo nas pastagens*. Bem depressa seus estandartes esvoaçavam na colina da Mesquita e o valente Conde de Bar penetra até a tenda de Saladino. Os francos, vencedores, descem ao flanco da colina e impelem diante de si os muçul-

manos dispersos. O terror foi tão grande entre os infiéis que um grande número dêles fugiu até Tiberíades. Os escravos que seguiam o exército muçulmano fugiram, levando as bagagens e tudo o que encontraram no acampamento. A fuga dos escravos aumentou a confusão e Saladino que comandava o centro do exército só pôde conter junto de si alguns dos seus mamelucos.

Um historiador árabe, que estava presente, refere com notável franqueza os primeiros resultados felizes dos cristãos naquele dia, e, ainda cheio da lembrança dos próprios perigos, êle suspende de repente a narração para exprimir suas apreensões. "Quando vimos (são palavras de Emmad-Eddin) o exército muçulmano derrotado, só pensamos em nossa salvação e chegamos a Tiberíades com os que tinham tomado o mesmo caminho que nós; encontramos os habitantes tomados de terror e com o coração partido pela notícia da derrota do islamismo . . . Contínhamos com mão firme as rédeas de nossos cavalos, mal podíamos respirar . . ." Segundo esta narração, não temos necessidade de dizer que a vitória dos cristãos teria sido completa, se êles tivessem pôsto em prática as leis da disciplina. Como, porém, conter nas fileiras e sob as bandeiras, uma multidão que se embriagava com um triunfo tão fácil? Que chefe se podia fazer obedecer naquela multidão confusa de peregrinos vindos de tôdas as regiões da terra, estranhos uns aos outros, armados e vestidos

diversamente, falando línguas diversas, a maior parte combatendo pela primeira vez e não conhecendo o inimigo que tinha diante de si? Senhores do acampamento dos turcos, êles espalham-se pelas tendas para saquear e logo a desordem é maior entre os vencedores do que entre os vencidos. Os muçulmanos percebendo que não são perseguidos recobram confiança em si mesmos e reunem-se à voz de Saladino; a batalha recomeça e os cruzados, dispersos pela colina e pela planície, espantam-se por se verem de novo atacados por um exército que êles julgavam exterminado. Se acreditarmos nas narrações das velhas crônicas, um incidente singular veio aumentar a perturbação dos cruzados; e foi causa de todos os males dêsse dia: um cavalo árabe, tomado ao inimigo, escapou no meio da luta e alguns soldados puseram-se a persegui-lo. Pensaram que êles estavam fugindo ante os muçulmanos; a notícia espalhou-se logo, de que a guarnição de Tolemaida fizera uma arremetida e que o acampamento dos cristãos fôra entregue ao saque e que os infiéis eram vencedores em tôda a linha. Então, os francos, não combateram mais nem pela vitória, nem pelos despojos, mas para conservar a vida; os campos ficam repletos de cruzados, que fogem e atiram longe suas armas. Em vão, seus chefes, os mais intrépidos, esforçam-se por contê-los e reconduzi-los ao combate; os mesmos chefes são levados pela multidão dispersa. André de Brienne é derrubado do cavalo quando procurava

reunir seus soldados. Estendido por terra é coberto de feridas; o ar ressoa com seus gemidos; o perigo que o ameaça, seus gritos dolorosos, não comovem seus companheiros de armas, nem seu próprio irmão Erardo de Brienne, que nada podia deter em sua fuga rápida. O Marquês de Tiro, abandonado pelos seus, ficou sòzinho na refrega e deveu sua salvação à generosa bravura de Guy de Lusignan. Gerardo de Avesnes tinha perdido seu cavalo de batalha e não podia mais nem combater nem fugir. Um jovem guerreiro cujo nome a história não diz, ofereceu-lhe então seu próprio cavalo e procurou a morte nas fileiras inimigas, satisfeito por ter salvo a vida de seu ilustre chefe. A milícia do templo, que resistiu quase sòzinha aos muçulmanos, perdeu seus mais bravos cavaleiros; o grão-mestre, caiu nas mãos dos muçulmanos, foi carregado de ferros, e no dia seguinte à batalha, recebeu a palma do martírio na tenda de Saladino. Depois dêsse desastroso combate, pelo fim do dia, os francos que tinham escapado à perseguição dos infiéis, voltaram no meio de mil perigos, ao seu acampamento, ameaçado por todos os lados por um exército vitorioso.

Na planície de Tolemaida, pisada durante o combate por mais de duzentos mil guerreiros, só se viam, no dia seguinte, para nos servirmos de uma imagem oriental, "aves de rapina e lôbos esfaimados, atraídos pelo mau cheiro dos cadáveres e da morte." Os cristãos não se atreviam a sair de suas defesas; a

mesma vitória não tranqüilizou Saladino, que durante várias horas tinha visto fugir todo seu exército. A maior desordem reinava no acampamento dos turcos, que tinha sido saqueado pelos escravos. Os soldados e os emires se haviam pôsto em perseguição dos escravos fugitivos: cada qual procurava suas bagagens, em todo o acampamento ouviam-se queixas e gemidos. No meio da confusão e do tumulto, o sultão não se pôde aproveitar da vantagem que acabava de obter sôbre os francos.

Aproximava-se o inverno e a maior parte dos emires persuadiu Saladino a deixar as planícies de Tolemaida. Num conselho reunido pelo sultão, êles lhe disseram que o exército, debilitado pelos combates, e êle também, tendo caído doente, tinham necessidade de descanso. Discutiram-se por muito tempo, diz Emmad-Eddin, tôdas as propostas que foram feitas, — *como se agita o leite para fazer manteiga,* — e finalmente decidiu-se que o exército iria acampar na montanha de Karouba.

Os cristãos, atribuindo essa retirada ao temor, sentiram a coragem voltar e retomaram com ardor os trabalhos do cêrco. Ficando senhores da planície, estenderam suas linhas sôbre tôda a cadeia de colinas que rodeia a planície de Tolemaida. O Marquês de Montferrato com suas tropas, os venezianos, os pisanos, e os cruzados comandados pelo Arcebispo de Ravena e pelo Bispo de Pisa, acompanharam ao Norte e estendiam-se desde o mar até a estrada de

Damasco. Perto do acampamento de Conrado, os hospitalários tinham erguido suas tendas num vale que lhes pertencia antes da tomada de Tolemaida pelos muçulmanos. Os genoveses ocupavam a colina que os historiadores contemporâneos chamam de monte *Musard*. Os franceses e os inglêses que tinham diante de si a tôrre *Maldita* estavam colocados no centro, sob as ordens do Conde de Dreux, de Blois, de Clermont, dos arcebispados de Besançon e de Cantuária. Perto do acampamento dos franceses baloiçavam-se os estandartes dos flamengos que o Bispo de Cambrai comandava, bem como Raimundo II, Visconde de Turene.

Guy de Lusignan acampou com seus soldados e cavaleiros, na colina de Thuron; essa parte do acampamento servia de cidadela e de quartel-general para todo o exército. O Rei de Jerusalém tinha consigo a Rainha Sibila, seus dois irmãos, Godofredo e Aimar de Lusignan; Honfroi de Thuron, espôso da segunda filha de Amaury, o patriarca Heráclio e o clero da Cidade Santa. Os cavaleiros do templo e a tropa de Tiago de Avesnes, tinham colocado seus quartéis entre a colina de Thuron e o Belo e defendiam o caminho que leva de Tolemaida, a Jerusalém. Ao Sul do Belo, viam-se as tendas dos alemães, dos dinamarqueses e dos frisões; êsses guerreiros do Norte comandados pelo Landgrave da Turíngia e pelo Duque de Gueldre, margeavam a

baía de Tolemaida e protegiam o desembarque dos cristãos que chegavam da Europa por mar.

Esta era a disposição das tropas diante de Tolemaida e a ordem que foi conservada durante todo o cêrco. Os cristãos cavaram fossos no flanco das colinas de que ocupavam os cumes. Ergueram em redor de seus quartéis, grandes muralhas e seu acampamento ficou de tal sorte fechado, diz um historiador árabe, que nem os pássaros lá podiam penetrar. Tôdas as torrentes que caíam das montanhas vizinhas tinham transbordado e cobriam a planície com suas águas. Os cruzados não tinham mais mêdo de serem atacados pelo exército de Saladino e continuavam o cêrco de Tolemaida, sem desanimar. Suas máquinas batiam dia e noite nas muralhas. A guarnição opunha feroz resistência, mas não se podia defender sem o auxílio do exército muçulmano. Todos os dias alguns pombos que traziam bilhetes sob as asas e mergulhadores que se lançavam ao mar, vinham notificar Saladino da situação de Tolemaida.

1190. Assim passou-se a estação das chuvas. À aproximação da primavera, vários príncipes muçulmanos da Mesopotâmia e da Síria vieram reunir-se com suas tropas sob os estandartes do sultão. Então Saladino deixou as montanhas de Karouba e seu exército, descendo para a planície de Tolemaida, avançou à vista dos cristãos, de insígnias desfraldadas, ao som de címbalos e de trombetas. Os

cruzados tiveram logo vários combates a sustentar; os fossos que êles tinham cavado foram embebidos com seu sangue e se tornaram *seus próprios sepulcros*. A esperança que êles tinham de se apoderar da cidade desapareceu ante a vista de um inimigo formidável. Êles tinham construído, durante o inverno, três tôrres rolantes semelhantes às de que Godofredo de Bouillon usara na tomada de Jerusalém. Essas três tôrres elevavam-se acima das muralhas de Tolemaida e ameaçavam destruir a cidade. Mas, enquanto a indústria guerreira dos sitiantes aumentava, como seus meios de ataque, um habitante de Damasco, fechado na praça, opunha-lhes invenções de seu gênio obstinado. Êle tinha composto um novo fogo grego ao qual nada podia resistir, e, numa batalha geral, no momento em que os dois exércitos estavam em luta, de repente as tôrres de madeira dos cristãos foram destruídas e reduzidas a cinzas, como se tivessem sido feridas pelo raio do céu. À vista dêsse incêndio a consternação foi tão grande no exército cristão, que o Landgrave da Turíngia julgou que Deus não protegia mais a causa dos cruzados e deixou o cêrco de Tolemaida, para voltar à Europa.

Saladino atacava sem cessar os francos e não lhes dava descanso. Tôdas as vêzes que os cristãos davam um assalto à cidade, o barulho dos címbalos e dos tambores ressoava nas muralhas para avisar as tropas muçulmanas, que voavam às armas e vinham ameaçar o acampamento dos cruzados.

O pôrto de Tolemaida estava sempre coberto de navios vindos da Europa e de navios muçulmanos, saídos dos portos do Egito e da Síria. Aquêles traziam socorro ao exército cristão, os outros à cidade. De longe, viam-se elevar nos ares e misturarem-se os mastros encimados pelas bandeiras da cruz, e os mastros que traziam as insígnias de Maomé. Os francos e os turcos foram testemunhas dos combates que seus navios, carregados de armas e de víveres, travavam, perto da praia. A vitória ou a derrota traziam ora a fartura ora a carestia, à cidade e ao acampamento dos cristãos. À vista de uma batalha naval, os guerreiros da cruz e os de Saladino, batendo nos escudos, anunciavam com seus gritos as esperanças ou as apreensões; às vêzes mesmo, os dois exércitos se dispersavam, atacando-se na planície para garantir a vitória ou vingar a derrota dos que combatiam nos navios.

Nesses combates, os muçulmanos muitas vêzes armavam ciladas aos cristãos e não deixavam de empregar todos os estratagemas da guerra. Os cruzados, ao contrário, só confiavam em seu valor e em suas armas. Um carro, chamado *Standard* por Gauthier Vinisauf, e pelos italianos, *Caroccio* sôbre o qual se erguia uma tôrre encimada por uma cruz e uma bandeira branca servia-lhes de ponto de reunião e os guiava no meio da batalha. Quando o exército se dispersava, o ardor da prêsa os fazia logo abandonar as fileiras; seus chefes, cuja autoridade era muitas vêzes desrespeitada, no tumulto dos combates,

tornavam-se simples soldados no meio da refrega, e não podiam opor ao inimigo que sua lança e sua espada. Saladino, mais respeitado pelos seus, comandava um exército disciplinado e muitas vêzes aproveitava-se da desordem, e da confusão dos cristãos, para combatê-los, com vantagem, e arrancar-lhes a vitória. Cada batalha começava ao despontar do dia; os cruzados eram quase sempre vitoriosos até a metade do dia; às vêzes êles, depois de ter invadido e saqueado as tendas dos muçulmanos, à tarde, quando voltavam carregados de despojos a seu acampamento eram atacados, pelo exército de Saladino, ou pela guarnição da praça.

Depois que o sultão deixou a montanha de Karouba, uma frota egípcia, entrou no pôrto de Tolemaida. Ao mesmo tempo, Saladino recebeu em seu acampamento seu irmão Malek-Adhel, que lhe trazia tropas recrutadas no Egito. Êsse duplo refôrço deu aos infiéis a esperança de triunfar sôbre os cristãos; mas sua alegria não tardou em ser perturbada pelos boatos que se espalhavam no Oriente. Acabava-se de saber que o Imperador da Alemanha tinha deixado a Europa à frente de um numeroso exército e avançava para a Síria. Saladino mandou tropas para encontrar-se com êsse terrível inimigo, e vários príncipes muçulmanos deixaram o exército para ir defender seus territórios, ameaçados pelos cruzados que vinham chegando do Ocidente. Embaixadores foram mandados ao califa de Bagdad, aos príncipes

da África e da Ásia, às potências muçulmanas da Espanha, para persuadi-los a reunir seus esforços contra os inimigos do islamismo. Numa das cartas que êle escreveu ao califa, Saladino exprimia suas apreensões sôbre a invasão contínua dos francos. "Não sòmente, dizia êle, o Papa de Roma, por sua própria autoridade restringiu aos cristãos o *beber e comer,* e ainda ameaçou de excomunhão todo aquêle que não marchasse com espírito de piedade para a libertação de Jerusalém. Êle promete partir êle mesmo, na próxima primavera, com uma grande multidão. Se a coisa fôr assim, todos os cristãos, homens, mulheres e crianças hão de querer segui-lo e então veremos acorrer todos os que crêem no *Deus gerado.*"

Enquanto os muçulmanos pediam assim auxílio, os cruzados rogavam todos os dias com gritos entusiastas, que os levassem à luta. Em sua impaciência, temiam que os alemães viessem partilhar com êles da conquista de Tolemaida. A multidão insiste com os chefes para dar o sinal da batalha e desfraldar as bandeiras vitoriosas da cruz. Os chefes, que não achavam a ocasião favorável, procuravam com suas palavras convencê-los a esperar e a conter o seu ardor imprudente: o clero fêz o céu falar para reter os soldados na obediência e na disciplina. Mas todos os esforços dos eclesiásticos e dos príncipes foram inúteis. A maior parte dos peregrinos desprezou ao mesmo tempo os conselhos da prudência humana e as ameaças da cólera divina. No dia da festa de

São Tiago, a revolta e a violência abriram tôdas as portas do acampamento, e a planície cobriu-se de uma multidão inumerável, que os autores árabes comparam à que se reunirá no vale de Josafá, no juízo universal. Essa multidão impetuosa, precipitando-se contra os muçulmanos penetrou até o meio do acampamento e, na embriaguez do triunfo, pensou ter pôsto em fuga todos os inimigos de Jesus Cristo. Mas, enquanto se deixava levar pelo ardor do saque, os muçulmanos, a princípio tomados de mêdo, sem tempo de se reunir, voltam a atacar os vencedores que saqueavam a tenda do irmão de Saladino. Como a maior parte dos cruzados tinha abandonado as armas, não puderam opor resistência alguma e foram tomados por um terror semelhante ao que êles mesmos haviam inspirado aos inimigos. Todos os que se haviam mostrado ardentes no saque, perdem a vida com os despojos de que estavam carregados e são degolados sem defesa nas mesmas tendas que acabavam de invadir.

"Os inimigos de Deus (são expressões de Boha-Eddin) ousaram entrar no acampamento dos leões do islamismo, mas experimentaram os terríveis efeitos da cólera divina: caíram sob o ferro dos muçulmanos como as fôlhas caem no outono, sob os golpes da tempestade. A terra ficou juncada de cadáveres amontoados uns sôbre os outros, semelhantes a galhos cortados que enchem os vales e as colinas trazidos das florestas." Outro historiador árabe assim fala

da sangrenta batalha: "Os cristãos caíram sob o ferro dos vencedores, como os maus cairão no último dia, na prisão de fogo. Nove colunas de morte cobriam a região que se estende entre a colina e o mar; cada coluna era de mil guerreiros."

Enquanto os chefes cristãos vencidos e dispersados pelo exército de Saladino, choravam a derrota, a guarnição de Tolemaida fêz uma arremetida, penetrou em seu acampamento e levou um grande número de mulheres e de crianças que lá estavam, sem defesa. Os cruzados, que a noite os tinha salvo da perseguição do vencedor, voltaram aos seus postos de defesa, deplorando sua dupla derrota. A vista de suas tendas saqueadas, as perdas que acabavam de sofrer, abateram-lhes a coragem; bem depressa souberam da morte de Frederico Barbarroxa, e dos desastres sofridos pelos alemães. Os dois exércitos preparavam-se, um para a defesa e o outro para o ataque, quando chegou esta notícia. Ficaram todo o dia sem combater; os muçulmanos entregues à alegria, e os cristãos, à dor. Em seu desespêro, os chefes dos peregrinos só pensavam em voltar para a Europa e para garantir a partida, procuravam obter de Saladino a paz a qualquer preço, quando uma frota apareceu no pôrto de Tolemaida trazendo muitos peregrinos franceses, inglêses e italianos, comandados por Henrique, Conde da Champanha.

Então a esperança voltou ao exército dos cruzados. Os cristãos viram-se de novo senhores do mar

e puderam por sua vez fazer Saladino tremer. Êste, retirou-se uma segunda vez para os montes de Karouba. Os ataques recomeçaram contra a cidade; o Conde da Champanha chamado pelos autores árabes o *grande conde,* tinha reanimado a coragem dos soldados da cruz; mandou construir aríetes de tamanho descomunal e duas enormes tôrres de madeira, aço, ferro e bronze, que lhe custaram mil e quinhentas peças de ouro. Enquanto essas máquinas formidáveis ameaçavam as muralhas, os cruzados vieram várias vêzes ao assalto e várias vêzes estiveram a ponto de içar o estandarte dos cristãos nos muros dos infiéis.

Os muçulmanos, encerrados na cidade, suportavam os horrores de um longo cêrco com constância heróica. Os emires Karacoush e Hossam-Eddin reanimavam sem cessar a coragem dos soldados. Vigilantes, presentes em tôda parte, empregando ora a fôrça, ora a astúcia, não deixavam escapar nenhuma ocasião de atacar os cristãos e de fazer gorar todos os seus ataques. Os muçulmanos queimaram tôdas as máquinas dos cruzados e fizeram várias arremetidas nas quais repeliram os cruzados e os impeliram até seu acampamento.

A guarnição recebia todos os dias novos reforços e socorros por mar; ora, barcas costeavam a praia e se lançavam no pôrto de Tolemaida, com o auxílio das trevas, ora navios, vindos de Beirute, disfarçados por hábeis muçulmanos, como francos, arvoravam a bandeira branca com uma cruz vermelha e enganavam

assim a vigilância dos cruzados. Êstes, para impedir tôda comunicação entre a cidade e o mar, resolveram apoderar-se da *tôrre das môscas,* que dominava o pôrto de Tolemaida. O Duque da Áustria foi encarregado dessa perigosa expedição. Um navio sôbre o qual se havia colocado uma tôrre de madeira, avançou para o forte, que queriam atacar, enquanto uma barca cheia de material combustível aos quais se havia pôsto fogo, foi lançada no pôrto, para queimar os navios muçulmanos. Tudo parecia indicar o êxito dessa ousada tentativa; mas o vento, que mudou de repente, enviou o barco incendiado para a tôrre de madeira dos cristãos que foi logo destruída pelas chamas. O Duque da Áustria, seguido por seus bravos guerreiros, já tinha subido de espada na mão na tôrre dos infiéis. À vista do incêndio que destruía o navio sôbre o qual tinha vindo êle, lançou-se ao mar, coberto de sangue e bem depressa chegou à praia.

Enquanto o Duque da Áustria atacava a *tôrre das môscas,* o exército cristão saíra do acampamento para dar um assalto à cidade. Os cruzados, sem resultado algum, praticaram prodígios de valor e foram obrigados a voltar para defender suas tendas, entregues às chamas e ao saque pelo exército de Saladino.

Foi no meio dessa dupla derrota, que Frederico, Duque da Suábia apareceu nas muralhas de Tolemaida. Soube-se na Palestina da marcha dos ale-

mães, através da Ásia Menor; a notícia levou por tôda a parte a fama de suas vitórias e os cristãos recobraram confiança e entusiasmo; mas, quando viram o pequeno número dos que haviam sobrevivido aos companheiros, quando os viram chegar, a maior parte, mortos de fome, cobertos de andrajos, com um aspecto deplorável, quando ouviram a descrição de suas desgraças, tiveram que encher o coração dos mais tristes pressentimentos.

Frederico quis marcar a sua chegada com um combate contra os muçulmanos. Os cristãos, dizem os autores árabes, saíram do acampamento — *como formigas que correm à pressa* — e cobriram os vales e as colinas. Vieram atacar as vanguardas do exército muçulmano que defendia o alto de Aidhia; mas seus batalhões não puderam dispersar as colunas dos infiéis. Depois de ter, várias vêzes, renovado os ataques com violência, cansados, perderam a esperança de vencer os inimigos e regressaram ao acampamento, onde a carestia que começava a se fazer sentir, não lhes permitiu reparar às fôrças esgotadas.

Cada chefe daquela multidão de cruzados estava encarregada de suprir a tropa que comandava e êles só tinham víveres para uma semana. Uma multidão de peregrinos não reconhecia os chefes, e só tinham trazido para a Síria o bastão de peregrino e a sacola. Quando chegava uma frota, os guerreiros cristãos viviam na abundância e quando não chegavam navios, faltavam-lhes as coisas mais necessárias

à vida. À medida que o inverno se aproximava e o mar se tornava tempestuoso, a carestia mais se fazia sentir.

Os cruzados já não esperavam socorro algum do Ocidente e não tinham mais esperanças em suas armas. Saíam todos os dias do acampamento para atacar os muçulmanos e procurar víveres. Numa das excursões penetraram até às montanhas vizinhas de Karouba onde Saladino estava acampado; mas os mais valentes dentre êles, caíram nas mãos dos infiéis e seu valor sempre infeliz não os pôde salvar da miséria, cujas devastações aumentavam dia a dia. Um carregamento de farinha que pesava duzentas e cinqüenta libras era vendido até por oitenta escudos, soma exorbitante que os mesmos príncipes não podiam pagar. O conselho dos chefes quis fixar o preço das provisões trazidas ao acampamento. Os que tinham víveres, então, esconderam-nos na terra e a carestia aumentou com as mesmas medidas que se haviam tomado para fazê-la cessar. Cavaleiros levados pela fome mataram seus cavalos; vendiam-se os intestinos de um cavalo ou de um animal de carga até por dez soldos de ouro; aquêles aos quais os alimentos mais vis ficavam como último recurso, chegaram mesmo a escondê-los para fazer sua mísera refeição, que se havia tornado objeto de inveja. Senhores, acostumados às delícias da vida, devoravam ervas selvagens e procuravam com avidez plantas e raízes que jamais teriam pensado pudessem servir

para a alimentação do homem. Cruzados, erravam pelos campos e em redor do acampamento como animais buscando pastagem e viram-se mesmo gentis-homens que não tinham com que comprar pão, roubá-los pùblicamente. Por fim, para completar o quadro dos horrores de flagelo que desolava o exército cristão, vários soldados da cruz fugiram para os muçulmanos; uns abraçaram o islamismo, para ter com que fazer frente às misérias, outros, embarcando em navios muçulmanos, enfrentando perigos de um mar tempestuoso, foram saquear a ilha de Chipre e as costas da Síria.

O inverno tinha começado; as águas cobriam a planície e a multidão dos cruzados ficou encerrada, confusamente nas colinas. Os cadáveres abandonados nas margens do rio ou lançados às torrentes exalavam um cheiro pestilencial. As moléstias contagiosas uniram-se aos horrores da fome. O acampamento dos cristãos ficou coberto de funerais e de luto; enterravam-se todos os dias de duzentos a trezentos peregrinos. Vários dos mais ilustres chefes do exército encontraram no contágio a morte, que tantas vêzes tinham buscado nos campos de batalha. Frederico, Duque da Suábia, escapou de todos os perigos da guerra e morreu em sua tenda, de miséria e de doença. Seus infelizes companheiros de armas, chorando a sua morte vagaram por muito tempo, segundo a expressão de uma velha crônica, *como ovelhas sem pastor*. Foram a Caifas e voltaram ao

acampamento de Tolemaida; muitos morreram de fome e os que restavam, perdendo a esperança na causa dos cristãos, pela qual tinham sofrido tantos males, voltaram ao Ocidente.

Para cúmulo de desgraça, Sibila, mulher de Guy de Lusignan, morreu com os dois filhos e sua morte lançou a discórdia entre os cruzados. Isabel, segunda filha de Amaury e irmão da Rainha Sibila, era herdeira do trono de Jerusalém. Conrado, senhor de Tiro, que o cronista Gauthier Visinauf compara a Sinon, pela duplicidade, a Ulisses pela eloqüência, a Mitrídates pela facilidade de falar diversas línguas, teve o desejo de reinar na Palestina e resolveu desposar Isabel, já casada com Honfroi de Thorun. Era preciso fazer cessar o casamento da princesa e, para isso dispor os ânimos, êle bajulou o povo, aliciou os grandes e distribuiu presentes e promessas. Em vão o Arcebispo de Cantuária opôs-lhe as leis da religião e o ameaçou com os castigos da Igreja: um conselho de eclesiásticos cassou o casamento de Honfroi de Thorun e a herdeira do reino tornou-se espôsa de Conrado, ao qual se censurou, no exército cristão, ter duas mulheres vivas, uma na Síria e outra em Constantinopla.

Tão grave escândalo não acalmou as divergências. Guy de Lusignan não deixara de reclamar seus direitos à coroa. Os cruzados, morrendo de fome, lutando contra as doenças contagiosas, com os flagelos da guerra, não se ocuparam mais, em

seu acampamento, que das pretensões dos dois príncipes rivais. Uns estavam comovidos com a desgraça de Guy de Lusignan e se declararam em seu favor. Outros, admiravam a bravura de Conrado e pensavam que o reino de Jerusalém tinha necessidade de um soberano que o soubesse defender. Censurava-se a Guy de Lusignan ter preparado o poder de Saladino: louvava-se, ao contrário, o Marquês de Tiro, por ter salvo as únicas cidades que restavam aos francos.

As dissensões passaram dos chefes aos soldados; iriam assim chegar à violência, para se saber a quem pertenceria um cetro quebrado e um título vão de rei. Os bispos acalmaram por fim os espíritos e determinaram os dois partidos a entregar o assunto ao juízo de Ricardo e de Filipe, que estavam sendo esperados.

Os dois monarcas, partindo de Gênova e de Marselha, se haviam primeiro dirigido a Messina. À sua chegada, Guilherme II acabava de morrer entre os preparativos para a guerra santa e sua sucessão tinha ateado a guerra entre a Sicília e o império germânico. Constância, herdeira de Guilherme, tinha desposado Henrique IV, Rei dos romanos e o tinha encarregado de defender sua herança; mas o irmão natural de Constância, Tancredo, amado pela nobreza e pelo povo, tinha usurpado o trono de sua irmã e lá se conservava pela fôrça das armas. Já as tropas alemãs, para sustentar os direitos de Cons-

tância, devastavam a Apulha, triste prelúdio dos flagelos que caíram mais tarde sôbre êsse infeliz reino, e cuja dolorosa narração misturar-se-á bem depressa à história de uma outra Cruzada.

A chegada dos príncipes cruzados deixou Tancredo alarmado, pois êle não estava muito seguro de sua autoridade. Êle temia em Filipe um aliado do Imperador da Alemanha e em Ricardo o irmão da Rainha Joana, viúva de Guilherme, que êle tinha maltratado e que conservava numa prisão. Não podendo combatê-los determinou desarmá-los com favores e obséquios. Conseguiu mais do que esperava, a princípio, com Filipe, e teve muito mais dificuldade para acalmar Ricardo, que, desde os primeiros dias de sua chegada, reclamou com altivez, o dote de Joana e apoderou-se de dois fortes que dominavam Messina. Logo os inglêses se viram em litígio com os súditos de Tancredo e o estandarte do Rei da Inglaterra foi erguido na capital mesma da Sicília. Com êsse ato de violência e de autoridade, Ricardo ultrajava a Filipe, de quem era vassalo. O Rei da França deu ordens para fazer desaparecer a bandeira dos inglêses; o impetuoso Ricardo obedeceu fremindo; essa submissão, embora acompanhada de ameaças, pareceu acalmar Filipe e pôr fim à guerra; desde êsse momento Ricardo recriminou a Tancredo, que procurou fazer nascer suspeitas sôbre a lealdade do Rei da França, e, para garantir a paz, lançou a divisão entre os cruzados.

Os dois reis acusaram-se um ao outro de traição e de perfídia: os franceses e os inglêses associaram-se ao ódio de seus monarcas. No meio dessas dissensões, Filipe insistiu com Ricardo que desposasse a Princesa Alix, que lhe tinha sido prometida em casamento; mas as circunstâncias tinham mudado e o Rei da Inglaterra rejeitou com desprêzo a irmã do Rei da França, que êle tinha mesmo procurado e pela qual tinha feito guerra a seu pai.

Desde muito tempo, Eleonora de Guiana, que havia deixado de ser Rainha dos franceses só para se tornar sua implacável inimiga, procurava dissuadir Ricardo dêsse matrimônio exigido por Filipe. Querendo terminar sua obra e lançar para sempre a divisão entre os dois reis, ela levou para a Sicília a Berengária, filha de Don Sancho de Navarra, que devia fazer desposar o Rei da Inglaterra. A notícia da sua chegada aumentou as suspeitas de Filipe e foi ainda para êle um motivo de queixa. A guerra estava a ponto de se declarar; alguns homens sensatos e piedosos se interpuseram; os dois reis fizeram novos juramentos e formaram uma nova aliança. A discórdia por um momento desapareceu; mas devia-se desconfiar de uma amizade que tinha necessidade de ser jurada tão freqüentemente e de uma paz, para a qual todos os dias se fazia um tratado.

Ricardo, que acabava de fazer guerra aos cruzados, entregou-se de repente aos excessos do arrependimento e da penitência; mandou reunir numa

capela os bispos que o tinham acompanhado e apresentou-se diante dêles de camisa, e, tendo na mão, diz um historiador inglês, — *três molhos de varas flexíveis* —, lançou-se de joelhos, confessou seus pecados, escutou seus conselhos, e se submeteu com docilidade à flagelação que tinha sofrido diante de Pilatos, o Salvador do mundo. Algum tempo depois dessa cerimônia singular, como seu espírito era naturalmente inclinado à superstição, êle teve o desejo de ouvir o Abade Joaquim, que vivia retirado nas montanhas da Calábria e que passava por profeta.

Numa viagem de Jerusalém o solitário tinha, dizia-se, recebido de Jesus Cristo a faculdade de explicar o apocalipse e de, ali, ler, como numa história fiel, tudo o que se devia passar sôbre a terra. A convite do Rei da Inglaterra, êle deixou seu retiro e dirigiu-se a Messina, precedido pela fama de suas visões e de seus milagres. A austeridade de seus costumes, a singularidade de suas maneiras, a obscuridade mística de seus discursos, atraíram-lhe a princípio a confiança e a veneração dos cruzados. Interrogaram-no sôbre o fim da guerra que se ia ferir na Palestina; êle predisse aos cruzados que Jerusalém seria libertada depois de sete anos da conquista de Saladino. "Por que então, disse-lhe Ricardo, nós viemos tão cedo? — Vossa chegada, replicou êle, é muito necessária; Deus vos dará a vitória contra seus inimigos e tornará célebre vosso nome sôbre todos os príncipes da terra."

Essa explicação, que não bajulava a paixão e a impaciência dos cruzados, não podia satisfazer ao amor próprio de Ricardo. Filipe pouco se impressionou com uma predição que foi, ademais, desmentida pelos fatos e não pensou em outra coisa que em enfrentar Saladino, vencedor tão temido, no qual o Abade Joaquim via uma das sete cabeças do dragão do Apocalipse. Quando a primavera tornou o mar navegável, êle embarcou para a Palestina. Lá foi recebido como o anjo do Senhor; sua presença reanimou o valor e a esperança dos cristãos, que, há dois anos, sitiavam Tolemaida. Os franceses colocaram seu quartel-general ao alcance do inimigo e depois de terem levantado suas tendas, prepararam-se para dar o assalto. Teriam podido, diz-se, tornar-se senhores da cidade, mas Filipe, inspirado por um espírito cavalheiresco, muito mais do que por uma sábia política, quis que Ricardo estivesse presente àquela primeira conquista. Essa generosa condescendência foi funesta para os cristãos e deu tempo aos habitantes da cidade de receber socorros.

Saladino tinha passado o inverno nas montanhas de Karouba; a fadiga, os combates, a carestia e as doenças tinham enfraquecido seu exército e êle mesmo estava debilitado, por um mal que os médicos não podiam curar, e que, várias vêzes, o tinha impedido de seguir os guerreiros ao campo de batalha. Quando êle soube da chegada dêsses dois poderosos exércitos, com os monarcas cristãos, pediu de novo,

por meio de embaixadores, o socorro dos príncipes muçulmanos. Em tôdas as mesquitas fizeram-se preces pelo seu triunfo e das armas muçulmanas e pela libertação do islamismo; em tôdas as cidades os imanes exortavam os povos a se armarem contra os inimigos de Maomé.

"Inúmeras legiões de cristãos, diziam êles, vieram dos países situados além de Constantinopla, para arrebatar nossas conquistas, com que se alegraram os discípulos do Alcorão e para disputar-nos uma terra onde os companheiros de Omar haviam chantado o estandarte do profeta. Não poupeis, nem vossa vida, nem vossas riquezas para vencê-los. Vossa marcha contra os infiéis, vossos perigos, vossos ferimentos, tudo, até a passagem da torrente, está escrito no livro de Deus. A sêde, a fome, o cansaço, a mesma morte, tornar-se-ão para vós, tesouros do céu e vos abrirão os jardins e os bosques deliciosos do paraíso. Em qualquer lugar que vos encontreis, a morte vos surpreenderá: nem vossas casas, nem vossas tôrres elevadas não vos defenderão contra seus golpes. Alguns dentre vós disseram: *Não vamos procurar os combates durante o calor do verão nem no rigor do inverno.* Mas o inferno será muito mais terrível do que os rigores do inverno e o calor do verão. Ide pois combater vossos inimigos, numa guerra empreendida pela religião: a vitória ou o paraíso vos esperam; temei a Deus mais que os infiéis. É Saladino que vos chama às suas bandeiras: Saladino é o amigo

do profeta, como o profeta é amigo de Deus. Se não obedecerdes, vossas famílias serão expulsas da Síria e Deus colocará em vossos lugares outros povos melhores do que vós. Jerusalém, a irmã de Medina e de Mecca, tornará a cair em poder dos idólatras que dão um filho, um companheiro, um igual ao Altíssimo e querem extinguir as luzes de Deus. Armai-vos então com o escudo da vitória; dispersai os filhos do fogo, os filhos do inferno, que o mar vomitou sôbre nossas praias e lembrai-vos das palavras do Alcorão: *Aquêle que abandonar sua morada, para defender a santa religião, encontrará a abundância e um grande número de companheiros.*"

Animados por estas palavras, os muçulmanos, correram às armas e de tôda a parte vieram para o acampamento de Saladino, que êles consideravam como o braço da vitória e o filho querido do profeta.

Durante êsse tempo, Ricardo tinha-se atrasado na marcha, por interêsses estranhos à Cruzada. Enquanto seu rival esperava para tomar uma cidade dos turcos e queria dividir com êle tudo, até a glória, êle se tornava senhor de um reino e o conservava para si mesmo.

Saindo do pôrto de Messina, a frota inglêsa foi dispersada por uma violenta tempestade; três navios naufragaram nas costas de Chipre; os infelizes que escaparam ao naufrágio foram maltratados pelos habitantes e aprisionados; um navio que levava Berengária de Navarra e Joana, Rainha da Sicília, chegou

diante de Limisso, mas não pôde entrar no pôrto. Pouco tempo depois, Ricardo chegou com a frota que êle conseguira reunir; recebeu também uma recusa injuriosa. Isaac, da família dos Comenos, que, durante as agitações de Constantinopla, se tinha apoderado da ilha de Chipre e a governava com o título faustoso de imperador, teve a ousadia de ameaçar o Rei da Inglaterra.

As ameaças foram sinal de guerra e de lado a lado pegaram em armas. Isaac não pôde resistir ao primeiro ataque dos inglêses; suas tropas foram batidas e dispersadas; suas cidades abriram as portas ao vencedor; o Imperador de Chipre, caiu nas mãos de Ricardo, que, para humilhar sua vaidade e sua ambição, mandou prendê-lo com cadeias de prata. O Rei da Inglaterra, depois de ter libertado os habitantes de Chipre de um senhor que êles chamavam de tirano, fê-los pagar por êsse benefício a metade de seus bens e tomou posse da ilha que foi erigida em reino e que ficou mais de trezentos anos sob o domínio dos latinos.

Foi nessa ilha, depois da vitória e nas proximidades da ántiga Amatonte, que Ricardo celebrou seu matrimônio com Berengária de Navarra; partiu depois para a Palestina, levando Isaac, e a filha dêsse infeliz príncipe, na qual, diz-se, a nova rainha encontrou uma perigosa rival. Antes de chegar às costas da Síria êle encontrou um navio muçulmano com guerreiros intrépidos e carregado de tôda espécie

de provisões de guerra. Depois de um combate violento o navio desapareceu, tragado pelas águas e a notícia dessa vitória precedeu Ricardo no acampamento dos cristãos. Sua chegada foi celebrada com fogos de alegria, acesos nos campos de Tolemaida.

Depois que os inglêses reuniram suas tropas ao exército cristão, a cidade sitiada teve ante suas muralhas tudo o que a Europa tinha de mais ilustre de oficiais e cavaleiros. As tendas dos francos cobriam uma vasta planície e seu exército apresentava um espetáculo imponente: vendo-se do mar, de um lado as tôrres e as muralhas de Tolemaida e do outro o acampamento dos cristãos, onde se haviam construído casas, traçado ruas, erguido fortalezas, ter-se-ia imaginado duas cidades rivais, que se haviam declarado guerra.

A presença dos dois monarcas lançou a inquietação e o terror entre os muçulmanos. O Rei da França passava no Oriente por um dos príncipes mais ilustres da cristandade; os muçulmanos diziam que o Rei da Inglaterra sobrepujava aos demais príncipes cristãos por sua coragem e pela atividade de seu gênio. Ricardo e Filipe demonstraram a princípio amizade recíproca e todo o exército, a seu exemplo, pareceu ter esquecido as antigas divergências.

Se êsse acôrdo tivesse subsistido por algum tempo os cristãos teriam podido fàcilmente triunfar dos seus inimigos; mas, que união poderia resistir às

lembranças do passado e aos motivos de rivalidade, que todos os dias fazia nascer? Celebrava-se no acampamento, sem cessar, a conquista da ilha de Chipre e os louvores feitos a Ricardo importunavam a Filipe Augusto, que reclamava em vão a metade do país conquistado, segundo as condições do tratado de Vezelay. O exército de Ricardo era muito mais numeroso que o de Filipe; e, como o primeiro tinha esgotado seu reino antes de embarcar, seu tesouro estava mais reduzido que o do Rei da França. Filipe, à sua chegada, tinha prometido três escudos de ouro por mês aos cavaleiros que estavam sem sôldo e todos louvavam sua generosidade. Ricardo prometeu-lhes quatro peças de ouro e fêz esquecer os benefícios do monarca francês. Filipe não podia ver sem inveja que um príncipe que era seu vassalo, tivesse mais prestígio do que êle no exército e Ricardo não queria obedecer a um soberano que êle sobrepujava em poder e, talvez, em bravura.

No entretanto os trabalhos do cêrco continuavam sem tréguas; erguiam-se as máquinas, todos os dias davam-se novos assaltos; mas raramente os franceses e os inglêses combatiam juntos e cada combate era sempre motivo de discórdia, pois os cruzados que ficavam no acampamento censuravam os que tinham combatido por não terem vencido os inimigos, e êstes, censuravam aos outros, por não os terem ajudado no perigo.

Os debates ocasionados pelas pretensões ao trono de Jerusalém, renovaram-se então com mais furor. Filipe, à sua chegada, se havia manifestado por Conrado: foi um motivo para que Ricardo se declarasse por Guy de Lusignan. O exército cristão perturbou-se e dividiu-se em dois partidos. De um lado os franceses, os alemães, os templários, os genoveses: de outro, os inglêses, os pisanos, os hospitalários. No meio das dissensões, Conrado retirou-se para a cidade de Tiro e mostrou que não queria fazer nenhum sacrifício, para a união dos cristãos.

O rei da Inglaterra e o rei da França tinham adoecido ao chegar ao acampamento de Tolemaida. Essa circunstância infeliz esfriou um instante os progressos do cêrco e deu alguma esperança aos infiéis. Filipe ficou alguns dias em sua tenda e pouco depois montou a cavalo, para encorajar os combatentes com sua presença; Ricardo, cuja doença era mais grave, mostrava-se impaciente por combater e essa impaciência, diz seu historiador, atormentava-o mais que a febre que lhe queimava o sangue.

Durante a doença, Filipe e Ricardo tinham mandado embaixadores a Saladino e a história conservou as tratativas generosas, as demonstrações de gentileza que acompanharam as negociações entre soberanos, que se digladiavam. Saladino, segundo Brompton, oferecia aos reis cristãos frutos de Damasco, e êstes davam de presente ao príncipe muçulmano jóias e brincos. Essas maneiras, desconhe-

cidas até então, apresentavam estranho contraste com a animosidade bárbara dos combatentes. Também os cruzados não podiam explicar essas relações que lhes causavam surprêsas, e, no estado de perturbação em que se encontravam os espíritos, mostravam-se mais dispostos a crer na perfídia e na traição do que na generosidade. Os partidários de Ricardo acusaram Filipe, e os de Filipe, censuraram a Ricardo de manter negociações culpáveis com os muçulmanos. O Rei da França respondia às acusações, dando todos os dias combate aos turcos, e o rei da Inglaterra, sempre doente, muitas vêzes se fazia levar para junto das muralhas da cidade, para excitar, com seu exemplo, o entusiasmo dos cruzados.

No entretanto, os perigos do exército, a glória da religião, o interêsse da Cruzada, sufocaram por uns instantes a voz das facções, e persuadiram aos cruzados a se reunir contra um inimigo comum. Depois de longas discussões, decidiram que Guy de Lusignan conservaria o título de rei durante sua vida e que Conrado e seus descendentes sucederiam a êle no reino de Jerusalém. Combinaram ao mesmo tempo que quando um dos dois monarcas atacasse a cidade, o outro vigiaria pela segurança do acampamento e resistiria ao exército de Saladino. Êsse ajuste restabeleceu a harmonia; os guerreiros cristãos, que haviam estado a ponto de tomar as armas uns contra os outros, só disputaram então a glória de vencer os infiéis.

O cêrco foi retomado com novo ardor, mas os sitiados tinham empregado em fortificar a cidade, o tempo que os cruzados acabavam de perder, em inúteis discussões. Êstes, quando se apresentaram diante das muralhas, encontraram uma resistência que não esperavam. O exército de Saladino anulava sem cessar o esfôrço dos cruzados, atacando o exército cristão. Desde o nascer do dia, o rumor dos címbalos e das trombetas, sinal de combate, ressoava no acampamento dos turcos e nas muralhas de Tolemaida; Saladino estimulava seus soldados com sua presença; seu irmão, Malek-Adhel, dava exemplo da bravura. Duas vêzes os cruzados tentaram um ataque geral, e duas vêzes foram obrigados a voltar atrás, para defender seu acampamento, ameaçado por Saladino.

Num dêsses ataques, um cavaleiro defendeu sòzinho uma das portas do acampamento, contra uma multidão de muçulmanos. Os autores árabes comparam êsse cavaleiro com um demônio animado por todos os fogos do inferno. Uma enorme couraça cobria-o inteiramente; as flechas, as pedras, os golpes de lança, não o alcançavam; todos os que dêle se aproximavam eram mortos; e êle, sòzinho, no meio dos inimigos, eriçado de dardos, parecia nada ter a temer. Êsse bravo guerreiro só pôde ser pôsto fora de combate por meio do fogo grego, atirado sôbre sua cabeça; devorado pelas chamas êle morreu, se-

melhante àquelas máquinas enormes dos cristãos, que os infiéis tinham queimado sob os muros da cidade.

Todos os dias os cruzados duplicavam seus esforços e por sua vez repeliam o exército de Saladino ou ameaçavam a cidade de Tolemaida. Num de seus assaltos, viram-nos encher os fossos da praça, com os cavalos mortos e cadáveres de seus companheiros, que haviam sucumbido sob os ferros inimigos ou ceifados pelas enfermidades. Os inimigos retiravam os mortos empilhados junto das muralhas pelos cristãos e os lançavam em pedaços sôbre as bordas dos fossos, onde a espada dos combatentes batia sem cessar, fazendo novas vítimas. Nem o espetáculo da morte, nem os obstáculos, nem as fadigas, nada podia deter os cristãos. Quando suas tôrres de madeira e seus aríetes foram reduzidos a cinzas, êles cavaram a terra e avançaram por caminhos subterrâneos, até debaixo dos alicerces das muralhas. Cada dia empregavam-se novos meios, novas máquinas, para bater as muralhas. Um historiador árabe narra que êles elevaram perto de seu acampamento uma colina de terra de altura extraordinária. Atirando sem cessar terra diante de si, êles fizeram avançar pouco a pouco essa montanha para as muralhas da cidade. Estava separada da mesma apenas pela metade da distância que percorre uma flecha; os infiéis saíram da praça e precipitaram-se diante dessa massa enorme, que, cada dia se aproximava e ameaçava suas muralhas. Armados de espadas, de gan-

chos, de pás, de enxadas, êles combateram contra os que a faziam mover e não puderam detê-la, senão cavando vastos fossos à sua passagem.

Os franceses distinguiam-se entre todos os guerreiros cristãos e dirigiam seus ataques contra a *Tôrre Maldita*, a Leste da cidade. Já ela começava a se abalar e devia logo oferecer aos assaltantes um caminho para entrarem na praça. A guerra, as doenças, a carestia, tinham enfraquecido a guarnição, a cidade sentia falta de víveres, de munições de guerra e de fogo grego; os guerreiros, que tinham resistido a tôdas as fadigas, perdiam a coragem; o povo murmurava contra Saladino e contra os emires. Nessa contingência, o comandante da cidade, chamado Meschtoub, dirigiu-se à tenda de Filipe Augusto e disse-lhe: "Há quatro anos que nós somos senhores de Tolemaida. Quando os muçulmanos aqui entraram, êles deixaram liberdade a todos os habitantes, de se dirigir para onde quisessem, com suas famílias; hoje nós vos oferecemos a cidade, e vos pedimos sòmente, as mesmas regalias que concedemos aos cristãos." O Rei da França, depois de ter reunido os principais chefes do exército, respondeu que os cruzados não consentiriam em poupar os habitantes e a guarnição de Tolemaida, se os muçulmanos não entregassem Jerusalém e tôdas as cidades cristãs que haviam caído em seu poder depois da batalha de Tiberíades. O chefe dos emires, irritado com essa recusa, retirou-se jurando por Maomé, sepultar-se nas

ruínas da cidade: *"Nossos últimos esforços serão terríveis,* exclamou êle, — *quando o anjo Redouan conduzir um de nós ao paraíso, o sinistro Malek precipitará cinqüenta dos vossos no inferno."*

Voltando à praça, o comandante fêz passar sua coragem e sua indignação a tôdas as almas. Quando os cristãos recomeçaram os assaltos, foram repelidos com um vigor que os encheu de surprêsa. "As ondas tumultuosas dos francos, para usarmos a linguagem dos autores árabes, rolavam contra as muralhas da praça, com a rapidez de uma torrente que se vai lançar num lago; êles subiam às muralhas semi-destruídas, como cabras selvagens, encarapitando-se em rochedos escarpados; enquanto os muçulmanos se precipitavam contra êles como pedras sôltas do alto das montanhas."

A coragem dos muçulmanos era-lhes inspirada pelo desespêro; mas o ardor que o desespêro inspira é passageiro. Logo os soldados do islamismo caíram em profundo abatimento. Os auxílios que Saladino tinha prometido não chegavam e nada podia salvar a cidade. Vários emires fugiram durante a noite numa barca para procurar asilo no acampamento de Saladino, preferindo expor-se às censuras do sultão a perecer no meio das águas ou pela espada dos cristãos. Aquela deserção e a vista das tôrres destruídas aumentaram o terror dos muçulmanos. Enquanto os pombos e os mergulhadores anunciavam a Saladino a horrível situação dos habitantes da ci-

Assalto de Tolemaida.

dade, êstes determinaram sair durante a noite e enfrentar o perigo, para se reunir ao exército do sultão; mas seu projeto foi descoberto pelos cruzados, que lhes fecharam tôdas as saídas pelas quais poderiam escapar. Os infiéis então, só pensaram em salvar a vida com uma capitulação que foi aceita. Prometiam fazer aos francos a restituição do lenho da verdadeira cruz, com mil e seiscentos prisioneiros, prometeram também pagar além disso duzentas mil peças de ouro aos chefes do exército cristão. Como reféns, tôda a população da cidade ficaria em poder dos vencedores, até o completo cumprimento do tratado.

Um soldado muçulmano escapou da cidade e foi contar a Saladino que a guarnição fôra obrigada a capitular. O sultão que tencionava dar um último assalto recebeu essa notícia com profunda tristeza. Convocou um conselho para saber se êles aprovavam a capitulação, mas apenas os emires haviam chegado à sua tenda, esvoaçaram nas muralhas de Tolemaida os estandartes dos cristãos.

O cêrco de Tolemaida durou mais de dois anos e nêle os cruzados derramaram mais sangue e mostraram mais coragem do que seria preciso para conquistar a Ásia. "No espaço de dois anos, diz Emmad-Eddin, o ferro muçulmano imolou mais de sessenta mil infiéis; à medida que êles morriam na terra, multiplicavam-se no mar; tôdas as vêzes que êles nos ousaram atacar, foram mortos ou feito pri-

sioneiros; no entretanto, outros substituíam-nos, e, de cada cem que morriam, apareciam outros mil." Que motivo de meditação e de surprêsa, esta guerra, à qual acorriam povos do Norte e do Sul, os quais, sem terem combinado coisa alguma, sem serem excitados ou obrigados por algum poder da terra, vinham combater, sob os muros de uma cidade da Síria, um inimigo que êles não conheciam e do qual para si mesmos, nada tinham a temer.

Quando levamos nosso pensamento aos fatos que acabamos de descrever, admiramos o heroísmo, a constância, a resignação dos cruzados; mas nos admiramos ao mesmo tempo da direção que circunstâncias pouco importantes dão algumas vêzes aos interêsses humanos. Um rei fugitivo, que não encontra asilo em seu território, vai de repente, seguido por alguns soldados, sitiar uma cidade; tôda a cristandade então, tem seus olhos voltados para êsse ponto e para lá se dirigem tôdas as fôrças do Ocidente, sem que nenhum príncipe, nenhum monarca, pense em tentar uma emprêsa mais importante. De um lado, vemos os impérios a tomar as armas à voz da religião; que vemos do outro? A colina de Thuron e as margens do Belo, sôbre as quais vem se concentrar e morrer aquela violenta tempestade que abalou o mundo. Êsse longo cêrco de Tolemaida, tão cheio de glória, não foi para os francos como uma armadilha da fortuna dos muçulmanos e a obstinação que se empregou então na conquista de uma cidade,

que não era a Cidade Santa, não contribuiu para salvar o Oriente e talvez o islamismo das emprêsas do mundo cristão?

Nos numerosos combates que travaram os navios turcos e os navios francos, durante o cêrco, pudemos notar que os cristãos tinham o mais das vêzes vantagem sôbre os inimigos e foi essa superioridade da marinha do Ocidente que salvou o exército cristão. Muitas vêzes uma tempestade e a estação das chuvas e das tempestades fizeram mais mal aos cruzados do que todos os guerreiros de Saladino. Se os muçulmanos se tivessem tornado temíveis pelas fôrças navais, e se Saladino, em lugar de reunir exércitos, tivesse organizado frotas para defender as costas da Síria, os exércitos da Europa não teriam jamais podido reunir-se e a fome teria ceifado todos os cristãos que vinham à Palestina.

Nesses grandes acontecimentos mostraram-se a fôrça, o gênio e as paixões do homem; na longa luta entre cristãos e muçulmanos pudemos conhecer suas fôrças e seu poder, pudemos estudar seu caráter e seus costumes.

Não falaremos aqui de suas diferentes armas, nem de sua tática e de suas evoluções militares. No cêrco de Tolemaida, os francos e os turcos aperfeiçoaram os meios de ataque e de defesa. Os muçulmanos deram ao fogo grego uma forma e uma atividade que não eram conhecidas nas guerras precedentes; por seu lado, os cristãos construíram máquinas

que causaram ao mesmo tempo a admiração e o terror dos inimigos. De ambos os lados, nada se deixou de fazer para tornar a guerra mais mortífera e mais cruel, e, no furor que animava os combatentes, admiramo-nos de que não tenham feito uso de flechas envenenadas, como então, na Ásia. Num navio muçulmano que trazia munições de guerra a Tolemaida e de que Ricardo se apoderou, chegando à Síria, encontraram serpentes e crocodilos destinados a levar a morte e o terror aos cruzados. Êstes, jamais teriam recorrido a tão horríveis auxiliares, mas êles tinham trazido da Sicília, pedras negras, provenientes das lavas do Etna, que causaram grandes prejuízos às cidades e que os muçulmanos comparavam aos raios lançados contra os anjos rebeldes.

Nos combates e assaltos que cada dia se travavam, não vemos a coragem dos soldados da cruz sustentada por visões e milagres como nas outras guerras santas. Uma única crônica refere que a Virgem, Mãe do Salvador, num hábito de alvura resplandecente, apareceu durante a noite a alguns guerreiros, que vigiavam junto das muralhas da cidade. No entretanto, o entusiasmo religioso não tinha limites, e jamais se viu um número tão grande de prelados e de eclesiásticos em armas. O clero latino, que, na sua pregação, tinha tantas vêzes repetido que a morte numa guerra contra os muçulmanos, abria aos peregrinos a porta do céu, não quis êle mesmo privar-se dêsse meio de salvação. Embora

os padres do islamismo não tomassem às armas, já vimos que êles não consideravam menos esta guerra como uma guerra sagrada e o mais ilustre dos cádis muçulmanos, escrevia a Saladino: "A língua de nossas espadas é muito eloqüente para nos obter o perdão de nossas faltas."

O fanatismo duplicou muitas vêzes o furor da matança. No excesso de seu ódio religioso os muçulmanos massacraram várias vêzes os mesmos cativos desarmados; vimo-los queimar prisioneiros cristãos no campo de batalha; os cruzados também imitaram a barbárie de seus adversários.

Tal é no entretanto o ascendente da humanidade sôbre os corações mais ferozes, que se viram então, guerreiros recuar de horror ante a matança que êles tinham feito, e esquivarem-se êles mesmos dos transportes de sua própria fúria. Num assalto à cidade, mineiros muçulmanos e mineiros cristãos encontraram-se nos subterrâneos, e, como se a vista das ruínas acumuladas em redor dêles, como se o aspecto de túmulo que êles tinham cavado lhes houvesse dado sentimentos generosos, êles depuseram as armas e fizeram entre si um tratado de paz, deixando a outros o encargo de continuar uma guerra que os tornava mais bárbaros do que êles quiseram ser.

Comparou-se o cêrco de Tolemaida ao cêrco de Tróia e tal comparação não deixa de ser muito própria. Os guerreiros cristãos e os guerreiros muçulmanos muitas vêzes provocaram-se para combates

Torneios entre cavaleiros cristãos e sarracenos.

singulares e cobriam-se de injúrias, como os heróis de Homero; mulheres cobertas com o capacete e a couraça disputaram com os cavaleiros o prêmio da bravura e foram encontrados entre os mortos que cobriam o campo de batalha; a mesma infância não ficou alheia à luta: viram-se crianças sair da cidade sitiada e ir combater contra as crianças dos cristãos, na presença dos dois exércitos.

Às vêzes o furor da guerra dava lugar aos prazeres da paz e os francos e os turcos esqueciam por instantes o ódio que os havia feito tomar as armas. Durante o cêrco, celebraram-se na planície de Tolemaida vários torneios aos quais os muçulmanos eram convidados. Os campeões dos dois partidos, antes de entrar na arena, confabulavam uns com os outros; o vencedor era levado em triunfo e o vencido, resgatado como prisioneiro de guerra. Nessas festas guerreiras que reuniam as duas nações, os francos dançavam muitas vêzes ao som de instrumentos árabes e seus menestréis cantavam também para os muçulmanos dançarem.

A maior parte dos emires, a exemplo de Saladino, mostrava uma austera simplicidade em suas vestes e em suas maneiras. Um autor árabe compara o sultão, na sua côrte, rodeado de seus filhos e de seus irmãos, ao astro da noite que lança uma luz sombria no meio das estrêlas; sua ornamentação consistia apenas na beleza de seus cavalos, no brilho de suas armas e de seus estandartes, sôbre os quais

faziam pintar plantas e flôres, abricós e outros frutos de côr dourada. Os principais chefes da Cruzada não tinham a mesma simplicidade. As crônicas inglêsas se comprazem em louvar o fausto e a magnificência que o Rei Ricardo exibiu em sua peregrinação; como se havia visto na primeira guerra santa, os príncipes e os barões tinham levado consigo suas equipagens de pesca e de caça e o luxo de seus palácios e de seus castelos. Entre os falcões do Rei da França, diz um autor árabe, havia um, de côr branca de uma espécie muito rara. *O rei* (repetimos aqui a narração singela do cronista oriental) *estimava muito essa ave e o pássaro também amava o seu soberano;* êsse falcão, escapou e foi poisar nas muralhas da cidade; todo o exército cristão movimentou-se para capturar a ave fugitiva. Tendo sido aprisionado pelos muçulmanos e levado a Saladino, Filipe mandou um embaixador ao sultão para resgatá-lo, mandando oferecer-lhe uma soma em ouro que teria sido suficiente para o resgate de vários prisioneiros cristãos.

O acampamento de Tolemaida, onde tôdas as artes mecânicas e ofícios tinham seguido os cristãos peregrinos, se assemelhava a uma grande cidade da Europa. Havia mercados onde se vendiam todos os produtos do Oriente e do Ocidente; o movimento do comércio, os trabalhos da indústria misturavam-se por tôda a parte à atividade da guerra e ao rumor das armas. Devemos crer que a cobiça e a avareza

aproveitaram-se muitas vêzes da miséria dos cruzados; as crônicas falam de um pisano, que durante a carestia tinha ajuntado uma grande quantidade de trigo, recusando-se vendê-lo, na esperança de conseguir assim um lucro maior. As chamas destruíram o armazém daquele ambicioso negociante e os pobres peregrinos não deixaram de reconhecer nessa ocasião a estrepitosa justiça de Deus.

Abd-Allatif que estêve no cêrco de S. João de Acre, narra-nos particulares sôbre o acampamento dos muçulmanos. "No meio havia uma vasta praça, diz o cronista árabe, contendo cêrca de cento e quarenta lojas de ferreiros; viam-se cozinhas por tôda a parte, e numa só havia vinte e oito marmitas, podendo conter cada uma, uma ovelha. Eu mesmo fiz a conta das lojas registradas pelo inspetor do mercado; contei mais de sete mil. Uma dessas lojas do acampamento seria como cem das de nossas cidades. Tôdas estavam bem providas. Quando Saladino mudou de acampamento para se retirar a Karouba embora a distância fôsse pequena, custou, sòmente a um negociante de manteiga, setenta peças de ouro, o transporte de seu armazém. O mercado de vestes novas e de velhas, era tal que supera à nossa imaginação. Contavam-se no acampamento mais de mil banhos, mantidos por homens da África."

A miséria, que afligia muitas vêzes o acampamento dos cruzados, não impedia a um grande número dentre êles entregarem-se aos excessos da

licença e da devassidão. Viam-se reunidos no mesmo lugar todos os vícios da Europa e da Ásia. Se acreditarmos num historiador árabe, na mesma ocasião em que os francos sofriam a amargura da carestia, das doenças contagiosas, chegou ao acampamento um grupo de trezentas mulheres que vinham do Ocidente. Essas trezentas mulheres, cuja presença no exército cristão era um escândalo para os muçulmanos, prostituíam-se para os soldados da cruz e não tinham necessidade, para corrompê-los, de empregar os encantos de Armida do Tasso.

No entretanto o clero exortava sem cessar os peregrinos a seguir os preceitos do evangelho. No acampamento dos cristãos, várias igrejas encimadas por campanários de madeira, reuniam todos os dias os fiéis. Muitas vêzes os muçulmanos aproveitavam o momento em que os cristãos assistiam à celebração da Missa, para atacar as muralhas desguarnecidas de soldados. Nessa corrupção geral, o cêrco de Tolemaida apresentou vários exemplos de edificação. Nos acampamentos, no campo de batalha, a caridade velava sem cessar em tôrno dos soldados cristãos, para aliviar-lhes a miséria, para cuidar de suas feridas e enfermidades.

Havia-se organizado associações de homens piedosos para assistir aos moribundos e sepultar os mortos. Um pobre padre da Inglaterra mandou construir às suas custas, na planície de Tolemaida, uma capela consagrada aos mortos; tinha mandado

benzer em redor da capela um vasto cemitério, no qual, cantando êle mesmo o ofício dos mortos, seguiu o funeral de mais de cem mil peregrinos.

Durante o cêrco, os guerreiros do Norte haviam-se encontrado em grave situação e não se podiam fazer entender por outras nações. Alguns gentis-homens de Lubeck e de Bremem vieram em seu auxílio, fizeram tendas com as velas dos navios para abrigar os pobres soldados de sua nação e cuidaram dêles em suas enfermidades; quarenta senhores alemães tomaram parte nessa generosa emprêsa e essa associação foi a origem da ordem hospitalar e militar dos cavaleiros teutônicos. Foi também nessa época que se fundou a instituição da SS. Trindade que tinha por objeto resgatar os cristãos que estavam em poder dos muçulmanos.

Continuação do

LIVRO OITAVO

Filipe e Ricardo dividem as riquezas encontradas em Tolemaida; divergência entre êste e o Duque Leopoldo da Áustria; Conrado volta de repente a Tiro; Filipe Augusto volta à França; Saladino viola as condições da capitulação e Ricardo massacra os prisioneiros muçulmanos; os cruzados tomam o caminho de Jerusalém; dificuldades que encontram; vencem em Arsur; posição respectiva dos cristãos e dos turcos depois dessa batalha; Conrado e Ricardo entram em tratativas com o sultão; crueldade do Rei da Inglaterra; marcha contra Jerusalém, que Saladino defende em pessoa; os cruzados retiram-se para Ascalon e tornam a erguer-lhe as muralhas; desunião entre os chefes; Conrado é nomeado Rei de Jerusalém e depois, assassinado por dois ismaelitas; Henrique, Conde da Champanha sucede-o no marquesado de Tiro, depois vai encontrar-se com Ricardo que fazia ainda guerra aos infiéis; o monarca inglês pensa em voltar à pátria; suas hesitações; um conselho composto de cavaleiros e de barões decide a retirada para o mar; o sultão toma Joppé, que Ricardo depois reconquista com atos prodigiosos de valor; Saladino consente em assinar a paz; Ricardo embarca e deixa o Oriente. — Resumo da terceira Cruzada.

Quando eu visitei em 1831 S. João de Acre e seus arredores, para seguir as pegadas de nossos velhos cruzados, ali encontrei vestígios e recordações da França, mais próximos dos nossos tempos. Devemo-nos lembrar de que em 1798, o General Bonaparte, vencedor do Egito, passou à Síria com seu exército e cercou S. João de Acre, ou Tolemaida; eu vi no monte Carmelo e nas margens do Belo, os túmulos dos franceses ceifados no último cêrco; o monte Tabor e os campos da Galiléia conservam ainda a recordação das vitórias de Bonaparte e de seus companheiros. Essas duas guerras produziram igualmente prodígios de bravura, mas, que diferença de sentimentos animavam os chefes e os soldados de uma e outra épocas! Na primeira expedição, combate-se em nome da religião dos antepassados; na segunda, combate-se apenas em nome de uma revolução que ameaça destruir a mesma religião. Na Cruzada de Filipe Augusto e de Ricardo Coração-de-Leão, o nome de Jerusalém era suficiente para inflamar a coragem; na campanha de Napoleão, nem mesmo se pronuncia o nome da Cidade Santa, e, naquele exército vindo do antigo reino de São Luís ninguém pensa em saudar o túmulo de Cristo. Não

há nisso algo de mistérioso que a história não pode explicar? Pois nas duas guerras, é sempre o Ocidente que vai procurar o Oriente e que tende a dêle se aproximar.

Enquanto os homens fazem rumorosamente suas revoluções cujo alcance nem sempre conhecem, a providência continua as suas em silêncio e serve-se de meios e de instrumentos que julga convenientes aos seus desígnios. A necessidade de uma aproximação entre as nações distantes, êsse mistério escondido até aqui à nossa fraca política não se começaria a explicar, pelo que acontece além dos mares, no momento em que escrevemos? Voltaremos a êsse assunto quando estivermos examinando os resultados prováveis e o verdadeiro objeto das Cruzadas. Retomemos nosso assunto.

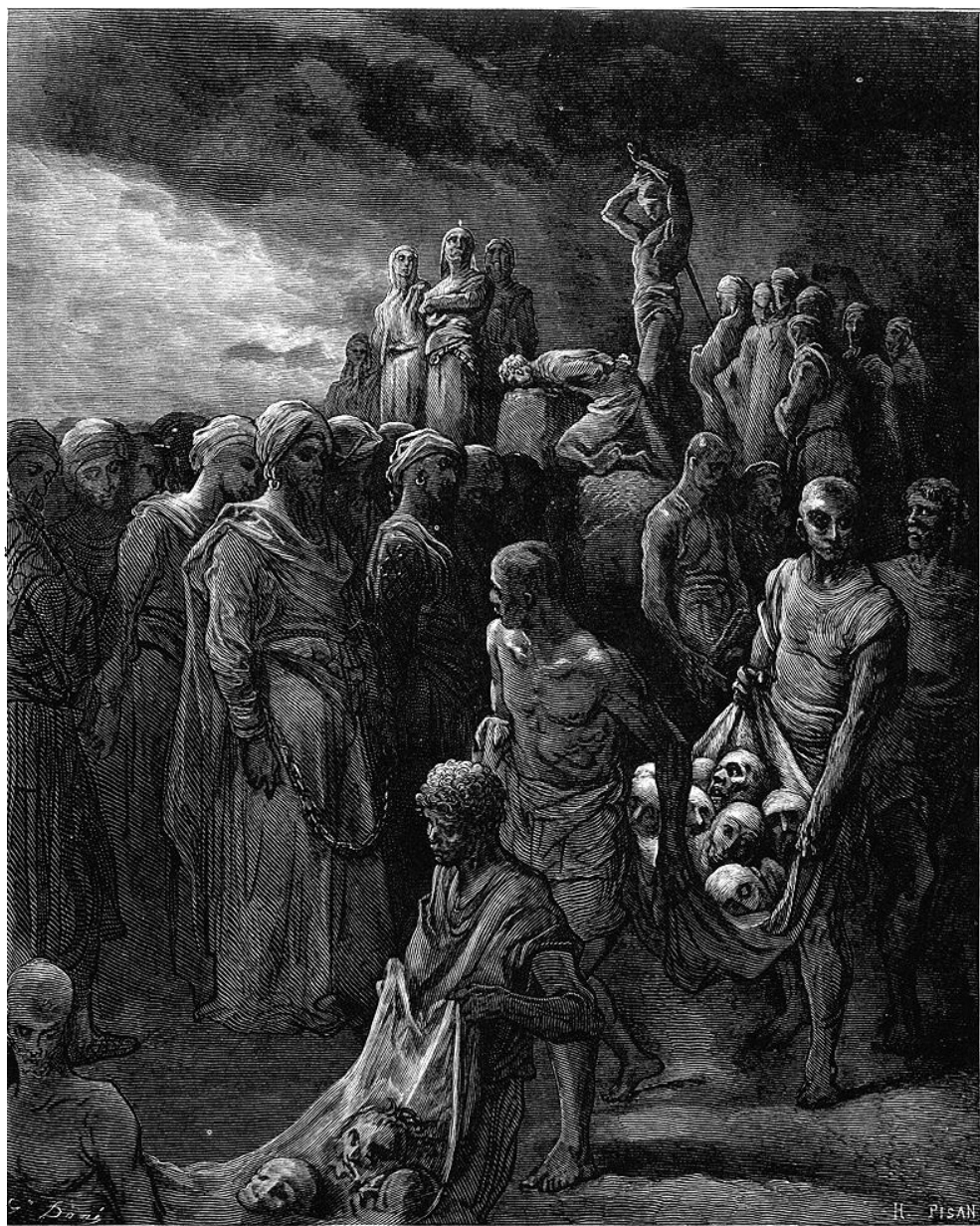
Quando os emires que comandavam em Tolemaida assinaram a capitulação, vários cavaleiros cristãos entraram na praça para receber os reféns e tomar posse das tôrres e das fortalezas. A guarnição muçulmana, saindo da cidade, encontrou o exército cristão preparado para o combate à sua passagem; via-se nas tratativas e na atitude dos guerreiros muçulmanos, uma espécie de presunção e de altivez que se poderia tomar por orgulho da vitória. Êsse espetáculo irritou os soldados cristãos, já descontentes por não se ter tomado a cidade à fôrça, para o saque; êsse descontentamento aumentou ainda mais quando os dois reis mandaram colocar sentinelas em tôdas

as portas para impedir a entrada à multidão dos cruzados que a havia conquistado. Ricardo e Filipe dividiram entre si os víveres, as munições, tôdas as riquezas que encontraram em Tolemaida e tiraram a sorte para os reféns e prisioneiros de guerra. "Que a Igreja e a posteridade, exclama o Bispo de Cremona, julguem se era conveniente que tudo fôsse dado assim aos dois príncipes, chegados apenas há três meses, quando os outros peregrinos tinham sôbre os despojos do inimigo tantos direitos conquistados pelos longos trabalhos e dificuldades e pelo sangue derramado durante tantos invernos."

Depois que Filipe e Ricardo dividiram o prêmio da vitória, todo o exército entrou na cidade. O clero purificou as igrejas que tinham sido mudadas em mesquitas e agradeceu ao céu pelo último triunfo concedido às armas cristãs. Os cristãos expulsos de Tolemaida, depois da conquista de Saladino vieram reclamar suas antigas possessões e foi sòmente ante a insistente solicitação do Rei da França que lhes foi permitido entrar em suas casas. Ricardo usava da vitória sem considerações, quer para com os vencidos, quer para com os mesmos vencedores. Conta-se que Leopoldo da Áustria, que se havia distinguido por prodígios de valor e tinha hasteado sua bandeira numa das tôrres da cidade, viu-se contrariado, porque aquela bandeira, por ordem de Ricardo foi tirada de lá e lançada a um fôsso. Os guerreiros alemães já tinham tomado as armas para vingar essa ofensa,

mas Leopoldo dissimulou seu ressentimento; a fortuna devia bem depressa dar-lhe ocasião de tirar uma cruel vingança. Conrado, descontente, retirou-se para Tiro com suas tropas, e, quando os barões e os prelados foram mandados a êle para persuadi-lo a voltar às bandeiras da Cruzada, êle declarou que não se julgava em segurança numa cidade e num exército comandados por Ricardo. Filipe então, quer porque estava descontente com o proceder do Rei da Inglaterra, quer porque tinha falta de dinheiro para continuar a guerra, quer ainda porque sua enfermidade tivesse feito progressos, manifestou seu desejo de regressar à pátria. Essa resolução afligiu muito os cruzados. Brompton refere que o Duque da Borgonha e os barões que êle mandou a Ricardo para anunciarem-lhe o seu projeto, não puderam proferir uma palavra, tanto sua voz era sufocada pelos soluços; os barões do Rei da Inglaterra também se puseram a chorar; mas Ricardo, não se incomodou em não ter mais rival no exército cristão, e consentiu sem dificuldade na partida de Filipe, contentando-se em exigir dêle a promessa real, de que, ao seu regresso à França, nada empreenderia contra os domínios e as províncias da coroa da Inglaterra. Filipe foi embarcar em Tiro e deixou na Palestina dez mil franceses sob as ordens do Duque da Borgonha. Quando êle saía de Tolemaida seus fiéis cavaleiros e os cruzados que tinham abraçado o seu partido contra Ricardo, deram-lhe comovente adeus; todos

os outros atiravam-lhe maldições e censuravam-no por desertar da causa de Jesus Cristo.

Ricardo ficou sòzinho encarregado de fazer executar a capitulação de Tolemaida. Mais de um mês se havia passado e Saladino não pagava os duzentos mil bizantinos que lhe haviam prometido em seu nome; não tinha ainda restituído o lenho verdadeiro da santa cruz e os prisioneiros cristãos que êle devia libertar, estavam ainda presos. "Então, o Rei da Inglaterra, diz Gauthier Visinauf, cuja ambição era abater o orgulho dos muçulmanos, confundir sua malícia e sua arrogância, punir o islamismo pelos ultrajes feitos à cristandade, mandou sair da cidade na sexta-feira depois da Assunção, dois mil e setecentos muçulmanos, em cadeias, e deu ordem que os matassem. Os que foram encarregados de executar essa ordem, alegraram-se, por poder aplicar aos muçulmanos cativos a pena de Talião e por vingar com sua morte a dos prisioneiros cristãos sacrificados pelos dardos e pelas flechas." Julgamos dever citar aqui as palavras de uma testemunha ocular, porque, numa circunstância tão grave, o historiador deve sempre temer desvirtuar o fato e mudar alguma coisa das circunstâncias, que o caracterizam. Acrescentamos segundo a narração do autor inglês, que não se deve acusar sòmente Ricardo dêsse ato de barbárie, pois a execução dos escravos tinha sido resolvida num conselho dos chefes do exército cristão. As crônicas árabes, não deixam de contar o massacre dos prisio-

Ricardo, em represália, faz executar os prisioneiros.

neiros muçulmanos, e se julgarmos segundo as circunstâncias que êles referem, Saladino tinha sido intimado várias vêzes a cumprir sua promessa; os cristãos tê-lo-iam ameaçado várias vêzes de mandar matar os muçulmanos que estavam em suas mãos, se êle não cumprisse as condições dos tratados; sòmente depois disso os cristãos, com êsses prisioneiros dirigiram-se à colina, ao lugar onde Saladino estava acampado e suas terríveis ameaças foram realizadas na presença do exército muçulmano, que saiu de suas defesas e deu combate ao exército cristão. Não é inútil acrescentarmos aqui que as crônicas orientais, sem caracterizar essa cena bárbara, limitam-se a dizer que os prisioneiros, mártires do islamismo, — *foram beber as águas da misericórdia no rio do paraíso.* Não devemos duvidar de que os cruzados teriam preferido a êsses atos de sangrenta represália o cumprimento pacífico de um tratado que lhes oferecia grandes vantagens; e foi sem dúvida para não lhes dar essas vantagens que a política de Saladino sacrificou a vida dos escravos e dos reféns, que lhe era fácil resgatar. Quando a guerra ia continuar com novo furor, o sultão, envergonhado com as derrotas, temendo outros reveses, não se resolveu a entregar nas mãos dos inimigos mais de dois mil prisioneiros, prestes a se armarem de novo contra êle, duzentas mil peças de ouro que deviam servir para manter aquêle exército que êle não tinha podido vencer e a madeira da verdadeira cruz cuja presença anima-

va-os nos combates, enchendo de entusiasmo e de ardor os guerreiros cristãos. De resto, a maior parte dos muçulmanos que não se impressionavam com estas considerações de uma política inflexível e que além disso tinham muitas vêzes sacrificado seus cativos, sem ter que censurar aos cristãos a inexecução dos tratados, não acusaram nessa ocasião a barbárie de seus inimigos e não censuraram a Saladino a morte de seus irmãos abandonados à espada dos francos. As queixas mesmas que se elevaram a êsse respeito contra êle, entre seus emires e soldados, prejudicaram muito, em seguida, o progresso de suas armas e o forçaram a terminar a guerra, sem ter podido, como êle tinha projetado, aniquilar as colônias cristãs na Síria.

Os cruzados vitoriosos gozaram por fim em Tolemaida de uma tranqüilidade que ainda não haviam conhecido desde sua chegada à Síria. O prazer da paz, a abundância de víveres, o vinho de Chipre, mulheres vindas das ilhas vizinhas, fizeram-nos esquecer por um momento o objetivo de seu empreendimento. Quando um arauto de armas anunciou em voz alta que o exército ia se pôr em marcha e dirigir-se a Joppé, a maior parte dos peregrinos sentiu-se triste, por ter que se afastar de uma cidade cheia de delícias. No entretanto o clero lembrou-lhes o cativeiro de Jerusalém; depois de ter acampado por alguns dias fora da cidade, Ricardo deu o sinal de partida; cem mil cruzados atravessaram o Belo, mar-

chando entre o mar e o monte Carmelo. Uma frota vinda do pôrto de Tolemaida costeava a praia carregada de bagagem, víveres e munições de guerra. Um carro montado sôbre quatro rodas recobertas de ferro levava o estandarte da guerra santa, suspenso em um mastro, bem alto. Era em tôrno dêsse carro que se levavam os feridos no meio da luta; era ali que o exército se reunia nos perigos. Os cruzados caminhavam lentamente, porque os muçulmanos os esperavam em tôda a parte, à sua passagem e procuravam atacá-los em todos os lugares difíceis. Êles não estavam como os soldados cristãos, recobertos de uma armadura pesada; cada soldado só tinha uma espada, um punhal, um dardo; alguns usavam uma maça eriçada de pontas de ferro. Montados em cavalos árabes êles vagavam em redor do exército cristão, fugindo, quando perseguidos, voltando à carga, quando deixavam de sê-lo. Uma crônica contemporânea compara suas evoluções, ora ao vôo da andorinha, ora a um rápido enxame de môscas importunas que se afastam quando afugentadas e voltam logo em seguida. O exército cristão tinha assim que lutar contra as dificuldades do caminho. Gauthier Vinisouf fala de um lugar chamado *Caminhos estreitos* situado a três horas além de Caifas: uma estrada ali tinha sido talhada pela mão do homem, sôbre um leito rochoso, que cobre a planície; avança-se assim entre dois bancos de rochedos que se estendem cêrca de meia milha. Ervas e plantas que se elevam à

altura de um homem, embaraçavam muitas vêzes a marcha dos cavaleiros e dos soldados de infantaria. Animais selvagens escapavam de suas solidões e fugiam para o meio dos soldados, que abandonavam as fileiras para persegui-los. Durante o dia, o sol abrasava a terra; durante a noite, os cruzados encontravam-se a braços com uma multidão de insetos que são chamados *tarentes* cuja picada fazia o corpo inchar causando-lhes dores insuportáveis. Lembremo-nos de que os peregrinos da primeira Cruzada também haviam tido que lutar contra os *tarentes*. Êsses insetos não apareciam de dia, mas à aproximação da noite, acorriam em massa, armados de seu cruel ferrão.

Nessa marcha penosa, o exército perdeu um grande numero de cavalos feridos pelos dardos inimigos; muitos soldados morreram de cansaço. Depois que um peregrino dava o último suspiro, a tropa à qual êle pertencia sepultava-o no mesmo lugar onde havia morrido e continuava o caminho cantando os salmos e hinos dos mortos. O exército mal fazia três léguas por dia; todos os dias preparava as tendas; antes que os soldados se entregassem ao sono, um arauto de armas clamava por todo o acampamento: *Senhor, socorrei o Santo Sepulcro!* Pronunciava essas palavras por três vêzes. Todo o exército as repetia erguendo os olhos e as mãos para o céu. No dia seguinte, ao raiar da alvorada, o carro que levava o estandarte do exército movia-se ao sinal dos chefes;

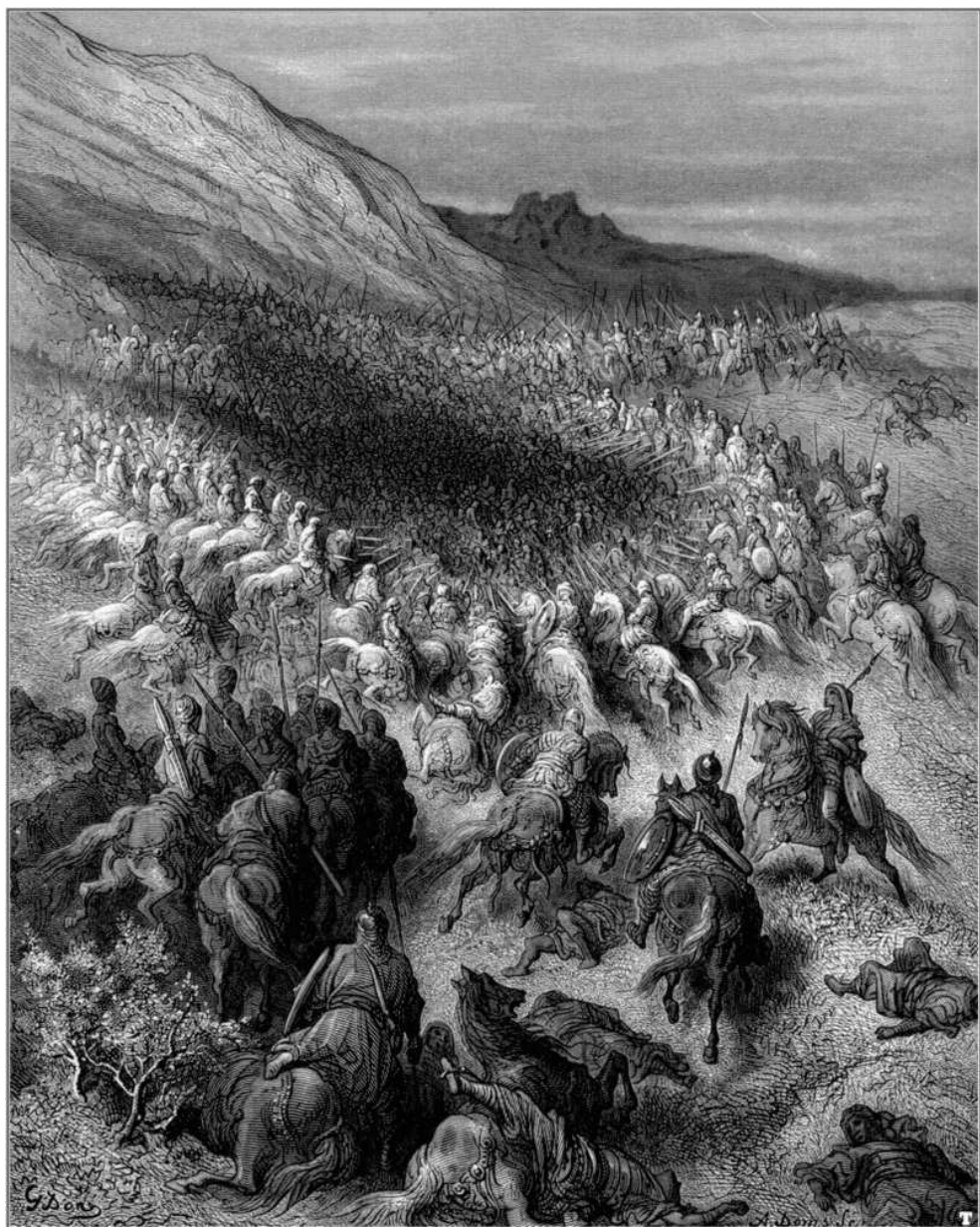
os cruzados caminhavam em silêncio e os padres, em seus cânticos religiosos, lembravam as viagens, os sofrimentos, os perigos de Israel marchando para a conquista da terra prometida.

Por fim, depois de seis dias de fadigas, chegaram a Cesaréia cujas ruínas são ainda vistas de longe à beira-mar; acamparam em redor de um lago, a pouca distância da cidade. Os cruzados tinham repelido vários ataques dos muçulmanos, mas obstáculos maiores lhes restavam ainda a vencer. Saladino tinha reunido todo seu exército, impaciente por vingar a perda de Tolemaida e o massacre dos escravos muçulmanos. Os cruzados passaram por momentos de angústia e de temor, quando viram a atitude, os preparativos e a multidão dos inimigos. Se crermos nos historiadores orientais, o Rei da Inglaterra propôs a paz ao irmão de Saladino; mas como êle pedia Jerusalém e havia irritado o orgulho dos turcos, as ameaças e o aparato guerreiro de uma luta sangrenta, bem depressa seguiram às negociações pacíficas. O exército do sultão ora precedia os cristãos, ora ameaçava atacá-los, de flanco ou à sua retaguarda. À passagem de qualquer torrente, a cada desfiladeiro, em tôda aldeia travava-se um combate; os archeiros muçulmanos, colocados em lugares elevados, não cessavam de atirar flechas. As armaduras dos guerreiros cristãos ficavam eriçadas de dardos, o que fazia um autor árabe dizer que os cavaleiros cristãos se assemelhavam a porcos-espinho. Foi a pouca dis-

tância de Cesaréia que Ricardo, como êle mesmo conta, foi ferido por uma flecha do lado esquerdo. O exército cristão tinha sempre o mar à direita; à esquerda elevavam-se montanhas cobertas de guerreiros muçulmanos. Os cruzados atravessaram uma floresta de carvalhos, que os cronistas chamam a floresta de Arsur; sempre cerrando as fileiras, sempre prontos a combater, êles chegaram à torrente de Rochetalie, chamada *Leddar* pelos árabes. Nessas planícies, duzentos mil muçulmanos esperavam o exército cristão para disputar-lhe a passagem ou dar-lhe um combate decisivo.

Quando viram os inimigos, o Rei Ricardo preparou-se para o combate. Os cristãos dividiram-se em cinco corpos: os templários, formavam o primeiro; os guerreiros da Bretanha e de Anjou, o segundo; o Rei Guy e os Poitevins, formavam o terceiro corpo; o quarto era composto de inglêses e de normandos, reunidos junto do grande estandarte; os hospitalários marchavam em seguida e atrás dêles, avançavam lentamente os archeiros, de arco têso e carregando muitos dardos e flechas às costas. O Conde da Champanha com seus cavaleiros, havia-se aproximado das montanhas, para observar os movimentos dos turcos; o Rei da Inglaterra e o Duque da Borgonha, com uma tropa de elite, ia, ora para a frente, ora para os flancos ou para a retaguarda do exército. Os batalhões dos cruzados eram tão cerrados, diz Gauthier Vinisauf, que uma fruta lançada no meio dêles não

teria caído ao chão sem tocar num homem ou num cavalo. Todos os guerreiros tinham recebido ordem de não deixar as fileiras e de ficar imóveis à aproximação do inimigo.

Na terceira hora do dia, o exército estava assim preparado para a batalha, quando viram chegar uma multidão de muçulmanos, descendo das montanhas, aproximando-se da retaguarda dos cristãos. Nessa multidão de inimigos, notavam-se os árabes beduinos, trazendo arcos, aljavas e escudos redondos, citas de cabelos longos, montados em grandes cavalos e armados de flechas, etíopes, de pele negra, de estatura e de rosto pintado de vermelho e branco. Atrás dessa tropa vinham várias outras falanges, trazendo na ponta de suas lanças bandeiras de tôdas as espécies de côres. Todos êsses bárbaros avançavam contra os cristãos com a rapidez do raio e a terra estremecia sob seus pés. O rumor de seus sistros, clarins, címbalos, não permitia ouvir-se o ribombar do trovão. Tinham com êles, homens cujo único encargo era soltar espantosos rugidos e todo êsse barulho não sòmente tinha por fim espantar os inimigos, mas incitar à carnificina os guerreiros muçulmanos, manter em seus corações, com o olvido do perigo, o ardor dos combates e a embriaguez da vitória. Seus batalhões, assim animados, precipitavam-se contra os cruzados; novos batalhões seguiam os primeiros, e outros seguiam ainda. Logo o exército muçulmano para falar como os historiadores árabes, envolveu o

Os cruzados cercados pelos muçulmanos.

exército cristão *como o céu envolve os olhos.* Os archeiros e os balistários, detiveram o primeiro arranco do inimigo; mas, semelhantes às águas que transbordam, os turcos, impelidos por aquêles que chegavam depois, voltaram à carga. O ataque dos muçulmanos era dirigido ora para o mar, ora para as montanhas; êles se dirigiram em muito maior número contra a retaguarda, onde estavam os hospitalários. Tinham deixado as flechas, e combatiam com a lança, a maça e a espada. Uma crônica inglêsa os compara a ferreiros e os cruzados à bigorna que ressoa sob os golpes repetidos. No entretanto o exército cristão não tinha interrompido sua marcha para Arsur e os muçulmanos que não podiam vencer os francos, chamavam-nos de *nação de ferro.*

Ricardo tinha renovado a ordem de se conservar na defensiva, e de não investir contra o inimigo a não ser quando ouvissem o sinal dado por seis trombetas, duas à frente do exército, duas no centro e duas na retaguarda. Êsse sinal era impacientemente esperado. Os barões e os cavaleiros tudo poderiam suportar, menos a vergonha de ficar assim, sem combater, na presença de um inimigo que a cada momento duplicava os ataques. Os da retaguarda censuravam a Ricardo por abandoná-los; chamavam a S. Jorge em seu auxílio, o padroeiro dos valorosos. Por fim, alguns dos mais entusiastas e dos mais intrépidos, esquecendo-se da ordem recebida, precipitam-se contra os muçulmanos; seu exemplo arrasta a valo-

rosa milícia dos hospitalários. Logo o Conde de Champanha com sua tropa de elite, Tiago de Avesnes com seus flamengos, Roberto de Dreux e seu irmão o Bispo de Beauvais, correm ao lugar onde o perigo era mais grave. Depois dêles espalham-se os bretões, os angevinos, os goitevinos; a batalha torna-se geral e as cenas da matança estendem-se desde o mar até às montanhas. O Rei Ricardo estava em tôda a parte onde os cristãos tinham necessidade de auxílio; por tôda a parte a fuga dos turcos anunciava a sua presença e marcava sua passagem. A luta era tão confusa e a poeira tão espêssa, que vários cruzados caíram sob os golpes de seus próprios companheiros, que os tomavam por muçulmanos. Estandartes rasgados, lanças quebradas, espadas partidas, juncavam a planície. Vinte carros, diz uma testemunha ocular não teriam podido levar os dardos e as flechas que cobriam a terra. Os combatentes que tinham perdido seus cavalos e as armas, escondiam-se nas moitas, subiam às árvores, onde o dardo mortal os ia ferir; outros, fugiam para o mar e do alto dos rochedos escarpados atiravam-se às águas.

A luta recrudescia sempre mais e tornava-se mais sangrenta. Todo o exército cristão estava empenhado na batalha e retrocedendo, o carro que levava o grande estandarte, se havia aproximado do mais forte da luta. Os muçulmanos já não podem sustentar o ímpeto dos francos: Boha-Eddin, testemunha ocular, nos diz êle mesmo, que tendo deixado o centro

do exército muçulmano, desbaratado, quis retirar-se para a ala esquerda, que fugia e que êle se refugiou por fim no pavilhão de Saladino, onde encontrou o sultão, que só tinha junto de si uns dezessete mamelucos. Enquanto seus inimigos fugiam assim, os cristãos mal acreditando na vitória, ficaram imóveis no lugar, onde os tinham vencido. Cuidaram de medicar os feridos e de reunir as armas esparsas pelo campo de batalha, quando de repente, vinte mil muçulmanos que seu chefe havia reunido, correm para recomeçar o combate. Os cruzados, oprimidos pelo calor e pelo cansaço e não esperando mais ser atacados, a princípio ficam surpreendidos e temerosos. Taki-Eddin, sobrinho do sultão e o mais valoroso dos emires, comandava os muçulmanos, à frente dos quais viam-se os mamelucos de Saladino, com suas bandeiras amarelas. Os cristãos, que se haviam reunido junto de seu estandarte, tiveram necessidade, para resistir ao choque do inimigo, de ser encorajados pela presença e pelo exemplo de Ricardo, diante do qual nenhum muçulmano podia ficar de pé e que, segundo as crônicas contemporâneas, parecia, na horrível confusão, um ceifador, derrubando as espigas. No momento em que os cristãos vitoriosos se punham em marcha e avançavam para Arsur, os muçulmanos, levados pelo desespêro, vieram ainda atacar a retaguarda. Ricardo, que por duas vêzes tinha repelido o inimigo, corre ao lugar do combate, seguido sòmente por quinze cavaleiros, repetindo em

altas vozes o grito de guerra dos cristãos: *Deus, socorrei o Santo Sepulcro!* Os bravos seguem o rei, os muçulmanos são dispersados ao primeiro embate e seu exército, vencido três vêzes, teria sido destruído, se os bosques não tivessem recolhido seus restos e protegido sua fuga precipitada.

Nessa batalha, Saladino perdeu mais de oito mil de seus soldados e trinta e dois de seus emires. A vitória custou aos cristãos sòmente mil guerreiros. Foi com profunda dor que os cruzados viram entre os mortos um de seus chefes mais intrépidos e mais hábeis, o ilustre Tiago de Avesnes. Encontraram-no coberto de ferimentos, no meio de seus companheiros e de seus parentes, mortos ao seu lado. Depois de ter tido um braço e uma perna cortadas, êle deixou de combater; exclamou ao morrer: *Ricardo, vingue minha morte!* No dia seguinte ao combate, foi sepultado em Arsur, na Igreja da Virgem. Todos os soldados da cruz assistiram chorando aos seus funerais.

A batalha de Arsur teria podido decidir sôbre a sorte desta Cruzada. Tudo o que a cristandade e o islamismo tinham de valentes defensores, combateram nessa ocasião; e se Saladino tivesse sido o vencedor, nenhuma cidade da Síria jamais veria esvoaçar sôbre seus muros as bandeiras da cruz. Se os francos se tivessem aproveitado da vitória e perseguido os inimigos vencidos, a Síria e o Egito, teriam podido escapar ao poder dos muçulmanos. Infeliz-

Batalha de Arsur.

mente, para os cristãos, essa jornada lhes trouxe mais glória do que vantagem. Os muçulmanos, apoiados em seu território, rodeado de aliados, conservavam um numeroso exército e podiam reparar às suas perdas. Os francos, ao contrário, longe de seu país, não esperando novos auxílios, nem do Oriente, nem do Ocidente, tinham ainda, depois de uma grande batalha ganha, os mesmos obstáculos a vencer e os mesmos inimigos a combater.

Os turcos eram ainda senhores da maior parte das cidades e das praças da Palestina; mas, de um lado, as fortalezas que êles acabavam de conquistar, tinham necessidade de ser restauradas, para poder resistir ao ataque dos inimigos; de outro lado, os soldados muçulmanos, espantados pela recordação do cêrco de Tolemaida hesitavam em se recolher às muralhas. Estas considerações, reunidas deram a Saladino a idéia de destruir as cidades e os castelos que êle não podia defender e quando o exército cristão chegou a Joppé, encontrou as muralhas e as tôrres destruídas.

Os chefes do exército reuniram-se em conselho para deliberar sôbre o partido que deveriam tomar. Uns queriam que se marchasse para Jerusalém, persuadidos de que o terror que se havia apoderado dos muçulmanos facilitar-lhes-ia a conquista da Cidade Santa. Outros pensavam, que para garantir a marcha e o bom resultado da sua emprêsa, os cruzados deviam, antes de tudo, fortificar as cidades e reedificar

as praças destruídas, que encontrassem em sua passagem. Esta última opinião era de Ricardo; o Duque da Borgonha e alguns outros chefes sustentavam a opinião contrária, menos, sem dúvida por convicção, do que por aquêle espírito de oposição e de rivalidade, de que estavam animados contra o Rei da Inglaterra: deplorável germe de discórdia, que se desenvolveu em seguida de uma maneira funesta para a Cruzada! No entretanto, Ricardo fêz prevalecer a sua opinião e os cruzados começaram a restaurar as muralhas de Joppé.

A Rainha Berengária, viúva de Guilherme, Rei da Sicília e a filha de Isaac, vieram encontrar-se com o Rei da Inglaterra. O exército cristão havia acampado em pomares e jardins onde as árvores se curvavam ao pêso dos figos, das maçãs e das romãs. O espetáculo de uma côrte, a abundância de víveres, o encanto da tranqüilidade e os belos dias do outono, fizeram os cruzados esquecer a conquista de Jerusalém.

Foi durante a permanência do exército cristão em Joppé, que o Rei da Inglaterra correu o risco de cair nas mãos dos muçulmanos. Caçando um dia na floresta de Saron, êle parou para descansar e adormeceu debaixo de uma árvore. De repente acordou aos gritos dos que o acompanhavam: um grupo de muçulmanos correu para atacá-lo, mas êle se pôs a cavalo, pronto para se defender. Rodeado, porém, de todos os lados êle estava prestes a perecer,

por causa do número elevado de inimigos, quando um cavaleiro de seu séquito, que os cronistas chamam de Guilherme de Pratelle, exclamou na língua dos muçulmanos: *Eu sou o rei, salvai-me a vida!* Com essas palavras o generoso guerreiro é rodeado pelos muçulmanos que o fazem prisioneiro e o levam a Saladino. O Rei da Inglaterra salvo assim pela dedicação de um cavaleiro da França foge à perseguição dos inimigos e volta a Joppé onde seu exército sabe com espanto, que correra o perigo de perder seu chefe. Guilherme de Pratelle foi levado às prisões de Damasco e Ricardo não julgou pagar demais pela liberdade de seu fiel servidor, restituindo a Saladino dez dos emires que estavam em seu poder.

Os muçulmanos depois de ter destruído Joppé, haviam também destruído Ascalon, as fortalezas de Ramla, Latroun, Gaza e todos os castelos construídos nas montanhas da Judéia e de Naplusa. No fim de setembro, o exército cristão novamente se pôs em marcha, e, pela festa de Todos os Santos, veio acampar entre o castelo de Plans e o de Mahé, que encontrou em ruínas e cujas muralhas reconstruiu. Êstes dois castelos estavam perto de Latroun; construídos à entrada das montanhas da Judéia eram como os guardas do caminho de Jerusalém. Era um espetáculo singular: dois exércitos formidáveis no campo de batalha, não procurando novos combates e percorrendo um país devastado por suas vitórias, um,

para destruí-lo e o outro, para reconstruir-lhe as tôrres e as cidades.

No entretanto, alguns feitos guerreiros interpunham-se ainda aos trabalhos do exército cristão. Um dia, quando os templários procuravam forragem pelas planícies e vales, foram atacados por um grupo de muçulmanos. As crônicas do tempo celebram então a bravura do Conde de Leicester e do Conde de São Paulo; mas os cruzados, apesar de seus feitos heróicos, estavam para ceder ao número e com gritos pediam auxílio aos companheiros de armas que haviam ficado no campo. Ricardo monta seu cavalo amarelo de Chipre e voa ao lugar do perigo; sua escolta era tão pequena que quiseram detê-lo, dizendo-lhe que se expunha assim a uma morte certa. "Quando todos êsses guerreiros, disse o monarca encolerizado, alistaram-se no exército do qual eu sou o chefe, eu lhes prometi jamais abandoná-los; se êles encontrarem a morte por não serem auxiliados, seria eu digno de comandá-los, e poderia ainda ter o título de rei?" Dizendo estas palavras, Ricardo lançou-se contra os inimigos; de todos os lados os muçulmanos caem sob seus golpes, seu exemplo reanima a coragem dos guerreiros cristãos; os batalhões dos infiéis dispersam-se e fogem; os templários vitoriosos voltam ao acampamento trazendo um grande número de prisioneiros e cantando os louvores de Ricardo.

Assim, em tôdas as lutas, o Rei da Inglaterra triunfava dos muçulmanos; mas êle tinha inimigos

muito mais temíveis entre os chefes dos cristãos, que deslustravam todos os dias a glória de seus feitos e a indomável altivez de seu caráter. O Duque da Borgonha e seus franceses suportavam com dificuldade o jugo de sua autoridade e pareciam conservar-se neutros entre os cruzados e os turcos. Conrado obstinava-se em ficar na cidade de Tiro sem tomar parte na guerra; e, como essa fatal inatividade não era mais suficiente ao seu ódio, êle propôs aos muçulmanos aliar-se com êles contra o monarca inglês. Informado das negociações do Marquês de Tiro, Ricardo quis antecipar-se e por seu lado mandou embaixadores a Saladino. Renovou a promessa que tinha feito a Malek-Adhel, de voltar à Europa se êles restituíssem Jerusalém aos cristãos e o lenho da verdadeira cruz. "Jerusalém, respondeu o sultão, jamais vos pertenceu; não podemos sem crime vô-la entregar, pois é lá que *os anjos costumam se reunir; foi de lá que o profeta numa noite memorável subiu ao céu.*" Quanto ao lenho da santa cruz, Saladino considerava-o como objeto de escândalo, um ultraje à Divindade. Tinha-se recusado entregá-lo ao Rei da Geórgia, ao Imperador de Constantinopla, que lhe ofereciam, para obtê-lo, somas consideráveis. "Tôdas as vantagens da paz, dizia êle, não podiam fazê-lo consentir em dar aos cristãos aquêle vergonhoso monumento de sua idolatria." Assim as divergências que existiam entre os cruzados, aumentavam o orgulho de Saladino e mais essas divisões se infla-

mavam, mais o sultão mostrava-se exigente nas condições de paz.

Ricardo fêz outras propostas nas quais excitou diretamente a ambição de Malek-Adhel, irmão do sultão. A viúva de Guilherme da Sicília foi oferecida em matrimônio ao príncipe muçulmano; sob os auspícios de Saladino e de Ricardo, os dois esposos deviam reinar ao mesmo tempo sôbre os muçulmanos e os cristãos e governar o reino de Jerusalém. O historiador Boha-Eddin foi encarregado de fazer esta proposta a Saladino, que pareceu aceitá-la, sem repugnância. O projeto dessa união singular causou grande surprêsa aos imanes e aos doutôres da lei; por seu lado, os bispos cristãos, quando souberam disso, manifestaram a sua indignação e ameaçaram a Joana e a Ricardo com as penas da igreja. A execução de semelhante projeto parecia impossível numa guerra religiosa. Ricardo não pôde vencer a oposição do clero. Os autores árabes referem que uma outra causa fêz fracassarem as negociações e um dêles acrescenta que *aquela causa só era conhecida por Deus.*

Ricardo e Malek-Adhel, que os cronistas latinos apresentam como amigo dos francos, tinham mantido diversas conferências onde haviam trocado sinais de amizade recíproca; mas tôdas essas demonstrações, que não tiveram nenhum resultado, acabaram por excitar murmurações no exército muçulmano e principalmente no cristão. Acusaram Ricardo de sacrificar

a glória dos cristãos à sua ambição; êle justificou-se disso com uma ação bárbara: todos os escravos que êle tinha em suas mãos foram decapitados e suas cabeças expostas no meio do acampamento.

Para conseguir conquistar a confiança dos cruzados e para assustar Saladino, êle marchou para as montanhas da Judéia, anunciando seu projeto de libertar Jerusalém. Estava-se no meio do inverno, as chuvas faziam morrer um grande número de animais de carga; a tempestade revirava as tendas; os cavalos morriam de frio; os víveres estragavam-se, as armas e as couraças enferrujavam-se; as vestes dos cruzados caíam em trapos; os mais robustos dos peregrinos haviam perdido a fôrça e o vigor; muitos estavam enfermos. No entretanto como avançavam para a Cidade Santa, a esperança de ver logo a cidade de Jesus Cristo mantinha-lhes a coragem; os guerreiros cristãos acorriam de todos os lados para se reunir sob o estandarte da cruz. Os que a enfermidade havia detido em Joppé ou em Tolemaida, chegavam trazidos em seus leitos ou sôbre padiolas enfrentando, por vêzes os rigores do inverno e os ataques dos turcos, que os espreitavam pelo caminho.

Enquanto os cruzados avançavam para a Cidade Santa, Saladino procurava prepará-la para a defesa; operários peritos em talhar pedras, que teriam podido, diz uma velha crônica, cortar uma montanha, tinham vindo de Mossul e trabalhavam incessantemente, quer cavando vales que rodeavam a praça,

quer restaurando as tôrres e construindo novas fortificações. Não contente com êsses preparativos Saladino tinha feito devastar todo o país que o exército cristão devia atravessar. Tôdas as estradas que levavam a Jerusalém estavam guardadas pela cavalaria muçulmana, que molestava os cruzados e impedia que êles recebessem víveres de Tolemaida e das cidades marítimas.

No entretanto, a multidão dos peregrinos não via nem os perigos nem os obstáculos. Em vão elevavam-se vozes no exército contra a intenção de cercar Jerusalém, no meio do inverno e na presença de um exército inimigo que não se havia podido vencer. Os sentimentos que animavam os cruzados faziam-nos crer que Deus favorecia o seu intento e que nada lhes poderia resistir. A maior parte dos chefes, reunidos em conselho, resolveu que se aproximariam das costas do mar, mas êles não ousaram a princípio manifestar essa determinação, pois os cruzados mostravam ainda ardor e entusiasmo pela conquista dos santos lugares. Esperavam que o cansaço e a miséria os ajudassem a reunir os espíritos dos soldados da cruz; mas o exército cristão devia sentir seus males renunciando à esperança de visitar Jerusalém. Quando um novo conselho se reuniu e resolveram reconstruir Ascalon, essa decisão espalhou por tôda a parte a tristeza e o desânimo. Os que tudo tinham enfrentado para marchar para a Cidade Santa, não sentiam mais fôrças para dali se afastar; o rigor

do frio, a fome, as dificuldades do caminho, faziam-se sentir mais vivamente. Uns gemiam juntando as mãos ou batendo-se no rosto; outros, no excesso do desespêro, desabafavam-se em amargas queixas, contra seus chefes, contra Ricardo e contra o mesmo céu. Muitos abandonaram as bandeiras, que já não lhes indicavam o caminho de Jerusalém. O exército voltou tristemente para a costa marítima, deixando pelo caminho um grande número de cavalos, de animais de carga e quase tôda a bagagem.

O Duque da Borgonha, com os franceses, tinha abandonado a bandeira de Ricardo; mandaram-lhes embaixadores que lhes falaram em nome de Jesus Cristo e conseguiram reconduzi-lo ao acampamento. Os cruzados, chegando a Ascalon, lá encontraram apenas um amontoado de pedras: Saladino tinha-lhe ordenado a destruição; depois de ter consultado os imanes e os cádis, êle tinha, com suas próprias mãos, trabalhado, para destruir as tôrres e as mesquitas. Um autor árabe, deplorando a queda de Ascalon, nos diz que êle mesmo chorou sôbre as ruínas da *espôsa da Síria*.

O exército reunido começou a restaurar a cidade. Todos os peregrinos estavam animados de ardor e de zêlo: os grandes e os pequenos, padres e leigos, chefes e soldados, mesmo os auxiliares do exército, todos trabalhavam juntos, passando de mão em mão as pedras e a caliça; Ricardo os encorajava, quer trabalhando com êles, quer dirigindo-lhes sua pala-

vra, quer distribuindo dinheiro aos pobres. Os cruzados, como os hebreus, construindo o Templo de Jerusalém, tinham numa das mãos os instrumentos de pedreiro e na outra, a espada. Tinham que se defender das surprêsas do inimigo e muitas vêzes mesmo, alguns dentre êles faziam incursões no território dos muçulmanos. Numa arremetida contra o castelo de Daroun, Ricardo libertou mil e duzentos prisioneiros cristãos que eram levados para o Egito e êsses escravos vieram ajudar os trabalhos dos cruzados. No entretanto as murmurações não tardaram a surgir no seio do exército. Leopoldo da Áustria, acusado de ficar inativo com seus alemães, respondeu com arrogância que não era nem *carpinteiro nem pedreiro.* Vários cavaleiros que se ocupavam em mover as pedras indignaram-se, por fim, contra Ricardo; diziam em voz alta que não tinham vindo à Ásia para reconstruir Ascalon, mas para conquistar Jerusalém. O Duque da Borgonha, que Conrado tinha chamado ao seu partido, deixou repentinamente o exército; a maior parte dos cruzados franceses não tardou em segui-lo. Para cúmulo de infelicidade, as questões que, por tanto tempo tinham agitado o exército cristão, renovaram-se. Os genoveses e os pisanos, que ficaram em Tolemaida, tinham-se armado uns contra os outros; os genoveses queriam entregar a cidade ao Marquês de Tiro e os pisanos, conservá-la para o Rei Ricardo. Conrado veio com uma frota e cercou os pisanos na praça durante vários dias; por

outro lado, Ricardo foi para lá com alguns de seus guerreiros. À sua aproximação, Conrado apressou-se em voltar a Tiro. A presença e as palavras do Rei da Inglaterra restabeleceram a concórdia; mas os germes das divisões subsistiam e enquanto Saladino reunia seus emires, aos quais havia permitido afastarem-se durante o inverno, o exército cristão cada dia perdia fôrças. Todos os empreendimentos dos cruzados limitavam-se então em tentar algumas incursões na província de Gaza e nas montanhas de Naplusa; todos os dias via-se esfriar o ardor dos que trabalhavam na reconstrução dos muros de Ascalon e as fortificações mal começadas, estavam longe de poder defender a cidade contra um ataque sério do inimigo. Todos os que se haviam retirado para Tiro, pareciam ter jurado não mais tomar parte na guerra santa. Gauthier Vinisauf não poupa, nas suas descrições satíricas, os guerreiros franceses, que êle nos apresenta, passando os dias e as noites em banquetes, manejando as taças e não a espada, substituindo o capacete belicoso por coroas de flôres, fechando as largas mangas de suas vestes com braceletes de várias voltas e trazendo ao pescoço colares de pedras preciosas.

Os mais sensatos dos cruzados, procuraram conservar a união entre os chefes. O Rei da Inglaterra e o Marquês de Tiro tiveram um encontro no castelo de Imbrica, perto de Cesaréia; mas, depois de ultrajes e ameaças, que esperança poderia restar de uma sincera reconciliação? Seu ódio recíproco aumentou.

Ricardo, depois que deixou a conferência proibiu pagar-se a Conrado o tributo que êste devia cobrar em tôdas as cidades cristãs da Palestina. Por seu lado, Conrado duplicou seus esforços para fomentar a traição e a discórdia entre os guerreiros cristãos. Recorreu de novo aos muçulmanos e tudo fêz para que Saladino aceitasse suas propostas de ambição e de vingança.

Ia começar a primavera: o exército cristão celebrou as festas da Páscoa, na planície de Ascalon. Nas cerimônias dessa solenidade mui freqüentemente tiveram que pensar em Jerusalém e muitas queixas surgiram contra Ricardo. Foi então que mensageiros da Inglaterra vieram anunciar-lhe que seu reino era perturbado pelas conjurações de seu irmão João. Segundo as notícias que êle recebeu, êle declarou num conselho aos chefes, que os interêsses da sua coroa chamavam-no imediatamente ao Ocidente; mas declarou ao mesmo tempo, que, deixando a Palestina, cedia-lhes trezentos cavaleiros e dois mil soldados de infantaria de elite. Todos os chefes, lamentando a necessidade de sua partida, propuseram escolher um rei, que pudesse conservar unidos os espíritos e fazer cessarem as discórdias. Ricardo perguntou-lhes que príncipe poderia merecer sua confiança e todos de acôrdo indicaram Conrado, que êles não estimavam, mas cuja bravura e habilidade admiravam. Ricardo, que se admirou de semelhante escolha, no entretanto não hesitou em lhe dar a sua adesão; seu sobrinho,

o Conde de Champanha, foi encarregado de ir comunicar ao Marquês de Tiro, que êle acabava de ser nomeado Rei de Jerusalém.

Quando Conrado recebeu essa notícia não pôde esconder, nem sua surprêsa nem sua alegria, e, erguendo os olhos ao céu, dirigiu a Deus sua oração, assim: *Senhor, vós que sois o Rei dos Reis, permiti que eu seja coroado se me achais digno disso, do contrário, afastai a coroa da cabeça do vosso servo.* Assim falou o Marquês de Tiro, diante dos embaixadores de Ricardo, mas sua consciência não deveria estar corroída pelos remorsos? Pois êle acabava de contrair uma aliança ofensiva e defensiva com os muçulmanos. Depois dêsse ato de traição êle ousava invocar o testemunho do Deus dos cristãos; dizem as crônicas contemporâneas, porém, o Deus dos cristãos o havia condenado; o ferro dos assassinos já se tinha erguido sôbre sua cabeça e essa terrível sentença bem depressa lhe deveria ser anunciada: *Não serás mais nem Marquês nem Rei.*

Dois jovens escravos tinham deixado o jardim cheio de delícias onde o Velho da Montanha os mantinha para sua vingança; chegaram a Tiro e para melhor ocultar seu projeto, receberam o batismo, empregaram-se com o Príncipe de Sidon e ficaram seis meses com êle. Tinham-se feito *religiosos* e *devotos,* diz um autor árabe, e só pareciam ocupados em adorar o Deus dos cristãos. Aproveitaram do momento em que a cidade de Tiro celebrava com

júbilo a elevação de Conrado e quando êle voltava de um banquete preparado para êle em casa do Bispo de Beauvais, os dois ismaelitas atacaram-no e o feriram mortalmente. Enquanto o povo se reunia em tumulto, um dos assassinos refugiou-se numa igreja vizinha, para onde o Marquês de Tiro foi levado, coberto de sangue; o ismaelita, que lá se havia escondido, atravessou a multidão e atirou-se de novo sôbre Conrado, ferindo-o com novos golpes de punhal, até que o viu morto. Os assassinos foram prêsos e ambos morreram no suplício, sem proferir uma só queixa e sem revelar o nome de quem lhes havia pedido a vida do Príncipe de Tiro.

O autor árabe Ibn-Alatir, diz que Saladino tinha oferecido dez mil peças de ouro ao Velho da Montanha, se êle mandasse assassinar o Marquês de Tiro e o Rei da Inglaterra; mas o Príncipe da Montanha, acrescenta o mesmo historiador, não julgou conveniente livrar logo Saladino da guerra dos francos e só fêz a metade do que lhe havia êle pedido. Essa explicação é pouco verossímil. Saladino não teria pago um crime que de nada lhe poderia servir e que tornava seus inimigos mais poderosos, sufocando tôda discórdia entre os chefes. Alguns cronistas atribuem o assassinato de Conrado a Honfroi de Thuron, que tinha a vingar a privação de sua espôsa e a perda de seus direitos ao trono de Jerusalém. De resto, não se acusou no exército cristão nem Honfroi, nem Saladino; mas vários cruzados, prin-

cipalmente os franceses, não hesitaram em atribuir ao Rei da Inglaterra um assassínio de que êle devia se valer. Embora a bravura heróica de Ricardo devesse repelir tôda idéia de vingança vergonhosa, a acusação dirigida contra êle confirmou-se pelo ódio que lhe tinham. A notícia da morte de Conrado chegou logo à Europa. Filipe Augusto temeu a mesma sorte e não apareceu mais em público a não ser rodeado de sua guarda; o cronista Rigord, nos diz que dessa época em diante começam a aparecer os guardas adidos à pessoa do rei. A côrte da França acusava Ricardo dos maiores atentados; é provável no entretanto, que Filipe mostrasse nessa ocasião mais temor do que sentia, para tornar seu rival odioso e para armar contra êle o ódio do papa e a indignação de todos os príncipes da cristandade.

Na perturbação causada pela morte de Conrado, o povo de Tiro que ficara sem senhor e sem chefe, lançou suas vistas sôbre Henrique, Conde da Champanha; os principais da cidade pediram-lhe que tomasse as rédeas do govêrno e que desposasse a viúva do príncipe que êles tinham perdido. Isabel mesmo veio oferecer-lhe as chaves da cidade.

Henrique a princípio desculpou-se, dizendo que queria antes consultar Ricardo; mas cedeu por fim, às instâncias que lhe eram feitas e o casamento foi celebrado solenemente na presença do clero e do povo. Vinisauf acrescenta que não foi muito difícil persuadi-lo, *pois não é difícil convencer-se alguém*

a fazer aquilo que deseja. Essa união era conveniente ao mesmo tempo aos franceses e aos inglêses, pois o Conde Henrique era sobrinho do Rei da Inglaterra e do Rei da França.

Os embaixadores mandados a Ricardo para anunciar-lhe a morte de Conrado e a elevação de Henrique não o encontraram no acampamento dos cruzados. O Rei da Inglaterra estava nas planícies de Ramla, fazendo guerra aos muçulmanos que haviam descido das montanhas da Judéia. Todos os dias êle fazia distinguir-se seu braço com novos feitos de valor. Não voltava ao acampamento, diz Vinisauf, sem ser seguido de um grande número de prisioneiros e sem levar *dez, vinte, trinta cabeças de muçulmanos que haviam caído sob seus golpes.* Jamais um só homem matou tantos muçulmanos numa Cruzada; lendo-se a narração de seus feitos, parece lerem-se as páginas nas quais a epopéia antiga narra os feitos dos heróis e para completar a semelhança com os guerreiros dos tempos fabulosos, aconteceu um dia, que o monarca inglês, não tendo encontrado inimigos no caminho, lutou contra um javali, mais terrível que o de Calydon. Essas espécies de proezas heróicas haviam-se renovado nas guerras santas; lembramos que Godofredo de Bouillon tinha combatido e vencido um urso, nas montanhas da Cilícia.

Ricardo, quando recebeu em Ramla os enviados de Tiro, deu sua aprovação ao que acabavam de executar e cedeu ao Conde Henrique de Champanha

tôdas as cidades cristãs que êle tinha conquistado. Henrique, que êle chamou para junto de si não tardou em se pôr em marcha com seus cavaleiros e foi primeiro a Tolemaida, acompanhado pelo Duque da Borgonha, e por sua nova espôsa, da qual *êle não podia ainda se separar* (são palavras do cronista inglês). Mais de sessenta mil homens, todos armados, foram à presença do novo Rei de Jerusalém; as ruas estavam tapetadas de sêda, o incenso ardia nas praças públicas, as mulheres e as crianças dançavam em côro. O clero conduziu à igreja o sucessor de Davi e de Godofredo e celebrou sua elevação com cânticos e ações de graças.

Devemos nos lembrar aqui de que Guy de Lusignan e Conrado tinham disputado o reino de Jerusalém e que uma decisão dos príncipes havia dado a coroa ao que sobrevivesse. Depois da morte de Conrado, ninguém se lembrou dessa determinação e o rei cuja bravura antes se havia tanto admirado, foi esquecido por todo o exército cristão. A simplicidade de espírito, exclama a êsse respeito um cronista inglês, seria um obstáculo à posse de um direito? A mesma crônica acrescenta algumas reflexões, que pintaram ainda melhor talvez, nos tempos modernos, o espírito e os costumes das velhas épocas. "Sem dúvida, diz ela, nos nossos tempos de corrupção, é julgado mais digno de glória, aquêle que se distinguiu pelo desprêzo de tôdas as leis da humanidade e da justiça; é por isso que os espertos (citamos sempre a velha

crônica) atraem a consideração e o respeito, enquanto a simplicidade só obtém desprêzo; tais os juízos do século."

Quando o Conde Henrique e o Duque de Borgonha encontraram-se com Ricardo e suas tropas, o Rei da Inglaterra acabava de se apoderar da fortaleza de Daroun; a fortuna parecia sorrir a todos os seus projetos; triunfando em tôda parte sôbre os muçulmanos, êle não via mais ante suas bandeiras, que guerreiros dóceis e aliados fiéis. Novos mensageiros então chegaram do Ocidente e deram-lhe notícias inquietantes sôbre seu reino, perturbado cada dia mais pelo Príncipe João e sôbre a Normandia, ameaçada por Filipe Augusto. Quando as novas notícias que haviam chegado se espalharam pelo exército, todos pensaram que êle ia deixar a Síria. Como todos estivessem duvidosos e a incerteza gera o desânimo, todos os chefes reuniram-se e fizeram o juramento de não abandonar a Cruzada, quer Ricardo partisse, quer adiasse sua partida. Essa resolução unânime ergueu a coragem e reanimou o ardor dos cruzados; a multidão dos peregrinos manifestou sua alegria com danças, banquetes e canções; todo o acampamento foi iluminado em sinal de júbilo. Sòmente Ricardo, entregue a pensamentos sombrios, não partilhava da alegria geral. Talvez mesmo era importunado por aquela alegria, tão espontânea, quando circunstâncias infelizes podiam afastá-lo do teatro da guerra santa.

O exército foi acampar nas vizinhanças de Hebron, perto de um vale, onde nasceu, diz-se, Santa Ana, mãe de Nossa Senhora. Começava então o mês de junho. O entusiasmo que animava os guerreiros cristãos fê-los suportar, sem se queixar, o calor do verão, como já os havia feito suportar os rigores do inverno, no ano anterior.

No entretanto, o Rei Ricardo parecia sempre preocupado com tristes pensamentos; ninguém ousava dar-lhe conselhos, nem mesmo tentava consolá-lo, tanto se temia seu caráter severo. Um dia, quando o monarca estava sòzinho em sua tenda, imerso em profundas meditações, de olhos fixos no chão, um padre poitevino chamado Guilherme, apresentou-se em atitude muito triste, mostrando com seu semblante que deplorava a sorte do monarca. Esperando um sinal, para se aproximar, pôs-se a chorar, contemplando o rei; Ricardo, percebendo que Guilherme lhe queria falar, chamou-o para junto de si e disse-lhe: "Senhor capelão, eu vos intimo, em nome da fidelidade que me deveis, que me digais, sem rodeios, qual o motivo de vossas lágrimas e se estais tristes por minha causa." O capelão, com os olhos molhados de lágrimas, respondeu com voz trêmula: "Não falarei antes que V. Majestade me tenha prometido de não se irritar contra mim, pelo que lhe vou dizer." O rei prometeu-o com juramento e o padre assim falou: "Senhor, a resolução que tomastes de deixar esta terra desolada, suscita queixas no exército cris-

tão, principalmente entre aquêles que têm em máxima conta a vossa glória. Devo declarar-vos que a honra de uma grande emprêsa, será apagada pela vossa partida; a posteridade vos censurará eternamente o ter desertado da causa dos cristãos. Tomai cuidado para não terminardes vergonhosamente o que começastes tão gloriosamente." O capelão lembrou em seguida a Ricardo os feitos pelos quais êle se tinha tornado célebre, até então, recordou-lhe os benefícios da providência, com que havia sido êle distinguido e terminou com estas palavras: "Os peregrinos vos consideram o seu único sustentáculo, o seu pai; abandonareis aos inimigos de Cristo esta terra que os cruzados vieram libertar, deixareis a cristandade mergulhada no desespêro?"

Enquanto o capelão falava, Ricardo escutava-o em silêncio. Depois que êle deixou de falar, o rei nada respondeu; sua fronte pareceu mais sombria ainda. No entretanto, se acreditarmos em Gauthier Vinisauf, o coração do monarca ficou comovido, pelo que acabava de ouvir. Êle não se esquecia deveras de que os chefes do exército tinham jurado sitiar Jerusalém, em sua ausência e êsse pensamento perturbava seu espírito. No dia seguinte, Ricardo declarou ao Conde Henrique e ao Duque da Borgonha, que êle não voltaria ao Ocidente antes das festas da Páscoa do ano seguinte; pouco tempo depois, um arauto de armas, proclamava essa resolução anun-

ciando que o exército cristão ia marchar para a Cidade Santa.

Ante essa feliz notícia todos os peregrinos ergueram as mãos para o céu, dizendo: *Senhor Deus, graças vos sejam dadas, o tempo de nossas bênçãos chegou.* Os soldados, retomando a coragem e as fôrças, ofereciam-se para levar as provisões e as bagagens; ninguém mais se lamentava; nada parecia difícil; não se viam mais nem obstáculos nem perigos. Os cruzados puseram-se em marcha no Domingo da oitava da Santíssima Trindade; os mais ricos, compadeciam-se das necessidades dos mais pobres e davam-lhes tôda espécie de auxílio; os que tinham cavalos, deixando suas montarias para os enfermos e velhos, iam a pé; os bens passaram a ser comuns porque todos os peregrinos tinham o mesmo sentimento. Êsse exército cristão, entregue por tanto tempo a todos os gêneros de misérias e que antes parecia um exército vencido, ofereceu de repente um espetáculo totalmente novo e imponente. Os guerreiros tinham adornado seus capacetes com penachos os mais brilhantes, estandartes e bandeiras de tôdas as côres esvoaçavam no ar; as espadas desembainhadas, as lanças recém-polidas, refletiam os raios do sol. Por tôda a parte ouviam-se os louvores de Ricardo misturados com cânticos de vitória. Segundo narração de testemunhas oculares nada teria podido resistir a êsse exército, *cheio do espírito do Senhor,*

se a discórdia e não sei que fatalidade, não tivessem tornado inúteis tão generosas disposições.

Os cruzados vieram acampar ao pé das montanhas da Judéia, cujas passagens eram defendidas pelas tropas de Saladino e pelos camponeses de Naplusa e de Hebron. O sultão, sabendo da aproximação dos cristãos, tinha duplicado seus cuidados para pôr Jerusalém em condições de se defender; a maior parte das tropas muçulmanas reuniram-se às suas bandeiras, continuaram-se com febril atividade as restaurações das muralhas e dois mil prisioneiros cristãos foram condenados a erguer as fortificações que deviam proteger os seus inimigos.

Ricardo, quer se tivesse assustado com os preparativos dos muçulmanos, quer se tivesse de novo abandonado ao seu mau humor e a irresolução de seus pensamentos debilitasse sua coragem, deteve, de repente, a marcha e com o pretexto de esperar Henrique de Champanha, que êle tinha mandado a Tolemaida para lhe trazer reforços, ficou várias semanas na cidade de Betenópolis, hoje Betamasi, a sete léguas de Jerusalém.

As discórdias, meio adormecidas dos cristãos, não tardaram a despertar, de novo. O Duque da Borgonha e vários outros chefes, obedecendo com dificuldade ao Rei da Inglaterra, hesitavam em secundá-lo numa emprêsa cujo êxito só serviria para lhe aumentar o orgulho e a fama. Tôdas as vêzes que Ricardo tomava a deliberação de defender a

Cidade Santa, seu zêlo parecia esfriar; quando o monarca inglês procurava adiar essa conquista, êles inflamavam com seus discursos o entusiasmo dos cruzados e repetiam com mais ardor seu juramento de libertar o túmulo de Jesus Cristo. Assim, a aproximação de Jerusalém, que teria devido reanimar e reunir os cristãos, lançou entre êles a perturbação e o desespêro.

Depois de um mês de permanência em Betenópolis, os cruzados recomeçaram suas queixas; bradavam com exasperação: *Não iremos então a Jerusalém?* Ricardo, com o coração agitado por vários sentimentos contrários, desprezando as queixas dos peregrinos, compartilhava sua pena e indignava-se contra sua própria fortuna. Um dia, em que seu ardor em perseguir os muçulmanos tinha-o levado até às culminâncias dos montes vizinhos de Emaús, êle viu as muralhas e as tôrres de Jerusalém. A êsse espetáculo, êle se pôs a chorar e cobrindo o rosto com o escudo, confessou-se indigno de contemplar aquela Santa Cidade, que suas armas não tinham podido libertar. Quando regressou ao acampamento, os chefes incitaram-no novamente a cumprir a promessa e tal era a singularidade de seu caráter, que mais a opinião dos cruzados lhe impunha a obrigação de agir, mais êle se opunha a tôdas as vontades, mesmo à sua. Respondia aos que se esforçavam por animá-lo com seus conselhos e instâncias, que o empreendimento que se queria tentar sôbre Jerusalém, só apre-

sentava perigos e que êle não podia expor nem a honra da cristandade, nem sua própria glória. Êle apoiava-se principalmente no testemunho dos senhores da Palestina, que, levados por seu interêsse pessoal e dando mais interêsse à conquista das cidades marítimas, do que à da Cidade Santa, não partilhavam da opinião da maior parte dos cruzados. Nessas divergências, a agitação dos espíritos, o descontentamento do exército, aumentavam todos os dias. Ricardo procurava, ora atemorizar seus rivais e seus adversários, com ameaças, ora seduzi-los com promessas. De resto, tôdas essas queixas, essas discussões, não o impediam de atacar sem cessar os muçulmanos, como se êle quisesse justificar sua conduta à fôrça de atos de valor, ou esconder a perturbação de seus pensamentos no tumulto dos combates.

Por fim, por sua proposta, organizou-se um conselho composto de cinco cavaleiros do templo, cinco cavaleiros de S. João, cinco barões franceses e cinco barões ou senhores da Palestina. Êsse conselho deliberou em reunião durante vários dias, a respeito da resolução que se devia tomar. Os que pensavam que se devia sitiar Jerusalém, diziam, ante a palavra de vários trânsfugas, vindos da cidade, que uma revolta tinha rebentado na Mesopotâmia, contra Saladino, e que o califa de Bagdad ameaçava o sultão com suas armas espirituais; que os mamelucos censuravam ao seu senhor, o massacre dos habitantes de Tolemaida e que se recusavam a se encerrar na Cida-

de Santa, se Saladino não compartilhasse com êles de todos os perigos. Os que sustentavam uma opinião contrária diziam que "tôdas essas notícias eram apenas uma armadilha feita pelo sultão para atrair os cruzados a lugares onde êle os podia destruir sem combater. No território árido e montanhoso de Jerusalém, faltaria água, no mais forte do verão. Através das montanhas da Judéia, os caminhos bordados de precipícios, talhados na rocha em vários lugares, eram dominados por alturas escarpadas, de onde qualquer soldado poderia aniquilar as falanges dos cristãos. Se a bravura dos cruzados conseguisse vencer todos êsses obstáculos, conservariam êles ainda sua comunicação com as costas marítimas, de onde deveriam receber os víveres? Se fôssem vencidos, como fariam para a retirada, perseguidos pelo exército de Saladino?"

Estas as razões que alegavam Ricardo e seus partidários, para se afastarem de Jerusalém; mas essas razões deviam ser-lhes conhecidas, quando deram ordem ao exército cristão de marchar para a Cidade Santa. Mais nos adiantamos nesta parte de nossa narração, mais a verdade se oculta aos nossos olhos, sob um véu impenetrável. Para julgarmos tôdas estas contradições, seria preciso conhecermos tôdas as tratativas que Ricardo mantinha continuamente com os muçulmanos, tratativas às quais estavam sem dúvida subordinados os movimentos diversos do exército cristão e que, ficando sempre na sombra, só

deixavam ver nos acontecimentos exteriores da guerra, a cega influência de dois gênios opostos, um ao outro.

Não seria justo, no entretanto, fazer recair sôbre Ricardo tôda a severidade dos juízos históricos. Os outros chefes, presos de ambição, de inveja, de todos os furores da discórdia, tinham, como êle, esquecido o principal objeto da guerra santa. Pudemos muitas vêzes notar que nas Cruzadas a multidão dos peregrinos jamais perdia de vista a libertação de Jerusalém e que os chefes estavam quase sempre afastados do objetivo de sua emprêsa, por projetos ambiciosos e interêsses profanos. Percebe-se que o dever do historiador com isso torna-se mais difícil. Se é fácil descrever as paixões humanas, quando surgem nos acampamentos e nos campos de batalha, não é a mesma coisa, quando elas se encerram no conselho dos príncipes e ali se misturam com mil interêsses desconhecidos. É aí que elas chegam fàcilmente a escapar às vistas do historiador, aos olhos da história e ocultam quase sempre seus segredos mais vergonhosos, às indagações da posteridade.

Durante o conselho dos vinte árbitros, enquanto êles deliberavam, alguns sírios vieram de Jerusalém, avisar Ricardo que uma rica caravana chegava do Egito e se dirigia para Jerusalém. O rei imediatamente reuniu a elite de seus guerreiros, aos quais se juntaram os franceses. Essa tropa intrépida, deixou o acampamento no fim do dia, caminhou tôda a noite à luz da lua e no dia seguinte cedo, chegou ao terri-

tório de Hebron a um lugar chamado Hary, onde a caravana se tinha detido, com a escolta. Os archeiros e balistários avançaram por primeiros: os guerreiros muçulmanos, em número de dois mil, se haviam distribuído em batalhões ao pé de um monte, enquanto a caravana, afastada, um pouco, esperava o começo da luta. Ricardo atirou-se à frente dos seus, contra os muçulmanos que foram desbaratados ao primeiro embate e fugiram, diz uma crônica, *como lebres que os cães perseguem*. A caravana foi aprisionada; os que a guardavam vieram também se entregar, no dia seguinte, estendendo aos cruzados, as mãos suplicantes, implorando misericórdia, e, para nos servirmos das expressões da crônica citada, *considerando tudo o que lhes poderia acontecer como pouca coisa, contanto que se lhes deixasse a vida.*

Ricardo e seus companheiros voltaram triunfantes ao exército cristão, trazendo quatro mil e setecentos camelos, um grande número de cavalos, burros, mulas carregados de mercadorias, as mais preciosas da Ásia. Distribuíram os burros a todos os servos do exército, e fizeram alimento com a carne fresca dos camelos. O Rei da Inglaterra distribuiu os despojos do inimigo aos que tinham ficado no acampamento, como aos que o haviam acompanhado; assim o Rei Davi, dizia-se no exército cristão, recompensava os que iam ao combate e os que guardavam as bagagens. Celebraram essa vitória com banquetes, onde, segundo a crônica de Gauthier Vinisauf, a carne branca dos

camelos, tomados aos muçulmanos, parecia uma iguaria deliciosa para os cruzados. Não se cansavam de admirar os ricos despojos dos inimigos e os peregrinos entregavam-se tanto mais à alegria quanto um êxito tão brilhante podia dar aos seus chefes o pensamento de se aproveitarem do terror dos muçulmanos e levarem os cruzados a Jerusalém.

Grande confusão agitou a Cidade Santa, quando lá se soube que a rica caravana do Egito tinha caído nas mãos dos cristãos. Boha-Eddin, testemunha ocular, narra que o sultão julgou dever reunir os emires para reanimar-lhes a coragem e os fêz jurar sôbre a pedra misteriosa de Jacó, combater até à morte. Nos conselhos que seguiram a esta cerimônia, as murmurações de descontentamento ou de desespêro, fizeram-se ouvir e as censuras misturaram-se aos avisos dados a Saladino. Êsses sinais, precursores da discórdia, mostravam, ora o terror que inspirava o nome de Ricardo, ora o espírito de insubordinação que começava a se fazer notar no exército muçulmano.

No entretanto, o conselho dos cavaleiros e dos barões, depois de vários dias de deliberações, determinou que o exército se afastaria das montanhas da Judéia e voltaria para as costas marítimas. Essa resolução espalhou pelo acampamento, geral desolação; os peregrinos começaram a amaldiçoar o tempo que tinham passado na Terra Santa; o espírito de rivalidade despertou ódios antigos; os cruzados, mais

divididos que nunca, não mais se puderam reunir nem para combater o inimigo, nem para suportar as suas misérias. Os franceses e os inglêses não marchavam mais juntos e acampavam em lugares separados. Vinisauf narra que o Duque de Borgonha compôs canções nas quais não poupava nem o Rei da Inglaterra nem as princesas que o tinham seguido à Cruzada. Ricardo respondeu com sátiras nas quais tratava com desprêzo os franceses e seu chefe. Dizia-se no exército que o Duque de Borgonha recebia dos muçulmanos o prêmio de sua ira contra Ricardo. Se acreditarmos nos cronistas inglêses o rei atacou e mandou matar a golpes de flechas os mensageiros de Saladino, encarregados de levar ao duque ricos presentes. Que podiam agora contra os infiéis, os cruzados enfraquecidos por tais dissensões? Já mesmo a causa de Jesus Cristo não tinha mais exército para sua defesa e os caminhos estavam cheios de peregrinos, que, nada mais esperavam da guerra santa e se dirigiam, uns a Tiro, outros a Joppé ou a Tolemaida, com o fim de embarcar para o Ocidente.

A paz tornava-se mais necessária que nunca a Ricardo. O Rei da Inglaterra levou de novo suas esperanças para Saladino. Abandonado por um grande número dos seus, êle mostrava ainda a altivez que a vitória dá: ora determinava que se arrasasse a fortaleza de Daroun, que lhe pediam; ora mandava uma guarnição à cidade de Ascalon, que queriam demolir; ora ameaçava sitiar a cidade de Beirute:

Saladino que não desejava a paz, prolongava as negociações para ter tempo de reunir seus emires, vários do quais voltavam às armas sob suas bandeiras, com repugnância. Depois que êle recebeu no exército os emires de Alepo, da Mesopotâmia, e do Egito, atraídos bem menos por suas ordens do que pela esperança de despojos e de uma vitória fácil, êle deixou Jerusalém e veio sitiar com tôdas as suas fôrças a cidade de Joppé defendida sòmente por três mil guerreiros cristãos.

Depois de vários ataques, a cidade é tomada: os muçulmanos massacram a todos os que encontram, cometem atos horríveis de crueldade, com os enfermos. Já a cidadela, onde se havia a guarnição refugiado, propunha a capitulação, quando Ricardo, vindo por mar, de Tolemaida, apareceu no pôrto com vários navios tripulados por guerreiros cristãos. Manda logo dirigir as barcas para a cidade, e, lançando-se à água, até à cintura, chega por primeiro à margem, defendida por uma multidão de muçulmanos. Os mais valentes seguem Ricardo, ao qual nada resiste. Essa tropa generosa penetra na praça, de lá expulsa os turcos, persegue-os até à planície e vai erguer suas tendas no mesmo lugar em que Saladino tinha as suas, algumas horas antes. Gauthier Vinisauf nos diz que os anais dos tempos antigos não apresentam tal prodígio e o autor árabe Boha-Eddin não pode deixar de prestar homenagem a êsse feito, quase fabuloso, do Rei da Inglaterra. Mas, embora tivesse

pôsto em fuga os inimigos, Ricardo estava longe de ter triunfado sôbre todos os perigos. Depois de ter reunido aos seus guerreiros a guarnição da cidadela, êle contava apenas com dois mil combatentes. No terceiro dia depois da libertação de Joppé, os turcos resolveram atacar seu acampamento; um genovês que de lá tinha saído de madrugada, viu na planície batalhões muçulmanos, e voltou gritando: "*Às armas! Às armas!*" Ricardo despertou sobressaltado, pôs sua couraça, e já os muçulmanos atacavam em massa: o rei e a maior parte dos seus marcharam para o combate de pernas nuas, alguns mesmo de camisa. No exército cristão só encontraram dez cavalos, um dos quais foi dado a Ricardo, e as crônicas nomeiam os nove guerreiros que seguiam o rei a cavalo; os muçulmanos são obrigados à retirada. O Rei da Inglaterra aproveita-se dessa primeira vantagem para reunir seus soldados, dispô-los em ordem de batalha, na planície e para exortá-los a novos combates. Os turcos voltam em seguida ao ataque, em número de sete mil cavaleiros e precipitam-se contra os cristãos; êstes, cerrando suas fileiras e apresentando-lhes a ponta das lanças, resistem ao ímpeto dos inimigos, semelhantes a uma muralha de ferro ou de bronze. Os cavaleiros muçulmanos recuam a princípio, voltam, soltando gritos espantosos, mas afastam-se sem ousar combater. Por fim Ricardo espalha-se com os seus e atira-se contra os turcos, atônitos por sua ousadia. Alguns vêm então dizer-

lhe que os inimigos haviam voltado à cidade de Joppé e que a espada muçulmana estava ceifando vidas dos cristãos que tinham ficado de guarda nas portas. Ricardo corre em seu auxílio, os mamelucos dispersam-se à sua aproximação, êle mata a todos os que resistem; tinha consigo apenas dois cavaleiros e alguns balistários. Depois que a cidade ficou livre da presença dos inimigos, êle voltou à planície onde suas tropas lutavam contra os cavaleiros muçulmanos. É aqui que seu historiador não sabe que expressões usar para descrever a surprêsa que lhe causou um espetáculo novo. Sòmente ao aparecer de Ricardo, os mais valentes dos muçulmanos tremem de mêdo e *seus cabelos se eriçam na cabeça.* Um emir, que se distinguia por seu talhe e pelo brilho de suas armas, ousa desafiá-lo para um combate; com um só golpe êle corta-lhe a cabeça, o ombro direito e o braço direito. No mais forte da refrega, o intrépido Conde de Leicester e vários de seus valorosos cavaleiros iam sucumbir, oprimidos pelo maior número de inimigos, quando Ricardo, sempre invencível, sempre invulnerável, salva-os da morte e da escravidão, derrubando em redor dêles uma multidão de muçulmanos. Por fim, êle precipita-se com tanto ardor ao meio das fileiras inimigas, que ninguém pode segui-lo e êle desaparece aos olhos dos seus guerreiros. Quando volta para o meio dos cruzados, que o julgavam morto, seu cavalo estava coberto de sangue e de poeira; e êle, para nos servirmos da expressão singela

de um cronista testemunha ocular, *todo eriçado de flechas, parecia uma bola coberta de agulhas.*

Alguns historiadores referem que Malek-Adhel cheio de admiração pela bravura de Ricardo, mandou-lhe dois cavalos árabes ao campo de batalha. Quando, depois do combate, Saladino censurava seus emires por terem fugido diante de um único homem, um dêles respondeu: "Ninguém pode suportar os golpes que êle desfere. Sua impetuosidade é terrível, sua espada é mortal, seus feitos estão acima da natureza humana."

Os mesmos cristãos não podiam explicar essa vitória extraordinária a não ser atribuindo-a ao poder divino. Mas, sem procurar diminuir a glória de Ricardo e de seus companheiros de armas, devemos lembrar aqui as discórdias que haviam surgido entre os guerreiros de Saladino e que lhes enfraqueceram e diminuiram a coragem. Os soldados que pertenciam à nação dos curdos, viam com inveja, o favor de que gozavam os mamelucos. Boha-Eddin refere-nos que na tomada de Joppé, êstes, colocados à porta da cidade, tinham arrebatado aos outros guerreiros os despojos dos cristãos. Êsse ato de injustiça e de violência deixou indignados os soldados muçulmanos e no último combate contra Ricardo, os soldados curdos ousaram proferir estas palavras: *Saladino! Chamam-nos para o perigo e nos repelem para os despojos. Dize a teus mamelucos que avancem e combatam!*

No entretanto, tantos esforços e tanta glória, deveriam ficar perdidos para a Cruzada. O Duque da Borgonha havia se retirado a Tiro e recusava-se a tomar parte na guerra. Os alemães, comandados pelo Duque da Áustria, tinham deixado a Palestina. Como Ricardo havia ficado doente e queria dirigir-se a Tolemaida, os chefes que o tinham seguido até então queixaram-se de que êle os abandonara e êles mesmos afastaram-se. O Rei da Inglaterra, para manter consigo seus mais fiéis guerreiros, foi obrigado a lhes distribuir tudo o que lhe restava dos despojos da caravana atacada nos campos de Hebron. Até então a ambição de Ricardo era aumentar por meio de prodígios de valor sua fama no mundo cristão. Êle suportava as dificuldades da guerra, na esperança de que seus feitos na Palestina, o ajudariam a triunfar de seus rivais e de seus inimigos de além-mar, mas, como seu exército o abandonava, êle só pensou em reatar as tratativas com Saladino. Os sentimentos diversos que o agitavam, a vergonha de não ter podido libertar Jerusalém, o temor de perder seu reino, faziam-no aceitar e rejeitar as propostas e as resoluções, mais contrárias; ora êle queria voltar à Europa, sem concluir a paz; ora ameaçava Saladino e procurava atemorizá-lo, espalhando a notícia de que o Pontífice de Roma devia chegar à Palestina, com duzentos mil cruzados. O inverno se aproximava e logo o Mediterrâneo deixaria de ser navegável: "Enquanto podemos ainda passar o mar, escrevia êle ao sultão,

aceitai a paz e eu voltarei para a Europa. Se recusardes as propostas que eu faço, passarei aqui o inverno e continuarei a guerra." Saladino convocou seus emires para deliberar a respeito das propostas de Ricardo. "Até aqui, disse êle, combatemos com glória, e a causa do islamismo triunfou por meio de nossas armas. Tenho mêdo de que a morte me surpreenda na paz e me impeça terminar a emprêsa que temos começado. Pois que, Deus nos deu a vitória, Êle quer que continuemos a guerra e devemos fazer a sua vontade." A maior parte dos emires aplaudiu a coragem e a firmeza de Saladino. Mas, disseram-lhe que "as cidades estavam sem defesa e as províncias, devastadas; os esforços da guerra haviam enfraquecido os exércitos muçulmanos; os cavalos não tinham forragem, os soldados, víveres. Se reduzirmos os francos ao desespêro, acrescentavam, êles nos podem ainda vencer e nos arrebatar nossas conquistas. É coisa sábia obedecer às máximas do Alcorão, que nos ordena conceder a paz aos nossos inimigos, quando êles a pedem. A paz nos dará tempo de nos fortificarmos e nossas cidades também, de restaurar nossas fôrças e de recomeçar a guerra com vantagem, quando os francos, sempre infiéis aos tratados, nos derem novos motivos para atacá-los".

Saladino podia ver por estas palavras dos emires que a maior parte dos guerreiros muçulmanos começava a perder o entusiasmo e o zêlo que haviam mostrado pela causa do islamismo. O sultão estava

abandonado por vários dos seus auxiliares e temia ver surgirem perturbações em seu império. Além disso êle não se podia lembrar sem estremecer, da recusa de suas tropas quando da luta em Joppé. Os dois exércitos acamparam um perto do outro e a poeira que se erguia dos dois acampamentos, diz um autor árabe, misturava-se no ar e formava uma só nuvem. Nem os cristãos, nem os muçulmanos mostravam impaciência por passar o limite de suas muralhas e de seus fossos; uns e outros pareciam igualmente cansados da guerra; os dois chefes tinham o mesmo interêsse em concluir a paz. A disposição dos espíritos e a impossibilidade de continuar os empreendimentos guerreiros fizeram-nos por fim aceitar tréguas de três anos e oito meses. "Ricardo, diz Gauthier Vinisauf, não podia esperar um tratado melhor; quem quer pense o contrário será acusado de má fé."

Determinaram que Jerusalém seria franqueada à devoção dos cristãos e que êstes possuiriam tôda a orla marítima, desde Joppé até Tiro. Os turcos e os cruzados tinham pretensões sôbre Ascalon, que era tida como a chave do Egito. Para terminar as discussões, determinou-se que essa cidade seria de novo destruída. Não é inútil notar-se que não se falou da restituição da verdadeira cruz, que tinha sido motivo das primeiras negociações e pela qual Ricardo tinha, a princípio, mandado vários embaixadores a Saladino. Os principais chefes dos dois

exércitos juraram, uns sôbre o Alcorão, outros sôbre o Evangelho, observar as condições do tratado. A majestade real parecia ter algo de mais imponente e mais augusto que a santidade mesma do juramento: o sultão e o Rei da Inglaterra, contentaram-se de dar a palavra e de tocar na mão dos embaixadores.

Todos os príncipes cristãos e os emires da Síria foram convidados a assinar o tratado concluído entre Ricardo e Saladino. Entre os que foram chamados para ser testemunhas da paz, não foi esquecido o Príncipe de Antioquia, que tinha tomado pouca parte na guerra, nem o chefe dos ismaelitas, o inimigo dos cristãos e dos muçulmanos.

Sòmente Guy de Lusignan, não foi citado no tratado. Êsse príncipe teve um momento de importância, pelas divisões que tinha suscitado. Mas caiu no esquecimento, logo que os cruzados tiveram outros motivos de discórdia. Despojado de seu reino, êle obteve o de Chipre, que era uma possessão mais real; era necessário, porém, pagar aos templários, aos quais Ricardo o tinha vendido ou cedido. A Palestina foi dada a Henrique, Conde de Champanha, o novo marido daquela Isabel que parecia prometida a todos os pretendentes ao reino de Jerusalém e que por um singular destino, tinha dado a três esposos o direito de reinar, sem poder ela mesma subir ao trono.

Quando a paz foi proclamada, os peregrinos antes de voltar à Europa, quiseram visitar o túmulo de Cristo e ver aquela Jerusalém que não tinham

podido libertar. A maior parte dos cruzados do exército de Ricardo, dividiu-se em várias caravanas e encaminhou-se para a Cidade Santa. Embora estivessem sem armas, sua presença despertou entre os muçulmanos os sentimentos que tinham nutrido a guerra. "Os turcos, diz Gauthier Vinisauf, olhavam ameaçadoramente para os peregrinos, e êstes, teriam preferido estar em Tiro ou em S. João de Acre, do que na estrada de Jerusalém." Saladino foi obrigado a empregar seu poder para que se respeitassem as leis da hospitalidade. O Bispo de Salisbury, cuja bravura o sultão tinha experimentado e que fazia à peregrinação em nome de Ricardo, foi recebido com distinção. Saladino mostrou-lhe a cruz verdadeira e se entreteve com êle por muito tempo, falando da guerra santa.

Os franceses que, na paz, como na guerra, estavam quase sempre separados dos inglêses, não fizeram nenhuma peregrinação a Jerusalém. Depois da batalha de Joppé não haviam deixado a cidade de Tiro, conservando sempre suas prevenções invejosas, contra Ricardo. Êles se haviam mostrado descontentes com o tratado concluído entre êle e Saladino e haviam censurado o Rei da Inglaterra. O soberano, para se vingar, tinha fechado aos franceses as portas de Jerusalém. Depois que êles partiram, o rei dizia aos seus: *Expulsai os zombadores e a zombaria irá com êles.* O Duque da Borgonha, que estava à frente dos franceses, morreu quando de regresso ao

Ocidente, e, como havia morrido num acesso de violento nervosismo, os peregrinos inglêses não deixaram de ver nisso e nessa morte, o castigo de sua traição e o juízo da cólera divina.

Ricardo, nada mais tendo a fazer no Oriente, e pensando apenas nos inimigos que tinha na Europa, começou a se preparar para o regresso. Depois que embarcou em Tolemaida, os cristãos da Terra Santa não puderam reter as lágrimas. Não se havia conhecido melhor a sua virtude nem prestado homenagem mais justa às suas brilhantes qualidades. Todos, vendo-o partir, julgavam-se sem amparo e sem auxílio contra os agressores muçulmanos: êle mesmo, não conseguiu reter as lágrimas e depois que saiu do pôrto, voltando os olhos para a terra que acabava de deixar, exclamou: *"Ó Terra Santa! Recomendo teu povo a Deus; permita o céu que eu ainda possa voltar para te visitar e te socorrer!*

Assim terminou a terceira Cruzada, em que todo o Ocidente em armas não conseguiu obter outras vantagens que a conquista de Tolemaida e a destruição de Ascalon. A Alemanha lá perdeu, sem glória, um de seus mais ilustres imperadores e o mais belo de seus exércitos; a França e a Inglaterra, a flor de sua nobreza guerreira. A Europa teve tanto mais a deplorar as perdas que sofreu nessa guerra, quanto os exércitos cristãos estavam mais bem organizados que nas expedições precedentes; os criminosos, os aventureiros, as pessoas sem palavra e fé, tinham

sido excluídas e tudo o que o Ocidente tinha de mais ilustre entre seus guerreiros se havia alistado sob as bandeiras de Cristo.

Os cruzados que combatiam contra Saladino estavam mais bem armados que os que os haviam precedido na Palestina; serviam-se da arbaleta, desprezada na segunda Cruzada; as couraças, os escudos, recobertos de couro espêsso, resistiam aos dardos dos muçulmanos; muitas vêzes viram-se nos campos de batalha, soldados, eriçados de flechas, não serem feridos, imóveis no meio de seus batalhões. A infantaria, arma desprezada, tornou-se importante, no longo cêrco de Tolemaida. Essa guerra não se parecia com as que se faziam então na Europa, onde, segundo as leis feudais, os príncipes e os senhores não podiam conservar por muito tempo seus guerreiros sob as bandeiras. Três anos de perigos e de combates formaram os soldados à obediência, os chefes, ao govêrno e ao comando.

Os muçulmanos tinham também feito progressos na ciência da guerra e começavam a retomar o uso da lança, à qual pareciam ter preferido o sabre e a espada, quando os primeiros cruzados haviam chegado à Síria. Seus exércitos não eram mais uma multidão confusa e combatiam com menos desordem. Os turcos e os curdos sobrepujavam aos francos na arte de atacar e de defender as praças de guerra; sua cavalaria, que se podia renovar com facilidade, fazia-os superiores aos cruzados, que tinham muitas

dificuldades para encontrar novos cavalos. Os muçulmanos tinham mais de uma vantagem sôbre os francos; combatiam no próprio território, em seu próprio país, eram governados por um único chefe, o que lhes dava sempre o mesmo espírito e jamais lhes deu outra causa a defender.

A terceira Cruzada, embora infeliz, não suscitou tantas queixas na Europa, como a de S. Bernardo, porque não foi sem glória. Encontrou, na verdade, censores e as razões pelas quais defenderam-na, tem muita semelhança com as que empregaram os apologistas da segunda guerra santa. "Houve pessoas, diz um dêles, que, raciocinando por paus e por pedras, ousaram afirmar que os peregrinos nada haviam conquistado na terra de Jerusalém, pois que a Cidade Santa, tinha ficado em poder dos sarracenos; mas êsses homens, não têm em nenhuma conta o triunfo espiritual de cem mil mártires? Quem pode duvidar da salvação de tantos nobres guerreiros, que se condenaram a tôda espécie de privações para merecer o céu e que nós mesmos vimos, no meio de todos os perigos, assistir todos os dias à missa, que seus próprios capelães celebravam?" Assim falava Gauthier Vinisauf, autor contemporâneo. Contar entre as vantagens de uma Cruzada o número imenso de mártires, que ela fêz, deve parecer uma idéia singular. Os que se exprimiam dêsse modo, eram pelo menos, conseqüentes, com as idéias do século e principalmente com o espírito que animava os soldados da cruz.

Quando os papas e os oradores sagrados, procuravam excitar o zêlo dos cristãos do Ocidente, para a libertação dos santos lugares, prometiam-lhes apenas a palma do martírio; e essa única promessa era suficiente para fazer partirem milhares de peregrinos.

Quando êles morriam na Cruzada, encontravam o bem que lhes fôra prometido. Não é pois de se admirar, de que, depois da guerra se considerava como um benefício o cumprimento das promessas feitas antes. Além disso, não nos devemos esquecer de que era essa a linguagem dos eclesiásticos e dos monges. Se cavaleiros e barões tivessem escrito essa história, teriam feito sem dúvida outras considerações: quando lermos os anais dêsses tempos remotos, encontrá-los-emos muitas vêzes cheios da devoção, como os tempos mesmos, que êles nos lembram. No mundo e nos acampamentos, os fatos passavam-se muitas vêzes segundo a vontade das paixões humanas e sua história não se escrevia a não ser nos claustros.

Nessa Cruzada, os francos mostraram-se mais políticos do que nunca. Grandes monarcas que se combatiam, sem deixar de se estimar e de ter entre si generosas atitudes, eram para o mundo um espetáculo novo. Os súditos seguiram o exemplo dos príncipes e perderam nas tendas alguma coisa da sua barbárie. Os cruzados por vêzes foram admitidos à mesa de Saladino e os emires, recebidos na de Ricardo: misturando-se, os muçulmanos e os cristãos

puderam fazer uma feliz permuta de usos, de maneiras, de saber e mesmo de virtudes.

Os cristãos, um pouco mais esclarecidos que nas duas Cruzadas precedentes, tiveram menos necessidade de serem animados por prodígios. A paixão da glória foi para êles um móvel quase tão poderoso como o entusiasmo religioso. Também a cavalaria fêz grandes progressos na Cruzada; era de tal modo apreciada e honrada, mesmo entre os infiéis, que Saladino quis conhecer-lhe os estatutos e Malek-Adhel mandou seu filho mais velho a Ricardo, para que o jovem príncipe muçulmano fôsse feito cavaleiro na assembléia dos barões e dos senhores cristãos.

O sentimento da honra, a humanidade que dela é inseparável, muitas vêzes enxugaram as lágrimas que as desgraças da guerra faziam derramar; ternas paixões e virtuosas, associavam-se na alma dos heróis, com as máximas austeras da religião e as imagens sangrentas dos combates. No meio da corrupção dos acampamentos, o amor, inspirando sentimentos elevados e delicados aos cavaleiros e aos trovadores que tinham abraçado a cruz, preservou-os das seduções e de uma devassidão grosseira. Mais de um guerreiro, animado pela recordação da sua beleza, fêz amar sua bravura, combatendo contra os muçulmanos. Foi nessa Cruzada que morreu o castelão de Coucy, ferido mortalmente, ao lado do Rei Ricardo. Uma canção que nos ficou, contém suas despedidas à França; êle

ia para a Terra Santa, dizia êle, a fim de obter três coisas de grande valor para um cavaleiro: *o paraíso, a glória e o amor de sua espôsa.* Uma crônica da idade média narra que quando êle recebeu o golpe mortal e estava para exalar o último suspiro, o fiel castelão confessou-se antes com o legado do papa e encarregou, em seguida, seu escudeiro de levar seu coração à Senhora de Fayel. As últimas vontades de Coucy e o horrível banquete que um marido cruel mandou servir à vítima de seu ciúme, mostram ao mesmo tempo o que a cavalaria podia inspirar de mais tocante e o que os costumes do século doze tinham de mais bárbaro. Os trovadores celebraram nas suas canções o amor cavalheiresco do nobre castelão e o desespêro que se apoderou da bela de Vergy quando soube que tinha comido o coração do seu fiel cavaleiro. Se dermos crédito às velhas crônicas, o senhor de Fayel, perseguido pelo remorso e pelas censuras dos seus contemporâneos, foi obrigado a partir para a Terra Santa, para expiar seu crime e a morte de uma espôsa infeliz.

Nessa Cruzada, onde tantos cavaleiros se distinguiram, dois homens, Ricardo e Saladino, conquistaram glória imortal; um por uma bravura inútil e por qualidades mais brilhantes que sólidas; o outro, por resultados reais e por virtudes que teriam podido servir de modêlo aos cristãos. O nome de Ricardo foi, durante um século, o espantalho do Oriente; os sarracenos e os turcos celebraram-no em seus pro-

vérbios, muito tempo depois das Cruzadas. Êle cultivou as letras e mereceu um lugar entre os trovadores; mas as artes não mitigaram o caráter impetuoso e indomável, que lhe fêz merecer de seus contemporâneos o apelido de *Coração-de-Leão*, que a história conservou. Levado pela inconstância de suas inclinações, freqüentemente mudou de idéias, de afetos e de máximas; muitas vêzes mesmo, enfrentou a religião e muitas vêzes por ela se sacrificou. Ora incrédulo, ora supersticioso, sem medida no ódio como na amizade, foi excessivo em tudo e só se mostrou constante em seu amor pela guerra. As paixões que o animavam permitiram raramente à sua ambição ter um objetivo, um fim determinado. Sua imprudência, sua presunção, a incerteza de seus projetos, fizeram-no perder o fruto de seus feitos. Numa palavra, o herói dessa terceira Cruzada é feito mais para excitar a surprêsa do que para inspirar estima e parece menos pertencer à história do que aos romances da cavalaria.

Com menos ousadia e coragem que Ricardo, Saladino tinha um caráter mais grave e principalmente mais próprio para guiar uma guerra religiosa. Deu mais continuidade aos seus projetos; mais senhor de si mesmo, soube melhor comandar os outros. Seu nascimento não o destinava para o trono e seu crime foi lá subir, mas devemos dizer que, depois de nêle se ter assentado, mostrou-se digno do govêrno. Sabemos, além disso, que se apoderando do império de Noureddin, êle obedeceu menos à sua inclinação do

que à sorte e ao destino. Uma vez no pôsto de govêrno, só teve duas paixões: a de reinar e a de fazer triunfar o Alcorão. Tôdas as vêzes que não se tratava de um reino ou da glória do profeta, quando não se contrariasse à sua ambição nem à sua crença, o filho de Ayoub mostrou moderação. No furor da guerra, êle deu exemplo de virtudes pacíficas: "*dos seus acampamentos*, diz um autor oriental, *êle cobria o povo com as asas da sua justiça e fazia chover sôbre as cidades as nuvens da sua liberalidade.*" Os muçulmanos admiravam a austeridade de sua devoção, sua constância na fadiga, sua habilidade na guerra. Sua generosidade, seu respeito pela desgraça e pela fé jurada foram celebrados pelos cristãos que tinham desolado suas vitórias e cujo poder êle derrubou na Ásia. Numa conversa que teve depois da guerra com o Bispo de Salisbury e que nos foi conservada por muito tempo por uma crônica da época, Saladino nos dá a conhecer ao mesmo tempo seu caráter e o de Ricardo; o sultão louvou muito a bravura do Rei da Inglaterra: "Mas êsse príncipe, disse êle, não é muito prudente e mostra-se muito pródigo com sua vida; eu preferiria ver num grande homem a prudência e a modéstia do que o desprêzo do perigo e o amor da vanglória."

Essa guerra, tão gloriosa para o chefe dos muçulmanos, não foi desvantajosa para a Europa. Cruzados, que se dirigiam para a Palestina, pararam na Espanha, e, por suas vitórias contra os mouros,

prepararam a libertação dos reinos cristãos, situados além dos Pirineus. Como na segunda Cruzada, um grande número de alemães, levados pelas solicitações do papa, fizeram guerra aos bárbaros habitantes das margens do Báltico e ampliaram com felizes resultados, os limites da república cristã no Ocidente.

Como a maior parte dos peregrinos foram por mar à Palestina, a arte da navegação teve grande desenvolvimento e fêz sensíveis progressos. Durante o cêrco de Tolemaida, chegaram muitos navios da Europa, pelos mares da Síria. Se a maior parte dêsses navios tivesse pertencido aos príncipes que dirigiam a guerra e não a comerciantes que se aproveitavam da Cruzada sem a servir, não há dúvida de que a marinha dos orientais teria sido aniquilada e os muçulmanos não teriam podido disputar aos cristãos o império marítimo; todavia, as frotas do Ocidente tiveram uma superioridade marcada sôbre as dos turcos. As crônicas contemporâneas falam de diversas batalhas navais nas quais os francos tiveram tôda vantagem; os conhecimentos técnicos que os velhos cronistas exibem em suas descrições e narrações, provam-nos que as luzes sôbre essa parte importante da indústria humana começava a se divulgar. Uma observação que não deixa de ter interêsse, é que Ricardo embarcou em navio inglês e Filipe, recorreu, para sua viagem, aos genoveses. Não é inútil acrescentar-se que o brilhante combate travado entre Ricardo e os muçulmanos no mar de Tiro, contra um

grande navio dêstes, foi um dos primeiros triunfos da marinha britânica.

Um dos resultados mais importantes da terceira Cruzada, com o qual os cruzados não contavam, foi a conquista de Chipre e a erecção dessa ilha, em reino. Chipre tinha várias cidades florescentes, suas planícies eram férteis, seus outeiros produziam um vinho famoso, seus portos ofereciam asilo como para os navios que vinham do Ocidente para a Ásia e voltavam da Síria para a Europa. O reino de Chipre, muitas vêzes deu úteis auxílios às colônias cristãs do Oriente, e, quando elas foram dispersadas pelos turcos, êles recolheram-lhes os restos. Conquistada por Ricardo e governada por uma longa série de reis, conservou por muito tempo depois das Cruzadas, as leis que Godofredo de Bouillon e seus sucessores tinham feito, para Jerusalém; transmitiu às épocas seguintes o mais precioso monumento da legislação daqueles tempos remotos.

Em alguns Estados da Europa, o comércio e o espírito mesmo das guerras santas, tinham contribuído para a libertação das comunas. Muitos servos, libertados, tinham tomado as armas. Não foi um dos espetáculos menos interessantes dessa Cruzada, verem-se as bandeiras de várias cidades da França e da Inglaterra flutuar no exército cristão, entre os estandartes dos senhores e dos barões.

A Cruzada arruinou a Inglaterra; ela manteve nesse país germes de discórdia; a França, embora

tivesse que deplorar a perda de um grande número de guerreiros, viu, na mesma época, florescer a paz em tôdas as suas províncias e aproveitou-se da infelicidade de seus vizinhos. A Cruzada forneceu a Filipe Augusto os meios de enfraquecer os grandes vassalos e de reunir a Normandia à coroa. Ela lhe deu a facilidade de impor tributos sôbre todos os súditos, mesmo sôbre o clero e de ter a seu sôldo exércitos regulares; ofereceu-lhe, ademais, um pretexto para se rodear de uma guarda fiel. Assim elevava-se o poder real, cuja nação, esperava sua liberdade e que devia mais tarde triunfar em Bouvines, sôbre a liga mais temível que jamais se formou contra a França.

Um longo cativeiro esperava Ricardo ao seu regresso da Europa. Atirado pela tempestade sôbre as costas do Adriático, entre Veneza e Aquiléia, êle teve mêdo de atravessar a França, onde receava a presença de Filipe Augusto e encaminhou-se pela Alemanha acompanhado apenas por um servo. Ricardo descansou alguns dias em Viena, numa aldeia chamada Erdberg. O servo indo à cidade para comprar alimento, levou uma pedra preciosa de grande valor e um par de luvas de seu senhor; com isso despertou desconfianças; interrogaram-no; êle respondeu que viajava com um rico comerciante, mas as suspeitas não se dissiparam, pois já começava a se espalhar a notícia de que o Rei da Inglaterra tinha desembarcado em Zadara e estava na Áustria. O

criado, cedendo, às instâncias e às ameaças confessou por fim a verdade. Ricardo foi prêso por soldados de Leopoldo, num hotel, disfarçado em servente de cozinha. O Duque da Áustria não foi bastante generoso para esquecer os ultrajes que tinha recebido do Rei da Inglaterra, no cêrco de Tolemaida e reteve o monarca como seu prisioneiro.

Não se sabia mais na Europa o que era feito de Ricardo, quando um gentil-homem de Arras, chamado Blondel, resolveu percorrer a Alemanha e indagar onde o príncipe estava, até encontrá-lo. Blondel, — *jurou a si mesmo* —, diz uma crônica, — *que êle procuraria seu senhor por tôda a terra até tê-lo encontrado. Aconteceu, por acaso,* — que Blondel chegou à Áustria, a um belo vale, em um lugar chamado Duresten, à margem esquerda do Danúbio, a algumas milhas de Viena. Chegando perto de um velho castelo, onde gemia, diz-se, um ilustre prisioneiro, o menestrel ouviu cantar o primeiro verso de uma canção que êle tinha feito outrora com Ricardo e se pôs a cantar o segundo verso. O prisioneiro reconheceu Blondel e o fiel trovador voltou à Inglaterra para anunciar que tinha descoberto a prisão do Rei Ricardo. O Duque da Áustria, assustado com aquela descoberta, não ousou mais reter na prisão seu temível cativo e o entregou ao Imperador da Alemanha. Ricardo tinha ficado treze meses no castelo que Leopoldo lhe havia designado para prisão. Henrique IV, que tinha também injúrias a vingar, regozijou-se de

Blondel reconhece a voz de Ricardo, prisioneiro.

ter em seu poder o Rei da Inglaterra e o mandou prender no castelo de Trifels, do qual o viajante pode ainda ver as ruínas à margem esquerda do Reno, não longe de Landau. O Imperador da Alemanha conservou-o aí quase um mês. O herói da Cruzada, cujo nome enchia o mundo, enlanguescia nas trevas de uma masmorra e assim ficou muito tempo à mercê da vingança de dois príncipes cristãos.

Fizeram-no comparecer perante a dieta germânica reunida em Worms, acusaram-no de todos os crimes que lhe haviam atribuído o ódio e a inveja; mas o aspecto de um rei acorrentado é um espetáculo tão comovente, que ninguém ousou condenar Ricardo; e, depois que êle apresentou as suas justificativas, os bispos e os senhores derramaram lágrimas e pediram a Henrique que o tratasse com menos injustiça e rigor.

A Rainha Eleonora implorou a tôdas as potências da Europa a libertação de seu filho. As queixas e as tristezas de uma mãe, tocaram o coração de Celestino, que acabava de subir à cátedra de Pedro. O papa reclamou várias vêzes a liberdade do Rei da Inglaterra e lançou mesmo a excomunhão contra o Duque da Áustria e o Imperador: mas os castigos da Igreja caíam tão freqüentemente sôbre o trono da Alemanha, que quase já não inspiravam mêdo. Henrique desafiou os anátemas da Santa Sé, o cativeiro de Ricardo durou ainda mais de um ano; por fim êle conseguiu a liberdade, mas teve que se

comprometer em pagar um resgate considerável. Seu reino, que êle tinha arruinado ao partir, esgotou-se, para apressar a sua volta, e a Inglaterra deu até vasos sagrados para quebrar os ferros de seu monarca. Êle foi recebido com entusiasmo pelos inglêses: suas aventuras, que arrancavam lágrimas, fizeram esquecer sua crueldade e a Europa só se lembrou dos seus feitos e de suas desgraças.

Depois das tréguas concluídas com Ricardo, Saladino se havia retirado para Damasco, mas só gozou de sua glória, durante um ano. A história contemporânea narra a maneira edificante como êle morreu; distribuiu igualmente suas esmolas aos cristãos e aos muçulmanos. Antes de morrer, ordenou a um dos seus emires que levasse sua bandeira mortuária pelas ruas de Damasco, repetindo em voz alta: *Eis o que Saladino, vencedor do Oriente, leva de suas conquistas!* As crônicas latinas são as únicas que narram êste fato e nós o reproduzimos aqui como um documento histórico, como uma grande lição de moral e a expressão viva e enérgica da fragilidade das grandezas humanas. Encontramos nos autores árabes uma circunstância mais verdadeira e não menos notável, que marca muito bem tanto a dor que a morte de Saladino inspirou e aquela espécie de govêrno, onde tudo parece morrer com o príncipe: Boha-Eddin, depois de ter falado do desespêro que os sírios manifestaram, acrescenta que todo o povo

de Damasco ficou tomado de espanto e que no meio da dor pública, *esqueceram-se de saquear a cidade.*

Nos últimos dias de sua vida Saladino ocupava-se de novas conquistas: êle dirigia seus olhares para a Ásia Menor, o império grego e talvez também para o Ocidente, cujos exércitos êle tinha várias vêzes vencido na Síria.

LIVRO NONO

FIM DA QUARTA CRUZADA.

1193-1198

Desmembramento do império fundado por Saladino; Malek-Adhel aproveita da rivalidade de seus sobrinhos para se apoderar do trono; rápido olhar sôbre a situação política do Oriente e do Ocidente; o Papa Celestino III faz pregar a Cruzada; o imperador da Alemanha Henrique IV; dieta de Worms; partida dos cruzados alemães, seu proceder altivo e impolítico na Palestina; conseqüências que ela causa; os muçulmanos sitiam Joppé; morte do rei de Jerusalém; Malek-Adhel vencido e pôsto em fuga; os cristãos retomam Beirut; o novo senhor da Síria; tomam a deliberação de voltar à Cidade Santa; atacam o castelo de Thoron; sua fuga vergonhosa; suas funestas dissensões; a Rainha Isabel dá sua mão a Amaury, rei de Chipre; chegada do Conde de Monfort; os cruzados alemães voltam para a Europa; tréguas com Malek-Adhel. — Resumo da quarta Cruzada.

Enquanto eu recordo nesta história os grandes acontecimentos de idades remotas, a discórdia e a guerra agitam meus contemporâneos e muitas vêzes uma revolução surge no intervalo de um volume a outro. Mal tinha eu acabado, numa tranqüilidade passageira, a narração das primeiras cruzadas, novas tempestades vêm desabar em redor de nós: todos os reis da Europa tomam as armas, não mais para libertar o sepulcro de Jesus Cristo, mas para defender suas velhas monarquias, que estão para ruir. É na espectativa de uma nova revolução, de uma guerra formidável, na ociosidade inquieta de um segundo exílio, que eu continuo minha tarefa começada.

Há trinta anos a Europa vive entregue a profundas perturbações; uma revolução partida da França sacudiu os tronos, desorganizou violentamente a sociedade e multiplicou as ruínas no mundo moral, como no político. As constituições, as crenças, os costumes dos antigos, foram atacados com fúria; demoliu-se a lenta obra dos tempos e desprezou-se a recordação das gerações passadas. Opiniões novas armaram-se contra a velha França, a França heróica e religiosa que nos guarda a lembrança das expedições da cruz. Essa revolução, tornando-se tão gran-

de espetáculo para o universo, teve como auxiliares a guerra e a vitória, como essa outra revolução que precipitou outrora o Ocidente contra o Oriente. Os campeões de Jesus Cristo marchavam para a conquista do mundo oriental, em proveito do evangelho; os campeões das novas idéias marcham para um mundo futuro, que ninguém conhece. Deplorando as desgraças da idade presente, aí procurarei lições para melhor compreender os tempos de que encetei a narração da história.

As revoluções, embora nem sempre tenham sido motivadas pelo mesmo agente, assemelham-se entre si, no que têm de violento e apaixonado. Os desastres de que fui testemunha, as tempestades que ainda escuto rugir, mostram-me o coração humano, sempre o mesmo, e ajudar-me-ão, sem dúvida, a descrever com mais fidelidade as perturbações e as paixões de um outro século.

Depois da morte de Saladino, aconteceu o que acontecia quase sempre nas dinastias do Oriente: um reino agitado e cheio de perturbações, sucedia ao reino da fôrça e do poder absoluto. Nessas dinastias, que só têm a vitória por apoio e a vontade onipotente de um único homem, obedece-se, tremendo, quando o soberano ordena, rodeado de soldados; depois, porém, que êle fechou os olhos, atiram-se todos à licença, com o mesmo ardor que se haviam lançado à servidão; as paixões por muito tempo contidas, pela

presença do déspota, rebentam com mais violência quando dêle só existe uma vaga lembrança.

Saladino, antes de morrer, não regulou a ordem de sua sucessão e por essa imprevidência, preparou a ruína do seu império.

Um de seus filhos, Aziz, que governava no Egito, fêz-se proclamar soberano no Cairo. Um outro, apoderou-se do principado de Alepo. Um terceiro, do govêrno de Damasco. Malek-Adhel, irmão de Saladino, fêz-se reconhecer como soberano de uma parte da Mesopotâmia e de algumas cidades vizinhas de Eufrates. Os principais emires, todos os príncipes da família dos ayoubitas, tornaram-se senhores das cidades e das províncias que governavam.

Afdal, filho mais velho de Saladino, fôra proclamado sultão de Damasco; senhor da Síria e da capital de um vasto império, soberano de Jerusalém e da Palestina, êle parecia ter conservado algo do poder paterno; mas, tudo havia caído na desordem e na confusão. Os emires, velhos companheiros das vitórias de Saladino, suportavam com dificuldade a autoridade de um sultão jovem. Muitos tinham-se recusado prestar obediência ou juramento de fidelidade, redigidos pelos cádis de Damasco; outros, consentiram em fazê-lo, com a condição de conservar seus feudos, ou de que se lhes dessem outros. Longe de trabalhar para reduzir essa milícia turbulenta, Afdal esqueceu-se dos deveres do trono, nos excessos da devassidão; e, entregue aos prazeres, abandonou

a preocupação e os cuidados do seu império, a um vizir, que o tornava odioso aos muçulmanos. O exército pedia a demissão do vizir, que era acusado de ter usurpado a autoridade do príncipe. O vizir propôs a seu senhor a demissão dos emires sediciosos. O fraco sultão, que só via pelos olhos do seu ministro, importunado com a presença e as queixas de um exército descontente, despediu de seu serviço um grande número de emires e de soldados. Êles foram queixar-se a todos os príncipes vizinhos da ingratidão de Afdal, e o acusaram de esquecer, na ociosidade e na moleza, as santas leis do profeta e a glória de Saladino.

O maior número dêles, que se havia retirado para o Egito, exortou a Aziz a tomar as armas contra seu irmão. O soberano do Cairo escutou-lhes as palavras, e, com o pretexto de vingar a glória de seu pai, concebeu o projeto de se apoderar de Damasco. Reuniu tôdas as suas tropas e dirigiu-se para a Síria, à frente de um exército. À aproximação do perigo, Afdal pediu auxílio aos príncipes que reinavam no país de Hamah e de Alepo. Logo rebentou uma guerra formidável, à qual foi arrastada a família dos ayoubitas. Aziz sitiara Damasco. A esperança de uma fácil conquista animava os emires e lhes fazia crer que êles combatiam pela justiça; mas, como a princípio tiveram poucos resultados favoráveis e a vitória se afastava sempre mais de suas bandeiras, aquela guerra começou a lhes parecer injusta. Dis-

seram com clareza seu parecer e começaram a murmurar. Revoltaram-se mesmo contra Aziz e reuniram-se às tropas da Síria. O soberano do Cairo, assim abandonado, foi obrigado a levantar vergonhosamente o cêrco e voltar para o Egito. O sultão de Damasco e seu tio Malek-Adhel, perseguiram-no através do deserto, com o fim de atacá-lo até na sua capital. Afdal, à frente de um exército vitorioso, tinha já levado o terror até às margens do Nilo; Aziz ia ser destronado e o Egito, conquistado pelos sírios, se o irmão de Saladino, levado por uma política, da qual mais tarde se soube o motivo, não tivesse oposto às armas do vencedor, a autoridade de seus conselhos e restabelecido a paz na família dos ayoubitas.

Os príncipes e os emires respeitavam a experiência de Malek-Adhel, e o tomavam por árbitro de suas questões. Os guerreiros da Síria e do Egito, acostumados a vê-lo nos acampamentos, consideravam-no como chefe, e seguiam-no com alegria ao combate; os povos, que êle tinha tantas vêzes enlevado com seus feitos, invocavam seu nome nos reveses e nos perigos. Os muçulmanos viam com admiração que êle havia sido exilado para a Mesopotâmia, e que um império, fundado por seu valor, estava abandonado a jovens príncipes, que não tinham nome entre seus guerreiros: êle mesmo, indignando-se secretamente, por não ter recebido a recompensa dos seus trabalhos, sabia tudo o que os velhos soldados que êle tinha levado à vitória podiam fazer um dia por

sua ambição. Importava aos seus projetos, que o império não fôsse reunido nas mesmas mãos, e que as províncias ficassem ainda algum tempo divididas, entre duas potências rivais. A paz que êle tinha feito firmar não podia ter longa duração e a discórdia, sempre pronta a surgir entre seus sobrinhos, devia logo oferecer-lhe uma ocasião de recolher êle sòzinho a vasta herança de Saladino.

Afdal, avisado pelos perigos que tinha corrido, resolveu mudar de proceder. Até então êle tinha escandalizado os fiéis muçulmanos com seu procedimento, entregando-se aos excessos do vinho. À sua volta do Egito, mostrou-se mais dócil às lições de homens piedosos e devotos, mas passou de um extremo ao outro; viam-no sempre em oração, sempre ocupado com as menores práticas da religião muçulmana, pondo-se a copiar êle mesmo o Alcorão; na sua extrema devoção, como na sua vida dissipada, Afdal conservou-se sempre estranho aos cuidados do império e abandonou-se sem reserva aos conselhos daquele mesmo vizir que já o tinha quase feito perder seus estados. "Então, diz Aboulféda, surgiram queixas, de tôdas as partes contra êle, e aquêles que até então tinham feito ouvir palavras elogiosas, ficaram em silêncio."

Aziz julgou que a ocasião era favorável para retomar as armas contra seu irmão. Malek-Adhel persuadido de que a guerra podia servir à sua ambição, não falou mais de paz, e colocou-se a frente do

exército egípcio. Intimidou com suas ameaças e ganhou com sua liberalidade os emires de Afdal e tomou a princípio posse de Damasco em nome de Aziz e como soberano logo governou as mais ricas províncias da Síria.

Todos os dias novas discórdias elevavam-se entre os príncipes e os emires. Todos os que tinham combatido com Saladino julgaram que havia chegado o momento de fazer valer suas pretensões; os príncipes que restavam ainda da família de Noureddin, pensaram em retomar as províncias de que o filho de Ayoub tinha despojado os infelizes atabeks. Todo o Oriente estava agitado; sangrentas divisões desolavam a Pérsia, que disputava os ressequidos restos dos seldjúcidas. O império de Karisma, que se estendia cada vez mais por suas conquistas, ameaçava ora a capital do Korassan, ora a cidade de Bagdad, onde tremia o pontífice da religião muçulmana. Há muito tempo os califas não podiam tomar parte ativa nos acontecimentos que mudavam a face da Síria e não tinham mais autoridade a não ser para consagrar as vitórias do partido vencedor. Afdal, expulso de Damasco, em vão invocou a proteção do califa de Bagdad, que o exortou a ter paciência, dizendo-lhe que — *seus inimigos prestavam contas a Deus pelo que tinham feito.*

Na rivalidade que dividia os príncipes muçulmanos, Malek-Adhel não encontrava obstáculos aos seus projetos; as agitações, as discórdias, que sua

usurpação tinha feito nascer, as guerras empreendidas contra êle, tudo contribuia para consolidar, para estender seu poder. Êle devia logo reunir sob suas leis a maior parte das províncias conquistadas por Saladino. Assim, verificou-se pela segunda vez, no espaço de poucos anos, essa observação do historiador árabe, Ibn-Alatir, que se exprimia assim, falando da sucessão de Chirkou: *A maior parte dos que fundaram impérios não os deixaram à sua posteridade.* Essa instabilidade do poder não é coisa estranha nos países onde o bom resultado torna legítimo tudo, onde os caprichos da fortuna são muitas vêzes leis, onde os mais temíveis inimigos de um império fundado pelas armas, são aquêles mesmos que lhe prestaram o apoio de sua bravura. O historiador que acabamos de citar, deplora essas revoluções do despotismo militar, sem lhes aprofundar as causas naturais e só pode explicar tantas mudanças, atribuindo-as à justiça de Deus, sempre pronto a castigar, pelo menos em seus filhos, os que empregaram a violência e derramaram o sangue dos homens, para chegar até o poder e o trono.

Tais as revoluções que, durante vários anos, perturbaram os estados muçulmanos da Síria e do Egito. A quarta Cruzada que vamos descrever e na qual os cristãos se teriam podido aproveitar das perturbações do Oriente, só serviu para reunir os restos dispersos do império de Saladino. Malek-Adhel deveu os progressos de seu poder não sòmente

às divisões dos infiéis, mas também ao espírito de discórdia que reinava entre os cristãos.

Depois da partida do rei da Inglaterra, viu-se o que sempre se via, depois de cada Cruzada: as colônias cristãs, rodeadas de perigos, caminhavam mais ràpidamente para a decadência. Henrique de Champanha encarregado do govêrno da Palestina, não queria tomar o título de rei; impaciente por voltar à Europa, êle considerava seu reino como um lugar de exílio. As três ordens militares, retidas na Ásia, por seu juramentos, formavam a fôrça principal de um Estado, que, há pouco tinha todos os guerreiros da Europa como defensores. Guy de Lusignan, na ilha de Chipre, não se ocupava mais com Jerusalém e cuidava sòmente em se manter no seu novo reino, perturbado contìnuamente pelas revoltas dos gregos e ameaçado pelos imperadores de Constantinopla.

Bohémond III, neto de Raimundo de Poitiers, descendente por parte das mulheres, do célebre Bohémond, um dos heróis da primeira Cruzada, governava o principado de Antioquia e o condado de Trípoli. As desgraças afligiam as colônias cristãs e êle só se ocupava em aumentar seu território; todos os meios lhe pareciam bons para conseguir o que desejava. Bohémond pretendia direitos sôbre o principado da Armênia; para dêle se apoderar, empregou ora a fôrça, ora a astúcia. Depois de várias tentativas inúteis, êle atraiu para sua capital Rupin de Monta-

gne, um dos príncipes da Armênia, retendo-o como escravo. Depois ofereceu-lhe a liberdade, com a condição de que êle lhe prestasse homenagem. Recusou-se Rupin e Bohémond entrou na Armênia. Livon, vencedor do príncipe de Antioquia, obrigou-o a quebrar os grilhões do seu prisioneiro. Vários anos depois, novas divergências surgiram entre Livon e Bohémond; aquêle era agora príncipe da Armênia. Com o pretexto de falar em paz, Bohémond convidou Livon para um encontro. Os dois príncipes comprometeram-se, com juramento a vir sem escolta e sem séquito ao lugar do encontro; mas ambos tinham o pensamento secreto de não manter o juramento e de só ouvir a voz do ódio. O príncipe armênio foi mais feliz ou mais pérfido: atacou Bohémond, prendeu-o, carregou-o de ferros e o encerrou numa de suas fortalezas. A guerra então recomeçou com mais furor. Os habitantes da Armênia e os de Antioquia tomaram as armas; os campos e as cidades dos dois principados foram invadidos e saqueados. Falou-se, porém, em restabelecer a paz. Depois de alguns debates sôbre as condições, o príncipe de Antioquia foi enviado ao seu território. Por um acôrdo feito entre os dois príncipes, Alix, filha de Rupin, desposou o filho mais velho de Bohémond. Tal união parecia penhor de uma paz duradoura. Mas o germe de tantas dissensões, subsistia ainda. Os dois partidos conservavam ressentimento pelos ultrajes que haviam recebido; todo tratado de paz tornava-se

novo motivo de discórdia e a guerra estava prestes a novamente rebentar.

Por outro lado, a ambição e a inveja tinham dividido as ordens do Templo e de São João. Na época da terceira Cruzada os hospitalários e os templários eram tão poderosos como príncipes soberanos: possuíam na Ásia e na Europa inteiras cidades, aldeias e até mesmo províncias. As duas ordens, rivalizando em poder e glória, ocupavam-se menos em defender os santos lugares, do que em aumentar a sua fama e suas riquezas; cada uma das suas imensas possessões, cada uma das suas prerrogativas, a celebridade dos cavaleiros, o prestígio dos chefes, tudo, até os troféus de valor, era para êles motivo de rivalidade. O cronista inglês *Mathieu Paris,* diz-nos que a causa principal da rivalidade entre as duas ordens, era a desigualdade de suas riquezas: os hospitalários possuíam dezenove mil casas e os templários, nove mil. Por fim, êsse espírito de discórdia e de inveja, explodiu por meio de uma guerra aberta. Um gentil-homem francês estabelecido na Palestina, possuia, na qualidade de vassalo dos hospitalários, um castelo perto de Margat, nas costas da Síria. Os templários achavam que aquêle castelo lhes pertencia e dêle se apoderaram à fôrça. Roberto Seguin, é o nome do gentil-homem, foi queixar-se aos hospitalários; êstes, tomam logo as armas e expulsam os templários do castelo, que êles acabavam de invadir. Depois disso os cavaleiros

das duas ordens provocavam-se, tôdas as vêzes que se encontravam. A maior parte dos francos e dos cristãos estabelecidos na Síria tomaram partido, uns pela ordem de São João e outros pela do Templo. O rei de Jerusalém e os mais sensatos dos barões fizeram todos os esforços possíveis para conservar a paz; vários príncipes cristãos tentaram em vão aproximar as duas ordens rivais; o mesmo papa teve dificuldade em fazer aceitar sua mediação e foi sòmente depois de longos debates que a Santa Sé, ora armada com os castigos da Igreja, ora empregando a linguagem paterna de chefe espiritual, terminou, com sua sabedoria e seu supremo ascendente, uma luta, que os cavaleiros teriam preferido decidir com a lança e a espada.

Nessas fatais dissensões, ninguém pensava em se defender contra os turcos. Uma das conseqüências mais funestas do espírito de divisão, é que êle leva a uma vergonhosa indiferença pela causa pública. Mais os partidos se atacavam com fúria, menos êles viam os perigos que ameaçavam as colônias cristãs; nem os cavaleiros do Templo e de São João, nem os cristãos de Antioquia, nem os de Tolemaida, pensavam em pedir socorro contra os infiéis e a história não diz que algum enviado do Oriente tenha feito então ressoar na Europa os gemidos de Sião.

A situação dos cristãos na Palestina era, além disso tão incerta e tão perigosa, que os mais sensatos não ousavam nem prever os acontecimentos, nem to-

mar uma determinação. Se êles pedissem socorro aos guerreiros do Ocidente, quebrariam as tréguas feitas com Saladino e se exporiam a todo o furor dos infiéis; se êles respeitassem os tratados, as tréguas poderiam ser quebradas pelos muçulmanos, sempre prontos a se aproveitar das desgraças que afligiam os cristãos. Nesse estado de coisas, nada parecia anunciar uma nova Cruzada. A princípio ela não foi provocada pelos cristãos da Síria. Por outro lado, que motivo religioso poderia levar a cristandade a socorrer um povo distante entregue à corrupção e à discórdia? Que interêsse o Ocidente encontraria para prodigalizar seus tesouros e seus exércitos para defender províncias arruinadas e despojadas de tudo o que as podia tornar florescentes? Devemos, no entretanto dizer, que o grande nome de Jerusalém, impressionava ainda vivamente os espíritos dos povos; a lembrança das primeiras Cruzadas, animava ainda o entusiasmo dos cristãos; a veneração pelos santos lugares que, parecia ter-se enfraquecido, mesmo no reino de Jesus Cristo, conservava-se além dos mares e nas principais regiões do Ocidente.

Celestino III tinha encorajado, com suas exortações, os guerreiros da terceira Cruzada. Na idade de noventa anos êle continuava com zêlo todos os projetos de seus predecessores e desejava ardentemente que seus últimos dias de vida e de pontificado fôssem marcados pela conquista de Jerusalém. Depois da volta de Ricardo, a morte de Saladino tinha

espalhado a alegria no Ocidente e reanimado as esperanças dos cristãos. Celestino escreveu a todos os fiéis para lhes comunicar, que o mais temível dos inimigos da cristandade, tinha deixado de viver; e, sem considerar as tréguas de Ricardo Coração de Leão, ordenou aos bispos e arcebispos que pregassem uma nova Cruzada em suas dioceses. O soberano pontífice escreveu duas cartas a Huberto, arcebispo de Cantuária e dirigia-se ao mesmo tempo a todos os arcebispos e bispos da Inglaterra: "Nós esperamos, e vós deveis esperar, dizia-lhes Celestino, que o Senhor favorecerá vossas pregações e vossas orações e que Êle lançará a rêde para a pesca milagrosa; que os inimigos de Deus sejam dispersados e que os que os odeiam fujam para longe de sua presença." O papa dizia que reintegraria no seio da Igreja e perdoaria tôda censura eclesiástica a todos os que empreendessem a peregrinação, para o serviço de Deus e com o fim de contribuir para o bom êxito da causa. Prometia os mesmos privilégios e as mesmas vantagens que nas Cruzadas precedentes. O soberano pontífice terminando sua primeira carta, recomendava ao *seu muito caro filho em Jesus Cristo, o ilustre Rei da Inglaterra,* que mandasse em socorro da Terra Santa um exército bem equipado, e exortasse, êle mesmo ao seu povo a se armar com o sinal da cruz e a atravessar os mares. A segunda carta de Celestino III tem por fim ameaçar com a pena de excomunhão a todos os que, tendo feito o voto de ir à Terra Santa,

descuidaram-se do cumprimento do mesmo e que se ponham em marcha sem delongas, a menos que razões fortíssimas os possam disso dispensar. Uma penitência devia ser imposta aos que, razões legítimas não permitissem o cumprimento da promessa, até que estivessem em condições de empreender a viagem. Os que tinham que ficar na Europa por enfermidades corporais, deviam se fazer substituir no serviço de Jesus Cristo.

O arcebispo de Cantuária, numa carta endereçada aos oficiais do arcebispado de York, ordena-lhes que procurem com cuidado, todos os que tinham prometido partir para a Cruzada. "Quando se souberem seus nomes, diz êle, serão êles declarados na semana que se segue ao domingo, no qual se canta *Laetare, Jerusalém*. Os padres os exortarão a retomar a cruz, que deixaram e rogarão para que os cruzados não se envergonhem mais das obras de que devem recolher os frutos espirituais. Se os cruzados não obedecerem, serão privados dos santos mistérios da comunhão, nas próximas festas de Páscoa." O prelado esperava com essa severidade os mais felizes resultados.

Ricardo, depois da sua volta, não havia deixado a cruz, símbolo da peregrinação; podia-se julgar que êle tencionava voltar à Terra Santa; mas, apenas saíu de um injusto cativeiro, sabendo por própria experiência dos perigos e das dificuldades de uma expedição longínqua, êle só tinha a preocupa-

ção de reparar as suas perdas e prejuízos, defender ou aumentar seus territórios, e conservar-se em guarda contra os ataques de Filipe-Augusto. Seus cavaleiros e seus barões, que êle exortou a retomar a cruz, protestaram como êle, seu devotamento à causa de Jesus Cristo, mas não se resolveram voltar à Palestina, que tinha sido para êles um lugar de exílio e de sofrimento.

Os pregadores da Cruzada, embora sua presença inspirasse respeito, por tôda a parte, não tiveram mais êxito no reino da França, onde, alguns anos antes, cem mil guerreiros tinham tomado as armas para correr em defesa dos santos lugares. Se o temor das emprêsas de Filipe era suficiente para conservar Ricardo no Ocidente, o receio que inspirava o caráter vingativo e a inveja de Ricardo, devia também conter Filipe em seu território. A maior parte dos cavaleiros e dos senhores seguiu o exemplo do rei da França e se contentou em derramar lágrimas pelo cativeiro de Jerusalém. O entusiasmo da Cruzada animou apenas um punhado de guerreiros entre os quais a história distingue o conde de Monfort, que depois fêz uma guerra cruel aos albigenses.

Desde o comêço das Cruzadas, a Alemanha não deixara de mandar guerreiros, para a defesa da Terra Santa. Deplorava ainda a recente perda de seus exércitos, dispersados na Ásia Menor e a morte do imperador Frederico, que encontrara sòmente seu túmulo no Oriente; mas a lembrança de tão grande desastre não extinguiu em todos os corações o zêlo e

o entusiasmo pela causa de Jesus Cristo. Henrique VI que ocupava o trono imperial não tinha partilhado como os reis da França e da Inglaterra dos reveses e dos perigos da última expedição: tristes recordações e o temor de seus inimigos na Europa não lhe podiam impedir de tomar parte numa nova expedição e afastá-lo da santa peregrinação, da qual tantos ilustres exemplos lhe pareciam fazer um sagrado dever.

Embora o príncipe tivesse sido, no ano precedente, excomungado pela Santa Sé, o papa mandou-lhe uma embaixada encarregada de lhe lembrar o exemplo de seu pai Frederico e de exortá-lo a tomar a cruz. Henrique, que aguardava a ocasião para se aproximar do chefe da Igreja e que além disso tinha vastos projetos, para os quais uma nova Cruzada poderia servir, recebeu com grandes honras o enviado de Celestino.

De todos os príncipes da Idade Média, nenhum mostrou mais ambição que Henrique VI. Êle tinha, dizem os historiadores, a imaginação cheia da glória dos Césares e desejava poder dizer, como Alexandre: *Tudo o que meus desejos podem abraçar, pertence-me*. Êle julgou que era chegada a ocasião de executar seus projetos e de terminar suas conquistas. Um cronista, Guilherme de Neubridge, deu piedosos motivos à expedição de Henrique VI; segundo êle, o que determinou o imperador a tomar as armas, foi o espetáculo de dois grandes reis abandonando os interêsses de Cristo, para se ocuparem sòmente dos

seus próprios, quebrando, com suas dissensões e seu ódio recíproco, as fôrças da cristandade. O mesmo cronista considera a determinação do imperador como uma expiação do crime de ter conservado Ricardo prisioneiro. Mas a história pôde vislumbrar os cálculos de uma política profana nos desígnios de Henrique VI. A expedição da qual o Santo Padre lhe propunha ser o chefe, podia favorecer suas vistas ambiciosas; prometendo defender o reino de Jerusalém, êle pensava sòmente em conquistar a Sicília; e a conquista da Sicília só tinha valor aos seus olhos, porque lhe abriria o caminho para a Grécia e Constantinopla. Ao mesmo tempo que protestava submissão ao chefe da igreja, êle procurava a aliança com as repúblicas de Gênova e de Veneza, às quais prometia os despojos dos vencidos; mas no seu íntimo êle nutria a espéranç̧a de um dia derrotar as repúblicas da Itália, abaixaria a autoridade da Santa Sé e sôbre suas ruínas, reergueria, para êle e para sua família, o império de Augusto e de Constantino.

Tal o príncipe ao qual Celestino mandava uma embaixada e que queria levar a uma guerra santa. Depois de ter comunicado sua intenção de tomar a cruz, Henrique convocou em Worms uma dieta geral, na qual êle mesmo exortou os fiéis a se armarem para defender os santos lugares. Essa assembléia durou oito dias. Desde Luís VII, rei da França, que falou aos seus súditos para animá-los à Cruzada, Henrique foi o único monarca que misturou sua voz

à dos pregadores da guerra santa e fêz ouvir as queixas da Igreja de Jerusalém. Sua eloqüência, celebrada pelos historiadores do Templo e principalmente o espetáculo de um imperador pregando, êle mesmo a guerra contra os infiéis, causaram viva impressão no ânimo dos ouvintes. Depois dessa solene pregação, os mais ilustres dos prelados que estavam reunidos em Worms, subiram cada qual por sua vez ao púlpito para incitar o entusiasmo crescente dos fiéis. Durante oito dias, só se ouviam nas igrejas os gemidos de Sião e da cidade de Deus. Henrique rodeado por sua côrte, revestiu-se do distintivo dos cruzados, um grande número de senhores alemães tomou a cruz, uns para agradar a Deus, outros, para agradar ao imperador. Entre os que fizeram juramento de combater contra os muçulmanos, a história cita Henrique, duque de Saxônia, Oto, marquês de Brandeburgo, Henrique, conde Palatino do Reno, Hermano, landgrave da Turíngia, Henrique, duque de Brabante, Alberto, conde de Habsburgo, Adolfo, conde de Schawanburgo, Henrique, conde de Pappenheim, marechal do império, o duque da Baviera, Frederico, filho de Leopoldo, duque da Áustria, Conrado, marquês da Morávia, Valerano de Limbourgo, os Bispos de Wurtzburgo de Bremen, de Verden, de Halberstadt, de Passau, de Ratisbona.

Pregou-se a Cruzada em tôdas as províncias da Alemanha. Por tôda a parte as cartas do papa e as do imperador inflamaram o zêlo dos guerreiros.

Jamais expedição contra os infiéis havia sido empreendida sob auspícios mais favoráveis. Como a Alemanha, quase sòzinha, tomava parte na Cruzada, a glória do povo alemão não parecia menos interessada nessa guerra que a mesma religião. Henrique devia comandar a santa expedição.

Os cruzados, cheios de esperança e de alegria, preparavam-se para seguir o imperador ao Oriente, mas Henrique tinha outros pensamentos. Vários senhores de sua côrte, uns que conheciam seu secretos intentos, outros que lhe julgavam dar um conselho salutar, pediram-lhe que ficasse no Ocidente e que dirigisse a Cruzada mesmo do seio de sua terra. Henrique depois de ligeira resistência, consentiu em seus rogos e apressou-se em fixar a partida dos cruzados.

O imperador da Alemanha pôs-se à frente de quarenta mil homens e tomou o caminho da Itália, onde tudo estava preparado para a conquista do reino da Sicília. Os outros cruzados foram divididos em dois exércitos que, por caminhos diferentes, deviam ir para a Síria: o primeiro, comandado pelo duque da Saxônia e pelo duque de Brabante, embarcou nos portos do Oceano e do Báltico; o segundo, atravessou o Danúbio e dirigiu-se para Constantinopla, de onde a frota do imperador grego Isaac devia transportá-lo a Tolemaida, A êsse exército, comandado pelo Arcebispo de Mogúncia e Valerano de Limbourgo, haviam-se reunido os húngaros, que acompa-

nhavam a sua Rainha Margarida, irmã de Filipe-Augusto. A rainha da Hungria depois de ter perdido Bela, seu espôso, tinha feito o juramento de só viver para Jesus Cristo e de terminar seus dias na Terra Santa.

1197. Os cruzados que o arcebispo de Mogúncia e Valerano de Limbourgo comandavam, chegaram à Palestina por primeiros. Apenas haviam desembarcado mostraram logo o desejo de começar a guerra contra os infiéis. Os cristãos, que então estavam em paz com os turcos, hesitavam em romper as tréguas feitas com Ricardo e não queriam dar o sinal das hostilidades, a não ser quando pudessem sair a campo, com alguma esperança de êxito. Henrique de Champanha e os barões da Palestina disseram aos cruzados alemães dos perigos aos quais uma guerra imprudente iria expor os Estados cristãos do Oriente e pediram-lhes que esperassem o exército dos duques da Saxônia e de Brabante. Os alemães, cheios de confiança em suas fôrças, indignaram-se de que se lhes pusessem obstáculos ao valor, por vãos escrúpulos e quiméricas apreensões; admiravam-se de que os cristãos da Palestina recusassem assim o auxílio que a mesma providência lhes enviava; êles acrescentavam em tom de cólera e de desprêzo que os guerreiros do Ocidente não sabiam diferir a hora do combate e que o papa não os havia feito tomar as armas e a cruz para ficarem numa vergonhosa ociosidade. Os barões e os cavaleiros da Terra Santa não podiam ouvir

sem indignação aquelas palavras injuriosas e respondiam aos cruzados alemães que êles não tinham nem solicitado nem desejado sua vinda e que êles sabiam melhor que os guerreiros vindos do norte da Europa o que convinha ao reino de Jerusalém; que, sem nenhum auxílio estrangeiro, êles tinham por muito tempo enfrentado os perigos e que no momento do combate mostrariam seu valor de outro modo que não com palavras. No meio dêsses vivos debates, os espíritos se irritavam cada vez mais e a mais cruel discórdia surgiu assim no meio dos cristãos, antes que se declarasse a guerra aos infiéis.

Os cruzados alemães então sairam, em armas, de Tolemaida e começaram as hostilidades devastando as terras dos muçulmanos. Ao primeiro sinal da guerra, os turcos reuniram suas fôrças; o perigo que os ameaçava fêz cessar as discórdias. Das margens do Nilo e do fundo da Síria vieram multidões de guerreiros que antes estavam em guerra uns contra os outros, e agora, reunidos sob a mesma bandeira tinham como inimigos, os cristãos.

Malek-Adhel, sôbre quem os muçulmanos lançavam suas vistas tôdas as vêzes que se tratava de defender a causa do islamismo, saíu de Damasco à frente de um exército e dirigiu-se a Jerusalém onde os emires da vizinhança vieram receber suas ordens. O exército muçulmano, depois de ter dispersado os cristãos que haviam avançado na direção das montanhas de Naplusa, veio cercar Joppé.

Na terceira Cruzada, havia-se dado a maior importância à conservação dessa cidade. Ricardo Coração de Leão, tinha-a fortificado às suas custas; e, depois que êle regressou à Europa, lá deixou uma forte guarnição. De tôdas as praças marítimas, Joppé era a mais próxima da cidade, objeto dos votos dos fiéis; se essa praça ficasse com os cristãos, abrir-lhes-ia o caminho para a Cidade Santa e facilitar-lhes-ia os meios de cercá-la; se caísse em poder dos muçulmanos, daria a êles as maiores vantagens para a defesa de Jerusalém.

Quando se soube em Tolemaida que a cidade de Joppé estava ameaçada, Henrique de Champanha, com seus barões e cavaleiros tomou as armas para defendê-la, e, assim reunidos aos cruzados alemães, ocuparam-se dos preparativos de uma guerra que não se podia mais diferir nem evitar. As três ordens militares, com as tropas do reino iam se pôr em marcha, quando um acidente trágico veio de novo precipitar os cristãos no luto e retardar o efeito da feliz harmonia que se acabava de restabelecer entre êles, à aproximação do perigo. Henrique de Champanha tendo avançado numa galeria exterior do palácio, foi atingido por uma janela, que ruíu, esmagando-o, na queda. O infeliz príncipe morreu, diante de seus guerreiros, que, em vez de seguí-lo no combate, acompanharam-no ao túmulo e perderam vários dias celebrando-lhe os funerais. Os cristãos de Tolemaida choravam ainda a morte de seu rei, quando a des-

graça que êles temiam veio aumentar-lhes a dor e a consternação: a guarnição de Joppé resolveu fazer uma arremetida e caiu numa emboscada; todos os guerreiros que a compunham foram mortos ou aprisionados; os muçulmanos entraram quase sem resistência na cidade, onde vinte mil cruzados foram passados a fio de espada.

Êsses desastres tinham sido previstos por aquêles que temiam quebrar as tréguas; mas os barões e os cavaleiros da Palestina não perderam seu tempo fazendo vãs lamentações e inúteis queixas. Esperava-se com impaciência a chegada dos cruzados que haviam partido dos portos do Oceano e do Báltico. Êsses cruzados haviam se detido nas costas de Portugal, onde tinham derrotado os mouros e tomado dêles a cidade de Silves. Orgulhosos, por êsse primeiro triunfo contra os infiéis, desembarcaram em Tolemaida no momento em que todo o povo deplorava a tomada de Joppé e corria às igrejas para implorar a misericórdia do céu.

A chegada dos novos cruzados restituiu aos cristãos a esperança e a alegria; resolveu-se marchar contra os infiéis. O exército cristão saíu de Tolemaida e dirigiu-se para as costas da Síria, enquanto uma numerosa frota costeava a praia, carregada de víveres e de munições de guerra. Os cruzados, sem procurar o exército de Malek-Adhel, foram sitiar Beirut.

A cidade de Beirut, colocada entre Jerusalém e Trípoli, era a rival de Tolemaida e de Tiro, por sua população, por seu comércio, pela comodidade de seu pôrto. As províncias muçulmanas da Síria, reconheciam-na como capital; era em Beirut que os emires e os príncipes que disputavam as cidades das cercanias, vinham exibir a pompa de sua coroação. Saladino, depois da tomada de Jerusalém, aí foi saudado soberano da cidade de Deus e coroado sultão de Damasco e do Cairo. Os piratas que infestavam o mar levavam a essa cidade os despojos dos cristãos; os guerreiros muçulmanos ali depositavam as riquezas adquiridas pela vitória ou pelo saque. Todos os prisioneiros francos das últimas guerras estavam encerrados nas prisões de Beirut. Se os cristãos tinham poderosos motivos para se apoderar dessa praça, os muçulmanos não os tinham menores para defendê-la.

Malek-Adhel depois de ter destruído as fortificações de Joppé, tinha avançado com seu exército na estrada de Damasco, até o Antilíbano. Sabendo da marcha e das determinações dos cruzados, voltou atrás e aproximou-se da orla marítima. Os dois exércitos encontraram-se entre Tiro e Sidon, nas proximidades de um rio chamado pelos árabes de *Nahr-Kasmiek* que nos cronistas da idade média erradamente tomaram pelo Eleutério, dos antigos. Logo as trombetas dão o sinal do ataque. Os cristãos e os muçulmanos colocam-se em ordem de batalha; o exército dos turcos que cobria um espaço imen-

so, procura envolver os francos e separá-los das proximidades do mar; a cavalaria muçulmana precipita-se ora sôbre os flancos, ora sôbre a vanguarda, ora sôbre a retaguarda do exército cristão.

Os cruzados cerram seus batalhões e apresentam por tôda a parte fileiras impenetráveis. Enquanto os inimigos cobrem-nos de dardos e de flechas, suas lanças e suas espadas avermelham-se no sangue dos muçulmanos. Combate-se com armas diferentes, mas com a mesma bravura e o mesmo furor. A vitória fica por algum tempo incerta. Os cristãos estiveram várias vêzes a ponto de perder a batalha, mas seu valor constante e persistente triunfou por fim sôbre a resistência dos muçulmanos. Os turcos perderam um grande número de seus emires; Malek-Adhel, que mostrara nessa ocasião a habilidade de um grande general, foi ferido no campo de batalha e só se pôde salvar, fugindo. Todo seu exército foi dispersado, uns fugiram para Jerusalém, outros, seguiram em desordem para Damasco, onde a notícia dessa sangrenta derrota levou a consternação e o desespêro.

Depois dessa vitória, tôdas as cidades da costa da Síria que ainda pertenciam aos muçulmanos, caíram em poder dos cristãos. Os turcos abandonaram Sidon, Laodicéia, Giblet. Quando a frota e o exército cristão apareceram diante de Beirut, a guarnição foi atacada e vencida, pois não ousou opor resistência. A cidade tinha, dizem os historiadores,

mais víveres do que seria necessário para alimentar os habitantes durante vários anos; dois grandes navios, acrescentam os mesmos cronistas, não teriam sido suficientes para levar os dardos, os arcos e as máquinas de guerra que foram encontradas em Beirut. Nessa conquista imensas riquezas caíram em poder dos vencedores; mas o prêmio mais doce de sua vitória foi certamente a libertação de nove mil escravos impacientes por retomar as armas e para vingar os ultrajes de seu cativeiro. O príncipe de Antioquia, que viera reunir-se ao exército cristão, mandou uma pomba à sua capital para anunciar a todos os habitantes do seu principado os triunfos milagrosos dos soldados da cruz. Em tôdas as cidades cristãs, deram-se graças ao Deus dos exércitos. Os historiadores que nos transmitiram a narração dêsses gloriosos feitos, querendo descrever os transportes do povo cristão, contentam-se em repetir estas palavras da Escritura: *então Sião exultava de alegria e os filhos de Judá foram inundados de júbilo.*

Enquanto os cruzados continuavam assim com seus progressos na Síria, o imperador Henrique VI aproveitava-se de todos os meios e de tôdas as fôrças que a Cruzada tinha pôsto em suas mãos para a conquista do reino de Nápoles e da Sicília. Êsse país, que os poetas e os historiadores da antiga Roma nos apresentam como um ambiente de descanso e de paz, como a morada dos prazeres, como o retiro feliz das musas latinas, tinha sido, na idade média, teatro de

tôdas as calamidades da guerra e de todos os excessos da barbárie.

Os séculos décimo e décimo primeiro viram estas belas regiões, ora prêsa da dominação dos gregos, ora dos árabes, ora dos francos. Não falamos aqui das conquistas das expedições romanescas de alguns guerreiros normandos, atraidos a essas plagas longínquas pela devoção das peregrinações e pela fecundidade de uma terra favorecida pelo céu. Êsses ferozes guerreiros, que se poderiam comparar aos ferozes companheiros de Rômulo, fundaram a princípio uma república militar, onde a única lei era a espada e o único direito, a violência. No mesmo seio de suas discórdias, nasceu uma realeza que por fim fêz os povos desolados da Sicília e da Calábria esquecer os males inseparáveis da invasão e da conquista. Sob a dinastia dos príncipes normandos, êsse novo império por vêzes fêz tremer Constantinopla e venceu os sarracenos da África. Escolas, onde se ensinavam as ciências humanas, abriram-se nas cidades de Nápoles e de Salerno; as artes e a indústria da Grécia enriqueceram as cidades de Siracusa e de Palermo; o comércio florescente manteve úteis relações com a Ásia e os cristãos da Palestina, em seus momentos de perigo, foram muitas vêzes socorridos pelas frotas vitoriosas que vinham dos portos de Bari e do Otranto.

Tôda essa prosperidade desapareceu de repente com a descendência dos príncipes normandos. O casamento de Constância, último membro dessa fa-

mília, com o Imperador Henrique VI, deu aos alemães um pretexto para levar a guerra às regiões, objeto de sua ambição. Tancredo, filho natural de Rogério, que a nobreza siciliana tinha escolhido para rei, repeliu durante quatro anos os guerreiros da Germânia, mas, à sua morte, o reino, ficando sem chefe, dividido em mil partidos opostos, ficou aberto de todos os lados para as invasões dos conquistadores. Tal o país sôbre o qual Henrique VI queria estabelecer o seu domínio. Para realizar seus desejos, êle não tinha necessidade de empregar tôdas as fôrças do seu império e todo o rigor da guerra: a clemência e a moderação ser-lhe-iam suficientes para garantir sua conquista e submeter às suas leis um povo desolado; mas, atormentado por um sentimento de vingança implacável, não se deixou comover nem pela infelicidade dos vencidos, nem pela submissão dos inimigos. Todos os que haviam demonstrado algum respeito, alguma fidelidade para com a família de Tancredo, foram atirados, por sua ordem, a escuras masmorras, onde morreram em suplícios horríveis, que êle mesmo havia inventado. O exército, que êle levava consigo, secundava assaz sua política sombria e feroz; a paz que os vencedores se vangloriavam de ter dado aos povos da Sicília, causava-lhes mais males e fazia mais vítimas que a mesma guerra. Falcando, que havia morrido alguns anos antes dessa expedição, tinha de antemão deplorado em sua história, as desgraças que deviam afligir sua pátria; êle já via as cida-

des mais florescentes e os ricos campos da Sicília devastados pela invasão dos bárbaros. "Ó infelizes sicilianos, escrevia êle, parece-me já ver os turbulentos exércitos dos bárbaros encher de terror as cidades que até então tinham gozado de paz e devastá-las com a morte, afligí-las com o saque, manchá-las com a luxúria; essas desgraças do futuro arrancavam-me lágrimas. Os cidadãos que quiserem deter tal torrente, serão massacrados pela espada ou reduzidos à mais cruel servidão; as virgens serão ultrajadas na presença de seus próprios pais, as matronas sofrerão a mesma violência, depois de terem sido despojadas de seus mais preciosos ornamentos. Aquela antiga nobreza, que, abandonando Corinto, sua pátria, veio outrora morar nas terras da Sicília, cairá sob o jugo dos bárbaros! De que nos servirá ter sido outrora a fonte das doutrinas da filosofia e a antiga fonte onde se desalteravam as musas dos poetas? Ai! Triste Aretusa, as águas só servirão para temperar a embriaguez dos teutões."

No entretanto, êsses guerreiros sem piedade traziam a cruz de peregrinos; seu imperador, embora não tivesse ainda sido absolvido de sua excomunhão, glorificava-se de ser o primeiro dos soldados de Jesus Cristo. Henrique VI era considerado como o chefe da Cruzada e como o árbitro supremo dos assuntos do Oriente. O Rei de Chipre oferecia-se para ser seu vassalo; Livon, Príncipe da Armênia pedia-lhe o título de rei. O Imperador da Alemanha, não

tendo mais inimigos a temer no Ocidente, ocupava-se sòmente com a guerra contra os turcos. Uma carta dirigida a todos os senhores, magistrados e bispos de seu império, exortava-os a apressar a partida dos cruzados. O imperador mantinha um exército, que deveria servi-lo durante um ano e prometia pagar trinta onças de ouro a todos os que ficassem sob seu comando, até o fim da guerra santa. Um grande número de guerreiros, seduzidos por essa promessa, propuseram-se atravessar o mar e ir combater os infiéis. Henrique não tinha mais necessidade de seus serviços, para as conquistas; fê-los então, partir para o Oriente. Conrado, Bispo de Hildesheim e chanceler do império, cujos conselhos nas guerras da Sicília, só haviam servido e muito para a ambição e a política bárbara de seu senhor, foi encarregado de levar à Síria o terceiro exército dos cruzados.

A chegada de tão possante refôrço à Palestina, redobrara o zêlo e o entusiasmo dos cristãos. Agora os cruzados poderiam fazer suas armas distinguirem-se por algum grande empreendimento. A vitória que acabavam de conquistar nas planícies de Tiro, a tomada de Beirute, de Sidon, de Giblet, tinham enchido de terror os muçulmanos. Alguns dos chefes do exército cristão propuseram marchar contra Jerusalém. "Essa cidade, diziam êles, não poderá resistir às armas vitoriosas dos cruzados. Tem por governador um sobrinho de Saladino, que mal tolera a dominação do sultão de Damasco e muitas vêzes mostrou-se dis-

posto a ouvir as propostas dos cristãos." A maior parte dos príncipes e dos barões não condividiam essa esperança e não podiam crer na palavra dos muçulmanos. Sabia-se que os infiéis, depois da partida de Ricardo Coração-de-Leão, tinham aumentado as fortificações de Jerusalém; uma tríplice muralha e fossos de grande profundidade deviam tornar essa conquista mais perigosa e principalmente mais difícil do que no tempo de Godofredo de Bouillon. Aproximava-se o inverno, o exército cristão podia ser surpreendido pela estação das chuvas e obrigado a levantar o cêrco ante o exército dos turcos. Êsses motivos determinaram os cruzados a adiar para o ano seguinte o ataque à Cidade Santa.

Não é inútil fazer-se notar que nos exércitos cristãos, falava-se freqüentemente de Jerusalém, mas os chefes dirigiam sempre seus esforços e suas armas para outras conquistas. A Cidade Santa, situada longe do mar, não tinha entre seus muros outro tesouro que monumentos religiosos. As cidades marítimas da Síria tinham outras riquezas e pareciam apresentar maiores vantagens aos conquistadores. Ofereciam, além disso, mais fácil comunicação com a Europa e se a conquista de Jerusalém aliciava às vêzes a piedade e a devoção dos peregrinos, a das cidades próximas do mar, deviam despertar sempre a ambição dos povos navegantes do Ocidente e dos senhores da Palestina.

Tôdas as cidades marítimas, desde Antioquia até Ascalon, pertenciam aos cristãos; os muçulmanos conservavam sòmente na orla do mar a fortaleza de Thuron. A guarnição dessa fortaleza renovava contìnuamente suas incursões aos campos vizinhos, e, com sua hostilidade constante, interceptava as comunicações entre as cidades cristãs. Os cruzados resolveram sitiar o castelo de Thuron, antes de marchar contra Jerusalém. Essa fortaleza construída por Hugo de Saint-Omer, no reinado de Balduino II, estava situada a uma légua de Tiro, sôbre uma elevação, rodeada de montanhas escarpadas. Lá só se podia chegar por um caminho estreito e bordado de precipícios. O exército cristão não tinha máquinas, que pudessem chegar até o alto das muralhas. Os dardos, as pedras lançadas de baixo da montanha, mal chegavam até os habitantes e defensores enquanto os pedaços de pau, os restos dos rochedos, lançados do alto, pelas ameias, causavam grandes prejuízos aos atacantes. Nos primeiros assaltos, os infiéis zombavam dos inúteis esforços dos inimigos e viam quase sem perigo, para êles, perderem-se contra suas muralhas, quase todos os prodígios de valor e as invenções mais mortíferas da arte do cêrco. No entretanto, as dificuldades, quase insuperáveis que pareciam deter os cruzados, sòmente serviram para lhes duplicar a coragem. Todos os dias êles renovavam os ataques, faziam sempre novos esforços e tentativas; sua obstinação e sua bravura constantes eram secun-

dadas por novas máquinas de guerra. Com esforços inauditos, cavaram a terra e abriram caminho através dos rochedos; operários saxões, que tinham trabalhado nas minas de Rammlesberg, foram empregados em abrir o flanco da montanha. Os cruzados, finalmente, chegaram à base das muralhas das fortaleza. Destruíram-se os alicerces dessas mesmas muralhas, que ficaram abaladas em vários lugares e caíram, sem que se precisasse usar dos aríetes; sua queda, que parecia um milagre, encheu de terror os infiéis.

Os muçulmanos perderam tôda esperança de defesa e propuseram a capitulação; mas era tal a desordem do exército cristão, que tinha um sem número de chefes e nenhum dêles quis tomar sôbre si a incumbência de ouvir as propostas dos infiéis. Henrique, palatino do Reno, os duques da Saxônia e de Brabante, que eram tidos em grande consideração pelos alemães, só se faziam obedecer por seus próprios soldados. Conrado, chanceler do Império, que representava o Imperador da Alemanha, teria podido exercer grande autoridade mas, abalado pela enfermidade, sem experiência da guerra, sempre encerrado em sua tenda, esperava o resultado dos combates e não se dignava nem mesmo assistir ao conselho dos príncipes e dos barões. Depois que os sitiados tomaram a deliberação de capitular, ficaram vários dias sem ter um príncipe, ao qual se dirigir, quando seus embaixadores chegaram ao

acampamento dos cristãos. Suas propostas foram ouvidas numa assembléia geral, onde o espírito de rivalidade, o zêlo imprevidente e um cego entusiasmo deviam ter mais poder que a razão e a prudência.

Os enviados, em seus discursos, limitaram-se a implorar a clemência dos vencedores; prometiam abandonar a fortaleza com tôdas as suas riquezas e só pediam como prêmio de sua submissão a vida e a liberdade. "Não somos sem religião, diziam êles, somos descendentes de Abraão e nos chamamos sarracenos, de sua espôsa, Sara". A atitude súplice dos enviados devia mover o orgulho dos guerreiros cristãos. A religião e a política reuniram-se para fazer aceitar as propostas que acabavam de ouvir. A maior parte dos chefes estava disposta a aceitar a capitulação; mas alguns, os mais ardentes, não podiam ver sem indignação, que se quisesse obter por um tratado o que se poderia obter pela fôrça das armas. "É necessário, diziam êles, que todos os nossos inimigos sejam tomados de terror; se a guarnição daquela fortaleza perecer pelas armas, os sarracenos, assustados, não ousarão mais nos combater nem em Jerusalém, nem em outras cidades que ainda estão em seu poder."

Como sua opinião não fôsse aceita, êsses guerreiros ardentes e fogosos, resolveram empregar todos os meios para romper as negociações e, reconduzindo os enviados ao castelo disseram-lhes: *Defendei-vos, pois se vos entregardes aos cristãos, todos morrereis*

nos mais horríveis suplícios. Por outro lado, êles dirigiam-se aos soldados cristãos e lhes diziam com acentos de cólera e de dor, que se ia contrair uma paz vergonhosa com os inimigos de Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, os chefes que pediam pela paz, espalhavam-se pelo acampamento e diziam aos soldados, que era inútil e perigoso talvez, comprar com novos combates o que a fortuna ou mesmo a providência vinha oferecer aos cruzados. Entre os guerreiros cristãos uns eram pelo conselho da moderação, outros queriam tudo dever à sua espada. Os que preferiam a vitória à paz corriam às armas; os que aceitavam a capitulação ficavam nas suas tendas. O acampamento dos cristãos, onde alguns ficavam na ociosidade e no descanso, onde outros excitavam-se ao combate, apresentava ora a imagem da paz ora a da guerra; mas nessa diversidade de sentimentos, no meio de espetáculo estranho que o exército apresentava, é fácil prever-se que, bem depressa não se poderia mais tratar com os inimigos, nem combatê-los.

No entretanto, a capitulação foi ratificada pelos principais chefes dos cruzados e pelo chanceler do império. Esperavam-se, no acampamento dos cristãos, os reféns que os muçulmanos deviam enviar. Os cruzados julgavam já ver abrirem-se as portas do castelo de Thuron, mas o desespêro tinha mudado as resoluções dos infiéis. Quando os enviados chegaram do acampamento dos cristãos e referiram aos

seus companheiros de armas o que tinham visto e o que tinham ouvido; quando falaram das ameaças que lhes haviam feito e da divisão que acabava de surgir entre os inimigos, os infiéis esqueceram-se de que suas muralhas estavam caindo, de que êles não tinham mais nem armas, nem víveres e de que tinham que se defender de um exército vitorioso. Juraram todos antes morrer do que tratar com os cruzados. Em vez de mandar reféns, apareceram armados sôbre as muralhas e provocaram os cruzados a novos combates.

Os cristãos retomaram as atividades do cêrco e recomeçaram os ataques; mas sua coragem diminuia cada vez mais, enquanto, o desespêro aumentava a coragem dos muçulmanos. Êles trabalharam sem cessar para restaurar suas máquinas, reerguer suas muralhas. Às vêzes os cruzados eram atacados nos mesmos subterrâneos que tinham cavado e pereciam soterrados por seus escombros. Às vêzes uma chuva de dardos e de pedras caía sôbre êles, do alto das muralhas. Muitas vêzes os muçulmanos chegaram mesmo a atacar os inimigos; arrastavam-nos depois vivos para a praça e massacravam-nos sem piedade; as cabeças dos infelizes prisioneiros eram expostas nas muralhas e depois atiradas, com o auxílio de máquinas, para o acampamento dos cristãos. O abatimento parecia ter invadido as fileiras dos cristãos; alguns ainda combatiam, lembrando-se de seus juramentos; outros, ficavam como espectadores indife-

rentes dos perigos e da morte de seus companheiros e irmãos; outros acrescentavam o escândalo dos costumes mais depravados à indiferença pela causa de Deus. Havia então, diz um historiador, homens, que tinham deixado suas espôsas, para seguir a Jesus Cristo, esquecidos dos seus mais sagrados deveres, entregando-se a vis prostitutas. Por fim, os vícios e as desordens dos cruzados eram tão vergonhosos, que os autores das velhas crônicas têm vergonha de descrevê-los em narrações. Arnaldo de Lubeck, depois de ter falado da corrupção que reinava no acampamento dos cristãos, parece pedir perdão ao leitor; a fim de que êle não seja acusado de fazer uma sátira, tem o cuidado de acrescentar que lembra tão odiosos acontecimentos, não para confundir o orgulho dos homens, mas para advertir os pecadores e comover, se possível, o coração de seus irmãos em Jesus Cristo.

Espalhou-se em seguida a notícia de que os reinos de Alepo e de Damasco se haviam revoltado; o Egito tinha reunido um exército; Malek-Adhel, seguido por uma inumerável multidão de guerreiros, avançava ràpidamente, ansioso por vingar sua última derrota. A essas notícias, os chefes dos cruzados resolveram levantar o cêrco de Thuron, e, para ocultar sua retirada ao inimigo, não se envergonharam de enganar seus próprios soldados. No dia da Purificação da Virgem, quando os cristãos se entregavam aos seus exercícios de devoção, os arautos de armas, ao som das trombetas, anunciaram a todo o acampa-

mento que no dia seguinte haveria um assalto geral. Todo o exército cristão passou a noite preparando-se para o combate, mas no dia seguinte, ao amanhecer, souberam que Conrado e a maior parte dos chefes haviam deixado o exército e tomado o caminho de Tiro. Correram às suas tendas, para verificar se era verdade e todos se interrogavam, com sérias apreensões. Os mais negros pressentimentos apoderaram-se do espírito dos cruzados; como se tivessem sido vencidos numa grande batalha, só pensaram em fugir. Nada havia sido preparado para a retirada, nenhuma ordem havia sido dada. Todos vêem sòmente o próprio perigo e só se aconselham com o temor; uns tomam o que tinham de mais precioso, outros abandonam as armas. Os feridos e os doentes arrastam-se penosamente empós de seus companheiros; os que não podem caminhar ficam abandonados no acampamento. A confusão é geral, os soldados marchavam misturados com as bagagens; não sabiam qual o caminho que deviam seguir e muitos perderam-se nas montanhas; só se ouviam gritos, gemidos e como se o céu quisesse mostrar a sua cólera em tão grande desordem, uma violenta tempestade desabou sôbre êles; horríveis relâmpagos cortavam o espaço, rompendo as nuvens; o trovão rugia e a água caía abundante, inundando os campos. Na sua fuga tumultuosa nenhum dos cruzados ousou voltar os olhos para a fortaleza que, poucos dias antes, se lhes ofe-

recia, entregando as armas; seu terror só se dissipou quando avistaram as muralhas de Tiro.

O exército, por fim, reuniu-se nessa cidade. Aí souberam da causa da desordem que acabavam de presenciar. Então novo delírio apoderou-se dos cristãos: as desconfianças, os ódios, as suspeitas recíprocas sucederam-se ao terror pânico de que acabavam de ser vítimas. As suspeitas mais graves estendiam-se às ações mais simples e dava-se uma interpretação odiosa às palavras dos mais inocentes. Os cruzados acusavam-se uns aos outros, como dos erros da traição, de tôdas as desgraças que haviam sofrido e de tôdas pelas quais ainda eram ameaçados. As medidas que um zêlo imprudente poderia aconselhar como as que a necessidade havia ditado e a mesma prudência, eram aos seus olhos obra de uma perfídia sem precedentes. Os santos lugares, que há pouco os cruzados pareciam ver com indiferença, ocupavam agora todos os seus pensamentos: os mais fervorosos reprochavam aos chefes, lançar vistas profanas, sôbre uma guerra santa, sacrificar a causa de Deus, à sua ambição, abandonar ao furor dos muçulmanos os soldados de Jesus Cristo. Os mesmos cruzados diziam em altas vozes que Deus se havia declarado contra os cristãos, porque aquêles que êle tinha escolhido para comandar os defensores da cruz desprezavam a conquista de Jerusalém. Os leitores devem se lembrar de que depois do cêrco de Damasco, na segunda Cruzada, haviam-se acusado os templários de avareza e ambição e os

francos da Palestina, de ter atraiçoado o zêlo e a bravura dos guerreiros cristãos. Acusações tão graves renovaram-se nessa ocasião com a mesma severidade. Se crermos nas velhas crônicas, Malek-Adhel tinha prometido a vários chefes do exército cristão uma grande quantidade de peças de ouro, para induzi-los a levantar o cêrco de Thuron. Oton de São Brás, entre outros, parece estar persuadido de que os templários receberam somas de ouro, bem consideráveis, para fazer fracassar a emprêsa dos cruzados. As mesmas crônicas acrescentam que, quando o príncipe muçulmano lhes pagou a soma combinada, deu-lhes sòmente ouro falso, digno preço de sua ambição e de sua traição. Os historiadores árabes não citaram em suas narrações, essas odiosas acusações, mas o espírito de animosidade era tal então entre os guerreiros cristãos, que êles foram julgados, com mais severidade por seus irmãos e companheiros de armas, do que por seus próprios inimigos.

Por fim, o furor da discórdia foi levado tão longe, que os alemães e os cristãos da Síria não puderam continuar sob as mesmas bandeiras; os primeiros retiraram-se para a cidade de Joppé, cujas muralhas restauraram; os outros voltaram a Tolemaida. Malek-Adhel quis aproveitar as dissensões e veio provocar os alemães para um combate. Uma grande batalha travou-se perto de Joppé. O Duque da Saxônia e o Duque da Áustria pereceram na luta; os cruzados perderam um grande número de seus

mais valorosos guerreiros mas a vitória declarou-se do seu lado. Depois de um triunfo que só era devido às suas armas, o orgulho dos alemães não conheceu mais limites; não conservaram mais medida alguma com os cristãos da Palestina. "Nós, diziam êles, atravessamos os mares para defender seu país; e em vez de se unirem aos nossos esforços, êsses guerreiros, sem virtude e sem coragem, abandonaram-nos no momento do perigo." Os cristãos da Palestina, por sua vez, censuravam aos alemães terem vindo ao Oriente, não para combater, mas para governar; não para socorrer seus irmãos, mas para lhes impor um jugo mais insuportável que o dos turcos. "Os cruzados, acrescentavam êles, deixaram o Ocidente, só para dar um passeio guerreiro à Síria; êles haviam encontrado a paz no meio de seus irmãos, e aí vão deixar a guerra, semelhantes aos pássaros de arribação que anunciam a estação das tempestades."

Nessas fatais discórdias, ninguém tinha mais prestígio suficiente, nem poder, para conter os espíritos e reunir as opiniões. O cetro de Jerusalém estava nas mãos de uma mulher; o trono de Godofredo, estava abalado, sem apoio. A religião e as leis perdiam todos os dias seu império; a violência sòmente, tinha o privilégio de se fazer respeitar; não se obedecia mais que à necessidade ou à fôrça. A corrupção e a licença que reinavam entre êsse povo que outrora se chamava o *povo de Deus*, faziam progressos tão espantosos, que se é tentado a acusar

de exagêro as narrações dos autores contemporâneos e das testemunhas oculares.

Nesse estado de decadência, no meio dessas vergonhosas desordens, os mais sensatos dos prelados e dos barões pensaram em dar um chefe às colônias cristãs e rogaram a Isabel, viúva de Henrique da Champanha, que tomasse outro espôso, que consentisse em ser seu soberano. Isabel, por três casamentos, já havia dado três reis à Palestina. Propuseram-lhe desposar Amaury, que acabava de suceder a Guy de Lusignan, no reino de Chipre. Um historiador árabe diz que Amaury era um *homem sábio e prudente, que amava a Deus e respeitava a humanidade*. O príncipe não teve receio de governar durante a guerra, no meio de perturbações e de facções, o que restava do infeliz reino de Jerusalém e veio condividir com Isabel as honras vãs da sua realeza. Seu casamento celebrou-se em Tolemaida com mais pompa, dizem os historiadores, que não lhes permitia a sua condição atual, nem o estado das finanças do reino. Embora êsse casamento não pudesse remediar a todos os males dos cristãos, pelo menos lhes dava a consoladora esperança de que suas discórdias terminariam e as colônias dos francos, melhor governadas, poderiam obter algum fruto das vitórias conquistadas contra os infiéis. Mas uma notícia que acabava de chegar do Ocidente devia espalhar entre êles um novo luto e encher de tristeza todo o reino, pondo um fim aos estéreis feitos da guerra santa.

Nas festas que se seguiram ao casamento de Isabel com Amaury, soube-se da morte de Henrique VI. A eleição de um novo chefe do império, iria excitar violentos debates na Alemanha: cada príncipe e senhor alemão que então se encontrava na Palestina só pensou no que poderia temer ou esperar dos acontecimentos que se preparavam na Europa. Tomaram a resolução de voltar ao Ocidente.

O Conde de Monfort e vários cavaleiros franceses acabavam de chegar à Terra Santa: pediram êles aos príncipes alemães que adiassem a época da partida. O papa, ante a primeira notícia da morte de Henrique VI, tinha escrito aos príncipes dos cruzados para lhes rogar que terminassem a obra, que não abandonassem a causa de Jesus Cristo. Mas nem os rogos do Conde de Monfort, nem as exortações do papa puderam conter os cruzados, impacientes por deixar a Síria. De tantos príncipes que haviam partido do Ocidente para lutar pela causa de Deus, sòmente a Rainha da Hungria permaneceu fiel ao seu juramento e ficou com seus cavaleiros na Palestina. Voltando à Europa, os alemães contentaram-se de deixar uma guarnição em Joppé. Pouco tempo depois de sua partida, aquela guarnição celebrava a festa de São Martinho, e, na embriaguez e na devassidão, foi atacada e massacrada pelos muçulmanos. Aproximava-se o inverno: não se podia mais ficar nos campos. A discórdia reinava ora entre os cristãos ora entre os muçulmanos. De um lado e de

outro desejava-se a paz, porque não era mais possível fazer guerra. O Conde de Monfort concluiu com os turcos uma trégua de três anos. Assim terminou esta Cruzada, que só durou três meses e que, para os guerreiros do Ocidente foi mesmo uma verdadeira peregrinação. As vitórias dos cruzados tinham tornado os cristãos senhores de tôda a Síria marítima, mas a partida precipitada fêz perder-se o fruto de suas conquistas. As cidades que êles haviam conquistado ficaram sem defensores e quase sem habitantes.

Essa quarta Cruzada, na qual tôdas as fôrças do Ocidente vieram fracassar contra uma pequena fortaleza da Síria e que nos apresenta o estranho espetáculo de uma guerra santa, dirigida por um monarca excomungado, oferece ao historiador menos acontecimentos extraordinários, menos grandes desgraças, que as expedições precedentes. Os exércitos cristãos que tiveram uma estada passageira no Oriente, não sentiram falta de nada, não suportaram nem a carestia, nem as doenças, que haviam desolado os cruzados nas expedições anteriores. A previdência e os cuidados do Imperador da Alemanha, que se fizera senhor da Sicília, forneceram todo o necessário para os cruzados, cujos feitos deviam servir aos seus projetos ambiciosos e que êle considerava como seus próprios soldados.

Os guerreiros alemães que formavam o exército cristão, não tinham as qualidades necessárias para

garantir as vantagens da vitória. Sempre prontos a se lançar cegamente nos perigos, não compreendendo que se podia aliar a prudência à coragem e não reconhecendo outra lei que sua vontade, submissos aos chefes de sua nação, desprezando os outros, cheios de um indomável orgulho que os fazia desprezar os auxílios dos aliados e as lições da experiência, com semelhantes homens, não se podiam fazer, nem a paz nem a guerra.

Quando comparamos êsses novos cruzados com os companheiros de Godofredo de Bouillon e de Raimundo, encontramos nêles o mesmo ardor para os combates, a mesma indiferença pelos perigos, mas não encontramos mais aquêle entusiasmo que animava os primeiros soldados da cruz à vista dos santos lugares. Jerusalém sempre aberta à devoção dos cristãos, não via mais dentro de seus muros aquela multidão de peregrinos, que, no comêço da guerra santa para lá se dirigia de tôdas as partes do Ocidente. O papa e os chefes do exército cristão proibiam aos cruzados entrar na Cidade Santa antes de tê-la conquistado. Os cruzados, que nem sempre se mostravam tão dóceis, obedeceram com dificuldade a essa proibição. Mais de cem mil guerreiros que tinham deixado a Europa para libertar Jerusalém, voltaram aos seus lares, sem ter tido, talvez, o pensamento de visitar o túmulo de Jesus Cristo, pelo qual tinham tomado as armas. As trinta onças de ouro prometidas pelo imperador a todos os que passassem

o mar para ir combater os infiéis, aumentaram muito o número de cruzados, o que não se havia visto nas expedições precedentes, quando a multidão dos soldados da cruz era impelida à luta só por motivos religiosos. Nas outras guerras santas havia mais religião do que política: nessa Cruzada embora tivesse sido diretamente sugerida pelo chefe da igreja e tivesse sido em grande parte dirigida por bispos, podemos dizer que houve mais política do que religião. O orgulho, a ambição, a inveja, as paixões mais vergonhosas do coração humano não procuraram nem mesmo, como nas expedições anteriores, cobrir-se com um véu de religião. O Arcebispo de Mogúncia, o Bispo de Hildesheim, e a maior parte dos eclesiásticos que haviam tomado a cruz, não fizeram admirar nem sua sabedoria nem sua piedade; e não se distinguiram nem mesmo por alguma qualidade pessoal. O Chanceler do Império, Conrado, tendo voltado à Alemanha foi perseguido pelas suspeitas de seu proceder durante a guerra; quando, muito tempo depois do seu regresso, êle caiu sob os golpes de vários gentis-homens de Wurtzburgo, conjurados contra êle, o povo considerou essa morte trágica como um castigo do céu.

Henrique VI que tinha pregado a Cruzada viu apenas nessa expedição distante um meio e uma ocasião de aumentar o seu poder e de estender o seu império. Enquanto a cristandade dirigia ao céu suas preces por uma guerra santa, de que êle era a alma e

o móvel, êle fazia uma guerra ímpia, devastava um país cristão, para submetê-lo às suas leis e ameaçava os povos da Grécia. O filho de Tancredo foi privado da vista e prêso com cadeias de ferro; as filhas do Rei da Sicília foram levadas para a escravidão. Henrique levou tão longe os excessos de sua barbárie que irritou seus próprios parentes e encontrou inimigos em sua própria família. Quando êle morreu, espalhou-se, no Ocidente, a notícia de que êle tinha sido envenenado. Os povos, que êle tinha tornado infelizes, não podiam crer que tanta crueldade ficasse impune; disseram que a providência se havia servido da própria espôsa do imperador para lhe dar a morte e para vingar tôdas as calamidades que êle tinha espalhado nos reinos de Nápoles e da Sicília. Na iminência da morte, Henrique lembrou-se de que tinha perseguido Ricardo, que tinha retido um príncipe cruzado na prisão, não obstante as solicitações do pai da cristandade; apressou-se então em mandar ao Rei da Inglaterra embaixadores encarregados de lhe fazer solene reparação de tão grande ultraje. Depois de sua morte, como êle tinha sido excomungado, julgou-se dever dirigir à Santa Sé um pedido de licença para sepultá-lo na Terra Santa: o papa contentou-se em responder que êle poderia ser enterrado entre os cristãos, mas que antes deveriam fazer muitas preces para aplacar a cólera de Deus.

Apoderando-se das mais belas regiões da Itália, pela perfídia e pela violência, Henrique preparava

para êsse infeliz país revoluções que se deveriam renovar de tempos em tempos. A guerra odiosa que êle tinha feito à família de Tancredo, devia gerar outras guerras funestas à sua própria família: afastando-se da Alemanha com seus exércitos, Henrique deixou formarem-se partidos poderosos que, à sua morte, disputaram com animosidade o cetro imperial, e por fim fizeram rebentar uma guerra à qual os principais Estados da Europa foram arrastados. Assim, essa quarta Cruzada, bem diferente das outras guerras santas, que tinham contribuído para manter ou restabelecer a paz pública na Europa, dividiu os Estados da cristandade, sem ter abalado o poder dos turcos, e lançou a confusão e a perturbação em vários reinos do Ocidente.

LIVRO DÉCIMO

QUINTA CRUZADA.

1198-1203

Império Franco de Constantinopla — O papa Inocêncio III esforça-se por reacender o zêlo santo; Ricardo Coração-de-Leão, Filipe Augusto; pregação de Foulques de Neuilly e de Martim Litz; Thibaut IV, Conde de Champanha, o Conde de Chartres e de Blois, tomam a cruz; mandam embaixadores a Veneza para alugar vapôres; morte de Thibaut IV; Bonifácio, Marquês de Montferrato é escolhido para chefe da Cruzada; morte de Foulques de Neuilly; uma parte dos cruzados chega a Veneza e toma parte no cêrco de Zara, apesar das injunções do papa; os venezianos são excomungados; revolução em Constantinopla; Alexis, o Anjo, (o jovem) filho de Isaac, vem solicitar o socorro dos venezianos; a notícia da conquista da Apulha e do reino de Nápoles por Gauthier de Brienne causa uma dissidência; a frota navega para Constantinopla; particulares dessa expedição; Alexis, o Anjo, recolocado no trono promete ao papa reconhecê-lo como chefe da igreja universal.

No ponto a que chegamos da narração das santas expedições, o leitor sabe o que julgar do valor guerreiro de nossos velhos cristãos; comparando entre si os diversos anais da guerra nos tempos antigos e nos tempos modernos, poder-se-ia pensar que jamais a bravura humana gerou prodígios como na Idade Média, sob os estandartes da cruz. Que preocupação cega levava o autor do *Contract social* quando escrevia: "As tropas cristãs, são, dizia, excelentes, não o nego; que me mostrem outras semelhantes; quanto a mim, porém, não conheço tropas cristãs." Poderíamos nos limitar a pronunciar aqui os nomes de Godofredo, de Balduino, de Raimundo, de Tancredo, de Ricardo, para refutar tão estranho paradoxo; poderíamos nos contentar de lembrar as heróicas vitórias que haviam lançado o terror no Oriente, aquêles extraordinários triunfos que faziam os muçulmanos crer que os francos eram de uma raça superior à do resto dos homens.

Mas Rousseau, querendo esquivar-se às lembranças das expedições sagradas, afirma que os cruzados, *muito longe de serem cristãos, eram soldados do padre, cidadãos da igreja, que se batiam por seu país espiritual que ela tinha tornado temporal, não*

se sabe como. Há nesse raciocínio uma profunda ignorância das Cruzadas, de seu caráter e de seu espírito. O autor do *Contract social* partilhando do êrro de vários outros filósofos de seu tempo, estava persuadido de que os papas tinham feito Cruzadas. No primeiro livro dessa história, vimos, ao contrário, que as expedições da cruz nasceram do entusiasmo religioso e guerreiro que animava os povos do Ocidente: sem êsse entusiasmo, que não era obra dos chefes da igreja, as pregações da Santa Sé, não teriam podido reunir um único exército sob as santas bandeiras. Observai bem, que durante as guerras de além-mar os soberanos Pontífices foram expulsos de Roma, despojados de seus territórios e não chamaram os cruzados em defesa do poder ou do *país temporal* da igreja. Não sòmente os cruzados não eram instrumentos cegos da Santa Sé mas êles resistiram mais de uma vez à vontade dos papas e não deram nos campos de luta, menos exemplos de valor unidos à piedade. Houve, sem dúvida, chefes e príncipes impelidos à Ásia pela ambição ou pelo amor da glória; mas a religião, bem ou mal entendida, levava o maior número; as crenças cristãs, das quais os cruzados eram os defensores, elevava-os acima de todos os perigos pelo desejo das recompensas do céu e pelo desprêzo da vida. O islamismo ameaçava a Europa; a religião cristã, que se misturava com tudo que era a pátria, estava em perigo; que coisa mais natural do que correr em sua defesa e

sacrificar por ela seus bens, sua tranqüilidade e a vida? Eis a verdade, tal como as crianças a entendem; mas a verdade foge por sua mesma simplicidade, aos que, para julgar as coisas humanas, têm necessidade de empregar um argumento de filosofia orgulhosa e triste. Rousseau jamais sentiu o que há de mais admirável e de grande nas inspirações do cristianismo: depois de ter pensado que *os verdadeiros cristãos são feitos para serem escravos*, como poderia êle julgá-los capazes de atos de valor, de entusiasmo e de movimentos generosos? O grande êrro dos filósofos do século passado é ter querido refazer o mundo segundo seus sistemas e ter criado o homem segundo suas fantasias. A história tem menos pretensões; ela toma a humanidade tal como é, e só sabe opor fatos a eloqüentes sofismas. Não levaremos portanto mais além nossos raciocínios, e deixaremos aos conquistadores latinos de Bizâncio o cuidado de responder ao autor do *Contract social.*

A partida dos cruzados alemães tinha lançado os cristãos de além-mar no luto e na consternação: as colônias cristãs, entregues às suas próprias fôrças, eram apenas protegidas pelas tréguas que acabavam de ser concluídas entre Malek-Adhel e o Conde de Monfort. Os infiéis tinham muita superioridade sôbre seus inimigos, para respeitar por mais tempo um tratado que êles consideravam um obstáculo aos progressos do seu poder. Os cristãos, ameaçados por novos perigos, lançaram suas vistas para o Ocidente.

O Bispo de Tolemaida, acompanhado por vários cavaleiros, embarcou para a Europa, para pedir o auxílio dos fiéis. O navio no qual havia embarcado foi tragado pelas ondas no momento em que se afastava das costas da Síria: o Bispo de Tolemaida e todos os do seu séquito pereceram no naufrágio; outros navios, que partiram pouco tempo depois foram também assaltados pela tempestade e obrigados a voltar ao pôrto de Trípoli. Assim as orações e as lamentações dos cristãos da Palestina não chegaram ao Ocidente.

Entretanto as notícias espalhadas por tôda a parte dêstes tristes acontecimentos, mostravam a difícil situação do fraco reino de Jerusalém. Alguns peregrinos, que haviam escapado ao desastre, contavam por sua vez os triunfos e as ameaças dos turcos; mas, no estado em que se encontrava a Europa, nada era mais difícil do que levar os povos a uma nova Cruzada. A morte do Imperador Henrique VI tinha dividido os prelados e os príncipes da Alemanha. O Rei da França, Filipe Augusto, estava sempre em guerra com Ricardo, Rei da Inglaterra. Um dos filhos da Rainha da Hungria acabava de tomar a cruz, mas tinha reunido um exército sòmente para perturbar o reino e apoderar-se da coroa. Nas sangrentas discórdias que perturbavam o Ocidente, os povos cristãos pareciam ter esquecido o túmulo de Jesus Cristo: um único homem deixou-se comover

pelas desgraças dos fiéis do Oriente e não perdeu a esperança de ajudá-los.

Inocêncio III acabava de reunir, na idade de trinta e três anos, os sufrágios do conclave. Na idade das paixões, consagrado ao mais austero retiro, sem cessar, ocupado com o estudo dos livros santos e sempre pronto a confundir, com a autoridade do seu raciocínio as heresias novas, o sucessor de São Pedro, derramou lágrimas ao saber de sua eleição; mas, quando sentou-se no trono Pontifício Inocêncio demonstrou logo um caráter completamente novo; o mesmo homem que parecia temer o brilho do poder, só se ocupou, em seguida, dos meios de aumentar êsse poder e mostrou a ambição e a inflexível teimosia de Gregório VII. Sua juventude que lhe prometia um reinado longo, seu ardor em defender a causa da justiça e da verdade, sua eloqüência, suas luzes, suas virtudes, que lhe conquistavam o respeito dos fiéis, davam a esperança de que êle garantiria o poder, o triunfo da religião e que cumpriria todos os projetos de seus predecessores.

Como o poder dos papas estava baseado no progresso da fé e no piedoso entusiasmo dos cristãos, Inocêncio empregou a princípio todos os seus cuidados em reprimir as inovações perigosas, as doutrinas imprudentes, que começavam a corromper seu século e ameaçavam o santuário; êle ocupou-se principalmente em reanimar o ardor dos cruzados e, para dominar o espírito dos reis e dos povos, para reunir todos os

cristãos e fazê-los concorrer para o triunfo da igreja, falou-lhes do cativeiro de Jerusalém e mostrou-lhes o túmulo de Jesus Cristo e os santos lugares, profanados pela presença e pela dominação dos infiéis.

Numa carta dirigida aos bispos, ao clero, aos senhores e povos da França, da Inglaterra, da Hungria, e da Sicília, o soberano Pontífice comunicava suas vontades, suas ameaças e as promessas do Deus dos cristãos.. "Depois da perda lamentável de Jerusalém, dizia êle, a Santa Sé não deixou de clamar ao céu e de exortar os fiéis a vingar a injúria feita a Jesus Cristo, expulso de sua terra. Outrora, Urias, não quis entrar em casa, nem ver sua espôsa, enquanto a arca do Senhor estava no acampamento; agora, nossos príncipes, nessa calamidade pública, abandonam-se a amôres ilegítimos, atirando-se às delícias, abusam dos bens que o céu lhes deu e perseguem-se mùtuamente, por ódios implacáveis. Só pensam em vingar as injúrias pessoais; êles não consideram que nossos inimigos nos insultam, dizendo: *Onde está o vosso Deus, que não pode libertar-se de nossas mãos? Profanamos vosso santuário e os lugares onde pretendeis que vossa superstição teve origem; quebramos as armas dos franceses, dos inglêses, dos alemães e dominamos uma segunda vez os altivos espanhóis; que nos resta então por fazer, senão expulsar aquêles que deixastes na Síria e penetrar até o Ocidente, para apagar para sempre vosso nome e vossa memória?*"

Tomando depois, um tom mais paternal: "Mostrai, escrevia Inocêncio, que não perdestes a coragem, que prodigalizais pela causa de Deus, tudo o que dêle recebestes: se, numa ocasião tão urgente e grave vos recusais servir a Jesus Cristo, que desculpa poderíeis levar ao seu terrível tribunal? Se Deus morreu pelo homem, o homem, temerá êle morrer pelo seu Deus? Recusará dar sua vida passageira e os bens perecíveis dêste mundo Àquele que nos abre os tesouros da vida eterna?"

Alguns prelados foram enviados ao mesmo tempo a tôdas as regiões da Europa para pregar a paz entre os príncipes e exortá-los a se reunir contra os inimigos de Deus. Êsses prelados, revestidos de tôda a autoridade da Santa Sé, deviam persuadir as cidades e os senhores a fazer partir, à própria custa, para a Terra Santa um certo número de cavaleiros e de soldados. Prometiam a remissão dos pecados e a proteção especial da igreja a todos os que tomassem a cruz e as armas, ou que fornecessem equipamento e víveres para a manutenção do exército de Jesus Cristo. Para receber o piedoso tributo dos fiéis, colocaram-se cofres em tôdas as igrejas. No tribunal da penitência, os padres deviam ordenar a todos os pecadores que concorressem para a santa emprêsa; nenhuma falta poderia obter perdão diante de Deus, sem a vontade sincera de participar da Cruzada. O zêlo pela libertação dos santos lugares parecia ser então a única virtude que o papa exigia

dos cristãos. A mesma caridade perderia algo do seu valor, se não fôsse exercitada em favor dos cruzados. Como se acusava a Igreja de Roma, de impor aos povos *pesos, nos quais ela tocava apenas com a ponta do dedo*, o papa exortou os chefes do clero e o mesmo clero a dar exemplo de dedicação e de sacrifício. Inocêncio mandou fundir sua baixela de ouro e de prata para prover às despesas da guerra santa; não quis ter sôbre a mesa que vasos de madeira e de barro, durante todo o tempo da Cruzada.

O Soberano Pontífice estava tão cheio de confiança no zêlo e na piedade dos cristãos, que escreveu ao patriarca e ao Rei de Jerusalém para lhes anunciar os socorros do Ocidente. Tudo êle fazia para aumentar o número dos soldados de Jesus Cristo. Êle dirigiu-se ao Imperador de Constantinopla e censurou-lhe a indiferença pela libertação dos santos lugares. O Imperador Alexis esforçou-se, em sua resposta, por mostrar seu zêlo pela causa da religião, mas acrescentava que o momento da libertação ainda não tinha chegado e que êle temia opor-se à vontade de Deus, irritado com os pecados dos cristãos. O príncipe grego lembrava, com habilidade, as devastações feitas nas terras do império pelos soldados de Frederico; rogava ao papa que fizesse também suas reprimendas aos que, fingindo trabalhar por Jesus Cristo, agiam contra a vontade do céu. "Não é ainda tempo, acrescentava Alexis, de se tirar a Terra

Santa das mãos dos sarracenos; temo que antecipando a época marcada por Deus, façamos uma obra inútil." Na sua correspondência com Alexis, Inocêncio III combatia a opinião do imperador grego: "Os que foram regenerados nas águas do Batismo, dizia, devem êles mesmos se apresentar para a Cruzada, para que, esperando o tempo desconhecido da libertação do Santo Sepulcro e nada fazendo por si mesmos, não venham a atrair a justa punição de Deus." O Soberano Pontífice escrevia a Alexis e não dissimulava suas pretensões ao império universal; falava como árbitro soberano dos reis do Oriente e do Ocidente. Aplicava a si mesmo estas palavras de Jeremias: *"Eu te estabeleci sôbre as nações e sôbre os reinos para arrancar e dissipar, para edificar e plantar."* Comparava o poder dos papas e o dos príncipes, um ao sol, que ilumina o universo durante o dia e o outro à lua, que ilumina a terra durante a noite.

As pretensões que Inocêncio demonstrava e a maneira com que procurava fazê-las valer, prejudicaram, sem dúvida o efeito de suas exortações e enfraqueceram o zêlo dos príncipes cristãos que êle queria induzir à Cruzada. Os príncipes e os bispos da Alemanha estavam divididos entre Oton da Saxônia e Filipe da Suábia; o Soberano Pontífice declarou-se abertamente por Oton e ameaçou com os castigos da igreja a todos os que seguiam o partido contrário. Nas perturbações que então surgiram, uns

Ricardo Coração de Leão liberta a cidade de Joppé.

preocupavam-se ùnicamente em se aproveitar do favor do Soberano Pontífice; outros em se esquivar de suas ameaças. Tôda a Alemanha estava empenhada nessa grande questão. Ninguém tomou a cruz.

Um dos legados do papa, Pedro de Cápua, chegou a restabelecer a paz entre Ricardo Coração-de-Leão e Filipe Augusto. Ricardo que queria obter o auxílio da Santa Sé prometia sempre equipar uma frota e reunir um exército para ir fazer guerra aos infiéis. Convocou em sua capital um torneio, no qual exortou os cavaleiros e os barões a seguir para o Oriente; mas tôdas estas demonstrações de cuja sinceridade se podia duvidar, ficaram sem resultado. A guerra não tardou em rebentar de novo entre os dois reinos da França e da Inglaterra; Ricardo, que renovava cada dia o juramento de combater os infiéis, morreu combatendo contra os cristãos.

Filipe Augusto acabava de repudiar sua espôsa Ingeburga, irmã do Rei da Dinamarca, para desposar Inês de Meranie. O Soberano Pontífice na carta dirigida aos fiéis, tinha censurado vivamente os príncipes que se entregavam a amôres ilegítimos; ordenou a Filipe Augusto que retomasse Ingeburga; e como o monarca se recusasse a obedecer, foi lançado o interdito sôbre o reino da França. Durante vários meses tôdas as cerimônias da religião foram interrompidas; na Cátedra do Evangelho deixou de ser ouvida a palavra de Deus; não ecoavam mais o bimbalhar dos sinos, nem os toques da oração: a sepultura

cristã era recusada aos mortos, os santuários estavam fechados a todos os fiéis; um longo véu de luto cobria as cidades e os campos, de onde a religião cristã parecia banida e poder-se-ia julgar terem sido invadidas pelos muçulmanos. Embora os cruzados estivessem isentos do interdito, o espetáculo que a França oferecia amargurava a maior parte de seus habitantes. Filipe Augusto irritado contra o Papa, mostrava-se pouco disposto a afervorar o seu zêlo. O clero cuja influência lhe podia reanimar a coragem e fazê-lo voltar à guerra santa, tinha menos a deplorar o cativeiro de Jerusalém, que o infeliz estado do reino.

1199. No entretanto, um sacerdote de Neuilly sôbre o Marne, ilustrava a França com o ardor de sua eloqüência e de seus milagres. Foulques tinha a princípio levado uma vida desregrada; mas, por fim, tocado por sincero arrependimento, não se contentou em expiar suas desordens pela penitência, mas quis reconduzir todos os pecadores ao caminho da salvação e percorria as províncias exortando o povo ao desprêzo das coisas da terra. Deus, para experimentá-lo, permitiu que nas suas primeiras pregações Foulques se expusesse às zombarias dos ouvintes; mas, logo as verdades que êle anunciava atraíram-lhe o respeito dos fiéis. Os bispos convidaram-no a pregar em suas Dioceses; por tôda a parte êle recebia honras extraordinárias. O povo e o clero corriam para ouví-lo como se fôsse um enviado de Deus. Foulques não tinha, diz a crônica de S. Vítor, nada

de singular em seu traje e em sua maneira de viver; *êle andava a cavalo e comia o que lhe davam.* Viam-no pregar ora nas igrejas, ora nas praças públicas; aparecia também nas assembléias dos barões e dos cavaleiros. Sua eloqüência era simples e natural. Preservado, por sua mesma ignorância, do mau gôsto do seu século, êle enchia de admiração a seus numerosos ouvintes, não pelas vãs sutilezas da escola, nem pela mistura bizarra de passagens da Sagrada Escritura e de pensamentos profanos da antiguidade; suas palavras, despidas da erudição que então se admirava, eram mais persuasivas e encontravam melhor o caminho do coração. Os pregadores mais sábios, punham-se mesmo entre seus discípulos e diziam que o Espírito Santo falava por sua bôca. Animado por aquela fé que faz tantos prodígios, êle prendia à vontade, as paixões da multidão e fazia ressoar até nos palácios dos príncipes, *o trovão das ameaças evangélicas.* Depois de tê-lo escutado, todos os que haviam enriquecido por meio da fraude, roubo ou usura, apressavam-se em restituir o que tinham injustamente adquirido. Os libertinos confessavam seus pecados e entregavam-se às austeridades da penitência; as mulheres prostituídas, deploravam, a exemplo de Madalena, o escândalo de sua vida, cortavam o cabelo, abandonavam as vaidades e cingiam-se do cilício, prometendo a Deus viver no retiro e morrer sôbre as cinzas. Enfim, a eloqüência de Foulques de Neuilly fazia tão grandes milagres que a maior

parte dos autores contemporâneos fala dêle como de um outro Paulo, mandado para a conversão de seu século. Um dêles chega a dizer que não ousa contar tudo o que sabe, não confiando na credulidade dos homens.

Inocêncio III lançou suas vistas sôbre Foulques de Neuilly e confiou-lhe a missão que tinha sido dada, cinqüenta anos antes a S. Bernardo. O novo pregador da Cruzada, tomou êle mesmo a cruz num capítulo geral da Ordem de Cister. À sua voz, o zêlo pela guerra santa, que parecia extinto, despertou em tôda parte. Nas cidades que êle atravessava todos corriam para ouví-lo; todos os que estavam em condições de tomar as armas faziam juramento de combater os infiéis.

Vários oradores sacros associaram-se ao trabalho de Neuilly; Martim Litz, da ordem de Cister, pregou a Cruzada na diocese de Basiléia e nas margens do Reno; Herloin, monge de São Dionísio, percorreu os campos ainda selvagens da Bretanha e do baixo Poitou; Eustáquio, Abade de Flay, atravessou duas vêzes o mar para excitar o entusiasmo e o ardor dos povos da Inglaterra.

Êsses piedosos oradores não tinham todos a mesma eloqüência. Todos, porém, estavam cheios do zêlo mais ardente. A profanação dos santos lugares, os males dos cristãos do Oriente, a lembrança de Jerusalém, animavam seus discursos. Tal o espírito ainda espalhado pela Europa, que bastava

aos oradores como nas primeiras Cruzadas, pronunciar o nome de Jesus Cristo e falar da cidade de Deus, dominada pelos infiéis, para que os ouvintes derramassem lágrimas e se entregassem a transportes de santo entusiasmo. Por tôda a parte o povo mostrava a mesma piedade e os mesmos sentimentos; mas a causa de Jesus Cristo tinha sobretudo necessidade de exemplo e de coragem dos príncipes e dos senhores. Como se acabava de proclamar na Champanha, um brilhante torneio onde se deveriam reunir os mais valorosos guerreiros da França, da Alemanha e da Flandres, Foulques foi ao castelo de Écry, sôbre o Aisne, que era o ponto de convergência dos cavaleiros. Quando Foulques falou de Jerusalém, os cavaleiros e os barões esqueceram-se das justas, dos golpes de lança, dos grandes feitos de armas e da presença das *damas e senhoritas,* que davam o prêmio ao valor, dos alegres menestréis que celebravam os feitos *comprados e vendidos com o ferro e o aço.* Todos fizeram o juramento de combater os infiéis, e muita admiração se sentiu, por ver numerosos defensores da cruz sair dessas festas belicosas que a igreja tinha severamente proibido.

1200. À frente dos príncipes e dos senhores que se alistaram na Cruzada, faziam-se notar Thibaut IV, Conde da Champanha e Luís, Conde de Chartres e de Blois, ambos parentes do Rei da França e da Inglaterra. O pai de Thibaut tinha seguido Luís, o Moço, à segunda Cruzada: seu

irmão mais velho tinha sido Rei de Jerusalém; dois mil e quinhentos cavaleiros deviam-lhe homenagem e o serviço militar; a nobreza da Champanha era excelente no manejo das armas. Como Thibaut tinha desposado a herdeira da Navarra, êle podia reunir sob suas bandeiras os habitantes mais belicosos dos Pireneus. Luís, Conde de Chartres e de Blois, contava entre seus antepassados um dos chefes mais ilustres da primeira Cruzada, e possuía uma província fecunda em guerreiros. A exemplo dêsses dois príncipes, alistaram-se na Cruzada o Conde de S. Paulo, os condes Gauthier e João de Brienne, Manassés de L'Isle, Renar de Dampierre, Mateus de Montmorency, Hugo e Roberto de Boves, condes de Amiens, Ranaud de Bolonha, Godofredo de Perche, Renaud de Montmirail, Simão de Monfort, que acabava de fazer tréguas com os turcos e renovava o juramento de combatê-los e Godofredo de Villehardouin, marechal da Champanha, que nos deixou uma relação dessa Cruzada na linguagem simples do seu tempo.

Entre os eclesiásticos que tinham tomado a cruz, a história cita Novelon de Cherisi, Bispo de Soisson, Garnier, Bispo de Langres, o Abade de Looz, o Abade de Vaux de Cernay. O Bispo de Langres que tinha sido objeto das censuras do papa, julgava encontrar na peregrinação à Terra Santa uma ocasião de se reconciliar com a Santa Sé. O Abade de Looz e o Abade de Vaux de Cernay tinham-se feito notar por sua piedade e por suas luzes; o primeiro, cheio

de sabedoria e de moderação, o segundo, repleto de santo entusiasmo e de um zêlo ardente, que demonstrou em seguida contra os albigenses e os partidários do Conde de Tolosa.

Quando os cavaleiros e os barões voltaram aos seus lares, levando uma cruz vermelha em seus boldriés e nas cotas de malha, despertaram, com sua presença, o entusiasmo de seus vassalos e de seus irmãos de armas. A nobreza da Flandres, a exemplo da da Champanha, quis mostrar seu zêlo pela libertação dos santos lugares. Balduino que tinha tomado o partido de Ricardo contra Filipe Augusto, procurou, sob o estandarte da cruz, um asilo contra a cólera do Rei da França, e jurou, na Igreja de São Donato de Bruges, ir à Ásia combater os muçulmanos. Maria, Condêssa de Flandres, irmã de Thibaut, Conde da Champanha, não quis viver separada de seu espôso e embora estivesse então na flor de sua juventude e grávida, há vários meses, fêz juramento de seguir os cruzados além dos mares, e de deixar um país, que ela não deveria mais tornar a ver. O exemplo de Balduino foi seguido por seus dois irmãos, Eustáquio e Henrique, Conde de Sarbruck; por Conon de Bethune, cuja piedade e eloqüência eram admiradas e por Tiago de Avesnes, filho daquele que, com o mesmo nome se havia tornado célebre na terceira Cruzada. A maior parte dos barões e dos cavaleiros da Flandres e do Hainaut, fizera também o jura-

mento de partilhar dos trabalhos e dos perigos da guerra santa.

Os principais chefes da Cruzada, a princípio reuniram-se em Soissons, depois em Compiègne. Na sua assembléia êles deram o comando da santa expedição a Thibaut, Conde da Champanha. Determinaram na mesma assembléia, que o exército dos cruzados iria por mar ao Oriente. Depois dessa determinação seis embaixadores foram enviados a Veneza, a fim de obter da República os navios necessários para o transporte dos homens e dos cavalos.

Os venezianos tinham então chegado ao mais alto grau de prosperidade. No meio das perturbações que tinham precedido e seguido a queda do poder romano, êsse povo industrioso se havia refugiado nas ilhas que bordam o fundo do gôlfo Adriático; colocado sôbre as águas, tinha voltado suas vistas para o império dos mares, no qual, os bárbaros não pensavam. A princípio ficaram sujeitos ao Imperador de Constantinopla, mas à medida que o império grego caminhava para a decadência, a República veneziana tomava um incremento de fôrça e de esplendor que a devia tornar independente. Desde o sexto século, palácios de mármore tinham substituído as humildes cabanas de pescadores esparsas pela ilha de Rialto. As cidades da Istria e da Dalmácia obedeciam aos soberanos do mar Adriático. A república tornou-se temível aos mais poderosos monarcas e podia armar, ao menor sinal, uma frota de

cem galeras, que empregava sucessivamente contra os gregos, os sarracenos e os normandos; o poder de Veneza era respeitado por todos os povos do Ocidente; as repúblicas de Gênova e de Pisa, haviam-lhe disputado a supremacia no mar. Os venezianos lembravam com orgulho estas palavras do Papa Alexandre III, dirigidas ao doge, dando-lhe um anel: *Desposa o mar com êste anel; que a posteridade saiba que os venezianos conquistaram o império dos mares e que o mar lhes foi sujeito como a espôsa ao espôso.*

As frotas dos venezianos visitavam sempre os portos da Grécia e da Ásia; transportavam os peregrinos para a Palestina e voltavam carregadas de ricas mercadorias do Oriente. Os venezianos mostraram nas Cruzadas menos entusiasmo que os outros povos cristãos. Souberam aproveitar melhor para seus próprios interêsses; enquanto os guerreiros da cristandade combatiam pela glória, por reinos e pelo túmulo de Jesus Cristo, os mercadores de Veneza batiam-se por mercadorias, privilégios do comércio e muitas vêzes, a ambição os fazia empreender o que as outras nações só teriam feito num excesso de zêlo religioso. A república que devia tôda a sua prosperidade às suas relações comerciais procurava sem escrúpulo a amizade e a proteção das potências muçulmanas da Síria e do Egito; muitas vêzes, mesmo, quando tôda a Europa se armava contra os infiéis,

os venezianos foram acusados de fornecer armas e víveres aos inimigos dos povos cristãos.

Quando os enviados dos cristãos chegaram a Veneza, o doge da república era Dândolo, tão célebre nos seus anais. Dândolo tinha servido sua pátria muitas vêzes em missões importantes, no comando de frotas e de exércitos; à frente do govêrno êle vigiava pela liberdade e fazia observar as leis. Seus esforços na guerra e na paz, suas úteis determinações sôbre as moedas, a administração da justiça e a segurança pública, mereciam-lhe a confiança e a estima de seus concidadãos. Êle tinha aprendido no meio do tumulto e das tempestades da República a dominar pela palavra as paixões da multidão. Ninguém era mais hábil em aproveitar uma ocasião favorável, em se servir das mínimas circunstâncias para a execução de seus desígnios. Chegando à idade de noventa anos, o doge de Veneza só tinha da velhice o que ela tem de virtude e de experiência. Villehardouin chama-o *um homem sábio e de grande valor*, e na história de Nicetas, o velho doge é chamado de *o prudente dos prudentes*. Tudo o que podia servir ao seu país despertava sua atividade, inflamava sua coragem; ao espírito de cálculo e de economia, que distinguia seus compatriotas, Dândolo unia as paixões mais generosas e dava um ar de grandeza a todos os empreendimentos de um povo comerciante. Seu patriotismo republicano sempre sustentado pelo amor da glória, parecia ter algo daquele sentimento de

honra e daquela nobreza altiva que formavam o caráter dominante da cavalaria.

Dândolo louvou com ardor um empreendimento que lhe pareceu glorioso e no qual os interêsses de sua pátria não estavam separados dos da religião. Os enviados dos príncipes e dos barões pediam navios de transporte para quatro mil e quinhentos cavaleiros, vinte mil homens de infantaria e provisão para todo o exército durante nove meses. Dândolo prometeu, em nome da República, fornecer os víveres e os navios necessários, com a condição de que os cruzados se comprometessem a pagar aos venezianos a soma de oitenta e cinco mil marcos de prata. Como êle não queria que o povo de Veneza ficasse alheio à expedição dos cruzados franceses, Dândolo propôs aos enviados armar, à custa da República, cinqüenta galeras e pedia para sua pátria a metade das conquistas que se iam fazer no Oriente.

Os enviados aceitaram sem dificuldade a proposta mais interesseira que generosa do doge de Veneza. As condições do tratado tinham antes sido examinadas no conselho do doge, composto de seis patrícios; foram depois ratificadas em dois outros conselhos, e apresentadas à sanção do povo, que então exercia o supremo poder.

Uma assembléia foi convocada na Igreja de São Marcos. "O doge, chamou cem do povo, diz Villehardouin, depois, duzentos, depois mil e todos aprovaram-no; por fim, chamou dez mil, à capela

de S. Marcos, uma das mais belas e magníficas pequenas igrejas já vistas, onde os fêz ouvir a Missa do Espírito Santo, exortando-os a rogar a Deus que os inspirasse, segundo o pedido dos embaixadores.

Depois da missa, o duque os mandou chamar e rogou-lhes que perguntassem humildemente *se o povo estava contente de que o contrato fôsse feito.*" Depois que se celebrou a Missa do Espírito Santo, o Marechal da Champanha, acompanhado pelos outros enviados, levantou-se e dirigindo a palavra ao povo de Veneza pronunciou um discurso cujas expressões simples e singelas descrevem, melhor do que nós o poderíamos fazer, o espírito e os sentimentos dos tempos heróicos de nossa história:

"Os senhores e os barões da França, os mais nobres e os mais poderosos, nos mandaram a vós para vos pedir, em nome de Deus que tenhais piedade de Jerusalém que está em poder do turcos. Êles vos dizem o seu muito obrigado e vos suplicam que os acompanheis para vingar a afronta a Jesus Cristo. Êles vos escolheram, porque sabem que não há ninguém sôbre o mar que tenha tão grande poder como vós e vosso povo. Recomendaram-nos êles que nos lancemos aos vossos pés e não nos levantemos que depois que tenhais concedido o que pedimos, e que tenhais tido piedade da Terra Santa de além-mar." A essas palavras, os enviados, comovidos até às lágrimas, e não temendo abaixar-se pela causa de Jesus Cristo, lançaram-se de joelhos e estenderam

as mãos suplicantes para o povo. A viva comoção dos barões e dos cavaleiros comunicou-se aos venezianos. Dez mil vozes exclamaram ao mesmo tempo: *Nós concedemos o vosso pedido.* O doge, subindo à tribuna, louvou a franqueza e a lealdade dos barões franceses e falou com entusiasmo da honra que Deus concedia ao povo de Veneza escolhendo-o entre todos os outros povos para fazê-lo participante da mais nobre das emprêsas e por associá-lo aos mais valentes guerreiros. Leu depois o tratado feito com os cruzados e rogou aos seus concidadãos reunidos que lhe dessem o seu consentimento nas formas consagradas pelas leis da república. O povo então ergueu-se e exclamou a uma voz: *Consentimos.* Todos os habitantes de Veneza tomavam parte nessa assembléia; uma multidão imensa cobria a praça de São Marcos e enchia tôdas as ruas vizinhas. O entusiasmo religioso, o amor da pátria, a surprêsa e a alegria, manifestaram-se com aclamações tão vibrantes, que se diria, segundo a expressão do Marechal de Champanha, *que a terra ia-se abrir e desaparecer.*

No dia seguinte depois dessa jornada memorável, os enviados dos barões dirigiram-se para o palácio de S. Marcos e juraram sôbre suas armas e sôbre o Evangelho, cumprir tôdas as promessas, que acabavam de fazer. O preâmbulo do tratado lembrava as faltas e as desgraças dos príncipes que, até então, tinham empreendido a libertação da Terra Santa e louvavam a sabedoria e a prudência dos senho-

res e dos barões franceses que tudo faziam para garantir o feliz resultado de uma expedição cheia de dificuldades e de perigos. Os enviados estavam encarregados de aceitar as condições que se acabavam de jurar, por todos os seus irmãos de armas, os barões e os cavaleiros, *tôda a nação e se êles o pudessem,* pelo seu senhor, o Rei da França. O tratado foi escrito num pergaminho e mandado logo a Roma, para receber a aprovação do papa. Cheios de confiança no futuro e na aliança que acabavam de contrair, os cavaleiros franceses e os patrícios de Veneza deram-se mùtuamente as mais sentidas demonstrações de amizade. O doge emprestou aos barões uma soma de dez mil marcos de prata e êstes juraram jamais esquecer os serviços que a República prestava à causa de Jesus Cristo. Houve então, diz Villehardouin, *muitas lágrimas derramadas de ternura e alegria.*

O Govêrno de Veneza era um espetáculo novo para os senhores franceses; as deliberações do povo eram-lhes desconhecidas e os encheram de admiração. Por outro lado, a embaixada dos cavaleiros e dos barões não podia deixar de aliciar o orgulho dos venezianos; êstes, felicitavam-se por terem sido considerados o primeiro povo marítimo e jamais separando a sua glória dos interêsses de seu comércio, regozijavam-se por ter feito um negócio muito lucrativo. Os cavaleiros, ao contrário, não pensavam senão na honra e em Jesus Cristo, e, embora o tratado que

acabavam de concluir fôsse prejudicial para os cruzados, êles levaram-lhe a notícia com alegria aos seus companheiros de armas.

A preferência concedida aos venezianos pelos cruzados devia suscitar a inveja de outros povos marítimos da Itália. Também os enviados franceses, haviam-se dirigido a Pisa e Genova, a fim de solicitar em nome de Jesus Cristo, os socorros das duas repúblicas mas só encontraram corações indiferentes pela libertação dos santos lugares.

No entretanto, a narração do que se havia passado em Veneza e a presença dos barões despertaram o entusiasmo dos habitantes da Lombardia e do Piemonte. Um grande número dêles tomou a cruz e as armas e prometeu seguir, à Terra Santa, a Bonifácio, Marquês de Monferrato.

O Marechal de Champanha atravessando o Monte Cenisio encontrou Gauthier de Brienne, que tinha tomado a cruz no castelo de Écry e que se dirigia para a Apulha. Êle havia desposado uma das filhas de Tancredo, último Rei da Sicília. Seguido por sessenta cavaleiros da Champanha, ia fazer valer os direitos de sua espôsa e conquistar o reino fundado pelos cavaleiros normandos. O Marechal Villehardouin e Gauthier de Brienne regozijaram-se com os futuros sucessos de suas expedições e prometeram encontrar-se nas planícies do Egito e da Síria. Assim, o futuro só oferecia aos cavaleiros da cruz vitórias e troféus e a esperança de conquistar reinos

longínquos redobrava-lhes o entusiasmo pela guerra santa.

Depois que os enviados voltaram à Champanha encontraram Thibaut gravemente enfêrmo. Sabendo da conclusão do tratado com os venezianos o jovem príncipe sentiu tanta alegria, que esquecendo o mal que o retinha no leito, quis se revestir de suas armas e montar a cavalo; mas, acrescenta Villehardouin, *foi um grande mal, infelizmente; pois a doença aumentou e ficou tão grave, que êle fêz sua partilha e seu testamento e não mais cavalgou.* Thibaut, modêlo e esperança dos cavaleiros cristãos, morreu na flor da idade, vivamente lamentado por seus vassalos e companheiros de armas. Êle deplorou diante dos barões o destino rigoroso que o condenava a morrer sem glória, enquanto êles iam colhêr as palmas de vitória e do martírio nas regiões do Oriente; êle exortou-os a cumprir o juramento que tinham feito a Deus de libertar Jerusalém e deixou todos os seus tesouros para serem empregados na santa expedição. Um epitáfio em versos latinos, que nos foi conservado, celebra as virtudes e o zêlo piedoso do Conde Thibaut, lembra os preparativos da sua peregrinação e termina dizendo que o jovem príncipe *encontrou a Jerusalém do céu, quando queria ir procurar a Jerusalém da terra.*

Depois da morte do Conde de Champanha, os barões e os cavaleiros que tinham tomado a cruz reuniram-se para escolher outro chefe; a escolha caiu

sôbre o Conde de Bar e sôbre o Duque da Borgonha. O Conde de Bar recusou tomar o comando do exército cristão. Eudes III, Duque de Borgonha, chorava ainda a perda de seu pai, na Palestina, depois da terceira Cruzada; não quis resolver-se a deixar seu ducado, para ir ao Oriente. "Êle recusou absolutamente, diz Villehardouin, e talvez, êle teria podido fazer melhor." A recusa dêsses dois príncipes foi motivo de escândalo para os soldados da cruz. A história contemporânea nos diz que êles se arrependeram depois, da indiferença que haviam mostrado pela causa de Jesus Cristo. O Duque da Borgonha, que morreu alguns anos depois, quis tomar a cruz no leito de morte, e, para expiar sua falta, mandou vários dos seus guerreiros à Palestina.

Os cavaleiros e os barões ofereceram o comando a Bonifácio, marquês do Monferrato. Êste pertencia a uma família de heróis cristãos. Seu irmão Conrado tinha se celebrizado na defesa de Tiro; êle mesmo já por várias vêzes havia combatido contra os infiéis. Êle não hesitou em aceitar o pedido dos cruzados. Veio a Coissons, onde recebeu a cruz das mãos do Pároco de Neully e foi proclamado chefe da cruzada na igreja de Notre-Dame, na presença do clero e do povo.

Dois anos se haviam passado desde que o soberano Pontífice tinha ordenado aos Bispos que prepassem a cruzada em suas dioceses. A situação dos cristãos no Oriente tornava-se sempre mais deplorá-

vel: os reis de Jerusalém e da Armênia, os patriarcas de Antioquia, e da cidade santa, os Bispos da Síria, os grandes senhores das ordens militares dirigiam todos os dias à Santa Sé as suas queixas e seus gemidos. Inocêncio, comovido por suas preces, fêz novas exortações aos fiéis e rogou aos cruzados que apressassem a partida. Censurou vivamente a indiferença daqueles que, depois de ter tomado a cruz, pareciam ter-se esquecido do juramento. O pai dos cristãos censurava principalmente os eclesiásticos pelo atraso em pagar a quadragésima parte das rendas, destinada às despesas da cruzada. "Vós e nós, dizia êle, todos os que somos mantidos pelos bens da Igreja, não deveríamos temer que os habitantes de Nínive se ergam contra nós, no dia do juízo universal e pronunciem palavras de condenação, contra nós? Êles fizeram penitência, à pregação de Jonas, e vós, não sòmente não partistes os vossos corações, mas nem mesmo abristes as vossas mãos para socorrer Jesus Cristo, em sua pobreza". A época de uma guerra santa como nós já vimos, devia ser para os cristãos um tempo de expiação e de penitência; o soberano Pontífice proscrevia em suas cartas a suntuosidade da mesa, o luxo das vestes, os divertimentos públicos. Embora a nova cruzada a princípio tivesse sido pregada com êxito no torneio de Ecry, os torneios estavam no número dos divertimentos e espetáculos que o Papa proibia aos cristãos, durante o espaço de cinco anos.

Para reanimar a confiança e a coragem dos que tinham tomado a cruz, Inocêncio falava-lhes das novas divisões que haviam surgido entre os príncipes muçulmanos e dos flagelos com que Deus acabava de ferir o Egito. "Deus, exclamava o Pontífice, feriu o país de Babilônia com a vara do seu poder; o Nilo, êsse rio do Paraíso, que fecunda a terra do Egito, não teve seu curso costumeiro. Êsse castigo condenou-os à morte e prepara o triunfo de seus inimigos". Montferrato tinha vindo à França no outono do ano de 1201; todo o inverno foi dedicado à preparação da guerra santa; tais preparativos não foram acompanhados de desordem alguma. Os príncipes e os barões não receberam sob suas bandeiras que guerreiros disciplinados e homens acostumados a manejar a lança e a espada. Algumas vozes se ergueram contra os judeus, aos quais quiseram fazer pagar as despesas da cruzada, mas o soberano Pontífice pô-los sob a proteção da Santa Sé e ameaçou de excomunhão todos os que atentassem contra a sua vida ou a sua liberdade.

Antes de deixar seus lares os cruzados tiveram que chorar a perda do santo orador que com seus discursos lhes tinha afervorado o zêlo e reanimado a coragem. Foulques caiu doente, e morreu na sua paróquia de Neuilly. Algum tempo antes, havia surgido murmurações contra o seu proceder e suas palavras não tinham mais o mesmo império sôbre o espírito dos ouvintes. Foulques tinha recebido somas

consideráveis destinadas às despesas da guerra santa e como êle era acusado de ter desviado uma boa parte delas em seu proveito, mais êle ajuntava dinheiro, diz Tiago de Vitry, mais perdia o prestígio e a consideração. No entretanto, as suspeitas de seu proceder, em geral, não eram aceitas; nem o povo nelas acreditava. O marechal de Champanha diz, na sua história, que a morte do Pároco de Neuilly afligiu vivamente os cavaleiros e os barões. Foulques foi sepultado na Igreja da sua paróquia, com grande pompa; seu túmulo, monumento de piedade de seus contemporâneos atraía ainda no século passado o respeito e a veneração dos fiéis.

Desde os primeiros dias da primavera, os cruzados prepararam-se para deixar seus lares, e diz Villahardouin "que muitas lágrimas foram derramadas à sua partida e ao se despedirem de seus parentes e amigos." O conde de Flandres, os condes de Blois e de S. Paulo seguidos por um grande número de senhores flamengos com seus vassalos, o marechal de Champanha, acompanhado por vários cavaleiros da Champanha, avançaram através da Borgonha e passaram os Alpes para ir a Veneza. O Marquês Bonifácio foi logo encontrá-los, levando consigo os cruzados da Lombardia, do Piemonte, da Savoia e dos países situados entre os Alpes e o Ródano. Veneza recebeu também os cruzados das margens do Reno, uns sob o comando do Bispo de Halberstadt, outros sob o de Martin Litz, que os havia feito tomar as

armas e continuava a lhes animar o zêlo com o exemplo de suas virtudes e de sua piedade.

Quando os cruzados chegaram a Veneza a frota que os devia transportar ao Oriente estava prestes a zarpar; foram êles recebidos, a princípio, com tôdas as demonstrações de alegria; mas, no meio das festas que se seguiram à chegada, os venezianos intimaram os barões a cumprir sua palavra, pagando a soma que haviam combinado para o transporte do exército cristão. Foi então que os senhores e os barões perceberam com tristeza a ausência de um grande número de seus companheiros de armas. João de Nesles, castelão de Bruges, e Thierri, filho de Felipe, conde de Flandres, tinham prometido a Balduino levá-lo a Veneza; Margarida sua espôsa e a elite dos guerreiros flamengos. Êstes não cumpriram a promessa e, tendo embarcado no Oceano, dirigiram-se para a Palestina. Renaud de Dampierre ao qual Thibaut, conde de Champanha, tinha legado seus tesouros para serem empregados na viagem à terra santa, tinha ido embarcar com um grande número de cavaleiros da Champanha no pôrto de Bari. O Bispo de Autun, Gilles, conde de Forez e vários outros chefes, depois de terem jurado sôbre o Evangelho reunir-se aos demais cruzados, tinham partido, uns do pôrto de Marselha, outros do pôrto de Gênova. Assim a metade dos guerreiros que tinha tomado a cruz não foi a Veneza, designada como ponto de convergência geral do exército cristão: "por isso,

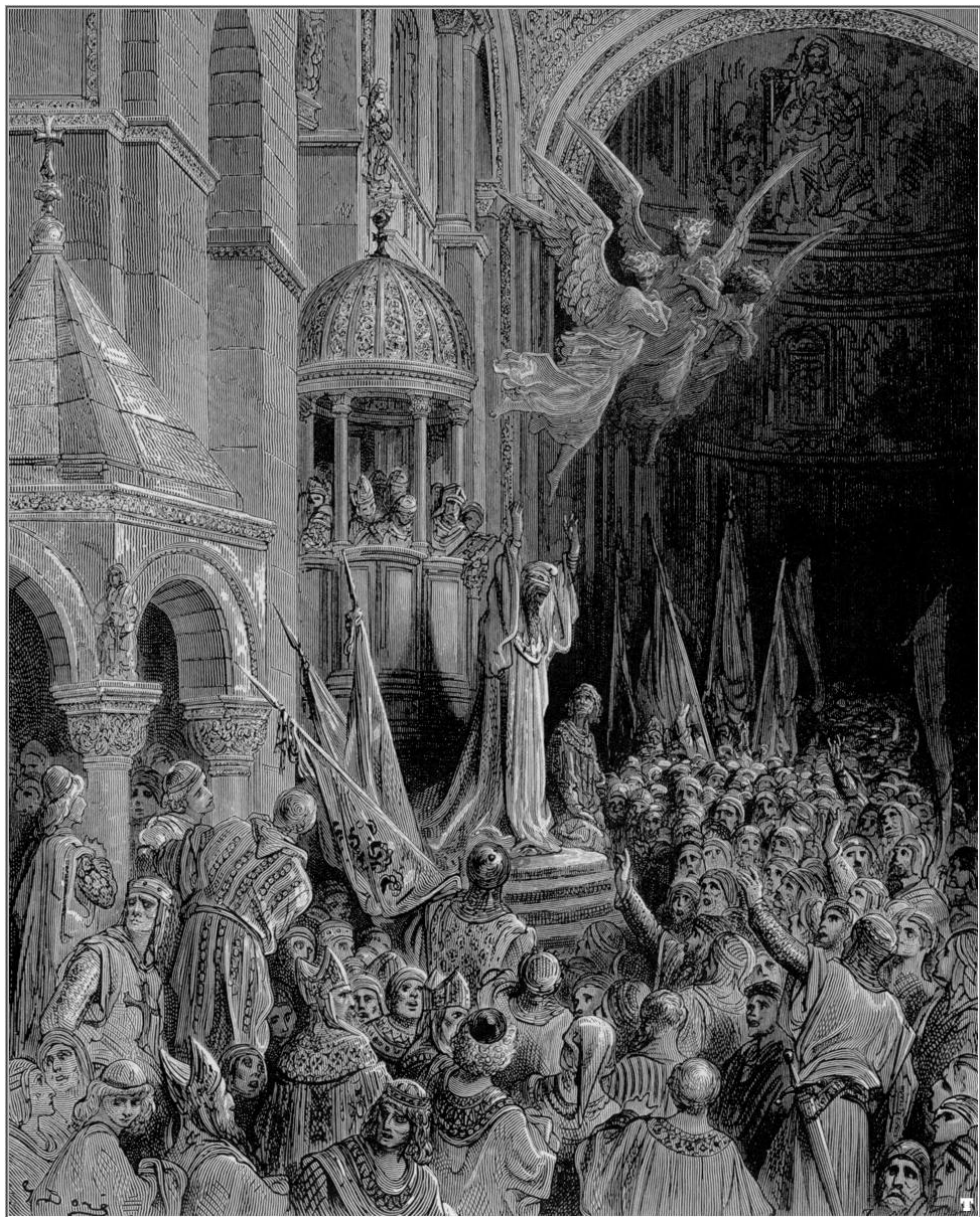
Villehardouin diz, êles receberam grande vergonha e muitas desgraças lhes aconteceram depois".

Sua falta de fidelidade podia prejudicar o bom êxito da expedição, mas, o que mais afligia os príncipes e os barões reunidos em Veneza, era a impossibilidade em que se encontravam de cumprir, sem o concurso de seus companheiros infiéis, os compromissos assumidos com a república. Mandaram mensageiros de todos os lados para avisar os cruzados que se haviam pôsto em marcha e pedir-lhes que viessem se reunir ao exército; mas, quer porque a maior parte dos peregrinos estava descontente com o tratado feito com os venezianos, quer porque lhes parecia mais cômodo e mais seguro embarcar em portos de sua vizinhança, sòmente um pequeno número dêles se resolveu vir a Veneza. Os que então estavam nessa cidade não eram nem bastante numerosos, nem bastante ricos para dar a soma exigida e cumprir os vários pontos do tratado em seu nome. Embora os venezianos estivessem mais interessados na cruzada que os cavaleiros franceses, pois êles possuíam um parte das cidades de Tiro e de Tolemaida, que iam defender, não queriam fazer nenhum sacrifício; por seu lado, os barões eram demasiado altivos para pedir um favor e solicitar dos venezianos que mudassem ou diminuíssem as condições do tratado. Cada um dos cruzados foi convidado a pagar a sua passagem: os mais ricos pagaram pelos pobres; os soldados, como os cavaleiros, deram

todo o dinheiro que possuíam, certos de que, diziam êles, Deus era assaz poderoso para lhes restituir o cêntuplo, quando muito bem lhe aprouvesse. O conde de Flandres, os condes de Blois e de S. Paulo, o marquês de Montferrato, e vários outros chefes despojaram-se de sua prataria, de seus diamantes, de tudo o que tinham de mais precioso e só conservaram os cavalos e as armas. Apesar dêsse nobre sacrifício, os cruzados deviam ainda à república uma soma de cinqüenta mil marcos de prata. O doge então reuniu o povo e disse-lhe que não seria honroso usar de rigor; propôs pedir aos cruzados o socorro de suas armas pela república, esperando que êles pudessem pagar a sua dívida.

A cidade de Zara, estêve por muito tempo sob o domínio dos venezianos mas, achando a autoridade de um monarca menos insuportável que a de uma república, havia-se entregue ao rei da Hungria e desafiava sob a proteção de seu novo senhor, a autoridade e as ameaças de Veneza. Depois de ter obtido a aprovação do povo, Dândolo propôs aos cruzados ajudar a república a submeter uma cidade rebelde, e prometeu-lhes esperar, para a execução inteira do tratado, que Deus, por conquistas comuns, lhes desse os meios de cumprir sua promessa. Essa proposta foi aceita com alegria pela maior parte dos cruzados, que não podia tolerar a idéia de faltar à palavra dada. Os barões e os cavaleiros julgavam dever agradar aos venezianos de quem êles precisa-

vam para a realização dos seus empreendimentos e não pensavam fazer demais, para pagar sua dívida, num assunto em que êles só tinham seu sangue a prodigalizar.

Surgiram no entretanto murmurações contra o exército cristão; muitos cruzados lembravam-se do juramento que tinham feito de combater os infiéis e não se podiam decidir a voltar suas armas contra cristãos. O Papa havia mandado a Veneza o Cardeal Pedro de Cápua, para demover os peregrinos de uma emprêsa, que êle considerava um sacrilégio. Falou-lhes que o rei da Hungria, protetor de Zara, tinha tomado a cruz e por isso se tinha pôsto sob a proteção especial da Igreja. Henrique Dândolo desafiou as ameaças e as censuras que julgava injustas. "Os privilégios dos cruzados, dizia êle, não podiam livrar os culpados da severidade das leis divinas e humanas; as cruzadas não eram feitas para proteger a ambição dos reis e a rebelião dos povos; o Papa não tinha o poder de ligar a autoridade dos soberanos e de desviar os cruzados de uma emprêsa legítima, de uma guerra feita a seus súditos revoltados, a piratas cujos roubos perturbavam a liberdade dos mares e só prejudicavam a cruzada, detendo os peregrinos que se dirigiam à cidade santa." Para vencer todos os escrúpulos e dissipar todos os temores, o doge resolveu reunir-se êle também aos trabalhos e perigos da cruzada e induzir seus concidadãos a se declarar companheiros de armas dos cruzados. O povo foi solenemente convocado,

Dândolo pregando a Cruzada na igreja de S. Marcos

Dândolo subiu à catedra de S. Marcos e pediu aos venezianos reunidos, a licença de tomar a cruz. "Senhores, disse-lhes êle, assumistes o compromisso de concorrer à mais gloriosa das emprêsas; os guerreiros com os quais contraístes uma santa aliança, sobrepujam todos os outros homens por sua piedade e valor. Quanto a mim, vêdes, estou consumido pelos anos, tenho necessidade de repouso; mas a glória que nos é prometida restitui-me a coragem e a fôrça de enfrentar todos os perigos, de suportar todos os incômodos da guerra; eu sinto, no ardor que me impele, no zêlo que me anima, que ninguém merecerá a vossa confiança e vos guiará como aquêle que escolhestes para chefe da vossa república. Se me permitis combater por Jesus Cristo e de me fazer substituir por meu filho no cargo que me conferistes, irei viver ou morrer convosco e com os peregrinos."

Todo o auditório ficou comovido com estas palavras; o povo aplaudiu a resolução do doge. Dândolo desceu da tribuna e foi levado em triunfo aos pés do altar, onde lhe fixaram a cruz sôbre seu gorro de duque. Um grande número de venezianos seguiu seu exemplo e jurou morrer pela libertação dos santos lugares. Com essa hábil política, o doge acabava de conquistar o espírito dos cruzados, e se de algum modo se punha à frente da cruzada, viu-se bem depressa poderoso assaz para não temer a autoridade do cardeal Pedro de Cápua, que falava em nome do Papa e mostrava ter a pretensão de diri-

gir a guerra santa, na qualidade de legado da Santa Sé. Dândolo disse ao enviado de Inocêncio que o exército cristão tinha chefes para comandá-lo e que os legados do soberano Pontífice deviam se contentar em edificar os cruzados com seu exemplo e suas palavras.

Essa linguagem cheia de liberdade causou viva surprêsa nos barões franceses, acostumados a respeitar tôdas as vontades da Santa Sé; mas o doge, tomando a cruz, inspirava-lhes uma confiança que nada podia abalar. A cruz dos peregrinos era para os venezianos e para os franceses um sinal de aliança, um liame sagrado que confundia todos os seus interêsses e fazia dos dois povos, de algum modo, uma nação. Desde aquêle instante, não se escutou mais àqueles que falavam em nome da Santa Sé e se obstinavam em fazer nascer escrúpulos no espírito dos cruzados. Os barões e os cavaleiros, puseram na expedição contra Zara o mesmo zêlo e o mesmo ardor que o povo de Veneza. O exército dos cruzados estava prestes a embarcar, quando aconteceu, diz Villehardouin, — *uma coisa maravilhosa, uma aventura inesperada, a mais estranha de que se tenha ouvido falar.*

Isaac, imperador de Constantinopla, tinha sido destronado por seu irmão Alexis; abandonado por todos os amigos, privado da vista e carregado de cadeias, o infeliz príncipe gemia numa prisão. O filho de Isaac, também chamado Alexis, que par-

ticipava do cativeiro de seu pai, tendo enganado a vigilância dos guardas, e quebrado seus ferros, havia-se refugiado no Ocidente, com a esperança de que os príncipes e os reis tomariam um dia sua defesa e declarariam guerra ao usurpador do trono imperial. Filipe de Suábia que tinha desposado Irene, filha de Isaac, recebeu o jovem príncipe, mas nada podia então empreender, pela sua causa, pois era êle mesmo obrigado a se defender contra as armas de Oton e as ameaças da Santa Sé. O jovem Alexis foi então lançar-se aos pés do Papa, para implorar o seu auxílio do Pontífice; quer porque via no filho de Isaac apenas o cunhado de Filipe de Suábia, considerado então como inimigo da côrte de Roma, quer, porque tinha todos os seus pensamento voltados para a terra santa, êle não ouviu as súplicas de Alexis e teve receio de favorecer uma guerra contra a Grécia. O príncipe fugitivo tinha em vão recorrido a todos os monarcas cristãos, quando o aconselharam a se dirigir aos cruzados, elite dos guerreiros do Ocidente. A chegada de seus embaixadores produziu viva sensação em Veneza: ante a narração das desgraças de Isaac, os cavaleiros e os barões ficaram comovidos e impressionados com a sua generosa piedade; jamais haviam defendido uma causa mais gloriosa; a inocência a se vingar, uma grande desgraça a se auxiliar e socorrer, comoveram a alma de Dândolo; os altivos republicanos dos quais êle era o chefe deploraram a sorte de um

imperador prisioneiro. Êles não se haviam esquecido de que o usurpador preferia sua aliança à dos genoveses e pisanos; parecia-lhes que a causa de Alexis era a sua própria causa e que seus navios deviam entrar com êle nos portos da Grécia e de Bizâncio.

No entretanto, quando tudo estava pronto para a conquista de Zara, adiaram a decisão dêsse assunto para um tempo mais favorável: a frota que levava o exército dos cruzados partiu ao som de trombetas e de aclamações de todo o povo de Veneza. Jamais o gôlfo do Adriático tinha visto uma frota mais numerosa e mais bem equipada. O mar estava coalhado por quatrocentos e oitenta navios; o número dos combatentes chegava a quarenta mil homens tanto cavaleiros como de infantaria. Depois de ter submetido Trieste e algumas outras cidades marítimas da Ístria, que tinham sacudido o jugo de Veneza, os cruzados chegaram a Zara no dia dez de Novembro, véspera de São Martinho. Zara, situada na costa oriental do gôlfo Adriático, a sessenta léguas de Veneza, a cinco léguas ao norte da antiga Jadera, colônia romana, era uma cidade rica, populosa, rodeada por altas muralhas e cercada por um mar semeado de escolhos. O rei da Hungria, acabava de mandar tropas para defendê-la e os habitantes haviam jurado sepultar-se sob suas ruínas, antes que se entregar aos venezianos. À vista das muralhas da cidade os cruzados reconheceram tôda a dificuldade da emprêsa; "A

cidade, diz Villehardouin, era tôda cercada de muralhas e de fortalezas muito altas, de modo que difìcilmente se encontraria uma fortaleza mais bela". O partido que se opunha a essa guerra, começou de novo a murmurar. No entretanto os chefes deram o sinal para o ataque. Logo que as cadeias do pôrto foram quebradas e as máquinas começaram a bater nas muralhas, os habitantes de Zara esqueceram-se da resolução que tinham tomado de morrer defendendo suas muralhas e, tomados de terror mandaram embaixadores ao doge de Veneza, que prometeu perdoar-lhes, mediante o arrependimento. Mas os enviados encarregados de pedir a paz encontraram entre os sitiantes alguns cruzados que lhes disseram: "Por que vos entregais? Nada tendes a temer dos franceses!" Essas palavras imprudentes fizeram recomeçar a guerra. Os embaixadores voltaram à cidade, disseram aos habitantes que todos os cruzados não lhes eram inimigos e que Zara conservaria sua liberdade, se o povo e os soldados a quisessem defender. O partido dos descontentes, que procurava dividir o exército dos cruzados, apanhou esta ocasião para renovar suas queixas; os mais ardentes percorriam as tendas e procuravam dissuadir os soldados de uma guerra que êles chamavam de ímpia.

Guy, abade de Vaux de Cernay, da ordem de Císter, fazia-se notar à frente dos que queriam fazer fracassar a emprêsa de Zara: tudo o que

podia retardar a marcha dos cruzados aos santos lugares era aos seus olhos um atentado contra a religião; os feitos mais brilhantes, se não serviam à causa de Jesus Cristo não podiam obter a sua estima, nem sua aprovação. O abade de Cernay tinha habilidade e eloqüência, e sabia empregar convenientemente os rogos e as ameaças. Êle tinha sôbre os peregrinos o ascendente, que obtém sempre sôbre a multidão um espírito inflexível, um caráter ardente e obstinado. Num conselho, êle se levantou e proibiu aos cruzados puxar da espada contra cristãos. Êle ia ler uma carta do Papa, quando foi interrompido por gritos ameaçadores.

No meio do tumulto que se ergueu no conselho e no exército, o abade de Cernay correu perigo de vida, se o conde de Monfort que era da sua opinião, não tivesse puxado da espada para defendê-lo. No entretanto os barões e os cavaleiros não podiam esquecer a promessa que tinham feito de combater pela república de Veneza; êles não podiam depor as armas na presença de um inimigo que tinha prometido entregar-se e que temia seus ataques. Mais o partido do conde de Monfort e do abade de Cernay duplicava seus esforços para afastar a guerra, mais êles punham sua honra e sua glória em continuar um cêrco começado. Enquanto os descontentes faziam ouvir a suas queixas, os mais valentes corriam ao assalto. Os sitiados que punham tôda sua esperança nas dissensões dos sitiantes,

colocaram a cruz sôbre as muralhas, persuadidos de que êsse sinal venerado os protegeria melhor que suas máquinas de guerra. Mas não tardaram a ver que para êles não havia salvação a não ser na submissão. No quinto dia do cêrco sem ter oposto ao inimigo um séria resistência, abriram suas portas e obtiveram do vencedor a vida e a liberdade. A cidade foi entregue ao saque e os despojos divididos entre os venezianos e os franceses.

Depois dessa conquista, a discórdia introduziu-se no exército cristão vitorioso e fêz derramar mais sangue do que durante o cêrco. A estação ia já muito adiantada para que a frota se pusesse de novo ao mar e o doge de Veneza tinha proposto aos cruzados passar o inverno em Zara. As duas nações dividiram os vários quartéis de inverno da cidade. Mas, como os venezianos tinham escolhido para êles as casas mais belas e mais cômodas, os franceses deram demonstrações de descontentamento. Depois de algumas queixas, e ameaças, pegaram em armas; cada rua era teatro de combate. Os habitantes de Zara viam com alegria as sangrentas lutas entre os vencedores. Os partidários do abade de Cernay aplaudiam secretamente as conseqüências deploráveis de uma guerra que êles haviam desaprovado. No entretanto o doge de Veneza e os barões tinham vindo para separar os combatentes. Suas preces e ameaças não puderam a princípio acalmar aquêle horrível tumulto que se

prolongou até a meia noite. No dia seguinte, tôdas as paixões que tinham dividido o exército estavam a ponto de rebentar de novo. Enterrando os mortos, os franceses e os venezianos ameaçavam-se ainda. Os chefes, durante mais de uma semana, perderam a esperança de poder acalmar os espíritos e reaproximar os soldados das duas nações. Mas a ordem foi restabelecida, recebeu-se uma carta do Papa que desaprovava a tomada de Zara; êle ordenava a tomada de Zara; êle ordenava aos cruzados que renunciassem aos despojos que tinham feito numa cidade cristã, e se se comprometessem com solene promessa a reparar aos seus erros. Inocêncio reprovava com sentimento aos Venezianos ter levado seus soldados, os soldados de Jesus Cristo, àquela guerra ímpia e sacrílega. Aquela carta do Papa foi recebida com respeito pelos franceses, com desprêzo pelos cruzados de Veneza. Êstes, recusaram-se abertamente submeter-se às determinações da Santa Sé e só pensaram em garantir os frutos da vitória, demolindo as fortificações de Zara. Os barões franceses não podiam tolerar a idéia de ter incorrido na desgraça do Papa; mandaram à Roma alguns embaixadores, para acalmar o Soberano Pontífice e pedir-lhe perdão, alegando que só o tinham feito, para obedecer às leis da necessidade. A maior parte dêles, embora estivessem dispostos a conservar os despojos dos vencidos, tinha prometido ao Papa restituí-los. Tinham prometido por um ato solene, dirigido a todos os

cristãos reparar todos os seus erros e merecer com seu procedimento o perdão das faltas passadas. Sua submissão, mais ainda que suas promessas, desarmou o Papa, que lhes respondeu com doçura, e encarregou os chefes de saudar os cavaleiros e os peregrinos, dando-lhes a absolvição e a bênção como aos seus filhos. Exortava-os na carta a partir para a Síria, sem — *olhar nem para a direita nem para a esquerda* —, permitia-lhes atravessar o mar com os venezianos que êle acabava de excomungar, mas sòmente por *necessidade e com pesar no coração* —. O Papa acrescentava, falando dos venezianos: "Embora excomungados, êles estão sempre ligados por promessas e vós não estais menos autorizados a exigir dêles o cumprimento das mesmas. Além disso é uma máxima de direito que, se se passa pelas terras de um hereje ou de um excomungado, poder-se-ão comprar e receber dêles as coisas necessárias. Além disso, a excomunhão lançada contra um pai de família, não impede sua casa de se comunicar com êle".

Se os venezianos persistissem em sua desobediência, o soberano Pontífice aconselhava aos barões, depois de terem chegado à Palestina a se separar de um povo reprovado por Deus, para que não se atraísse a maldição sôbre as armas cristãs, como outrora Achan, tinha atraído a cólera divina sôbre Israel. Inocêncio prometia aos cruzados protegê-los em sua expedição e velar por tôdas as suas necessidades nos perigos da guerra santa. "A fim de que os víveres

não vos faltem, dizia êle, escrevemos ao imperador de Constantinopla, para que vo-los forneça, como nos prometeu; se vo-lo recusarem, o que não se recusa a ninguém, não seria injusto, que a exemplo dos personagens mais santos, tomásseis víveres onde os encontrardes; pois saberão que estais consagrados ao serviço de Jesus Cristo, ao qual tôda a terra pertence." Êsses conselhos e essas promessas, que dão a conhecer ao mesmo tempo o espírito do século treze e a política da Santa Sé, foram recebidas pelos barões e pelos cavaleiros como um testemunho da bondade paterna do soberano Pontífice; mas as coisas ainda iriam mudar de aspecto e a fortuna que gracejava com as decisões do Papa como com a dos peregrinos, não tardou em dar nova direção aos acontecimentos da cruzada.

1203. Chegaram depois a Zara embaixadores de Filipe da Suábia, genro do jovem Alexis. Êles dirigiram-se ao conselho dos senhores e dos barões reunidos no palácio do doge de Veneza.

"Senhores, disseram êles, o poderoso rei dos romanos nos manda para vos recomendar o jovem rei Alexis e entregá-lo em vossas mãos, sob a proteção de Deus. Não viemos para vos dissuadir de vossa santa emprêsa, mas para vos oferecer um meio mais seguro e fácil de cumprir vossos nobres desígnios. Sabemos que tomastes as armas, por amor a Jesus Cristo e à justiça; viemos propor-vos que socorrais os que uma tirania injusta oprime e que façais triunfar ao mesmo

tempo as leis da religião e da humanidade. Nós vos propomos levar as armas triunfantes até a capital da Grécia que geme sob o domínio de um usurpador e que garantais para sempre a conquista de Jerusalém, pela de Constantinopla.

Vós sabeis, como nós, quantos males nossos pais sofreram, companheiros de Godofredo, de Conrado e de Luís, o Moço, por terem deixado atrás de si um império poderoso, cuja conquista e submissão teriam podido se tornar para seus exércitos uma fonte de vitórias. Que tendes hoje a temer dêsse Alexis, mais cruel e mais pérfido que seus predecessores, que ocupou o trono por meio de um parricídio, que atraiçoou ao mesmo tempo as leis da religião e da natureza, que não pode escapar à punição de seu crime, senão aliando-se aos Sarracenos? Não vos diremos aqui quanto é fácil arrebatar o império das mãos de um tirano desprezado por seus súditos, pois vosso valor ama os obstáculos e alegra-se com os perigos. Não apresentaremos aos vossos olhos, as riquezas de Bizâncio e da Grécia, porque vossas almas generosas só *vêem* nessa conquista a glória de vossas armas e a da causa de Jesus Cristo.

Se vencerdes o poder do usurpador, para fazer reinar o legítimo soberano, o filho de Isaac, promete, sob a palavra dos juramentos mais invioláveis, manter durante um ano vossa frota e vosso exército e pagar-vos duzentos mil marcos de prata pelas despesas da guerra. Êle vos acompanhará em pessoa à conquista

da Síria e do Egito; se julgardes conveniente, êle vos dará dez mil homens pagos por êle e durante tôda sua vida, êle manterá quinhentos cavaleiros na terra santa. Enfim, o que determinarem os heróis e os cavaleiros cristãos, Alexis está disposto a jurar sôbre o Evangelho, a fazer cessar a heresia que mancha ainda o império do Oriente e a submeter a Igreja grega à Igreja de Roma".

Tantas vantagens ligadas à emprêsa que vos é proposta nos levam a crer, que satisfarei aos vossos pedidos. Vemos na Escritura que Deus por vêzes se serviu de homens os mais simples e obscuros para anunciar a sua vontade ao povo querido: hoje é um jovem príncipe que êle escolheu para instrumento de seus desígnios; é Alexis que a Providência encarregou de vos levar pelo caminho do Senhor e de vos mostrar a estrada que deveis seguir para garantirdes a vitória aos exércitos de J. C."

Êsse discurso causou uma viva impressão num grande número de barões e de cavaleiros, mas não reuniu todos os sufrágios da assembléia. O doge e os senhores mandaram sair os embaixadores dizendo-lhes que iam deliberar a respeito das propostas de Alexis. Vivas contestações surgiram logo no conselho. Os que eram contrários ao cêrco de Zara, entre os quais se fazia ainda notar o abade de Vaux de Gernay, opunham-se com veemência à expedição de Constantinopla: êles se indignavam de que se pusessem na mesma balança os interêsses de Deus e os

de Alexis. Acrescentavam que aquêle Isaac de quem se queria defender a causa, era êle também um usurpador lançado por uma revolução ao trono dos Comenos; que êle tinha estado na terceira cruzada o mais cruel inimigo dos cristãos e o mais fiel aliado dos turcos; que de resto, os povos da Grécia, acostumados a mudar de senhores, suportavam sem se queixar a usurpação de Alexis e que os latinos não tinham deixado seu país para vingar as injúrias de uma nação, que não reclamava seus auxílios.

Os mesmos oradores diziam ainda que Filipe da Suábia exortava os cruzados a socorrer Alexis, mas que êle mesmo se limitava a fazer discursos, enviar embaixadores; êles convidavam os cruzados a desconfiar das promessas de um jovem príncipe que prometia fornecer exércitos e não tinha um soldado; que oferecia tesouros e nada possuia; que, além disso, tinha sido educado entre os gregos, e voltaria talvez as armas contra seus mesmos benfeitores. "Se a desgraça vos comove, diziam êles, e se estais desejosos de defender a causa da justiça e da humanidade, escutai os gemidos de nossos irmãos da Palestina, que estão ameaçados pelos sarracenos e que só têm mais esperança na vossa coragem."

Os mesmos oradores diziam, por fim, que se os cruzados buscavam vitórias fáceis, conquistas brilhantes, êles deviam apenas voltar seus olhares para o Egito, onde todo o povo então era devorado por

uma horrível carestia e as pragas da Escritura o entregariam quase sem defesa aos exércitos cristãos.

Os venezianos que tinham de que se queixar do imperador de Constantinopla, não se deixaram levar por êsse discurso e pareciam mais dispostos a combater contra os gregos do que contra os infiéis. Ardiam êles por destruir o comércio dos Pisanos estabelecidos na Grécia e por ver seus navios atravessar em triunfo o estreito do Bósforo. Seu doge conservava o ressentimento de alguns ultrajes passados, e, para inflamar os espíritos, exagerava todos os males que os gregos tinham feito à sua pátria e aos cristãos do Ocidente.

Se acreditarmos nas antigas crônicas, Dândolo era levado por um outro motivo que êle não confessava diante dos cruzados. Avisado de que um exército cristão se reunia em Veneza, o sultão de Damasco, espantado com a cruzada em preparação, tinha mandado um tesouro considerável à república, para fazer os cruzados desistir de uma expedição ao Oriente. Seja que acreditemos nessa relação, seja que a consideremos apenas como uma fábula inventada pelo ódio e pelo espírito de partido, semelhantes asserções recolhidas por contemporâneos provam pelo menos, que violentas suspeitas surgiram então contra Veneza, entre os cruzados descontentes e principalmente entre os cristãos da Síria justamente irritados por não terem sido socorridos pelos soldados da cruz. De resto, julgamos dever acrescentar que a maior

parte dos cruzados franceses, para fazer a guerra ao império grego, não tinha necessidade de ser excitado pelo exemplo nem pelas palavras do doge de Veneza. Aquêles mesmos que mais se opunham à nova expedição, como todos os outros cruzados, estavam cheios de ódio e de desprêzo pelos gregos e suas palavras tinham inflamado os espíritos contra uma nação considerada inimiga dos latinos.

Vários eclesiásticos, tendo à sua frente o abade de Looz, pessoa importante pela piedade e pela pureza dos costumes, não compartilhava da opinião do abade de Vaux de Cernay e sustentava contra seus adversários que havia perigo em guiar um exército num país devastado pela carestia; que a Grécia oferecia mais vantagens aos cruzados que o Egito e que por fim a conquista de Constantinopla era o meio mais seguro de garantir aos cristãos a posse de Jerusalém. Êsses eclesiásticos eram principalmente animados pela esperança de ver um dia a Igreja Grega reunir-se à de Roma e não deixavam de anunciar em seus discursos a época próxima da concórdia e da paz entre todos os povos cristãos.

Muitos cavaleiros viam com alegria a reunião das duas igrejas que devia ser obra de suas armas; mas êles cediam ainda a outros motivos não menos poderosos sôbre seu espírito: êles tinham jurado defender a inocência e os direitos da infelicidade; julgavam cumprir seu juramento abraçando a causa de Alexis. Alguns sem dúvida, que tinham ouvido falar

das riquezas de Bizâncio, podiam crer que êles não voltariam sem uma fortuna assaz grande de tão brilhante expedição; mas tal era o espírito dos senhores e dos barões, que a maior parte dêles foi levada pela perspectiva mesma dos perigos e principalmente pelo lado maravilhoso da emprêsa. Depois de longa deliberação, ficou decidido no conselho dos cruzados que se aceitariam as propostas de Alexis e que o exército cristão embarcaria para Constantinopla nos primeiros dias da primavera.

Antes do cêrco de Zara, a notícia do armamento dos cruzados e de uma expedição dirigida contra a Grécia tinha chegado até a côrte de Bizâncio. O usurpador do trono de Isaac, tinha pensado então em conjurar a tempestade que estava para desabar sôbre seu território e tinha-se apressado em mandar embaixadores ao Papa, que êle considerava como o árbitro da guerra e da paz no Ocidente. Êsses embaixadores deviam declarar ao soberano pontífice que o príncipe que reinava em Constantinopla era o único imperador legítimo; que o filho de Isaac não tinha nenhum direito ao império; que uma expedição contra a Grécia seria uma emprêsa injusta, perigosa e contrária aos grandes objetivos da cruzada. O Papa em sua resposta, não procurou acalmar as apreensões do usurpador e disse aos seus enviados que o jovem Alexis tinha numerosos partidários entre os cruzados porque êle tinha feito a promessa de socorrer em pessoa a terra santa e de pôr um têrmo à rebelião

da Igreja Grega. O Papa não aprovava a expedição de Constantinopla mas falando daquele modo, esperava que o soberano que então reinava na Grécia faria as mesmas promessas que o príncipe fugitivo e seria mais capaz de as cumprir; conservava a esperança de que se poderia tratar vantajosamente, sem usar da espada e que os debates sôbre o império do Oriente seriam julgados no seu tribunal supremo; mas, o velho Alexis, quer porque estava persuadido de que tinha interessado o Papa na sua causa, quer porque êle julgou prudente não se mostrar apreensivo, quer porque a vista do perigo afastado não mais abalasse sua indolência, não mandou outros embaixadores e não fêz mais nenhuma tentativa para impedir a invasão dos guerreiros do Ocidente.

Por outro lado, o rei de Jerusalém e os cristãos da Palestina não cessavam de fazer ouvir suas queixas e de implorar o socorro que o chefe da Igreja lhes tinha prometido. O Papa, vivamente impressionado por seus rogos e sempre cheio de zêlo pela cruzada que êle tinha pregado, reuniu todos seus esforços para dirigir as armas dos cruzados contra os turcos. Acabava êle de mandar à Palestina os cardeais Pedro de Cápua e Siffred, legados da Santa Sé, para animar a coragem dos cristãos do Oriente e anunciar-lhes a próxima partida do exército dos cruzados. Quando êle soube que os chefes da cruzada tinham tomado a resolução de atacar o império de Constantinopla, fêz-lhes vivas censuras e recrimi-

nou-lhes de *olhar para trás* como a mulher de Lot. "Quem de vós, dizia êle, não se vangloria de que seja permitido invadir ou saquear a terra dos gregos, com o pretexto de que ela não está submetida e que o imperador de Constantinopla usurpou o trono de seu irmão, seja qual fôr o crime que êle tenha cometido, não vos toca julgar; não tomastes a cruz para vingar a injúria dos príncipes, mas a de Deus".

Inocêncio terminava a carta sem dar a bênção aos cruzados e para assustá-los, sôbre a nova emprêsa ameaçava-lhes a maldição do céu. Os senhores e os barões receberam com respeito as admoestações do soberano pontífice; mas êles não mudaram nada da determinação que acabavam de tomar.

Então aquêles que se tinham oposto à expedição de Constantinopla, recomeçaram suas queixas e não usaram mais de considerações em seus discursos. O abade de Vaux de Cernay, o abade Martin Litz, um dos pregadores da cruzada, o conde de Monfort, um grande número de cavaleiros, fizeram todos os esforços para abalar a opinião do exército; e, não podendo consegui-lo, pensaram tão sòmente em se afastar, um para voltar ao próprio lar, outros para ir para a Palestina. Os que abandonaram suas bandeiras e os que ficaram no acampamento, acusavam-se recìprocamente de trair a causa de Jesus Cristo. Quinhentos soldados lançaram-se sôbre um navio fizeram-no naufragar e todos pereceram nas águas; vários outros, atravessando a Ilíria foram massacrados pelos povos

selvagens daquela região. Aquêles pereciam maldizendo o espírito de ambição e de afastamento que dividia o exército cristão e o desviava do verdadeiro objeto da cruzada: os outros, fiéis à sua bandeira, deploravam a morte trágica de seus companheiros e diziam entre si: — *A misericórdia de Deus ficou entre nós, ai! daqueles que se afastam dos caminhos do Senhor"*.

Os cavaleiros e os barões afligiam-se secretamente por não terem obtido a aprovação do papa, mas êles estavam persuadidos de que à fôrça de vitórias êles justificariam seu proceder perante a Santa Sé e que o pai dos fiéis reconheceria em suas conquistas a expressão da vontade do céu.

Os cruzados estavam prestes a embarcar para sua expedição, quando o jovem Alexis chegou a Zara. Sua presença excitou um novo entusiasmo pela sua causa. Êle foi recebido ao som de trombetas e de clarins e apresentado ao exército pelo marquês de Monferrato, cujos irmãos mais velhos tinham sido ligados por casamento e pela dignidade de César à família imperial de Constantinopla. Os barões saudaram imperador o jovem Alexis, com tanto maior alegria, quanto sua grandeza futura devia ser sua obra. Alexis tinha tomado as armas para quebrar os ferros de seu pai; admirava-se nêle o mais comovente modêlo de piedade filial; êle ia combater contra a usurpação, punir a injustiça, sufocar a heresia; consideravam-no como um enviado da providência. Os infortúnios dos príncipes destinados a

reinar tocam mais o coração do que os dos outros homens. No acampamento dos cruzados os soldados contavam entre si as desgraças de Alexis; êles lamentavam sua mocidade, deploravam seu exílio e o cativeiro de Isaac. Alexis, acompanhado pelos príncipes e pelos barões, percorria as fileiras do exército e agradecia tôdas as demonstrações de reconhecimento ao generoso interêsse que lhe demonstravam os cruzados.

Animado pelos sentimentos que a desgraça inspira e que muitas vêzes não dura mais que ela, o jovem príncipe fêz juramentos e protestos; prometeu ainda mais do que já tinha feito por meio de seus enviados, sem pensar que se punha na necessidade de faltar à palavra e de atrair um dia as censuras de seus libertadores.

No entretanto os cruzados, renovavam todos os dias o juramento de colocar o jovem Alexis no trono de Constantinopla. A Itália e todo o Ocidente reboavam com o estrondo dos seus preparativos. O Imperador de Bizâncio parecia o único que ignorava a guerra que se acabava de declarar ao seu poder usurpado e dormia num trono prestes a desabar.

O Imperador Alexis bem como a maior parte dos seus predecessores, era um príncipe sem virtude e sem caráter. Quando êle destronou o irmão, deixou seus cortesãos cometer o crime e depois de subir ao trono cedeu-lhes o cuidado de sua autoridade. Gastou todos os tesouros do Estado para fazer perdoar

a sua usurpação e para reparar as finanças vendeu a justiça (arruinou os súditos e fêz saquear os navios mercantes que se dirigiam de Veneza a Constantinopla. O usurpador tinha espalhado as dignidades e as honras com tal profusão que ninguém mais com elas se julgava honrado, e não lhe restava nenhuma verdadeira recompensa para o mérito. "Êle nada recusava, diz Nicetas; todo pedido impertinente ou ridículo, que fôsse, era atendido. Teria êle concedido mesmo a permissão de cultivar o mar e de navegar a terra, de transportar as montanhas e de colocar o Atos sôbre o Olimpo." Alexis tinha associado ao supremo govêrno sua espôsa Eufrosina, que enchia o império de intrigas e escandalizava a côrte com seus costumes. Sob seu reinado, o império havia sido várias vêzes ameaçado pelos búlgaros e pelos turcos. Alexis dirigiu-se às vêzes ao exército, mas, jamais viu seus inimigos. Enquanto os bárbaros desvastavam as fronteiras êle se ocupava de aplainar as colinas, traçar jardins às margens do Propôntida. Entregue a uma vergonhosa ociosidade, êle licenciou uma parte de suas tropas e temendo ser perturbado em seus prazeres pelo ruído das armas, vendeu os vasos sagrados e despojou os túmulos dos imperadores gregos, para comprar a paz do imperador da Alemanha, que se tornara senhor da Sicília. O império não tinha mais marinha: os ministros de Alexis tinham vendido os aparelhos e o cordame dos navios; as florestas que podiam fornecer madeira

de construção eram reservadas aos prazeres do príncipe e guardadas, diz Nicetas, como as que eram outrora consagradas aos deuses.

Jamais se viram rebentar conspirações: sob um príncipe que jamais era visto, o Estado parecia viver num interregno, o trono imperial era um lugar sempre vazio e todos os ambiciosos tinham pretensões ao império. O devotamento, a probidade, a bravura, não tinha mais nem a estima da côrte nem a dos cidadãos; só eram recompensados os que inventavam uma nova fórmula de volúpia ou um novo impôsto. Nessa depravação geral, as províncias só ouviam falar do imperador, quando se tratava de pagar impostos ou tributos; o exército, sem disciplina e sem soldos, não tinha chefes capazes de comandá-lo. Tudo parecia anunciar uma próxima revolução no império. O perigo era tanto maior quanto ninguém pensava em preveni-lo. Nenhum dos súditos de Alexis ousava fazer chegar a verdade até junto do trono; pássaros amestrados para repetir sátiras, interrompiam o silêncio do povo e publicavam pelos tetos das casas e pelas estradas os escândalos da côrte e a vergonha do império.

Os gregos conservavam ainda a memória dos acontecimentos gloriosos; mas essas lembranças não lhes davam emulação e só lhes inspiravam uma vaidade estéril. A glória e as virtudes dos tempos passados, só serviam para mostrar as misérias de sua decadência e, mais êles falavam da antiga Grécia

e da velha Roma, mais pareciam degenerados. Não ouviam mais a voz da pátria, e só obedeciam a monges que se haviam pôsto à frente dos negócios e gozavam da confiança do povo e do príncipe por pregações frívolas ou visões insensatas. Os gregos consumiam-se em vãs discussões que enervavam seu caráter, duplicavam-lhes a ignorância, sufocavam o patriotismo. Quando a frota dos cruzados ia zarpar, agitava-se em Constantinopla a questão, de se saber se o corpo de Jesus Cristo, na Eucaristia, é corrutível ou incorrutível. Cada opinião tinha seus partidários, cujos triunfos eram proclamados bem como as derrotas, e o império ameaçado, estava sem defensores.

Os venezianos e os franceses tinham partido de Zara; tôda a frota devia reunir-se na ilha de Corfu. Abordando nas costas da Macedônia os habitantes de Duras, trouxeram ao jovem Alexis as chaves da cidade e o reconheceram como senhor. O povo de Corfu não tardou em lhe seguir o exemplo e recebeu os cruzados como libertadores. As aclamações do povo grego à passagem dos latinos eram um feliz augúrio para o bom êxito da expedição.

A ilha de Corfu, país dos antigos feacos, tão célebre pelo naufrágio de Ulisses e pelos jardins de Alcino, oferecia aos cruzados pastagens e víveres em abundância. A fertilidade da ilha levou os chefes do exército a ali fazerem uma parada de várias semanas. Tão longo descanso poderia ter conseqüências funestas para um exército levado pelo entu-

siasmo, ao qual não era necessário tanto tempo para refletir. Na ociosidade renasceram as queixas e as murmurações que tinham surgido no cêrco de Zara.

Soube-se que Gauthier de Brienne tinha conquistado a Apulha e o reino de Nápoles. Essa conquista, feita no espaço de alguns meses por sessenta cavaleiros, tinha inflamado a imaginação dos cruzados e dava aos descontentes a ocasião de censurar a expedição de Constantinopla cujos preparativos eram imensos, os perigos evidentes e o resultado, incerto. "Enquanto nós vamos, diziam êles, gastar tôdas as fôrças do Ocidente numa emprêsa inútil numa guerra longínqua, Gauthier de Brienne tornou-se senhor de um reino rico e se dispõe a cumprir os juramentos que fêz conosco de libertar a Terra Santa; por que não lhe pediríamos navios? Por que não partiremos com êle para a Palestina?" Essas palavras tinham convencido um grande número de cavaleiros, que estavam prestes a se separar do exército.

Já os principais dos descontentes se haviam reunido num vale afastado para deliberar sôbre os meios de executar seu projeto, quando os chefes do exército, avisados da conjuração, tomaram medidas mais convenientes e apropriadas para prevenir as conseqüências. O doge de Veneza, o conde de Flandres, os condes de Blois e de S. Paulo, o Marquês de Montferrato, vários bispos revestidos de hábitos de luto, fazendo levar diante de si a cruz, dirigiram-se

ao vale onde se haviam reunido os dissidentes. Quando êles viram de longe seus companheiros infiéis que deliberavam a cavalo, desceram em terra e adiantaram-se para o lugar da reunião em atitude suplicante. Os instigadores da deserção, vendo virem também os chefes do exército e os prelados, suspenderam as deliberações e desceram também dos cavalos. Aproximaram-se dos outros e os príncipes, os condes e os bispos prostraram-se aos pés dos descontentes e, derramando lágrimas, juraram ficar assim prostrados até que aquêles guerreiros que queriam abandonar o exército, tivessem renovado o juramento de segui-los com os cristãos, permanecendo fiéis às bandeiras da guerra santa. "Quando os outros viram isso, diz Villehardouin, testemunha ocular, quando viram os senhores seus parentes e amigos lançarem-se-lhes aos pés, e, pela maneira de falar, dizer-lhes do seu agradecimento, sentiram grande piedade, e seu coração se enterneceu, de modo que não puderam deixar de chorar, dizendo-lhes que haveriam de confabular juntamente." Depois de se terem afastado um momento para deliberar, voltaram para junto dos chefes e prometeram ficar no exército até os primeiros dias do outono, com a condição de que os barões e os senhores jurariam sôbre o evangelho fornecer-lhes naquele tempo, navios para se dirigirem para a Síria. Os dois partidos obrigaram-se com juramento a cumprir as condições do tratado e vol-

taram juntos para o acampamento, onde os peregrinos só falaram então da expedição de Constantinopla.

A frota dos cruzados partiu de Corfu, na véspera de Pentecostes, 1203. As guerras e os navios de transporte, aos quais se haviam unido alguns barcos de comércio, cobriam um espaço imenso. O céu estava puro e sereno, o vento doce e favorável. Vendo-se aquela frota poder-se-ia pensar que ela ia conquistar o mundo: "Eu, Villehardouin, exclama aqui o historiador desta expedição, eu, Marechal da Champanha, que escrevi esta obra, afirmo: *jamais se viu coisa mais bela.*"

No mês de junho de 1830 seguimos o mesmo caminho que a frota de Veneza. Deixando atrás de nós as ilhas Jônias, dirigimos nossa marcha entre as margens do Peloponeso e das ilhas da Sapiência, (as antigas Oenusas), costeamos a terra do Peloponeso: tínhamos à esquerda Navarin ou a antiga Pyles, Modon ou Metona; mais além, no gôlfo de Messênia, as cidades de Coron e de Calamata. No quadro tão variado que nos ofereciam as costas da Grécia, dois espetáculos imponentes feriam nossos olhares: o monte Itome, aos pés do qual estavam ainda as ruínas da antiga Messena e o monte Taigeto, cujos píncaros, brancos de neve, desciam para o Oriente até o promontório de Tenaro, hoje o cabo Matapan; além do Tenaro, elevam-se as margens escarpadas do Magno, na antiga Lacônia; depois avança para o mar do cabo Maleu, hoje Santo Anjo,

tão temido pelos marinheiros da antiguidade. Entre o cabo Maleu e a ilha de Cerigo, a frota veneziana encontrou vários navios levando peregrinos que tinham deixado do exército; êstes, à vista de tão grande aparato de potência e de fôrça, ficaram envergonhados e esconderam-se nos seus navios; um sòmente desceu por uma corda e deixou os companheiros dizendo: Eu vou com êles, pois êles têm a *aparência de conquistadores de grandes reinos*. Foi recebido de boa vontade e diz o Marechal de Champanha, *o exército o viu com bons olhos*.

A frota deteve-se diante do Negroponto, depois em Andros, onde o jovem Alexis, foi proclamado imperador. Os ventos da África impeliram os navios venezianos através do mar Egeu; os cruzados deixaram à esquerda a ilha de Lesbos ou Metelin; entrando no Helesponto, passaram Lemnos, Samotrácia, Tenedos, a costa onde se localizavam os túmulos de Aquiles e de Pátroclo e as ruínas de *Alexandria Troas*. Foram lançar a âncora diante de Abidos.

O Helesponto, nesse lugar, não tem uma milha de largura. A cidade de Abidos, que Villehardouin chama de *Avie*, cobria uma língua de terra sôbre a qual só se encontram hoje montes de pedras e uma fortaleza turca. Os senhores e os barões aos quais foram apresentadas as chaves da cidade *fizeram muito bem em guardar a cidade, de tal modo que os habitantes não perderam um só dinheiro*. O exército da cruz ficou oito dias nesse lugar, os cavaleiros

nada conheciam das maravilhas que outrora tinham ilustrado essa margem do Helesponto. Os clérigos mais instruídos não sabiam que na parte do estreito onde haviam parado, Xerxes, Rei da Pérsia, tinha feito passar seu exército sôbre uma ponte de madeira e que mais tarde, Alexandre tinha atravessado o mesmo estreito para marchar à conquista da Ásia; êles não sabiam do mesmo modo, que as planícies vizinhas da Ida, tinham visto na antiguidade a elite belicosa da Grécia derrubar as muralhas de uma cidade real; e que um grande império tinha sido destruído numa guerra muito semelhante à que os peregrinos iam fazer aos senhores de Bizâncio. Os cruzados da Champanha e da Itália, sem se ocupar com as ruínas dispersas, naquelas poéticas regiões, colheram o trigo que cobria os campos para dar provisões à frota e ao exército. Prosseguindo a marcha, viram em seguida Lampsaco, e Galípoli, atravessaram o mar de Mármara, ou Propôntida, e detiveram-se diante da ponta de Santo Estêvão, ou *San Stephano* a três léguas de Constantinopla.

Aquêles, então que não tinham visto a maravilhosa cidade puderam contemplá-la à vontade. Banhada ao Sul pelas águas do Propôntida, ao Oriente pelo Bósforo, ao Norte, pelo gôlfo que lhe serve de pôrto, a rainha das cidades aparecia aos olhos dos cruzados em todo o seu esplendor. Uma dupla cêrca de muralhas a rodeava num perímetro de mais de sete léguas; as margens do Bósforo,

até o Euxino, pareciam-se a um grande arrabalde ou a uma seqüência de jardins. No tempo do seu esplendor, Constantinopla mantinha à vontade as portas do comércio abertas ou fechadas. Seu pôrto que recebia os navios de todos os países do mundo, mereceu ser chamado pelos gregos *grão de ouro* ou *grão da abundância*. Como a antiga Roma, estendia-se sôbre sete colinas e como a cidade de Rômulo, tinha às vêzes o nome de cidade das sete colinas. A cidade estava dividida em quatorze quarteirões e tinha trinta e duas portas; encerrava em seu seio circos de imensa extensão, quinhentas igrejas, dentre as quais se fazia notar a de Santa Sofia, uma das maravilhas do mundo e cinco palácios que pareciam cidades no meio da grande cidade. Mais feliz que Roma, sua rival, a cidade de Constantino não tinha visto os bárbaros dentro de seus muros; conservava com sua língua o depósito das obras primas da antiguidade e das riquezas acumuladas da Grécia e do Oriente.

O doge de Veneza e os principais chefes desceram em terra e se reuniram no mosteiro de Santo Estêvão. Primeiro, deliberaram para saber onde desembarcariam. Nós devemos lamentar que Villehardouin não descreva pormenorizadamente tudo o que se disse nessa reunião; quanto seria interessante conhecer-se hoje os pensamentos e os sentimentos dos cavaleiros da cruz à vista de Constantinopla e no momento mesmo quando iam se entregar a combates decisivos dessa Cruzada!

A história nos conservou sòmente o discurso de Dândolo: "Eu conheço melhor que vós, disse o doge de Veneza aos seus companheiros, o estado e a maneira de agir dêste país pois cá já estive outrora. Empreendestes o mais difícil dos negócios e o mais perigoso que jamais se empreendeu; por isso devemos proceder com precaução e sensatez. Se nos abandonarmos em terra firme, a região sendo vasta e espaçosa, nossos homens, tendo necessidade de víveres, espalhar-se-iam cá e lá para consegui-los. Como os campos são muito povoados, não deixaríamos de perder muitos homens, o que seria uma desgraça para nós, visto o pequeno número dêles, de que dispomos para tão grande emprêsa. Há aqui perto, ao Oriente, ilhas que podeis ver daqui, as ilhas dos príncipes habitadas e férteis, ricas de trigo e de tôda a espécie de bens; vamos desembarcar lá, colhamos os víveres, de que temos necessidade e depois que a frota e o exército estiverem bem providos, iremos acampar na cidade imperial e faremos o que Deus nos inspirar". Êsse parecer do doge foi aprovado unânimemente pelos barões; todos voltaram aos navios, onde passaram a noite. No dia seguinte, ao despontar do sol, as bandeiras e os estandartes foram arvorados à popa dos navios e no alto dos mastros; os escudos e as armas dos cavaleiros estavam alinhados ao longo da ponte dos navios e pareciam-se a ameias de muralhas de uma fortaleza. Cada

cruzado fêz então uma visita às suas armas, pensando que bem depressa teriam necessidade delas.

A frota levantou as âncoras; o vento, que vinha do Sul, impeliu-a para Constantinopla; alguns navios, passaram tão perto das muralhas que vários cruzados foram atingidos por pedras e dardos lançados da cidade. Todo o exército da cruz estava sôbre a ponte dos navios. As muralhas estavam cobertas de soldados, as costas, apinhadas de povo. O vento e a fortuna tinham feito mudar a resolução tomada em Santo Stephano; em vez de se dirigir às ilhas dos príncipes, a frota avançou de velas pandas para a costa da Ásia e parou diante de Calcedônia, quase em frente de Constantinopla; os cruzados, desembarcaram nesse lugar. Havia ali um palácio imperial, onde os principais chefes da Cruzada tomaram seu alojamento; o exército ergueu suas tendas e seus pavilhões ao longo da praia. Os campos eram ricos e fecundos; extensões de trigo cobriam os campos e todos puderam fazer suas provisões, à vontade. Três dias depois da chegada, no dia seguinte à festa de São João Batista, a frota voltou ao canal e foi lançar âncora diante de um outro palácio do imperador, que era chamado de *Scutari*. O exército foi por terra para o mesmo lugar; lá estava diante da cidade imperial e do pôrto de Constantinopla. Os chefes se haviam estabelecido no palácio e nos jardins onde o Imperador Alexis, segundo a expressão de Nicetas, se ocupava há pouco em aplainar as montanhas e

encher os vales, enquanto uma tempestade terrível estava prestes a desabar sôbre seu império. Então os cavaleiros da cruz, se puseram a percorrer os ricos campos que se estendem além de Scutari. Uma de suas tropas, tendo avançado a três léguas do campo, viu de longe tendas e pavilhões sôbre o declive de uma colina; era o grão-duque ou chefe dos exércitos do mar do império que estava acampado com quinhentos soldados gregos. Os guerreiros latinos prepararam-se para o ataque e por seu lado, os gregos alinharam-se para a batalha. O combate não durou muito; os soldados do grão-duque fugiram ao primeiro embate, abandonando suas tendas, suas provisões e os animais de carga. Essa fácil vitória dos latinos acabou de espalhar o terror em todo o país; ninguém mais os ousava esperar de armas na mão; o que faz Nicetas dizer que os comandantes gregos eram tímidos como cervos e não ousavam combater contra homens que êles chamavam de *anjos exterminadores* e de *guerreiros de bronze*. No entretanto o usurpador Alexis começou a sair de seu sono. No décimo dia depois da chegada dos cruzados, mandou-lhes um embaixador, para cumprimentá-los e saber qual era o seu objetivo. Um italiano, Nicolau Rossi, escolhido para essa missão, apresentou-se aos chefes da Cruzada e lhes falou assim: "O imperador sabe que sois os maiores e mais poderosos príncipes dentre os que não usam coroa e que governais povos os mais valentes do mundo; mas êle se admira de

que vós, sendo cristãos, como êle, tenhais vindo às suas terras, sem preveni-lo, nem lhe pedir o consentimento. Disseram-lhe que o principal objetivo de vossa viagem, era a libertação da Terra Santa. Se, para realizardes êsse piedoso desígnio, tendes falta de víveres, êle vô-los dará de boa vontade; nada êle poupará para secundar-vos nessa emprêsa, mas êle vos roga que saiais de seu território por bem; êle poderia obrigar-vos a isso, pela fôrça, pois seu poder é grande, e quando mesmo fôsseis *vinte vêzes mais numerosos do que sois* não vos poderíeis salvar e escapar à fúria de sua cólera, se êle vos quisesse *atacar e fazer-vos mal.*" Conon de Bethune, sábio cavaleiro, *eloqüente e instruído,* foi encarregado de responder ao enviado de Alexis. "Senhor, disse êle, vosso amo se admira de que nossos senhores e barões tenham entrado em seu território. Vós bem sabeis que a terra em que nos encontramos não lhe pertence, pois êle *ocupa injustamente, contra Deus e a razão* o que deve pertencer a seu sobrinho, que vêdes no nosso meio. Se êle lhe quiser pedir perdão, e restituir-lhe a coroa imperial, empregaremos nossos rogos a Isaac e seu filho, a fim de que lhe perdoem e lhe concedam com o que viver honradamente e segundo sua condição. De resto, para o futuro, não sejais tão temerário nem tão ousado de vir aqui para semelhantes mensagens."

Nicolau Rossi voltou com esta resposta a Alexis. No dia seguinte os barões, depois de terem combinado

entre si, resolveram fazer uma tentativa ante o povo da capital e mostrar aos gregos o jovem Alexis, filho de Isaac. Mandaram equipar várias galeras, nas quais embarcaram os barões e os cavaleiros; numa dessas galeras estava bem à vista o jovem Alexis que o doge de Veneza e o Marquês de Montferrato, tinham pela mão. Aproximaram-se assim das muralhas da capital. Um arauto de armas dizia em voz alta: "Eis o vosso legítimo senhor. Sabei que não viemos aqui para vos fazer o menor mal, mas para vos defender e ajudar, se fizerdes o que deveis. Sabeis que aquêle ao qual obedeceis apoderou-se criminosamente e injustamente do supremo poder e vós não ignorais com que deslealdade êle procedeu para com seu senhor e seu soberano. Vêdes aqui o filho e o herdeiro de Isaac; se fôrdes do seu partido, fareis o vosso dever, do contrário, sabei que nós vos faremos o maior mal que pudermos." Não houve um só grego da cidade ou do campo que respondesse a essas palavras dos cruzados. Todos estavam dominados pelo mêdo do usurpador. Então os cavaleiros e os barões voltaram ao acampamento e se prepararam para fazer guerra aos gregos.

A 6 de julho, depois de ter ouvido a missa, os chefes da Cruzada reuniram-se e deliberaram em conselho, a cavalo, numa vasta planície que é hoje o grande cemitério de Scutari. Determinou-se nessa assembléia que todo o exército voltaria aos navios e atravessaria o estreito de São Jorge ou Bósforo. Os

cruzados vindos da França foram divididos em seis batalhões. Balduino de Flandres teve o comando da vanguarda, porque êle tinha sob suas bandeiras um maior número de valentes arbaleteiros e archeiros que os outros chefes. Henrique, irmão de Balduino, devia comandar o segundo batalhão, com Mateus de Valincourt, e outros bons cavaleiros da província de Flandres e de Hainaut. O terceiro corpo tinha como chefe Hugo de São Paulo, ao qual se haviam reunido Pedro de Amiens, Eustáquio de Canteleau e Anseau de Cayeux, e vários bons cavaleiros da Picardia. Luís, Conde de Blois, senhor rico e poderoso tinha o quarto batalhão, composto de uma multidão de cavaleiros e de bravos guerreiros vindos do país que o Loire banha. O quinto *batalhão* era comandado por Mateus de Montmorency e por André de Champlitte, que levavam sob suas bandeiras os peregrinos da Borgonha e da Champanha, da ilha de França e da Touraine. Nesse quinto batalhão estava Villehardouin, Marechal da Champanha, Oger de São Cheron, Manassés de Lille, Milès de Brabante, Machaire de Sainte Ménehould. Os cruzados da Lombardia, da Toscana, dos países vizinhos aos Alpes formavam o sexto corpo, sob o comando de Bonifácio, Marquês de Montferrato.

Depois de terem assim dividido o exército, os padres e os bispos fizeram *exortações a todos* nos seus acampamentos, para que se confessassem, procurando também fazer *seu testamento, o que êles fi-*

zeram com grande zêlo e devoção. No dia marcado, para se atravessar o estreito, todo o exército bem cedo já estava pronto. Villehardouin, que nos apresenta sempre os cruzados caminhando de prodígio em prodígio e de perigo em perigo, não deixa, nessa circunstância de demonstrar a sua surprêsa e de repetir estas palavras que aparecem a cada instante da sua narração: *Verdadeiramente, foi o empreendimento mais perigoso que jamais se realizou.* Ao primeiro sinal, os barões e os cavaleiros embarcaram nos navios chamados *palendries;* estavam armados dos pés à cabeça. *Os homens armados e seus corcéis selados e recobertos de armaduras;* os archeiros e os arbaleteiros, todos os soldados de infantaria, embarcaram nos grandes e pesados navios. As galeras, de duas ou três ordens de remos, avançavam à frente da esquadra. A cada galera haviam-se presos com cabos, um ou dois grandes navios, para fazê-los avançar contra as correntes e os ventos contrários.

O Imperador Alexis, que tinha visto os preparativos dos cruzados, tinha vindo acampar com um numeroso exército na margem ocidental do Bósforo. Êle ocupava o declive da colina das Figueiras ou de Pera, desde o lugar que os turcos chamam de a Ponta do Tofana, até o lugar chamado Betaschi, onde se ergue hoje um palácio dos sultões. O aspecto dêsse exército grego, não esmoreceu o zêlo ardente e impaciente dos cruzados; não se perguntava *quem deveria ir por primeiro, quem depois, mas quem seria*

o primeiro a atacar. À medida que se aproximavam da costa, os cavaleiros, de capacete e espada na mão, atiraram-se à água, mergulhados até à cintura. Cada qual abordou onde pôde, os cavalos foram trazidos para terra, os archeiros colocaram-se na frente dos batalhões. Haviam partido ao despontar do dia, o sol ainda não havia atingido a metade de seu curso e todo o exército já estava disposto em ordem de batalha, sôbre a costa. Houve sem dúvida muita confusão nesse desembarque precipitado e o inimigo teria podido aproveitar-se da desordem. Mas Alexis não teve coragem de dar combate aos latinos; tomado de terror apressou-se em abandonar o acampamento e retirou-se para a cidade.

Os cruzados, senhores da costa, apoderaram-se do acampamento dos gregos e apresentaram-se diante da tôrre de Galata. O exército passou a noite no quarteirão de *Stanor, uma cidade muito boa e muito rica,* então habitada por judeus. No dia seguinte, ao raiar da aurora, os cruzados prepararam-se para dar um ataque à fortaleza: uma multidão de gregos acorreu em barcas, vindas da cidade e reuniu-se, para atacar o exército dos peregrinos, aos que defendiam a tôrre. Tiago de Avesnes, no meio dos seus flamengos, recebeu um golpe de lança no rosto, e *ficou em perigo de vida.* A presença de seu chefe ferido animou a coragem dos cruzados, que repeliram o inimigo. Muitos gregos precipitaram-se no mar e morreram afogados, outros, fugiram para a fortaleza

de Galata, mas não tiveram tempo de fechar as portas da tôrre e os latinos lá penetraram com os que fugiam. Procuraram depois quebrar as cadeias de ferro que fechavam o pôrto. Os historiadores de Veneza referem que um navio pesado que tinha o nome de *Aquila* impelido por um vento favorável, chocou-se violentamente contra a corrente estendida sôbre as águas e a rompeu com enormes tesouras de aço colocadas na proa. Logo as galeras dos gregos foram aprisionadas e tôda a frota dos peregrinos avançou em triunfo para o meio do gôlfo.

Senhores assim do pôrto e do quarteirão de Galata, os cruzados reuniram-se para deliberar se atacariam a cidade imperial por terra ou por mar. Os venezianos, eram de opinião que se pusessem escadas, aos navios e atacassem do lado do pôrto; os cruzados franceses diziam que não sabiam combater por mar e que não podiam vencer sem seus cavalos. Determinou-se que o ataque dos venezianos far-se-ia por mar e os cavaleiros e os barões atacariam por terra. A frota foi colocar-se diante das muralhas da cidade, enquanto os seis batalhões franceses atravessando o Cidaris entre a ponta do gôlfo e o vale chamado hoje *Vale da água doce,* foram colocar-se numa colina onde está hoje o arrabalde chamado *Ayoub*. O exército estava acampado entre o palácio de Blaquernes e uma abadia cercada de muros que então era chamada de *a tôrre de Bohémond*. "Foi coisa de admirar e muito ousada, diz Villehardouin, ver

uma tropa tão exígua, tão poucos homens, que mal dava para o ataque a uma das portas, resolver o assédio de Constantinopla, que tinha três léguas de frente, do lado de terra." Segundo um exame atento do lugar, julgamos que aquela porta diante da qual os cruzados haviam acampado, era a porta de *Egri capou* ou *porta oblíqua*. Os barões e os cavaleiros sem se admirar do número de seus inimigos e das dificuldades da emprêsa, prepararam as máquinas para o assalto. Durante o dia e a noite não repousaram, guardando suas máquinas e repelindo os ataques do inimigo. Cinco ou seis vêzes no dia, todos os peregrinos tomavam as armas. Ninguém se podia afastar do acampamento, mais de três golpes de *arbaleta,* para reconhecer o país e procurar víveres, de que se tinha grande necessidade. Os gregos, todos os dias, apresentavam-se diante de suas defesas e das paliçadas dos latinos; quase sempre, repelidos com perdas, voltavam em maior número. Dez dias passaram-se assim em combates e escaramuças contínuas; no décimo dia do cêrco, que era 17 de julho, resolveram dar um assalto geral, por terra e por mar; deram ao mesmo tempo o sinal para a frota e para o exército.

Três corpos ou batalhões do exército dos barões ficaram de guarda no acampamento, os outros, avançaram contra as muralhas da cidade. Os que guardavam o acampamento eram borguinhões e champanhenses, os peregrinos da Lombardia, do Piemonte

e da Savóia, comandados pelo Marquês de Montferrato. Balduino de Flandres, o Conde de Blois, Hugo de S. Paulo, com os flamengos, os picardos, e os cruzados do Loire, foram ao assalto. Êstes colocaram as escadas num antemuro defendido pelos *inglêses e dinamarqueses* (Villehardouin assim designa a intrépida fôrça dos *varangos,* aos quais os imperadores gregos confiavam a guarda de sua pessoa e do seu palácio). Os guerreiros franceses disputavam a honra de por primeiro subir à muralha; quinze dos mais valentes chegaram ao alto das escadas, e combateram com o machado e a espada. A sorte, porém, não coroou sua coragem. Os assaltantes foram obrigados a desistir do ataque e deixaram dois dos seus nas mãos dos gregos. Os dois prisioneiros foram conduzidos ao palácio de Blaquernes e apresentados a Alexis, que sentiu grande alegria por vê-los. Durante êsse tempo os venezianos davam o seu ataque por mar; Dândolo tinha feito alinhar sua frota em duas colunas; as galeras estavam na primeira, tripuladas por archeiros e carregadas de máquinas de guerra; atrás das galeras vinham os grandes navios, sôbre os quais haviam-se construído tôrres que dominavam as mais altas muralhas de Constantinopla. Desde o despontar do dia, o combate se havia travado entre a cidade e a frota. O barulho das águas batidas pelos remos, os gritos dos marinheiros e dos combatentes, o fogo grego que sulcava o mar, ateando-se aos navios e fervendo sôbre

a frota, clarões de pedras atiradas de um lado sôbre as casas e os palácios, do outro, sôbre os navios, apresentavam um espetáculo mil vêzes mais espantoso do que o da tempestade. No meio dessa terrível batalha, Henrique Dândolo *já idoso e cheio de coragem,* dava ordens aos seus, que o descessem em terra, ameaçando-os de fazer justiça, êle mesmo, se não obedecessem. As ordens do intrépido doge foram logo executadas. Os homens da sua equipagem tomam-no nos braços e o depositam em terra, na costa, levando diante dêle o estandarte de S. Marcos. Em seguida, tôdas as galeras aproximam-se da terra, os soldados mais corajosos correm em seguimento de seu chefe, os navios, que até então estavam imóveis, avançam e vêm colocar-se entre as galeras; tôda a frota estende-se numa só linha, diante dos muros de Constantinopla e apresenta aos gregos atônitos uma formidável muralha erguida sôbre as águas. As tôrres flutuantes dos navios, abaixam suas pontes levadiças, contra as tôrres da cidade, e, enquanto aos pés das muralhas, dez mil braços colocam escadas e fazem trabalhar os aríetes, combate-se também no alto das muralhas com a espada e a lança. De repente o estandarte de S. Marcos aparece sôbre uma das tôrres da cidade, lá colocado como por uma mão invisível. A êsse espetáculo, os venezianos soltam um grito de alegria, persuadidos de que o Senhor de Veneza combate à sua frente. Logo vinte e cinco tôrres caem em seu poder. Êles perseguem os gregos

na cidade, mas temendo cair em alguma emboscada ou ser atacados pelo povo, cuja multidão enchia as ruas e cobria as praças públicas, êles incendeiam as casas que encontram à sua passagem. O incêndio estende-se com rapidez e leva diante de si uma multidão desorientada e trêmula.

Enquanto as chamas levavam longe a sua devastação e a maior desordem reinava em Constantinopla, Alexis, levado pelo clamor do povo, mandou tropas contra os venezianos e êle mesmo saiu com um exército pelas portas de Selivréia e de Andrinopla, para atacar os que cercavam a cidade por terra. O exército imperial era em número tão grande que se pensaria, segundo as palavras de Villehardouin, que *tôda a cidade tinha saído*. À aproximação dos gregos, os cruzados tomam as armas; seus seis batalhões alinham-se a cavalo, em redor de suas paliçadas; os arbaleteiros e os archeiros estavam na frente; cada porta-bandeira tinha escudeiros aos seus lados e soldados armados. Os gregos aproximaram-se em ordem até o alcance de um arco. *Parecia ser coisa bem perigosa,* diz o Marechal de Champanha, *que seis batalhões, e ainda fracos, quisessem enfrentar sessenta.* A notícia de tão grande perigo chegou ao doge de Veneza e êle deu ordem aos seus de cessar o combate e de abandonar as tôrres que haviam tomado. Depois colocou-se à frente dêles e os levou ao acampamento dos cruzados franceses, dizendo que queria *viver e morrer com os peregrinos.* A chegada

de Dândolo com a elite de seus venezianos, duplicou a coragem dos barões e dos cavaleiros. No entretanto os dois exércitos ficaram muito tempo diante um do outro, os gregos não ousavam atacar, os latinos, imóveis, diante de suas defesas e paliçadas. Depois de uma hora de hesitação e de incerteza, Alexis mandou tocar a retirada; os latinos então saíram de suas posições e seguiram o exército grego até um palácio chamado *Filotas. Para dizer a verdade,* diz Villehardouin ainda atônito, *jamais Deus salvou alguém de tão grande perigo, como fêz com os nossos naquele dia.*

Mas em seguida aconteceu um milagre maior: quando vimos o imperador regressar para sua cidade sem combater, ficamos mais assustados ainda do que se êle tivesse sido vencido. O povo acusava o exército, e o exército acusava Alexis. O imperador desconfiando dos gregos, temendo os latinos, só pensou em se salvar; abandonou seus parentes, amigos, a capital, e embarcou secretamente nas trevas da noite, para buscar asilo em algum lugar do seu império.

Quando a alvorada de um novo dia veio dizer aos gregos que êles não tinham mais imperador, a desordem e a agitação chegaram ao máximo na cidade de Constantinopla; reunia-se o povo nas ruas, falava-se das faltas dos chefes, da vergonha dos favoritos, das desgraças do povo. Depois que Alexis abandonou o poder, lembrava-se o crime de sua usur-

pação e mil vozes se erguiam para invocar contra êle a cólera do céu. Na confusão e no tumulto, os mais sensatos não sabiam que partido tomar; mas os cortesãos correm à prisão onde Isaac estava encerrado; partem-lhe os ferros e o levam em triunfo ao palácio de Blaquernes. Embora cego, êle é pôsto no trono, e quando ainda se julga rodeado por seus algozes, admira-se de ouvir as vozes dos seus aduladores; vendo-o revestido da púrpura imperial, todos sentem pela primeira vez piedade pelas suas desgraças, que êle, na realidade não sofre mais. Todos se desculpam por terem sido partidários de Alexis e de terem feito votos por sua causa. Vão procurar a espôsa de Isaac, que tinha ficado esquecida, e que vivia retirada num lugar do qual ninguém sabia o caminho, no precedente reinado.

Eufrosina, mulher do imperador fugitivo, era acusada de ter querido aproveitar-se das perturbações de Constantinopla para dar o govêrno a um dos seus favoritos. Atiraram-na a uma masmorra, acusando-a de todos os males de sua pátria e principalmente da infelicidade de Isaac. Aquêles aos quais a princesa tinha cumulado de benefícios e distinguido entre seus acusadores, esforçavam-se de ganhar algum merecimento com a ingratidão.

Nas perturbações políticas, tôda mudança é aos olhos do povo um meio de salvação. Todos se regozijaram em Constantinopla com a nova revolução; a esperança renascia em todos os corações e a multidão

saudava Isaac com clamores de júbilo. Logo essa notícia chegou ao acampamento dos cruzados, referindo tudo o que se passava na capital do império. O conselho dos senhores e dos barões, então se reúne, na tenda do Marquês de Montferrato; êles agradecem à providência, que acabava de libertar Constantinopla e os vêm libertar também de maiores perigos. Mas, em se lembrando de que no dia anterior tinham visto o Imperador Alexis, rodeado de um exército imenso, não podem acreditar no milagre de sua fuga.

No entretanto o acampamento dos cruzados enchia-se de uma multidão de gregos, vindos da cidade, os quais narravam as maravilhas a que acabavam de assistir. Vários dos cortesãos que não tinham podido ser notados por Isaac, vinham ter com o jovem Alexis, na esperança de conseguir a primeira afeição; e bendiziam ao céu por ter ouvido os seus votos, pelo seu regresso e rogavam-no, em nome da pátria e do império, que viesse compartilhar das honras e do poder de seu pai. Tantas demonstrações não puderam persuadir os latinos acostumados a desconfiar dos gregos. Os senhores e os barões preparam seus exércitos em batalha, e, sempre prontos para combater, mandam a Constantinopla, Mateus de Montmorency, Godofredo de Villehardouin e dois nobres venezianos, *para que se informem pessoalmente de tudo o que lá estava acontecendo.*

Os deputados dos cruzados deviam cumprimentar Isaac, se êle tivesse novamente subido ao trono, e

exigir dêle a ratificação do tratado feito com seu filho. Chegando a Constantinopla, êles foram levados ao palácio de Blaquernes, entre duas fileiras de soldados, que, no dia anterior, formavam a guarda do usurpador Alexis e que acabavam de jurar defender Isaac. Êste, rodeado de tôda a magnificência das côrtes orientais, recebe os enviados num trono resplandecente de ouro e de pedrarias. "Eis, diz Villehardouin, dirigindo-se a Isaac, como os cruzados cumpriram sua promessa; toca a vós, agora cumprir as que foram feitas em vosso nome. Vosso filho, que ficou entre os senhores e os barões vos suplica ratificar o tratado que êle fêz e nos encarrega de vos dizer que êle não voltará ao vosso palácio antes que tenhais jurado fazer tudo o que êle nos prometeu." Alexis tinha prometido pagar aos cruzados duzentos mil marcos de prata, fornecer víveres ao exército durante um ano, tomar parte ativa nos trabalhos e perigos da guerra santa, e pôr a igreja grega sob a obediência da Santa Sé. Quando Isaac soube das condições do tratado, não pôde deixar de mostrar a sua surprêsa e de dizer aos cruzados quão difícil era cumprir as condições do tratado e tão grandes promessas. Mas nada êle podia recusar aos seus libertadores e agradeceu aos enviados por não exigirem mais. *Vós nos servistes tão bem,* — disse êle, *que, quando mesmo nós vos déssemos todo o império, vós bem o teríeis merecido.* Os deputados louvaram a franqueza e a boa-fé de Isaac, e levaram ao acampa-

mento dos cruzados as patentes imperiais, revestidas com o sêlo de ouro, que confirmavam os tratados feitos com Alexis.

Logo os senhores e os barões montaram a cavalo e levaram o filho de Isaac a Constantinopla. O jovem Alexis marchava entre o Conde de Flandres e o doge de Veneza, seguido por todos os cavaleiros recobertos de suas armas. O povo, que antes conservava-se em môrno silêncio, acorreu em massa, e, à sua passagem saudava-o entusiàsticamente com vivas aclamações; o clero latino acompanhava o filho de Isaac e a religião grega tinha mandado à sua presença um magnífico cortejo. A entrada do jovem príncipe na capital, foi como um dia de festa para os gregos e para os latinos. Em tôdas as igrejas agradecia-se ao céu, por tôda a parte ressoavam hinos de alegria pública; mas foi principalmente no palácio de Blaquernes até há pouco morada do luto e do temor, que se deram as maiores demonstrações de júbilo e de alegria. Um pai cego e encerrado numa prisão há oito anos, apertando em seus braços um filho ao qual devia a liberdade e a coroa, era um espetáculo novo, que comoveu todos os corações, enchendo-os da mais viva ternura. A multidão lembrava as longas desgraças dos dois príncipes e tantas infelicidades passadas, pareciam a todos um penhor dos bens que o céu reservava ao império.

O imperador, com o filho, agradeceu de novo aos cruzados os serviços que lhes haviam prestado e

rogou aos chefes que se estabelecessem com o exército além do gôlfo de Crisoceras; êle temia que sua permanência na cidade fizesse nascer alguma questão entre os gregos e os latinos, há tanto tempo separados. Os senhores e os barões assentiram aos rogos de Isaac e de Alexis e o exército cristão foi estacionar nos arrabaldes de Galata, onde a abundância de víveres e o descanso fizeram-no esquecer os perigos e as fadigas da guerra. Os pisanos, que tinham defendido Constantinopla, contra os cruzados, fizeram a paz com os venezianos. Tôdas as discórdias foram desfeitas. Nenhum espírito de inveja ou de rivalidade dividia os francos. Os gregos vinham contìnuamente ao acampamento dos latinos, trazendo víveres e mercadorias de tôda a espécie. Os guerreiros do Ocidente visitavam sempre a capital e não se cansavam de contemplar os palácios dos imperadores, os numerosos edifícios, obras-primas da arte, os monumentos consagrados à religião e principalmente as relíquias dos santos, que segundo o Marechal da Champanha, encontravam-se em maior número em Constantinopla do que *em qualquer outra parte do mundo*.

Alguns dias depois de sua entrada em Constantinopla Alexis foi coroado na Igreja de Santa Sofia, codividindo o poder supremo com seu pai. Os barões assistiram à coroação e fizeram votos sinceros pelo seu reinado. Alexis apressou-se em pagar uma parte da soma prometida aos cruzados. A melhor harmonia reinava entre o povo de Bizâncio e os

guerreiros do Ocidente. Os gregos pareciam ter esquecido suas derrotas e os latinos, suas vitórias. Os súditos de Alexis e de Isaac viam os cruzados sem desconfiança e a simplicidade dos francos não era mais motivo de zombarias da parte dêles. Os cruzados por sua vez, acreditavam na boa-fé dos gregos. A paz reinava na capital e parecia ser obra dêles. Êles respeitavam os imperadores, que haviam colocado no trono e os dois príncipes conservavam uma afetuosa gratidão para com seus libertadores.

Os cruzados, feitos aliados dos gregos e protetores de um grande império só tinham que combater contra os turcos, únicos inimigos que lhes restavam. Só pensavam então em cumprir o juramento que tinham feito, tomando a cruz; sempre fiéis às leis da cavalaria, os senhores e os barões quiseram declarar a guerra antes de começa-la. Arautos de armas foram mandados aos sultões de Cairo e de Damasco, para lhes anunciar, em nome de Jesus Cristo, em nome do Imperador de Constantinopla, dos príncipes e dos senhores do Ocidente, que êles bem depressa experimentariam o valor dos povos cristãos, se se obstinassem em manter sob suas leis a Terra Santa e os lugares consagrados pela presença do Salvador.

Os chefes da Cruzada anunciaram ao mesmo tempo o êxito maravilhoso de sua emprêsa a todos os príncipes e a todos os povos da cristandade. Dirigindo-se ao Imperador da Alemanha, pediam-lhe que viesse tomar parte na Cruzada, pondo-se à frente

dos cavaleiros cristãos. A narração de seus feitos excitou o entusiasmo dos fiéis. Essa notícia levada à Síria encheu de terror aos turcos e reanimou a esperança do Rei de Jerusalém e dos defensores da Terra Santa. Tantos e tão grandes feitos, coroados de feliz êxito deviam satisfazer o orgulho e o valor dos cruzados. Mas, enquanto o mundo estava cheio de sua glória e tremia ao rumor de suas armas, os cavaleiros e os barões julgavam nada ter feito para sua fama e pela causa de Deus, se não obtivessem a aprovação da Santa Sé. O Marquês de Montferrato, o Conde de Flandres, o Conde de S. Paulo, e os principais chefes do exército, escrevendo ao pontífice disseram-lhe que o feliz êxito de seu empreendimento não era obra dos homens, mas de Deus. Aquêles guerreiros cheios de altivez, que acabavam de conquistar um império, que segundo Nicetas, vangloriavam-se *de só temer a queda do céu*, abaixando assim suas frontes vitoriosas, diante do tribunal do papa, protestavam, aos pés de Inocêncio, que nenhuma vista mundana havia dirigido suas armas, que só se devia ver nêles os instrumentos da providência, de que ela se havia servido para realizar seus desígnios.

O jovem Alexis, de acôrdo com os chefes dos cruzados, escreveu ao mesmo tempo ao papa, para justificar seu proceder e o de seus libertadores. "Nós, dizia êle, confessamos que a causa principal que trouxe os peregrinos a nos ajudar, foi, que nós havía-

mos prometido com juramento, reconhecer o romano pontífice por chefe Eclesiástico e por sucessor de S. Pedro." Inocêncio III, respondendo ao novo Imperador de Constantinopla, louvou suas intenções e seu zêlo e exortou-o a cumprir logo suas promessas; mas as desculpas dos cruzados não conseguiram acalmar o ressentimento que o papa conservava de sua desobediência aos conselhos e às determinações da Santa Sé. Em sua resposta, não os saudou com a bênção de costume, temendo que êles tivessem incorrido em excomunhão atacando o imperador grego contra sua proibição. Se o Imperador de Constantinopla, lhes dizia êle, não se apressar em fazer o que prometeu, poderá parecer que nem a sua intenção nem a vossa, foram sinceras, e que *acrescentastes êste segundo pecado ao que já cometestes.* O papa dava aos cruzados novos conselhos; mas, nem seus conselhos, nem suas ameaças, deveriam ter um melhor efeito do que no cêrco de Zara; a providência preparava secretamente acontecimentos que ela soube furtar à previdência dos cruzados, como à da Santa Sé e que iam ainda uma vez mudar o objeto e o fim da guerra santa.

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO

DESDE À RESTAURAÇÃO DE ISAAC ATÉ A MORTE DE BALDUINO

1203-1206

Propostas do imperador grego aos cruzados; faz proclamar a supremacia religiosa da Santa Sé; expedição da Trácia; Joanice, Rei dos búlgaros; a metade de Constantinopla é destruída por um incêndio; ódio de Isaac, o Anjo contra seu filho; Alexis Ducas, (cognominado Murzuffle); acontecimentos na Palestina; o povo de Constantinopla tenta incendiar a frota; sedição excitada por Murzuffle; Alexis morre envenenado; Isaac segue-o ao túmulo; Murzuffle usurpa o poder; os cruzados tomam a cidade de assalto; fuga de Murzuffle; Teodoro Lascaris substitui-o; sua partida clandestina; divisão das províncias do império; Balduino, Conde de Flandres, recebe a coroa; o Rei, Bonifácio e Dândolo escrevem ao papa; é retirada a excomunhão; os cristãos da Terra Santa, acorrem à Grécia; morte da imperatriz; reação contra os vencedores; dissidência entre Balduino e Bonifácio; o imperador sitia Andrinopla; batalha travada imprudentemente; Balduino é feito prisioneiro; socorros pedidos às potências do Ocidente; Henrique de Hainaut sucede a seu irmão; morte de Dândolo e de Bonifácio; resposta de Joanice ao papa com relação à sorte de Balduino. — Recapitulação do Livro Décimo Primeiro.

Quando a guerra e as revoluções abalam um império até seus alicerces, sobrevêm males a que a sabedoria humana não pode reparar. Então, os príncipes, colocados sôbre o trono são mais dignos de lástima do que os súditos e seu poder mais deve excitar a piedade e a comiseração do que a ambição e o ódio dos outros homens. O povo, no excesso da miséria, não sabe pôr limites às suas esperanças e pede sempre ao futuro, mais do que êle mesmo pode dar. Se, porém, continua a sofrer desgraças irreparáveis, dá-lhes então a culpa aos chefes, de quem esperava tôda sorte de prosperidade; as murmurações de um ódio injusto sucedem logo às aclamações de um entusiasmo irrefletido e muitas vêzes a mesma virtude é acusada de ter provocado males que são obra da revolta, da guerra e da má sorte.

Os mesmos povos, depois de terem sucumbido e perdido para sempre sua existência política, não são julgados com menor severidade e injustiça do que os príncipes e os monarcas; depois da queda de um império, o terrível axioma, — *ai! dos vencidos!* — recebe sua aplicação até nos juízos da posteridade. As gerações, como os contemporâneos, deixam-se inflamar pela vitória e só têm desprêzo pelas nações

que sucumbem. Procuraremos, falando dos gregos e de seus príncipes, eximirmo-nos das prevenções que a história nos transmitiu, e, quando emitirmos nosso juízo severo sôbre o caráter e os povos da Grécia, nossa opinião estará sempre baseada em tradições autênticas e em testemunhos de historiadores de Bizâncio.

Enquanto o jovem Alexis teve apenas promessas para fazer e esperanças a dar, só ouvia em redor de si, palavras de bênçãos dos gregos e dos cruzados; mas, quando chegou o tempo de fazer o que havia prometido só encontrou inimigos e obstáculos. Na situação em que seu regresso o tinha colocado, era-lhe sobretudo difícil conservar ao mesmo tempo a confiança dos seus libertadores e o amor dos seus súditos. Se, para cumprir as promessas, o novo imperador tentasse reunir a igreja grega à igreja de Roma, se, para pagar o que devia aos cruzados, êle oprimisse o povo com impostos, devia esperar ver violentas murmurações elevarem-se em seu império. Se, ao contrário, êle respeitasse a religião da Grécia, se aliviasse o pêso dos tributos, os tratados ficariam sem execução e o trono ao qual acabava de subir, podia ser derribado pelas armas dos latinos.

Temendo cada dia rebentar a revolução ou a guerra, obrigado a escolher entre dois perigos, o príncipe, depois de ter refletido por muito tempo, não ousou confiar seu destino ao valor equívoco dos gregos e foi rogar ao doge de Veneza e aos barões

que fôssem seus libertadores, uma segunda vez. Dirigiu-se à tenda do Conde de Flandres e assim falou aos chefes da Cruzada, reunidos: "Senhores, disse êle, posso dizer que depois de Deus vos devo inteira obrigação, se sou imperador. Prestastes-me o mais assinalado favor que jamais se poderia prestar a um príncipe. Mas é preciso que saibais, que *muitos me mostram rosto alegre, mas em seu íntimo não me apreciam;* sentem os gregos grande despeito, por ter eu sido restaurado em meus direitos, por vosso intermédio. De resto, está chegando o tempo em que deveis partir e vossa união com os venezianos deve durar apenas até São Miguel; como êsse tempo é breve, ser-me-ia inteiramente impossível cumprir os tratados que fiz convosco.

Por outro lado, se me abandonardes, eu estaria em perigo de perder o império e até mesmo a vida, porque os gregos me odeiam por vossa causa. *Se achardes conveniente, façamos uma coisa que vos vou dizer.* Se quiserdes ficar até o mês de março eu me encarrego de prolongar vosso tratado com Veneza e de pagar aos venezianos o que êles exigirem. Fornecer-vos-ei além disso, tudo o que fôr necessário até às próximas festas de Páscoa. Então, nada mais terei a temer pela minha coroa; tereis pago o que vos é devido. Terei também o tempo de me prover de navios, para ir convosco a Jerusalém, ou para lá mandar minhas tropas, segundo os tratados." Um conselho foi convocado para deliberar sôbre as propostas

do jovem imperador. Os que tinham querido separar-se do exército em Zara e em Corfu, disseram à assembléia que se tinha até então combatido pela glória e pelos interêsses dos príncipes da terra e que por fim havia chegado o tempo de combater pela Religião e por Jesus Cristo. Êles indignavam-se por se intrometerem novas dificuldades à santa emprêsa. Essa opinião foi vivamente combatida pelo doge de Veneza e pelos barões que, tendo pôsto sua glória na expedição de Constantinopla, não se podiam resignar a perder o fruto de seus trabalhos. "Permitiremos, diziam êles, que um jovem príncipe cuja causa fizemos triunfar, seja entregue aos seus inimigos, que são também os nossos, e que um empreendimento tão gloriosamente começado se torne para nós fonte de vergonha e de arrependimento? Permitiremos que a heresia, sufocada por meio de nossas armas na Grécia submetida, reerga seus altares impuros e seja de novo motivo de escândalo, para a Igreja cristã? Deixaremos aos gregos a perigosa faculdade de se declarar contra nós e de se aliar aos sarracenos, para fazer guerra aos soldados de Jesus Cristo?" A êsses graves motivos, os príncipes e os senhores não deixaram de unir as súplicas e os rogos. Por fim sua opinião triunfou contra uma oposição obstinada. O conselho decidiu que a partida do exército seria adiada até à festa de Páscoa, do ano seguinte.

Alexis, de acôrdo com Isaac, agradeceu aos cruzados e tudo fêz para lhes demonstrar sua gratidão.

A fim de pagar as somas que lhes havia prometido, esgotou o tesouro, aumentou os impostos, fêz fundir imagens de santos e vasos sagrados. Vendo despojar as igrejas, o povo de Constantinopla, ficou surpreendido e atônito; mas não teve coragem de fazer ouvir suas queixas e reclamações. Nicetas censura amargamente seus compatriotas por se terem portado apenas como espectadores passivos de tão grande sacrilégio e os acusa de ter com sua fraca indiferença, atraído sôbre o império a cólera do céu. Os mais ardorosos dos gregos deploravam, como Nicetas, a violação dos santos lugares, mas cenas mais dolorosas deviam mui depressa se desenrolar aos seus olhos.

Os chefes do exército, levados pelos conselhos do clero latino e pelo temor do Pontífice de Roma, pediram que o Patriarca, os padres e os monges de Constantinopla, abjurassem aos êrros, que os separavam da Igreja de Roma. Nem o clero, nem o povo, nem o imperador, tentaram resistir a êsse pedido, que alarmava tôdas as consciências e revoltava todos os espíritos. O patriarca, subindo ao púlpito de Santa Sofia, declarou em seu nome, em nome dos imperadores e de todo o povo cristão do Oriente, que êle reconhecia *Inocêncio, terceiro do seu nome, como sucessor de São Pedro, primeiro vigário de Jesus Cristo sôbre a terra, pastor do rebanho fiel.* Os gregos que assistiam a essa cerimônia, julgaram ver a abominação da desolação no lugar santo e, se perdoaram em seguida tão grave escândalo ao patriar-

ca, foi na estranha persuasão em que estavam de que o chefe de sua Igreja tinha enganado os latinos, e que a impostura dessas palavras resgatava de algum modo o crime de blasfêmia e a vergonha do perjúrio.

Os gregos obstinavam-se em crer que o Espírito Santo não procede do filho e citavam, para provar a sua opinião, o símbolo de Nicéia; a disciplina de sua Igreja diferia em alguns pontos da Igreja romana. Nos primeiros tempos do cisma teria sido fácil operar uma reunião, mas as disputas teológicas tinham irritado os ânimos. O ódio dos gregos e dos latinos parecia dever separar para sempre as duas crenças. A lei que se impunha aos gregos só fazia aumentar sua invencível resistência. Aquêles dentre êles que mal conheciam o motivo dos longos debates entre Bizâncio e Roma, não mostravam menos fanatismo e oposição que todos os demais; aquêles mesmos que eram acusados de falta de fé adotavam com ardor os sentimentos dos teólogos e pareciam dispostos a morrer por uma causa que até então só lhes havia inspirado indiferença. O povo grego, numa palavra, que se julgava superior a todos os outros povos, repelia com desprêzo as luzes que vinham do Ocidente e não queria reconhecer a superioridade dos latinos. Os cruzados, que tinham mudado os impérios, admiravam-se de não poder mudar os corações; mas, persuadidos de que tudo por fim devia ceder às suas armas, puseram-se a dominar os espíritos e as opiniões com um rigor que fêz au-

mentar o ódio dos vencidos e preparou a queda dos imperadores que a vitória tinha recolocado no trono.

No entretanto o usurpador Alexis, fugindo de Constantinopla, havia-se retirado para a província da Trácia: várias cidades lhe haviam aberto as portas e alguns dos seus partidários se haviam reunido sob seu comando. O filho de Isaac resolveu ir combater os rebeldes. Henrique de Hainaut, o conde de São Paulo e vários cavaleiros acompanharam-no nessa expedição. À sua aproximação, o usurpador fechado em Andrinopla, apressou-se em abandonar a cidade e fugiu para o monte Hemus. Todos os rebeldes que ousaram enfrentá-los foram vencidos e dispersados. O jovem Alexis e os cruzados que o haviam acompanhado tinham um inimigo mais temível a combater, isto é, a nação dos búlgaros. Essa nação selvagem e feroz, submetida às leis de Constantinopla nos tempos da primeira Cruzada, tinha-se aproveitado das perturbações para sacudir o jugo dos imperadores gregos. O chefe dos búlgaros, Joanice, implacável inimigo dos gregos, tinha abraçado a fé da Igreja Romana e se havia declarado vassalo do Soberano Pontífice, para obter o título de rei; êle escondia sob os véus de uma nova religião o furor do ódio e da ambição e servia-se do apoio e do prestígio da côrte de Roma, para fazer guerra aos senhores de Bizâncio. Joanice fazia sem cessar incursões aos países vizinhos ao seu território e ameaçava invadir as províncias mais

ricas do império. Se o jovem Alexis tivesse sido dirigido por sábios conselhos, êle teria aproveitado da presença dos cruzados para intimidar os búlgaros, e contê-los além do monte Hémus: aquela expedição ter-lhe-ia merecido a estima e a confiança dos gregos, teria garantido a paz de várias províncias; mas, quer porque não fôsse secundado pelos cruzados, quer porque não via as vantagens dessa emprêsa, contentou-se em ameaçar Joanice; e, sem ter feito nem a paz, nem a guerra, depois de ter recebido o juramento das cidades da Trácia, pensou logo em voltar para Constantinopla.

A capital do império, que já tinha sofrido tantos males, acabava de passar por uma nova calamidade; a metade da cidade fôra reduzida a cinzas. Depois de uma questão surgida entre os cruzados flamengos e os habitantes de um quarteirão vizinho do mar, situado entre os dois portos, o fogo tomou, diz Nicetas, uma sinagoga e depois, pouco a pouco estendeu-se com tanta violência que foi impossível detê-lo. O incêndio destruiu primeiro tôda aquela região da cidade onde residia a população industrial, agora ocupada pelos jardins silenciosos do harém; em poucos instantes, estendeu sua destruição desde *Santa Irene* até as vizinhanças da grande Igreja. A dupla fileira de casas que começavam no meio da cidade e terminavam no *Filadelfin,* o mercado de *Constantino,* o quarteirão do *Hipódromo,* tornaram-se prêsas dessas terríveis labaredas. Turbilhões de chamas reuniam-

se ao mesmo tempo em vários lugares, e, correndo de casa em casa, de quarteirão em quarteirão, consumia como palha, colunas, galerias, monumentos e praças públicas. Do centro do incêndio, cá e lá desprendiam-se fagulhas enormes que iam cair nos quarteirões mais afastados. As chamas que a princípio tinham sido impelidas pelo vento do sul, eram então levadas por ventos vindos de outras partes do horizonte, para lugares que até então pareciam a salvo do perigo. Assim o incêndio se difundia por tôda parte, e tinha chegado mesmo aos arrabaldes; várias galerias e navios ancorados no pôrto, foram queimados mesmo nas águas. O incêndio durou uma semana. De um mar a outro, só se viam escombros e ruínas enegrecidas pelo fogo; os amigos, só se visitavam em barcas, a maior parte dos habitantes estava completamente arruinada; muitos haviam mesmo morrido nas chamas. Tal a narração do historiador Nicetas, testemunha ocular; Villehardouin, que estava presente, descreveu também êsse terrível flagelo.

"Uma questão, diz o marechal de Champanha, acendeu-se entre os gregos e os latinos na qual não sei que criminosas mãos puseram fogo na cidade. As chamas foram tão grandes e tão terríveis, que não se puderam apagar. Os barões do exército que estavam em Galata, de lá puderam ver claramente o espetáculo e ficaram muito sentidos e tiveram grande compaixão do povo por ver aquelas altas Igrejas e palácios caírem e se consumirem nas chamas. Las-

timavam ver aquelas grandes ruas, cheias de casas comerciais com riquezas inestimáveis, tôdas em chamas, sem que se pudesse lhes levar socorro algum nem remédio. O fogo atingiu depois o quarteirão próximo do pôrto, e, avançando sempre mais na cidade, queimou tudo o que encontrou até o outro pôrto que está na Propôntida, ao longo da Igreja de Santa Sofia e durou oito dias sem que se pudesse apagá-lo, percorrendo o espaço de mais de uma légua. Quanto aos prejuízos que o incêndio causou é coisa que não se pode avaliar, bem como o número de homens, mulheres e crianças que perdeu a vida nas chamas."

Muitos cavaleiros tinham corrido para combater as chamas, gemendo e chorando, por ter de combater um flagelo contra o qual seu valor era impotente. Os príncipes e os senhores mandaram uma delegação ao imperador Isaac, para lhe comunicar que êles compartilhavam da sua aflição. Deplorando tão grande desastre, amaldiçoavam os culpados e juravam castigá-los, se estivessem entre os soldados da cruz. Todos êsses protestos, os auxílios que se apressaram em levar às vítimas do incêndio, não puderam nem consolar, nem aplacar os gregos, que, à vista das ruínas e das desgraças de sua capital, acusavam os dois imperadores e não poupavam os latinos nas suas recriminações.

Um grande número de francos se havia estabelecido na capital. Tornaram-se então alvos das ameaças e das violências do povo desesperado; aban-

donaram suas casas e retiraram-se com suas famílias e o que puderam salvar, para o quarteirão de Galata. Villehardouin diz que o número de fugitivos era de mais de quinze mil. Todos se queixaram amargamente dos gregos, e, em suas misérias, imploravam o auxílio e as armas dos cruzados. Assim as grandes calamidades, que deveriam aproximar os dois povos, só serviram para aumentar ainda mais o ódio e a animosidade recíprocas.

Depois que Alexis voltou a Constantinopla, o povo recebeu-o num môrno silêncio; sòmente os cruzados apoiaram a guerra que êle acabava de fazer na Trácia. Seu triunfo, que contrastava com as desgraças públicas, acabou de torná-lo odioso aos gregos. Foi então de ali por diante o jovem monarca obrigado mais que nunca, a se lançar nos braços dos latinos; passava os dias e as noites em seu acampamento, tomava parte em seus divertimentos, em suas festas e em suas grosseiras orgias. Na embriaguez dos banquetes, os guerreiros francos tratavam-no com insolente familiaridade; mais de uma vez arrancaram-lhe o diadema adornado de pedras preciosas, para lhe pôr na cabeça um boné de lã dos marinheiros de Veneza. Os gregos, que punham todo o seu orgulho na magnificência do trono sentiam desprêzo por um príncipe que, depois de ter abjurado à sua religião, aviltava a dignidade imperial e não se envergonhava de adotar os usos das nações bárbaras.

Nicetas, cujos juízos são ordinàriamente cheios de moderação, fala do filho de Isaac com uma espécie de cólera e de aspereza; segundo o historiador de Bizâncio, "Alexis tinha um rosto semelhante ao do anjo exterminador; era um verdadeiro incendiário; e, longe de se afligir com o incêndio da capital, êle teria desejado que tôda a cidade fôsse reduzida a cinzas." Isaac mesmo acusava o filho de ter perniciosas inclinações e de se corromper sempre mais com o convívio dos maus; indignava-se de que Alexis fôsse citado em voz alta na côrte e nas cerimônias públicas, enquanto mal se pronunciava o nome de Isaac. Na sua cólera cega, atacava com imprecações o jovem imperador; mas, levado por uma vã inveja, muito mais do que pelo sentimento de sua dignidade, quando aplaudia o ódio do povo por Alexis, êle se esquivava ao pêso do império e nada fazia para merecer a estima dos homens virtuosos; vivia retirado em seu palácio, rodeado de monges e de astrólogos, que, beijando-lhe as mãos ainda feridas pelos ferros da escravidão celebravam seu poder, faziam-no crer que êle libertaria Jerusalém, que colocaria seu trono no monte Líbano e reinaria sôbre todo o universo. Cheio de confiança numa imagem da Virgem, que sempre trazia consigo e vangloriando-se de conhecer pela astrologia todos os segredos da política, êle não imaginava, para prevenir as rebeliões, outro meio, que fazer transportar do Hipódromo ao seu palácio o ja-

vali de Calydon, que era considerado como o símbolo da revolta e a imagem do povo em fúria.

O povo de Constantinopla, não menos supersticioso do que Isaac, deplorando os males da pátria, apegava-se ao mármore e ao bronze. Uma estátua de Minerva, que adornava a praça de Constantino, tinha os olhos e os braços voltados para o Ocidente; julgava-se que ela tinha chamado os bárbaros, e por isso foi derrubada e feita em pedaços, por uma multidão irritada: "Cruel cegueira dos gregos, exclama um historiador de belo espírito, que se armava contra si mesmo e não podia tolerar no meio de sua cidade a imagem de uma deusa que preside à prudência e ao valor."

1204. Enquanto a capital do império era assim perturbada por cenas populares, os ministros de Alexis e de Isaac, ocupavam-se em cobrar os impostos, para pagar as somas prometidas aos latinos. As dilapidações, os abusos do poder, as injustiças, aumentavam ainda mais a desgraça pública; queixas se faziam ouvir de tôdas as classes de cidadãos. Queriam a princípio fazer pesar os impostos sôbre o povo; mas o povo, diz Nicetas, se sublevou como um mar agitado pelos ventos. Houve necessidade de impor tributos mais pesados aos cidadãos mais ricos e de continuar a despojar as igrejas de seus ornamentos de ouro e de prata. Os tesouros que se puderam ajuntar não satisfaziam aos desejos insaciáveis dos latinos, que se puseram a devastar os campos em redor da

capital e a saquear as casas e os mosteiros da Propôntida.

As hostilidades, as violências dos cruzados, excitaram a indignação do povo, mais ainda que a dos grandes e dos patrícios. Podemos constatar que no curso das revoluções o sentimento da pátria se encontra muitas vêzes, mais vivo na multidão, quando ao invés, parece extinto nas classes mais elevadas. Numa nação corrompida, antes de as revoluções rebentarem e de chegar o dia do perigo e da destruição, a riqueza dos cidadãos é uma garantia segura de seu devotamento e de seu patriotismo; mas, essa garantia não é mais a mesma, no mais forte do perigo, quando a sociedade está às voltas com o inimigo de sua existência e de sua tranqüilidade: a fortuna que se teme perder é muitas vêzes a causa de vergonhosas transações com os vencedores; ela enerva, mais que fortifica a coragem. Nos maiores perigos, a multidão que nada tem a perder, conserva às vêzes paixões generosas, que uma política hábil poderia dirigir com vantagem. Infelizmente a multidão obedece quase sempre a um instinto cego, e, nos momentos de crise, torna-se um perigoso instrumento nas mãos dos ambiciosos que abusam do nome da liberdade e da pátria. É nessa contingência que um povo tem menos a se queixar dos que o querem salvar, do que daqueles que não o ousam defender e ela torna-se vítima ao mesmo tempo de uma indiferença culpável e de um ardor insensato.

O povo de Constantinopla, irritado contra os inimigos do império e impelido por um espírito de partido, a princípio queixou-se de seus chefes; e, passando logo das queixas à revolta, precipitou-se em massa ao palácio dos imperadores, censurou-os por terem abandonado a causa de Deus, a causa da pátria, e com grandes gritos, pedia vingadores e armas.

Entre os que incitavam a multidão, notava-se um jovem príncipe de uma família ilustre dos Ducas. Tinha também o nome de Alexis, nome que devia sempre estar unido à história das desgraças do império; haviam-no cognominado *Murzuffle*, palavra grega que indica que duas sobrancelhas se unem. Murzuffle ocultava uma alma fingida, sob um ar severo e duro, que o povo sempre toma por sinal e caráter de franqueza. As palavras pátria, liberdade, que sempre seduzem o povo, as palavras glória, religião, que lembram nobres sentimentos, estavam sempre em sua bôca e só serviam para encobrir as tramas de sua ambição. Numa côrte tímida e pusilânime, rodeado de príncipes que, segundo a expressão de Nicetas, *temiam mais fazer a guerra aos cruzados do que os cervos temem atacar um leão,* Murzuffle possuía assaz bravura e valor, e sua fama de corajoso era suficiente para atrair sôbre êle os olhares da multidão. Como tinha voz forte, olhar altivo, tom imperioso, julgavam-no próprio para comandar. Mais êle clamava com veemência contra a tirania, mais a multidão fazia votos para que êle assumisse o poder.

O ódio que êle fingia demonstrar para com os estrangeiros dava a esperança de que um dia defenderia o império e seria considerado como o futuro libertador de Constantinopla.

Hábil em se aproveitar de tôdas as ocasiões, em seguir todos os partidos, Murzuffle, depois de ter prestado serviços criminosos ao usurpador, teve a recompensa durante o reinado que se seguiu à usurpação e êle que por tôda a parte era acusado de ter sido o carrasco e o algoz de Isaac, havia-se tornado o favorito do jovem Alexis. Tudo fazia para agradar à multidão e para se tornar necessário ao príncipe, sabia a seu tempo, enfrentar a ira dos cortesãos, para aumentar seu prestígio perante o povo. Não tardou em se aproveitar dessa dupla influência para semear novas agitações e fazer triunfar sua ambição.

Suas palavras persuadiram o jovem Alexis de que era necessário romper com os latinos e mostrar-se ingrato para com seus libertadores, para obter a confiança dos gregos; êle inflamou o espírito do povo contra os cruzados e para decidi-lo a um rompimento, tomou êle mesmo as armas. Seus amigos e alguns homens do povo seguiram-lhe o exemplo. Comandados por Murzuffle, uma tropa numerosa precipitou-se para fora da cidade, julgando poder atacar os latinos; mas a multidão, sempre pronta a clamar contra os guerreiros do Ocidente, não pôde suportar-lhes a presença. Murzuffle, abandonado no campo de batalha, estêve prestes a cair nas mãos dos cruzados.

Êsse ato imprudente, que teria devido perdê-lo, ao contrário, aumentou-lhe o prestígio, e o poder; podiam acusá-lo de ter exposto a salvação do império, provocando uma guerra sem meios de sustentá-la, mas o povo louvou-lhe o heroísmo e a coragem, pois tivera a ousadia de enfrentar as falanges belicosas dos francos; aquêles mesmos que o tinham abandonado no meio do combate, fizeram elogios do seu valor e juraram como êle, exterminar os inimigos da pátria.

O furor dos gregos chegara ao auge; por seu lado os latinos faziam explodir seu descontentamento. No arrabalde de Galata, habitado pelos franceses e pelos venezianos, nos muros de Constantinopla, só se ouviam gritos de guerra e ninguém mais tinha coragem de falar de paz.

Foi então que chegou ao acampamento dos cruzados uma delegação dos cristãos da Palestina. Os enviados que tinham à sua frente o abade Martin Litz, estavam vestidos de luto; a tristeza que se manifestava em seu rosto avisava os cruzados de que êles lhes vinham anunciar grandes desgraças. Suas narrações arrancaram lágrimas dos peregrinos.

No ano que precedera a expedição de Constantinopla haviam desembarcado em Tolemaida, cruzados flamengos e champanhenses, vindos dos portos de Bruges e de Marselha; vários guerreiros inglêses comandados pelos condes de Northumberland, de Norwick, e de Salisbury; um grande número de peregrinos da Baixa Bretanha que tinha tomado como

chefe o monge Heloin, um dos pregadores da Cruzada. Êsses cruzados, reunidos aos que haviam deixado o exército cristão depois do cêrco de Zara, mostraram-se impacientes por atacar os turcos; como o rei de Jerusalém hesitava em romper a trégua feita com os infiéis, a maior parte dêles deixou a Palestina, para ir combater sob as bandeiras do príncipe de Antioquia, que estava em guerra com o rei da Armênia. Tendo recusado receber guias, foram atacados e dispersados pelos muçulmanos que o príncipe de Alepo tinha mandado contra êles; o pequeno número dos que escaparam à matança, entre os quais a história cita dois senhores de Neuilly, Bernardo de Montmirail e Renard de Dampierre, ficaram prisioneiros dos infiéis. O monge Heloin teve a tristeza de ver perecer no campo de batalha o mais valente dos cruzados bretões e voltou quase sòzinho a Tolemaida, anunciar a sangrenta derrota dos soldados da cruz. Uma horrível carestia tinha, durante dois anos, desolado o Egito e feito sentir seus efeitos até na Síria. Doenças contagiosas sucediam à carestia, a peste ceifava os habitantes da Terra Santa: mais de dois mil cristãos tinham sido sepultados no mesmo dia na cidade de Tolemaida.

Os enviados da Terra Santa, fazendo essas tristes narrações invocavam com suas lágrimas e seus soluços o pronto auxílio do exército dos cruzados. Mas os cavaleiros e os barões não podiam abandonar a emprêsa começada: prometeram aos enviados da

Palestina levar suas armas à Síria, depois que tivessem submetido os gregos, e mostrando-lhes os muros de Constantinopla, diziam-lhes: *Eis o caminho da salvação, eis o caminho para Jerusalém.*

Alexis devia pagar aos latinos as somas prometidas; se êle fôsse fiel aos tratados, temia a revolta dos gregos; se não cumprisse suas promessas, temia as armas dos cruzados. Espantados com a agitação dos espíritos e retidos por um duplo temor, os dois imperadores ficaram impassíveis em seus palácios e não ousavam nem procurar a paz nem preparar a guerra.

Os cruzados, descontentes com o procedimento de Alexis, enviaram-lhe uma delegação de vários barões e cavaleiros, para perguntar se êle queria ser seu amigo ou inimigo. Os enviados entrando em Constantinopla, por tôda a parte só ouviram injúrias e ameaças de um povo irritado. Recebidos no palácio de Blaquernes, na pompa da côrte e do trono, êles dirigiram-se ao imperador Alexis narrando-lhe as queixas de seus irmãos de armas. Conon de Bethune, foi encarregado de dirigir-lhe a palavra e assim falou: "Majestade, fomos enviados a vós da parte dos barões franceses e do doge de Veneza, para colocarmos ante vossos olhos os grandes serviços que vos prestamos, como todos sabem, e que não podeis negar. Vós havíeis jurado, vós e vosso pai, manter os tratados que fizestes conosco, como consta nos documentos selados com o vosso sêlo; o que não fizestes,

todavia, embora ainda o estejais obrigado a fazê-lo. Êles, por várias vêzes, vo-lo intimaram e nós vos intimamos novamente de sua parte, na presença de vossos barões, a satisfazer aos artigos firmados entre vós e êles. Se o fizerdes logo, êles terão ocasião de ficar contentes; em caso contrário, sabei que de agora em diante êles não mais vos consideram nem como senhor nem como amigo, mas vos declaram que procurarão obter o que lhes pertence de todos os modos possíveis e vos querem avisar de que êles não vos desejam atacar, nem a qualquer outro, sem provocação, pois não é costume de sua nação fazer de outra maneira, nem atacar a ninguém ou cometer traição. Êste o motivo de nossa embaixada, sôbre o qual tomareis as providências que melhor vos parecerem."

Naquele palácio onde ressoavam todos os dias aclamações de uma côrte respeitosa, os soberanos de Bizâncio jamais haviam ouvido uma linguagem tão cheia de altivez e de coragem. O imperador Alexis ao qual êsse tom ameaçador parecia revelar a sua impotência e o infeliz estado do império, não pôde conter a sua indignação. Os cortesãos partilharam da cólera do seu senhor e queriam castigar no momento mesmo, a insolência do orador dos latinos, quando êles saíam do palácio de Blaquernes e se apressavam em voltar ao acampamento dos cruzados.

O conselho de Alexis e de Isaac só falava de vingança; ao regresso dos embaixadores a guerra foi decidida no conselho dos barões. Os latinos só pen-

saram em atacar Constantinopla. Nada igualava o ódio e o furor dos gregos, mas o ódio e o furor não lhes ocupavam o lugar da coragem. Não ousando enfrentar o inimigo em campo raso, resolveram incendiar a frota dos venezianos. Recorreram então ao fogo grego, que, mais de uma vez, tinha substituido a sua bravura e salvo a capital. Êsse fogo terrível lançado com habilidade, devorava os navios, os soldados e as armas; semelhante ao raio do céu nada podia impedir a sua expansão e seus danos; as águas do mar, em vez de apagá-lo, redobravam-lhe a atividade. Dezessete navios que êles haviam enchido de fogo grego e de matéria combustível, foram impelidos por um vento favorável para a costa onde estavam ancorados os navios de Veneza. Para garantir o bom êxito daquela tentativa, os gregos tinham-se aproveitado das trevas da noite. O pôrto, o gôlfo e o arrabalde de Galata, são de repente iluminados por uma luz ameaçadora e sinistra. Ante o perigo, as trombetas dão o alarme, no acampamento dos latinos, os franceses correm às armas e preparam-se para o combate, enquanto os venezianos lançam-se em barcas e correm para os navios que tinham em seus flancos a destruição e o incêndio.

A multidão dos gregos reunida na praia aplaudia o espetáculo e gozava com o terror dos cruzados. Vários dentre êles, embarcaram nos navios e avançaram pelo mar lançando flechas e procurando levar a desordem às fileiras venezianas. Os cruzados ani-

mavam-se recìprocamente, precipitavam-se em massa ao perigo; alguns levavam até o céu gritos de dor e de desespêro; outros invocavam contra os gregos as potências infernais. Nos muros de Constantinopla palmas, aclamações de alegria, faziam-se ouvir e aumentavam, à aproximação dos navios presos das chamas. Villehardouin, testemunha ocular, diz que no meio daquele tumulto espantoso a natureza parecia abalada e o mar prestes a engulir a terra. No entretanto, à fôrça de braços e de remos, os venezianos chegaram a afastar para longe do pôrto os dezessete navios incendiários, que logo foram levados pela correnteza para além do canal. Os cruzados alinhados em batalha, de pé sôbre seus navios ou distribuidos pelas barcas, deram graças a Deus, por tê-los salvo de tão grave desastre e os gregos viram com terror seus navios incendiados destruírem-se, sem ter feito nenhum mal, nas águas do Propôntida.

Os latinos irritados não podiam perdoar ao imperador Alexis sua perfídia e ingratidão: "Não foi bastante para êle ter faltado a todos os juramentos; ainda quis incendiar a frota que o tinha levado triunfante ao trono do seu império; o tempo havia chegado de se reprimir pela espada o crime dos traidores e de se castigarem os covardes inimigos, que só usavam das armas da astúcia e da traição, e que, semelhantes aos mais vis bandidos desferiam seus golpes nas trevas e no silêncio da noite." Alexis assustado com essas ameaças, só pensou em implorar a clemên-

cia dos cruzados. Êle lhes fêz novos juramentos, novas promessas e atirou as hostilidades às costas do povo que êle não podia conter. Rogou seus amigos e aliados, seus libertadores, que viessem defender um trono prestes a desabar e propôs entregar-lhes seu próprio palácio.

Murzuffle foi encarregado de levar aos latinos as súplicas e as palavras do imperador; e, aproveitando-se dessa ocasião para aumentar as apreensões bem como o descontentamento da multidão, teve o cuidado de fazer espalhar a notícia de que Alexis ia entregar Constantinopla aos bárbaros do Ocidente.

Ante essa notícia, o povo reuniu-se em tumulto nas ruas e nas praças públicas; de tôdas as partes ouvia-se repetir o boato de que o inimigo já estava na cidade, que não se tinha um momento a perder, para se evitarem tão grandes males e, que o império tinha necessidade de um chefe que soubesse defendê-lo e protegê-lo.

Enquanto o jovem príncipe, tomado de espanto, estava encerrado em seu palácio, a multidão dos sediciosos acorreu à Igreja de Santa Sofia para escolher outro imperador.

Depois que as dinastias imperiais se tornaram um joguête dos caprichos da multidão e da ambição dos conspiradores, os gregos tinham o capricho de mudar seus soberanos, sem pensar que uma revolução sempre traz outras revoluções e que para evitar desgraças presentes êles precipitavam-se em novas cala-

midades. Os mais sensatos do clero e dos patrícios apresentaram-se à Igreja de Santa Sofia e procuraram reter os males que ameaçavam a pátria. Inùtilmente êles explicam que, mudando de senhor, derrubar-se-ia o trono e perder-se-ia o império. "Quando pediram a minha opinião, diz o historiador Nicetas, eu evitei consentir na deposição de Isaac e de Alexis, porque eu tinha certeza de que aquêle que fôsse eleito em seu lugar, não seria o mais forte." Mas o povo, acrescenta o mesmo historiador, que só age por paixão, êsse povo, que, vinte anos antes, tinha matado Andrônico e coroado Isaac, não podia mais suportar sua obra, e viver sob o govêrno de príncipes que êle mesmo havia escolhido. Aquela multidão furiosa, culpa seus soberanos da miséria, triste fruto da guerra; da fraqueza do govêrno, obra da corrupção geral. As vitórias dos latinos, a impotência das leis, os caprichos da fortuna, a vontade do céu, tudo tornou-se uma injúria contra os que governavam o império. A multidão furiosa tudo esperava de uma revolução; uma mudança de imperador, parece-lhe o único remédio para os males de que se queixa. Rogam, insistem, com os patrícios e os senadores; mal se sabem os nomes daqueles que se querem escolher para governantes; mas não Alexis, não Isaac, devem merecer a estima e o amor dos gregos: é suficiente usar manto de púrpura para subir ao trono de Constantino. Uns desculpam-se por causa da idade, outros, pela incapacidade; impõe-se

de espada à mão, que aceitem o govêrno. Por fim, depois de três dias de tempestuosos debates, um jovem imprudente, chamado Canabe, deixou-se levar pelos rogos e pelas ameaças do povo. Um simulacro de imperador foi coroado na Igreja de Santa Sofia e proclamado em Constantinopla. Murzuffle, não ficou alheio à revolução popular. Vários historiadores pensaram que êle tinha feito eleger um homem obscuro, com o fim de experimentar o perigo e conhecer a vontade e o poder do povo, a fim de se aproveitar, um dia, para si mesmo.

Alexis, avisado dessa revolução, treme, escondido no palácio deserto; êle não tem mais esperança a não ser nos latinos; pede então, por meio de mensageiros o apoio dos condes e dos barões; implora a piedade do marquês de Monferrato, que, comovido por suas preces e rogos, entrou em Constantinopla, no coração da noite, e veio, à frente de uma tropa escolhida, defender o trono e a vida dos imperadores. Murzuffle, que temia a presença dos latinos, correu para junto de Alexis, dizendo-lhe que os cruzados eram seus inimigos e dos mais perigosos, e que tudo estaria perdido se os francos aparecessem com armas no seu palácio.

Quando Bonifácio se apresentou no palácio de Blaquernes encontrou as portas fechadas; Alexis mandou-lhe dizer que já não era livre de o receber e rogava-lhe que saísse de Constantinopla, com seus soldados. A presença dos guerreiros do Ocidente,

tinha espalhado o terror no meio do povo; sua retirada reanima a coragem e o furor da multidão; mil notícias diferentes se espalham ao mesmo tempo; as praças públicas ressoam de queixas e de imprecações; a multidão cresce sempre mais, o tumulto aumenta. Fecham-se as portas da cidade; os soldados e os habitantes tomam as armas; uns querem atacar os latinos, outros falam de sitiar os imperadores no palácio. No meio de tal confusão e desordem, Murzuffle não perde de vista a execução de seus projetos; consegue conquistar com boas maneiras os guardas imperiais; seus amigos percorrem a capital; excitam com palavras o furor da plebe e a raiva da multidão. Logo uma turba imensa reune-se diante do palácio de Blaquernes e prorrompe em gritos sediciosos. Murzuffle, então, apresenta-se a Alexis; duplica as apreensões e o temor do jovem monarca e fingindo lamentá-lo e protegê-lo, leva-o a um apartamento afastado e o carrega de cadeias, atirando-o a uma masmorra. Vem depois êle mesmo apresentar-se ao povo dizendo o que fizera para a salvação do império. O trono, de onde êle retirara seu senhor, seu benfeitor e amigo, parece uma justa recompensa ao seu devotamento e aos seus serviços. Êle é levado em triunfo à Igreja de Santa Sofia, e coroado imperador ante as aclamações da multidão. Apenas Murzuffle se revestiu do manto de púrpura real, quis garantir o fruto de seu crime; temendo os caprichos do povo e da fortuna, foi à prisão de Alexis, fê-lo

O Imperador Aleixo estrangulado por Murzuffle

beber uma poção envenenada e, como o jovem príncipe demorasse para morrer, êle o estrangulou com suas próprias mãos.

Assim morreu, depois de um reinado de seis meses e alguns dias, o imperador Alexis, que uma revolução tinha levado ao trono e que desaparecia no meio das tempestades de uma nova revolução, sem ter experimentado as doçuras da suprema autoridade e sem que se tivesse podido saber se êle era digno ou não de tal autoridade. O jovem príncipe, colocado na mais difícil situação, não teve o poder, nem talvez a vontade, de erguer a coragem dos gregos para opô-los aos cruzados. Por outro lado, êle não soube aproveitar-se do apoio dos mesmos para conter os gregos, nos limites da obediência. Dirigido por pérfidos conselheiros, hesitando sempre entre o patriotismo e a gratidão, temendo ora alienar súditos infelizes, ora irritar aliados formidáveis, pereceu vítima de sua fraqueza e de sua indecisão. Isaac, o Anjo, sabendo do fim trágico de seu filho, morreu de espanto e de desespêro. Poupou assim um segundo assassinato a Murzuffle, que não foi, porém, menos acusado de tê-lo feito morrer. A história não fala mais de Canabe; a desordem era tão grande, que os gregos não souberam da sorte daquele que êles tinham, pouco antes, elevado ao trono. Assim quatro imperadores haviam deixado violentamente o trono desde a chegada dos latinos e a fortuna reservava a mesma sorte a Murzuffle.

Para se aproveitar do crime que tinha servido aos seus projetos ambiciosos, o assassino de Alexis, concebeu a idéia de cometer um outro e de fazer morrer, por uma traição, o chefe principal dos cruzados. Um oficial mandado ao acampamento dos latinos estava encarregado de dizer que vinha da parte do imperador Alexis, do qual ainda se ignorava a morte, convidar o doge de Veneza e os senhores franceses a ir ao palácio de Blaquernes onde tôdas as quantias prometidas pelos tratados seriam entregues em suas mãos. Os senhores, os barões, prometeram a princípio aceitar o convite do imperador e ir ao palácio; preparavam-se para isso, com alegria, quando Dândolo aventurou a idéia de uma traição, fazendo valer suas suspeitas e mostrando-lhe que poderiam ser vítimas de uma nova cilada dos gregos. Logo souberam da morte de Isaac, do assassinato de Alexis e de todos os crimes de Murzuffle. Ante essa notícia, a indignação foi geral, entre os cruzados. Os barões e os cavaleiros não podiam acreditar em tão horroroso atentado; cada particular que vinham a conhecer fazia-os estremecer de horror. Esqueceram-se dos erros e das injustiças de Alexis, e, deplorando seu infeliz fim, juraram vingá-lo. Num conselho, os chefes declarararam que era necessário fazer guerra implacável a Murzuffle e punir uma nação que acabava de coroar a traição e o assassinato. Os prelados e os eclesiásticos mais animados que todos os outros, invocavam ora os raios da justiça divina, ora os da

guerra, contra o usurpador do trono imperial e contra os gregos infiéis ao seu soberano e infiéis ao mesmo Deus. Êles não podiam principalmente perdoar aos súditos de Murzuffle continuarem imersos nas trevas da heresia e de escapar por uma revolta ímpia ao domínio da Santa Sé. Prometiam tôda a indulgência do Soberano Pontífice e tôdas as riquezas da Grécia aos guerreiros chamados a vingar a causa de Deus e dos homens.

Enquanto os cruzados declaravam assim guerra ao imperador e ao povo de Constantinopla, Murzuffle preparava-se para repelir os ataques. Êle procurava trazer para sua causa os habitantes da capital, censurava aos grandes a indiferença e propunha-lhes o exemplo da multidão. Para aumentar a popularidade e obter o dinheiro de que precisava, perseguia os cortesãos de Alexis e de Isaac e confiscava os bens de todos os que haviam enriquecido com a administração pública. O usurpador ocupava-se ao mesmo tempo em restabelecer a disciplina das tropas, aumentar as fortificações da cidade; êle não conhecia mais nem os prazeres nem o descanso. Como se lhe reprochavam seus grandes crimes, êle não sòmente tinha que combater pelo império, mas também pela sua impunidade. O remorso dobrava sua atividade e não lhe mostrava a salvação a não ser na vitória: viam-no sem cessar percorrer as ruas de espada de lado e uma enorme massa na mão, incitando a coragem do povo e dos soldados.

No entretanto os gregos, depois de ter feito uma nova tentativa de queimar os navios dos peregrinos, haviam-se encerrado dentro de suas muralhas, onde toleravam com paciência os insultos e as ameaças dos latinos. Os cruzados, sempre acampados na colina de Galata, nada tinham a temer de seus inimigos; mas os víveres começavam a escassear e o que mais êles temiam, era a carestia. Henrique de Hainaut, para a subsistência do exército, empreendeu uma expedição: apoderou-se de Finéias ou Finópolis, onde os guerreiros da cruz obtiveram despojos consideráveis. Encontraram na cidade conquistada víveres em abundância e tôda espécie de provisões, que foram enviadas por mar ao acampamento dos latinos. Murzuffle, informado dessa expedição dos cruzados, saiu de noite de Constantinopla com uma tropa numerosa e foi se colocar de emboscada no caminho que Henrique de Hainaut devia tomar, com seus cavaleiros para regressar ao acampamento. Os gregos atacaram os cruzados de improviso persuadidos de que fàcilmente os poderiam derrotar; mas os guerreiros francos sem se intimidar, puseram-se em ordem de batalha e opuseram tal resistência, que os gregos foram obrigados a fugir; Murzuffle estêve a ponto de cair nas mãos dos cruzados e só conseguiu escapar graças à velocidade de seu cavalo. Deixou, porém, seu escudo, no campo de batalha, bem como suas armas e o estandarte da Virgem, que os imperadores costumavam levar diante de si, nos maiores perigos.

A perda dêsse estandarte antigo e reverenciado causou luto e temor entre os gregos. Os cruzados, vendo esvoaçar em suas colunas vitoriosas o estandarte e a imagem da padroeira de Bizâncio, persuadiram-se de que a Mãe de Deus abandonava os gregos e se declarava pela causa dos latinos.

Depois dessa derrota, os gregos julgaram que para êles não havia mais salvação a não ser nas fortificações da capital; era-lhes mais fácil encontrar artífices do que soldados; cem mil homens trabalhavam dia e noite na reparação das muralhas. Os súditos de Murzuffle pareciam persuadidos de que as muralhas eram suficientes para defendê-los e manejavam sem repugnância os instrumentos de pedreiro, com a esperança de que não se deveriam servir nem da lança nem da espada.

Murzuffle tinha aprendido a temer a coragem dos inimigos; desconfiava, outrosim, do valor dos gregos; antes de tentar as incertezas da guerra, êle procurou a paz; e mandou pedir uma entrevista com o chefe dos cruzados. Os senhores e os barões recusaram com horror ver o usurpador do trono imperial, o assassino, o algoz de Alexis; no entretanto, o amor pela paz, levou o doge de Veneza a escutar as propostas de Murzuffle. Henrique Dândolo, foi em sua galera à extremidade do gôlfo; o usurpador, montado em seu cavalo, aproximou-se da margem do Oceano. A conferência foi longa e animada: o doge exigia de Murzuffle que pagasse imediatamente

Murzuffle parlamenta com Dândolo.

cinco mil libras de ouro, pesadas, que ajudasse os cruzados em sua expedição à Síria, que jurasse de novo obediência à Igreja Romana. Depois de longos debates, Murzuffle prometeu dar aos latinos o dinheiro e os auxílios que êle pedia; mas êle não podia se decidir a aceitar o jugo da Igreja de Roma. O doge admirava-se de que, depois de ter ultrajado a tôdas as leis do céu e da natureza, êle desse ainda tanta importância a opiniões religiosas. Lançando um olhar de desprêzo a Murzuffle, êle perguntou se a religião grega perdoava a traição e o assassinato. O usurpador, irritado, dissimulou a cólera e esforçava-se por justificar seu proceder, quando a conferência foi interrompida pela presença de alguns cavaleiros latinos.

Murzuffle, de volta a Constantinopla, só pensou em se preparar para a guerra, resolvido a morrer com as armas na mão. Por sua ordem, ergueram-se ainda vários pés às muralhas e as tôrres que defendiam a cidade do lado do pôrto. Construíram sôbre as muralhas, algumas galerias de vários andares, de onde os soldados deviam lançar flechas e fazer moverem-se as balistas e as outras máquinas de guerra; acima de cada tôrre estava uma ponte levadiça que, descendo sôbre os navios, poderia dar aos sitiados um meio de perseguir os inimigos até às águas.

Os cruzados, embora estivessem cheios de bravura e de coragem, não viam êsses preparativos com indiferença. Os mais intrépidos, não podiam se

esquivar de alguma inquietação, comparando o pequeno número de francos com o exército imperial e a população de Constantinopla: todos os recursos que êles tinham encontrado até então, na aliança com os imperadores, lhes iam faltar, sem que tivessem esperança de poder substituí-los por outros, a não ser pelos prodígios de sua vitória. Não tinham socorros a esperar do Ocidente. Todos os dias a guerra se tornava mais perigosa, a paz mais difícil; não era mais tempo de se pensar em retirada. Nessa situação, tal era o espírito e o caráter dos heróis dessa Cruzada que êles hauriam novas fôrças daquilo mesmo que os devia abater e encher de terror; mais o perigo era grande, mais êles mostravam decisão e coragem; ameaçados de todos os lados, temendo não encontrar mais asilo nem no mar nem em terra, não lhes restava outro partido a tomar, que sitiar a cidade da qual não mais se podiam afastar, sem se precipitar, numa ruína certa. Assim, nada também pôde resistir à sua invencível coragem.

À vista daquelas tôrres que eram a segurança dos gregos, os chefes, reunidos no acampamento, dividiam os despojos do império e da capital, cuja conquista estavam planejando. Decidiram no conselho dos príncipes e dos barões, que se nomearia um imperador no lugar de Murzuffle e que êsse imperador seria escolhido no exército vitorioso dos latinos. O chefe do novo império, devia possuir como domínio a quarta parte da conquista, com os dois palácios de

Bucoléon e de Blaquernes. Cidades e terras do império bem como os despojos que se fariam na capital, deveriam ser distribuídas entre os francos e os venezianos, com a condição de prestarem fidelidade e homenagem ao imperador. No mesmo conselho, fizeram-se regras para as diretivas do clero latino, dos barões e dos senhores. Depois, trataram das leis feudais, dos direitos e dos deveres dos imperadores e dos súditos, dos grandes e dos pequenos vassalos. Assim Constantinopla, em poder dos gregos, via diante de seus muros uma assembléia de guerreiros que, de capacete à cabeça e de espada na mão, aboliam a legislação da Grécia e lhe impunham de antemão, as leis do Ocidente. Por essa legislação que traziam de seu país, os cavaleiros e os barões pareciam tomar posse do império e enquanto êles faziam ainda a guerra aos habitantes de Constantinopla, pensavam já que combatiam pela salvação e glória de sua pátria.

No primeiro cêrco de Bizâncio, os franceses tinham querido atacar a cidade por terra; mas a experiência lhes fazia aceitar os sábios conselhos dos venezianos. Os chefes resolveram unânimemente, dirigir todos os seus ataques do lado do mar. Transportaram aos navios, as armas, os víveres e as equipagens. Todo o exército embarcou na quinta-feira, dia oito de abril. No dia seguinte, aos primeiros clarões do sol, a frota, que levava os cavaleiros e seus cavalos, os peregrinos com todos os seus bens, suas tendas, as máquinas dos cruzados e os destinos de um

grande império, levantou a âncora e aproximou-se das muralhas da cidade. Os navios e as galeras, numa só frente, esperavam, a mais de meia légua francesa: os cruzados começaram um rude e cruel ataque, desembarcando em terra em vários lugares e levando os aríetes até junto dos muros. Em vários lugares as escadas dos navios foram aproximadas, ficando tão perto, que, os que estavam no navio e os que defendiam as muralhas, combatiam a golpes de lança. No entretanto os cavaleiros e os barões que estavam nos navios, *não sabiam como ajudar, nem por terra nem por mar,* e sua bravura estava fora de propósito no campo de batalha móvel e flutuante ao sabor do ventos; combatia-se em vários lugares diferentes, combatia-se com furor, mas sem ordem. Aquêle ataque confuso, continuou até *à hora de nona;* então a má sorte, diz o marechal da Champanha ou *melhor nossos pecados, quiseram que fôssemos repelidos.* Os que haviam descido em terra voltaram para os navios e a frota afastou-se das muralhas. O povo de Bizâncio correu às igrejas para dar graças a Deus por tão grande vitória, e com o mesmo excesso de sua alegria, demonstrou todo o temor que os latinos lhes incutiam.

Na tarde daquele mesmo dia, o doge de Veneza e os barões reuniram-se numa igreja próxima do acampamento. Os chefes da cruzada tiveram que levar a essa reunião pensamentos muito tristes, pois Villeharduoin confessa que todos *estavam muito impres-*

sionados com a desgraça que lhes acabava de suceder naquele dia. Vários barões naquela assembléia propuseram e discutiram o que se deveria fazer: uns diziam que deviam atacar a cidade do lado da Propôntida, porque daquele lado ela era menos fortificada. Os venezianos, que conheciam o mar, respondiam que, naquele ponto, não se poderia dar um ataque e que a frota não deixaria de ser levada pelas correntes. De resto, os que propunham trocar assim o ponto de ataque, só escutavam o desespêro e se acreditarmos no marechal da Champanha, *havia daqueles que de boa vontade desejariam que o mar e o vento os levassem para bem longe de Constantinopla.* No entretanto o maior número não se deixava levar pelo desânimo nem pela derrota que acabava de sofrer. Ficou determinado no conselho que o ataque seria repetido dentro de três dias, no mesmo ponto em que o exército dos peregrinos acabava de ser repelido.

Era sexta-feira, depois da metade da quaresma: empregaram o sábado e o domingo em fazer os preparativos para um novo ataque. Os gregos ocupavam-se também com a sua defesa; Murzuffle, com uma parte de seu exército tinha erguido suas tendas e seus pavilhões na colina que hoje é chamada de Quarteirão de Fanar. Na segunda-feira ao despontar do dia, deram o sinal de ataque; todos os peregrinos tomaram as armas e sua frota avançou para as muralhas: vendo isso *os da cidade,* são expressões

de Villehardouin, *começaram a temer mais do que antes.* Os guerreiros da cruz, por sua vez não se podiam eximir de algum temor vendo tanta gente nas tôrres e nas muralhas da cidade; para inflamar o ardor e a emulação dos guerreiros, os chefes dos latinos fizeram publicar por um arauto de armas, que o primeiro que plantasse o estandarte dos cruzados numa das tôrres da cidade, receberia cento e cinqüenta marcos de prata.

Logo começou o ataque que se tornou geral. O tumulto da batalha era tão grande, que se teria podido crer que a terra ia se abrir. No mar os navios já estavam todos juntos e navegavam dois a dois, a fim de que, em cada ponto do ataque, o número dos atacantes pudesse corresponder aos dos sitiados. Êsse assalto durou várias horas; por fim, Deus mandou um vento do norte que impeliu os navios para perto da terra, de tal modo que dois navios unidos juntamente, um chamado *la Pélérine* e o outro *le Paradis,* foram levados para perto de uma *tôrre, um de um lado e o outro, do outro.* O Bispo de Troyes e o bispo de Soissons, estavam nesses navios. Apenas as escadas foram lançadas às muralhas, logo dois guerreiros francos foram vistos sôbre uma tôrre da cidade. Êsses dois guerreiros, um francês, de nome Urboise, e o outro veneziano, Pedro Alberti, levam empós de si uma multidão de companheiros. Os gregos caem sob o ferro dos latinos, ou então fogem. No meio da confusão, o bravo Alberti é morto por

um francês que o toma por grego e que, percebendo o êrro, acaba matando-se de desespêro. Os cruzados, animados ao combate, mal notam essa cena dolorosa e trágica; as bandeiras dos bispos de Troys e de Soissons, são fincadas no alto da tôrre e são vistas por todo o exército. Êsse espetáculo anima os que ainda estavam nos navios; de todos os lados êles se comprimem, atiram-se, voam para a escalada das muralhas. Os cruzados apoderam-se de quatro tôrres; três portas da cidade caem sob os golpes dos aríetes; os cavaleiros saem dos navios com seus cavalos, todo o exército dos peregrinos precipita-se contra a cidade. Um cavaleiro, Pedro Bracheux, que tinha entrado pela porta *Petrion* penetrou quase sòzinho até a colina onde Murzuffle estava acampado. Os gregos, em seu terror, tomaram-no por um gigante. Nicetas diz que seu capacete parecia grande como uma tôrre. Os soldados do imperador não puderam suportar a vista de um cavaleiro francês.

O exército dos latinos avançava com seus estandartes. *Então,* diz o marechal da Champanha, *teríeis visto caírem gregos de todos os lados, os nossos conquistarem cavalos, corcéis, burros e outros despojos e tantos mortos e feridos, que era impossível contá-los.* Os cruzados incendiaram o quarteirão que tinham invadido, e as chamas levadas pelo vento anunciaram, até aos extremos da cidade, a presença de um vencedor irritado. O terror chegou ao auge no meio do povo. Enquanto todos fugiam diante dêles os cru-

zados admiravam-se da vitória. Chegando a noite e temendo alguma cilada, êles vieram acampar bem perto de sua frota e sob as muralhas e as tôrres que tinham tomado. O Marquês de Montferrato com os seus foi acampar num quarteirão de onde êle podia vigiar a cidade; Henrique de Hainaut ergueu suas tendas diante do palácio de Blaquernes, o conde de Flandres, por um feliz augúrio, ocupou as tendas imperiais, abandonadas por Murzuffle. Assim Constantinopla foi tomada de assalto na segunda feira depois de metade da quaresma, 10 de abril do ano da encarnação, 1204.

No entretanto, Murzuffle, percorrendo as ruas, fêz tudo o que foi possível para reunir seus soldados dispersos, mas êstes, diz Nicetas, levados pelo *turbilhão do desespêro,* não tinham ouvidos para ouvi-lo, nem coragem para segui-lo. Villehardouin, acrescenta que por fim Murzuffle afastou-se o mais possível dos lugares ocupados pelos cruzados e alcançou o pôrto de Dorée, por onde fugiu. Com êle uma grande multidão saiu da cidade, sem que os latinos pudessem percebê-lo. Quando a notícia de sua fuga se espalhou pela cidade, seu nome foi alvo de maldições e como o império em sua última hora, tivera necessidade da presença de um imperador, uma multidão imensa correu à Igreja de Santa Sofia, para escolher o novo soberano.

Teodoro Ducas e Teodoro Lascaris apresentaram-se para os sufrágios da assembléia e disputaram

um trono que não existia mais. Lascaris foi nomeado imperador, mas não ousou colocar sôbre a cabeça a coroa imperial. Êsse príncipe tinha firmeza e bravura. Os gregos gabavam sua habilidade na arte da guerra. Êle empreendeu a tarefa de reanimar a coragem e o patriotismo de seus concidadãos. "Os latinos, dizia êle, são em pequeno número e avançam, tremendo, numa cidade que ainda tem inúmeros defensores; os cruzados não se atrevem a se afastar de seus navios, seu único refúgio depois de uma derrota. Impelidos pela aproximação do perigo êles acabam de pedir auxílio ao incêndio, com seu único e fiel ajudante e escondem seu temor por trás das chamas e de um amontoado de ruínas. Os guerreiros do Ocidente não combatem nem pela religião nem pela pátria, nem por seus bens, nem pela honra de suas famílias; os gregos ao contrário, defendem o que têm de mais caro e devem levar ao combate todos os sentimentos que lhes podem aumentar a coragem, e inflamar o valor dos cidadãos. Se ainda sois romanos, dizia Lascaris, a vitória é fácil: vinte mil bárbaros vieram encerrar-se dentro de nossas muralhas; a fortuna os entrega em nossas mãos."

O novo imperador dirigiu-se depois aos soldados e aos guardas imperiais: êle lhes dizia que sua salvação estava ligada à de Constantinopla; que o inimigo não lhes perdoaria o tê-lo repelido várias vêzes para longe das muralhas da capital; que na vitória êles encontrariam tôdas as vantagens da fortu-

na e todos os benefícios da vida; que na fuga, a terra e o mar não lhes ofereceriam asilo e que a vergonha, a miséria, a mesma morte, seguiriam seus passos por tôda a parte. Lascaris não deixou de lhes lisonjear o orgulho, de despertar o zêlo dos patrícios. Lembrava-lhes os heróis da antiga Roma e propunha ao seu valor os grandes exemplos da história; êle lhes dizia que era às suas armas que a Providência tinha confiado a salvação da cidade imperial; que se, contra tôda esperança, a pátria viesse a sucumbir, êles teriam pouca tristeza em abandonar a vida e encontrariam talvez alguma glória em morrer no mesmo dia em que caía o velho império dos Césares.

Os soldados não responderam a essas palavras, mas pediram-lhes o sôldo; o povo escuta Lascaris com mais surprêsa que confiança; os patrícios continuaram num môrno silêncio e não sentiram outra coisa que um profundo desespêro. Logo as trombetas dos cruzados foram ouvidas: a êsse sinal, o terror apoderou-se dos mais valentes; não se pensa mais em disputar a vitória aos latinos. Lascaris, ficando sòzinho, foi obrigado a abandonar êle também uma cidade que ninguém queria defender. Assim Constantinopla, que tinha visto dois imperadores numa só noite, estava ainda sem soberano e apresentava a imagem de um navio sem leme, batido pelos ventos e prestes a soçobrar sob os golpes da tempestade. O incêndio, ateado pelos latinos, envolveu vários quarteirões e destruiu, segundo a palavra dos barões,

mais casas do que as que continham as três maiores cidades da França e da Alemanha. O incêndio durou tôda a noite. Quando estava para despontar o dia, os cruzados à luz das chamas, dispunham-se a continuar a luta. Alinhados em batalha, avançavam com precaução e desconfiança, quando ouviram vozes dolorosas que enchiam o ar de gemidos e de súplicas. Mulheres, crianças e velhos, precedidos pelo clero, trazendo cruzes e imagens dos santos, vinham em procissão lançar-se aos pés dos vencedores. Os chefes deixaram-se comover com aquêles gritos e lágrimas e tiveram piedade daquela multidão infeliz. Um arauto de armas percorreu as fileiras proclamando as leis da clemência: os soldados receberam ordem de poupar a vida dos habitantes, respeitar a honra das mulheres e das moças. O clero latino reuniu suas exortações à dos chefes do exército e ameaçou com os castigos da Igreja a todos os que abusassem da vitória para ultrajar a humanidade.

No entretanto, os cruzados avançavam ao som dos clarins e das trombetas. Logo os estandartes foram içados nos principais quarteirões da cidade. Quando Bonifácio entrou no palácio de Bucoléon, que se julgava ocupado pelos guardas imperiais, ficou admirado de lá encontrar um grande número de mulheres das principais famílias do império, que só tinham como defesa lágrimas e gemidos. Margarida, filha do rei da Hungria e espôsa de Isaac, Inês, filha de um rei da França, espôsa de dois imperadores,

Entrada dos Cruzados em Constantinopla.

lançaram-se aos pés dos barões e dos cavaleiros, implorando-lhes misericórdia. O Marquês de Monferrato respeitou-lhes a infelicidade e lhes deu guardas. Enquanto Bonifácio se apoderava do palácio de Bucoléon, Henrique de Hainaut tomava posse do palácio de Blaquernes. Êsses dois palácios, cheios de imensas riquezas, foram preservados do saque e não foram teatro das cenas lamentáveis que desolaram durante vários dias a cidade de Constantinopla.

Os cruzados, impacientes por apanhar os tesouros que haviam repartido de antemão, espalharam-se pelos quarteirões da capital e tiraram sem piedade tudo o que se oferecia à sua ambição. As casas dos cidadãos mais pobres eram invadidas como as dos ricos. Os gregos, despojados de seus bens, maltratados pelos vencedores imploravam a humanidade dos condes e dos barões, amontoavam-se em tôrno do Marquês de Monferrato, exclamando: — *Santo rei Marquês, tem piedade de nós!* Bonifácio comoveu-se com suas lágrimas e se esforçava por lembrar aos cruzados os sentimentos da moderação; mas a fúria dos soldados aumentava à vista dos despojos; os mais dissolutos, os mais indisciplinados davam o sinal e marchavam à frente e seu exemplo arrastava os outros: a embriaguez da vitória não tinha mais freio, não conhecia nem temor nem piedade.

Os cruzados, que não se entregaram à matança, empregavam por tôda a parte o ultraje e a violência

para despojar os vencidos: Constantinopla não tinha um lugar que não houvesse sido exposto à inquirição brutal. Apesar das proibições várias vêzes renovadas por seus chefes e sacerdotes, êles não respeitavam nem o pudor das mulheres nem a santidade das igrejas. Soldados e servidores do exército despojaram os túmulos dos imperadores; o corpo de Justiniano, que os séculos haviam poupado e que estava ainda todo inteiro, não pôde conter mãos ávidas e sacrílegas, nem fazê-los respeitar a paz dos sepulcros. Êles eram vistos nos templos, apanhar com sofreguidão tudo o que era sêda, ou em que brilhasse um pouco de ouro. O altar da Virgem, que decorava a Igreja de Santa Sofia e que se admirava como uma obra-prima de arte, foi feito em pedaços e o véu do santuário rasgado em tiras. Os vencedores jogavam dados nas mesas de mármore que representavam os apóstolos e embriagavam-se nas taças reservadas para o serviço divino. Cavalos, burros, levados até o santuário, sucumbiam ao pêso dos despojos, e, feridos por golpes de espada manchavam com seu sangue e com seu estêrco o pavimento de Santa Sofia. Uma moça prostituída, que Nicetas, chama de sequaz dos demônios, sacerdotisa das Fúrias, subiu ao púlpito patriarcal e entoou uma canção impudica; dançou na Igreja, no meio da multidão dos soldados, para vilipendiar as cerimônias da religião.

Os gregos não podiam ver sem fremir de horror essas cenas ímpias. Nicetas, deplorando as desgraças

do império e da Igreja gregos, clama com violência contra a raça bárbara dos francos. "Eis, então, exclama êle, o que nos prometiam essa meia lua dourada, êsse caráter altivo, essas sobrancelhas elevadas, êsse espírito cruel, essa pronúncia pronta e precipitada!" O historiador de Bizâncio, acusa aos cruzados de terem sobrepujado os turcos em barbárie, e lembra-lhes o exemplo dos soldados de Saladino, que, senhores de Jerusalém, não violaram o pudor das mulheres e das virgens, não amontoaram cadáveres sanguinolentos em tôrno do sepulcro do Salvador, nem fizeram os cristãos sentir o pêso das armas, nem do fogo, nem da fome, nem da nudez.

Os campos vizinhos do Bósforo não ofereciam um espetáculo menos deplorável que a capital. As aldeias, as igrejas, as casas de recreio, tinham sido devastadas e saqueadas. Uma multidão frenética enchia as estradas e caminhava ao acaso, perseguida pelo temor, morrendo de cansaço, lançando gritos de desespêro. Viam-se senadores, patrícios, oriundos de famílias de imperadores, procurando um miserável abrigo, vagar, coberto de andrajos em redor da cidade imperial. Enquanto os cruzados despojavam as igrejas de Santa Sofia, o patriarca fugia implorando a caridade dos viandantes; todos os ricos haviam caído na indigência e só inspiravam desprêzo; a nobreza mais ilustre, as mais altas dignidades, os talentos mais belos e as almas mais virtuosas, nada mais tinham que lhes granjeasse respeito. A miséria, se-

melhante à morte inevitável, tinha apagado tôdas as distinções, confundido as várias camadas sociais; os homens do povo acabavam de despojar os fugitivos, insultando-lhes ainda a desgraça. Ouvia-se a multidão insensata regozijar-se com o infortúnio público, aplaudir o aviltamento dos grandes e dos patrícios, chamar aquêles dias desastrosos, de dias de justiça e de igualdade.

Nicetas conta sua desgraça e suas deploráveis aventuras. A casa em que êle habitava, no reino dos imperadores, tinha sido destruida pelas chamas no segundo incêndio de Constantinopla. Tendo-se retirado com sua família para uma outra construida perto da igreja de Santa Sofia, êle se viu em seguida ameaçado nesse último asilo e só conseguiu a salvação pela dedicação e pela amizade. Um negociante veneziano que êle tinha salvo do furor dos gregos, antes da fuga de Alexis, quis por sua vez salvar seu benfeitor: armou-se com uma espada e uma lança, tomou as vestes de um soldado da cruz e, como êle falava a língua do Ocidente, defendeu a entrada da casa de Nicetas, dizendo que era dêle e que a considerava como o prêmio de seu sangue, derramado nos combates. Essa sentinela vigilante afastou então os agressores, enfrentou mil perigos e foi exemplo de fidelidade e de virtudes no meio de tantas desordens sangrentas, que desolavam Constantinopla.

A multidão turbulenta dos soldados enchia tôdas as ruas, penetrava em tôda parte e se indignava de

que aquela única morada se esquivasse às suas brutais indagações. O veneziano desesperado foi por fim avisar a Nicetas que não podia defendê-lo por mais tempo. "Se ficardes aqui, disse êle, amanhã talvez estareis carregado de ferros, e vossa família será vítima das violências dos vencedores. Salvai-vos! Eu vos levarei até às portas de Constantinopla." Nicetas com sua mulher e seus filhos, seguiram o fiel veneziano, seu libertador, revestido de suas armas, caminhando-lhes a frente, como se êles fôssem seus prisioneiros.

A infeliz família, cheia de temor, encontrava a cada passo soldados ávidos do saque, que maltratavam os gregos, depois de os ter roubado e ameaçavam a tôdas as mulheres, com seus ultrajes. Nicetas e alguns dos seus amigos e parentes que se haviam juntado a êles, levavam crianças nos braços, único bem que haviam podido conservar e tinham como única defesa a piedade que deviam inspirar seu desespêro e sua miséria. Caminhavam juntos; colocaram no centro, as mulheres e as moças, das quais as mais jovens tinham enxovalhado o rosto com terra. Apesar dessa precaução, uma jovem atraiu com sua beleza, os olhares de um soldado e foi então tirada dos braços de seu pai, velho e adoentado. Nicetas, comovido pelas lágrimas do velho, correu ao encalço do raptor, dirigindo-se a todos os guerreiros que encontrou; implorou-lhes a piedade, rogando-lhes em nome do céu, protetor da virtude, em nome de suas próprias

famílias que tirassem a moça da desonra e o pai do desespêro. Os guerreiros francos comoveram-se com suas palavras e aquêle pai infeliz viu a filha voltar, sua única esperança no exílio e sua última consolação na velhice. Nicetas e seus companheiros de infortúnio correram ainda outros perigos e por fim saíram de Constantinopla pela porta Dorée, felizes de poder deixar uma pátria, ainda há pouco objeto de todo o seu afeto. O generoso veneziano fêz suas despedidas e pediu ao céu que os protegesse no exílio.

Nicetas abraçou, chorando, seu libertador, o qual êle nunca mais tornaria a ver; depois, lançando um olhar a Constantinopla, sua infeliz pátria, dirigiu-lhe comovedoras palavras, que exprimiam tôda a sua tristeza pelo exílio e que êle mesmo nos conservou: "O' rainha das cidades! Quem nos poderia separar de ti? Que consolação encontraremos saindo de teus muros, despidos como estamos, como quando saimos do seio de nossas mães? Tornamo-nos a fábula dos estrangeiros, companheiros dos animais, que habitam nas florestas; não poderemos mais visitar teu recinto e de ora em diante só viremos com temor, para junto de ti, como passarinhos cujos ninhos foram destruídos."

Nicetas chegou com sua família a Selivréia e retirou-se em seguida a Nicéia, onde se ocupou em escrever a história das desgraças de sua pátria.

Constantinopla não deixara de ser o teatro das violências que a guerra traz empós de si. No meio dos

folguedos sangrentos da vitória, os latinos, para menosprezar os costumes efeminados dos gregos vestiam longas túnicas flutuantes, pintadas de côres diversas; prendiam à cabeça de seus cavalos as cabeleiras orientais e os adornos dos bizantinos; alguns percorriam as ruas levando à mão em lugar de espada, papel e um objeto de escrever, e assim zombavam dos vencidos, que êles chamavam de escribas e copistas.

Os gregos tinham várias vêzes censurado a ignorância dos latinos: os cavaleiros cruzados, sem procurar revidar as injúrias de seus inimigos, apreciavam sòmente os troféus do valor, as dificuldades da guerra e desprezavam as artes e as doces ocupações da paz. Com essas disposições êles não deviam poupar os monumentos que adornavam as praças, os palácios e os edifícios públicos de Bizâncio. Constantinopla, que até então tinha ficado de pé, no meio da ruína de vários impérios, recolhera do naufrágio das artes as obras-primas que ainda possuía, e que haviam escapado ao tempo da barbaria. O bronze, onde respirava o gênio da antiguidade, foi atirado ao forno e convertido em moeda, para satisfazer à cobiça dos soldados. Os heróis e os deuses do Nilo, os da antiga Grécia, da velha Roma, as obras-primas dos Praxíteles, dos Fídias, caíram sob os golpes do vencedor.

Nicetas, que deplora a perda dêsses monumentos, deixou-nos dêles uma descrição de que a história da arte se enriqueceu. O historiador de Bizân-

cio nos diz que, na praça de Constantino, viam-se antes do cêrco, a estátua de bronze de Juno e a de Páris, oferecendo a Vênus o prêmio da beleza ou a maçã da discórdia; a estátua de Juno, que tinha ornado o templo da deusa em Samos, era tão grande, que, depois de derrubada pelos cruzados, oito bois atrelados transportaram com dificuldade sua gigantesca cabeça até o palácio de Bucoléon. Na mesma praça elevava-se um obelisco em forma quadrada, que causava admiração aos espectadores, pela grandeza e variedade dos objetos que oferecia aos espectadores. Dos lados do obelisco, o artista tinha representado em baixo-relêvo, tôdas as espécies de pássaros, saudando a volta do sol; camponeses ocupados com seus trabalhos rústicos; pastôres tocando flauta, carneiros balindo, cordeiros pastando na relva; mais ao longe, um mar tranqüilo e peixes de mil espécies, uns apanhados, outros, rompendo as rêdes e voltando às profundezas dos seus habitáculos; ao fundo de uma paisagem, cupidos nus, brincavam atirando-se maçãs; por cima do obelisco, que terminava em pirâmide, via-se uma figura de mulher que se voltava ao menor sôpro e era chamada de Sequaz do vento.

Uma estátua eqüestre decorava a praça do Monte Tauro: o cavalo parecia ferir a poeira com seus pés e vencer o vento na corrida. Como o cavaleiro tinha o braço estendido para o sol, uns pensavam ver nêle Josué, ordenando ao astro do dia que se detivesse em seu curso; outros, julgavam que o artista

tinha representado Belerofonte, montado no Pégaso. Uma estátua enorme de Hércules, atribuida a Lisipo, era um dos ornamentos do Hipódromo: o semideus não tinha nem o arco nem a maça; estava sentado sôbre um leito de vime, seu joelho esquerdo dobrado sustentava um cotovêlo. Êle tinha a cabeça apoiada na mão esquerda; seus olhares e seu ar pensativo mostravam o despeito e a tristeza que lhe causava a inveja de Errístenes. Hércules tinha os ombros e o peito largos, cabelos crespos, membros nervudos; sua perna, sòmente sobrepujava em altura a estatura de um homem ordinário. O leão de Numéia mostrava, por trás dos ombros do filho de Alemena, sua juba eriçada: a cabeça do animal, que parecia rugir, assustava viandantes que se detinham para contemplar a estátua.

Não longe do terrível Hércules via-se um asno e seu almocreve, que Augusto colocou na sua colônia de Nicópolis, para lembrar uma circunstância singular, que lhe tinha pressagiado a vitória de Ácio; a hiena ou lôba que amamentou Rômulo e Remo, monumento das velhas nações do Ocidente; a esfinge de rosto de mulher arrastando atrás de si horríveis animais; o crocodilo, habitante do Nilo, com sua cauda coberta de horríveis escamas; um homem combatendo com um leão; o elefante com a tromba ágil e o antigo Cilas, mostrando na frente o rosto de uma mulher com grandes seios, de rosto deforme e por trás, monstros semelhantes aos que tinham perseguido Ulisses e seus companheiros. No mesmo recinto uma águia

despedaçava uma serpente em suas garras e a levava pelo céu azul; via-se no bronze a dor do réptil, a altivez da ave de Júpiter; quando o sol brilhava no horizonte, as asas estendidas do rei dos ares marcavam, com linhas nìtidamente traçadas, as doze horas do dia.

Todos os que, naquele século grosseiro, conservavam algum gôsto pelas artes, admiravam sôbre uma coluna do circo, a imagem de uma jovem senhora, de cabelos trançados sôbre a fronte e amarrados para trás. Essa senhora, como por encanto, levava à mão direita um cavaleiro, cujo cavalo ela tinha, por um pé: o cavaleiro, coberto com uma couraça e o cavalo, nitrindo, pareciam escutar a trombeta guerreira e só respirar e desejar o combate. Perto do limite oriental do circo, estavam representadas no bronze os condutores de carros, que tinham ganho o prêmio, e cujos triunfos, nos tempos antigos, tinham muitas vêzes dividido o império em dois partidos; pareciam de pé sôbre os carros, correndo na liça, retendo ou soltando as rédeas de seus corcéis, incitando-os com o gesto e a voz. Não longe dali, sôbre uma base de pedra, vários animais do Egito, a serpente, o basilisco e o crocodilo, travavam um combate mortal, imagem da guerra que se fazem os maus; as formas nojentas dêsses animais, a raiva e a dor expressas em todos os seus corpos, o veneno lívido que segregavam suas mordeduras, inspiravam um sentimento de horror e de espanto. Uma outra obra-prima, feita para en-

cantar a vista, teria devido tocar e desarmar os vencedores: entre as estátuas de que Nicetas fala, admirava-se uma Helena com seu sorriso cheio de encanto e sua atitude voluptuosa; Helena com a perfeita regularidade de seus traços, sua cabeleira, flutuando ao vento, seus olhos cheios de langor, seus lábios que pareciam rosados no bronze, seus braços, dos quais o mesmo bronze mostrava a alvura, Helena enfim, com tôda sua beleza, e como ela apareceu aos velhos de Ilion, extasiava e enchia de admiração.

Constantinopla tinha ainda outras obras-primas, que os séculos precedentes haviam admirado. Quase todos os bronzes foram condenados a desaparecer: os cruzados viam nesses monumentos de arte, apenas o metal de que eram feitos: "o que a antiguidade havia julgado de grande valor, diz Nicetas, tornou-se de repente matéria comum; o que tinha custado imensos tesouros foi mudado pelos latinos em peças de dinheiro de pouco valor." As estátuas de mármore tentaram menos a cobiça dos vencedores e só receberam os ultrajes inseparáveis do tumulto e da desordem da guerra.

Os gregos, que pareciam altivos de seu saber, descuidaram-se êles mesmos do estudo das belas artes. As ciências da Grécia, as luzes profanas da Academia e do Liceu, tinham dado lugar, entre êles, aos debates da escolástica; êles passavam com indiferença diante do Hipódromo e só tinham veneração pelas relíquias e pelas imagens dos santos. Êsses

tesouros religiosos, conservados com cuidado nas igrejas e nos palácios de Bizâncio, atrairam por séculos os olhares do mundo cristão; nos dias que se seguiram à conquista, êles tentaram a piedosa avidez dos cruzados. Enquanto a maior parte dos guerreiros apanhava o ouro, as pedras preciosas, os tapêtes e os ricos panos do Oriente os mais devotos dos peregrinos e principalmente os eclesiásticos, recolhiam prêsas mais inocentes e mais próprias para os soldados de Jesus Cristo. Vários enfrentaram as proibições dos chefes e dos superiores e empregaram, ora os rogos, ora as ameaças, a astúcia e a violência, para poder obter as relíquias, objeto de seu respeito e de veneração. A história contemporânea a êsse respeito narra vários exemplos que servirão para dar a conhecer o espírito dos peregrinos vencedores de Bizâncio. Martim Litz, abade de Paris, na diocese de Basiléia, entrou numa igreja que acabava de ser saqueada e penetrou, sem ser percebido, até um lugar retirado onde havia numerosas relíquias, que estavam depositadas sob a guarda de um monge grego. Êste se achava em oração, elevando suplicante suas mãos para o céu; sua velhice e seus cabelos brancos, sua piedade fervorosa, a dor impressa em seu semblante, deviam inspirar o respeito e a piedade. Martim aproximou-se, com um ar de cólera, do venerável guarda do tesouro sagrado e tomando um tom ameaçador, disse-lhe: "Infeliz velho, se não me levares ao lugar onde escondes as relíquias prepara-te para morrer, agora mesmo." O

monge, espantado com tal ameaça, levantou-se trêmulo e mostrou um grande cofre de ferro, onde o piedoso abade mergulhou àvidamente as duas mãos, apoderando-se de tudo o que pôde, de mais precioso. Alegre, com a conquista, correu esconder seu tesouro num navio e soube assim com essa piedosa fraude ocultá-lo durante vários dias aos chefes e aos prelados do exército, que tinham severamente ordenado aos peregrinos levar a um determinado lugar, tôdas as relíquias que lhes viessem a cair nas mãos. Martim Litz, voltou para junto dos cristãos da Palestina, que o haviam mandado a Constantinopla e pouco depois regressou ao Ocidente, carregado de despojos obtidos do clero de Bizâncio. Entre as relíquias que êle levou consigo, havia um pedaço da verdadeira cruz, os ossos de São João Batista, um braço de S. Tiago. A transladação milagrosa dêsse tesouro foi feita com pompa pelo monge Gunther, ao qual causava mais surprêsa e alegria do que a mesma conquista de um grande império. Se acreditarmos nas narrações do monge alemão, os anjos desciam do céu para velar pelas relíquias de Martim Litz; durante a viagem do santo abade, as tempestades do mar se acalmavam, os piratas ficavam imóveis, os salteadores, flagelo dos viajantes, detinham-se tomados de respeito e de temor. Por fim, Martim Litz foi recebido em Basiléia em triunfo e os tesouros que tinha salvo de tantos perigos foram distribuidos pelas principais igrejas da sua diocese.

Um outro padre, chamado Galon de Dampierre, da diocese de Langres, menos hábil e menos feliz que Martim Litz, não tivera parte nos despojos das igrejas; êle foi lançar-se aos pés do legado do Papa e pediu-lhe com lágrimas nos olhos, a permissão de levar ao seu país a cabeça de São Mamas. Um terceiro eclesiástico da Picardia, tendo encontrado a cabeça de S. Jorge e a cabeça de S. João Batista, escondidas entre as ruínas, apressou-se em deixar Constantinopla, e, carregado com tão preciosos despojos veio oferecer à Catedral de Amiens, sua pátria, as relíquias de que a Providência o tinha feito possuidor.

Os príncipes e os barões apreciaram também essas santas relíquias. Dândolo teve como partilha um pedacinho da verdadeira cruz, que o imperador Constantino fazia levar diante de si na guerra e dela fêz presente à república de Veneza. Balduino guardou para si a coroa de espinhos de Jesus Cristo e várias outras relíquias encontradas no palácio de Bucoléon. Êle mandou a Filipe Augusto, rei da França, um pedaço da verdadeira cruz, que tinha um pé de comprimento, os cabelos de Jesus Cristo, quando criança e os panos em que o Homem-Deus fôra envolvido no estábulo, depois de nascido.

Os padres e os monges gregos despojados assim pelos vencedores, abandonaram chorando os restos dos santos que haviam sido confiados à sua guarda e que todos os dias curavam os enfermos e faziam os coxos

andar, davam a vista aos cegos e a fôrça aos paralíticos. Essas santas relíquias, que a devoção dos fiéis tinha reunido de tôdas as regiões do Oriente, vieram por fim ornar as igrejas da França e da Itália e foram recebidas pelos cristãos do Ocidente como o troféu mais glorioso das vitórias que Deus tinha obtido por meio dos cruzados.

Constantinopla caíra em poder dos latinos no dia 10 de Abril; aproximava-se o fim da quaresma. O marechal da Champanha, depois de ter contado algumas cenas que acabamos de descrever, diz com singeleza: *Assim se passaram as festas da Páscoa florida.* O clero chamava os cruzados para a penitência; a voz da religião se fêz ouvir nos corações endurecidos pela vitória; os soldados acorreram às igrejas que êles tinham devastado e celebraram os sofrimentos e a morte de Cristo nos restos de seus próprios altares.

Essa época solene inspirou, sem dúvida, alguns sentimentos generosos; todos os latinos não se mostraram surdos à linguagem da caridade evangélica; nós devemos dizer aqui, para glória dos cavaleiros e dos eclesiásticos, que a maior parte dentre êles protegeu a liberdade e a vida dos cidadãos, a honra das matronas e das virgens, mas tal era o espírito que então animava os guerreiros, que todos os cruzados se deixaram levar pela sêde do saque e os chefes como os soldados, exerceram sem precaução e sem escrú-

pulo, o direito que lhes dava a vitória, de despojar os vencidos.

Haviam designado três igrejas nas quais todos os despojos de Constantinopla deviam ser depositados. Os chefes ordenaram aos cruzados colocar em comum todo o produto do saque e ameaçaram com a pena de morte e da excomunhão a todos os que roubassem qualquer coisa do prêmio de seu valor e da recompensa reservada aos trabalhos de todo o exército. Vários soldados e mesmo alguns cavaleiros deixaram-se levar pela cobiça e conservaram objetos preciosos que lhes vieram a cair nas mãos: — *o que fêz* — diz o marechal de Champanha, — *que Deus começasse a amá-los menos.* A justiça dos condes e dos barões mostrou-se inflexível para com os culpados; o conde de S. Paulo mandou enforcar com o escudo ao pescoço, um de seus cavaleiros que tinha tirado alguma coisa dos despojos. Assim os gregos, despojados pela violência puderam assistir ao suplício de alguns dos que haviam arrebatado seus bens e viram com surprêsa as determinações de uma severa eqüidade, misturada com as desordens da vitória e do saque. Depois das festas de Páscoa, os cruzados dividiram as riquezas conquistadas: a quarta parte dos despojos foi posta de lado, como reserva para aquêle dos chefes, que fôsse feito imperador, e o resto dividido entre os franceses e os venezianos. Os cruzados franceses, que tinham conquistado Zara em favor de Veneza, não pagaram menos os cinqüenta

mil marcos de prata que deviam à república; tirou-se antecipadamente essa soma de porção dos despojos que lhes pertenciam. Na partilha que foi feita entre os guerreiros da Lombardia, da Alemanha e da França, cada cavalariano teve uma parte igual à de dois cavaleiros e cada cavaleiro uma parte igual à de dois soldados de infantaria. Todos os despojos dos gregos haviam somado apenas mais ou menos um milhão e cem mil marcos de prata. Embora essa soma sobrepujasse de muito às rendas de todos os reinos do Ocidente, estava longe de representar o valor das riquezas acumuladas em Bizâncio. Se os barões e os senhores, tornando-se senhores da cidade, se tivessem contentado em impor um tributo aos habitantes, êles teriam podido recolher uma soma muito maior; mas, essa maneira pacífica de invadir os tesouros não era própria, nem do seu caráter, nem dos costumes. A história nos diz que os venezianos, mais esclarecidos, deram nessa circunstância sábios conselhos e fizeram propostas que foram desprezadas com desdém. Os guerreiros franceses não sabiam submeter ao cálculo as vantagens da vitória. O produto do saque era sempre aos seus olhos o fruto mais digno da conquista e a mais nobre recompensa do valor.

(Continua no próximo volume)

ÍNDICE

CONTINUAÇÃO DO LIVRO SÉTIMO

LIVRO OITAVO

(1187-1190)

CONTINUAÇÃO DO LIVRO OITAVO

LIVRO NONO

Fim da Quarta Cruzada (1193-1198)

LIVRO DÉCIMO

Quinta Cruzada (1198-1203)

ÍNDICE DAS GRAVURAS